

**Histórias como Grandes Reservas de Sentido:  
esboço teórico sobre Histórias Transculturais na prática da Logoterapia Familiar**

SAM HADJI CYROUS

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Universidade de Brasília

Maria Inês Gandolfo Conceição (orientadora)

Julho de 2024

**Notas sobre o autor**

<https://orcid.org/0000-0001-7097-6285>

Não há qualquer conflito de interesse a declarar.

Autor bolsista da Capes (09/2019 - 08/2023)

“São tantos os representantes da literatura moderna que se intrometem no campo da psiquiatria (...) que eu senti receio de começar a ser um psiquiatra a intrometer-se no campo da literatura moderna” (Frankl, 2005, p. 79).

Nesta Tese, arriscamos a intromissão.

## Resumo

Perante o interesse crescente no uso histórias em processo terapêutico, a presente Tese visa criar uma proposta metodológica-teórica sobre elas e sua possível eficácia terapêutica. Através de duas revisões da literatura, uma no contexto de aplicação em terapia familiar, e outra no arcabouço epistemológico da Logoterapia e Análise Existencial (Frankl), percebe-se diversidade de aplicações e definições. A Tese aborda também aspectos fundamentais sobre o que é o ser humano, os conceitos de sentido e comunidade à luz da Logoterapia, para poder estabelecer um diálogo entre a abordagem e outros pensadores da psicologia (Peseschkian), da literatura (Frye), linguística (Bühler) e a filosofia (Buber), e explicar conceitos como relação dialógica, estruturas narrativas, identificação com personagens, papéis das histórias, posições das pessoas perante as histórias, entre outros. Adicionalmente, buscando enriquecimento cultural e reflexivo, o estudo é feito munindo-se de exemplos de diversas culturas e meios (tradições orais, cinema e livros). Novos conceitos são introduzidos, entre os quais o de StoryTherapy.

**Palavras-chave:** Histórias, StoryTelling, StoryTherapy, Logoterapia, Sentido, Terapia Familiar

## Abstract

Given the growing interest in the use of stories in therapeutic process, the current Thesis aims to create a methodological-theoretical proposal about them and their possible therapeutic effectiveness. Through two literature reviews, one in the context of family therapy, and the other in the epistemological framework of Logotherapy and Existential Analysis (Frankl), one grasps a diversity of applications and definitions. The Thesis also addresses fundamental aspects of what the human being is, the concepts of meaning and community in the light of Logotherapy, in order to establish a dialogue between the approach and other thinkers in psychology (Peseschkian), literature (Frye), linguistics (Bühler) and philosophy (Buber), and explain concepts such as dialogical relationship, narrative structures, identification with characters, role of stories, people's positions toward stories, among others. Additionally, seeking cultural and reflexive enrichment, the study is carried out using examples from different cultures and media (oral traditions, cinema and books). New concepts are introduced, including StoryTherapy.

**Key-words:** Stories, StoryTelling, StoryTherapy, Logotherapy, Meaning, Family Therapy

Dedicado a todos aqueles que querem contar histórias diferentes das que lhes outorgam, em especial aos que se recusam a viver histórias de violência e abuso, com carinho particular aos jovens da Terra de meus antepassados que, cansados da história de segregação e silenciamento, continuam contando histórias inovadoras e disruptivas por um mundo melhor.

## AGRADECIMENTOS

*Agradecer* talvez advenha de alguma língua persa antiga (*-gar*), que significa *louvar*.

Talvez tenha uma relação com o termo *bardo*, o contador de histórias em forma de versos e canções dos antigos celtas. Por isso, estas linhas são apenas um intento de louvar, em forma de história, todos aqueles que louvaram a minha história com sua presença.

Quando somos feridos, a dor surge para nos contar uma história sobre o nosso corpo, nossas emoções e nossos pensamentos. Quando nos enamoramos, temos reações fisiológicas e uma ancoragem afetiva e cognitiva àquela pessoa que nos encantou que nos faz imaginar histórias conjuntas. Quando um filho nasce, elementos bioquímicos são liberados em nosso corpo e sentimos uma ternura e uma capacidade de foco como nunca antes e nos abrimos a viver novas histórias.

Mas que tipo de histórias decidimos viver? A dor da ferida conta a história de um lamento ou dos nossos limites que podemos transcender? O amor conta uma história de um sonho ou um esforço em despertar? E os filhos conosco... que histórias deixamos que eles nos contem?

Louvamos e cantamos a dor ou a transcendência? Louvamos e cantamos o amor de um sonho ou o sonho desperto do amor? Louvamos e cantamos aos nossos filhos ou com nossos filhos?

Certa vez, numa farmácia, um pai procura algo para a dor nas costas, e a pessoa que atendia, sem saber, pergunta: *Como posso ajudar?* A resposta foi uma simples e imediata história: *Agradeço sua preocupação. Preciso dormir. Minha filha não dorme, os médicos enxergam seu desenvolvimento físico e cognitivo acima da média. Ela está sempre feliz e sorridente. E os amigos escolhem vir com frases prontas como “se faz sentido, está tudo bem”, “te entendo, eu fiquei sem dormir quando fiz minha viagem entre o país A e o país B”, “mas é normal”, “você está fazendo*

*errado”, e eu só preciso de um ombro amigo que me escute, um abraço que me acolha e um silêncio que me permite lembrar de mim.*

E a história que decidimos viver para transcender? E o amor onírico que nos desperta? Quais histórias deixemos que contem de nós? Apesar de porventura jamais ter ocorrido nesses moldes acima, esta é a história de milhões de mães e milhares de pais pelo mundo, cujas histórias não são compreendidas. E, a verdade é que a vida é feita de histórias não compreendidas. O desafio da humanidade é aceitar a história do outro, mas antes, ser curioso pela história do outro, sem conclusões precipitadas com base em opiniões pré-concebidas sobre *sentido, normalidade*, ou a sua experiência pessoal, porque a história de cada um é sua e não é transferível. Afinal, somos uma rede de seres, mas cada um de nós único e irrepetível.

Então, se alguém insiste em não querer ouvir nossa história, encontremos novos públicos. Se alguém não comprehende nossas histórias, contemo-las novamente de outra forma, e, quem sabe, com o tempo, descobriremos como contar melhor nossas histórias para nós mesmos.

A ferida que o outro pode nos infligir ou a mentira que nos conta, é a história do outro, e não a minha. É sobre o conteúdo que a pessoa precisa para preencher sua vida, sobre seus traumas, medos e fantasias para se justificar. Compreender isso é compreender que a minha história é a única que pode me preencher. E compreender isso é compreender a importância de saber contar a minha história, seja ela real ou ficção, inventada por mim ou por alguma figura de outrora.

Seja ela nascida de alguma aula de português com as Professoras Maria José Morgado ou Claudia Venâncio, nas de Filosofia com a Professora Ana Paula Leite, as de Alemão com a Professora Adelina Godinho, ou de Ciências com a Professora Ana Freitas. Seja uma história nascida olhando para uma parede branca na primária com a Tia Elaine ou nas histórias que eu inventava e Tia Adriana aceitava com um sorriso no rosto. Seja nas aulas de Psicologia da Motivação com Saúl Neves de Jesus, nas de Psicologia Cognitiva e na pesquisa com Alexandra

Reis, nas trecentas aulas e no trabalho compartilhado com Pedro Zany Caldeira, ou ainda as histórias vividas sob a paciente orientação de Luis Sérgio Vieira... o que importa é que o ensino me motivou a ser um contador e protagonista de histórias e devo-o a todos vocês.

Claro que não posso deixar de falar dos amigos que por anos viveram histórias e encorajaram-me na caminhada. Ana Lúcia Pestana e seus livros (meus, na verdade, porque eu os ganhava dela!), Peyman Sazedj e Star Trek e as férias e as risadas juntos, Dário Santinha e João Soares e Diogo Gomes os melhores companheiros de aulas no Liceu, ou ainda Júlio Lopes do Rosário e Peter Kooiman por aventuras diárias de tempo idos. Lucas Teles Campos, Marcos Vilhena Bonito e Victor Ortuno por, após tantos anos, ainda estarmos tão próximos apesar de ao mesmo tempo tão distantes. Ana Rita Bárbara, José Quinta e Nuno Lacerda, meus companheiros de idas ao cinema e às bancas de revistas em quadrinho (e de tantas outras coisas). Minha eterna gratidão por estarem nessa história.

A vida começa, com seus desafios, mudando de país e vivendo entre culturas, e, desde o começo, as histórias consolidam-se na minha vida. O momento mais marcante foi, quando com 13 anos, agendei reunião com a Bibliotecária Municipal, a Dra Nélia do Brito Siqueira, para que ela emitisse uma autorização burocrática para poder ler Freud, catalogado para maiores de 16 anos. A todas as bibliotecárias com as quais me cruzei, ajudando-me a escolher os melhores livros, minha gratidão.

À minha mãe Elaheh Cyrus que para a Biblioteca me levava e incentivava a leitura, à minha irmã May Cyrus, a primeira pessoa para quem li histórias em livros, e ao meu pai Said Hadji que nunca se negou a comprar livros: gratidão pelo encorajamento. A Amú Soheil Haji por me contar histórias quando criança e Amú Homayoon Haji por me apresentar Lucky Luke e Asterix e Obelix. A todos os Cyrus que enviaram livros de histórias em persa (mesmo eu sendo analfabeto

em persa!), e em especial a Shahriar por ser o melhor exemplo de artista e contador de histórias da família.

Aos queridos falecidos Petar Petrov e Miguel Neto, por terem me guiado (mais do que souberam) pela minha história *e los maravillosos Miguel Garrido, Ignacio “Nacho” Ortiz e Iñigo Ochoa de Alda que me inspiran a ser el mejor contador de historias para mis pacientes en terapia.* *Y, por supuesto, a los amigos que traigo de estos momentos, Enrique Pereles, Gonzalo del Moral, Valentina Capecci, con quienes, aún que lejos, ¡vivo muchas historias!* Grato por vocês!

Aos meus amigos do mundo TEDx que me ajudam diariamente a contar melhores histórias Mario Gioto, Paulo Yanko, Gabriela Gonçalves, Lucas Souza, Arthur Magno.

Aos da ABLAE e da Logoterapia que por anos estiveram ao meu lado, criando novas histórias, como Tatiana Carvalho, Simone Guedes, Solange Santos de Freitas, Maria Helena Budal, Marina Lemos, Thiago Aquino, Sheila Rabuske, Guilherme Falcão, Rogener Almeida, Marcos Ens, Karen Guedes, Veridiana Prado, Diogo Correa, Darci Magalhães, Ivo Studart, Lisieux Rocha, Limerci Del Alamo e tantos outros que não caberiam aqui, e claro, aos 83% que confiaram num sonho de uma Logoterapia que dialoga com o diferente (não o diferente que é igual a si, mas diferente do diferente) e trabalharam, em especial nestes dois anos, pelo crescimento orgânico e consolidado de uma instituição focada na Logoterapia científica e humanizada.

À Comunidade Internacional Bahá’í que me deu as presenças em Feiras de Livros, em trabalhos com pessoas diferentes, em articulações com poder público e organizações sociais, que me deu o respeito pelas diversas fés que existem no mundo e me fez enxergar seus pontos de convergência, em especial em suas histórias de caráter ético. Aos queridos Farhad Shayani, Iraj Eghrari, Siavash Sanai, Maryam Aghdassi, Tina e Sahba Sanai, Sandra Contente, Sasan Fartaj, Mário Mota Marques, Pedro Marques, Matin Moghadam, Sahar Youssefi, Adib Hashemi, Sheyda e Sharmin Sazedj, Alexandre Coumiotis, Daryoush Owrang, Anabel Calvo, Ali e Violette Nakhjavani,

Keyvan Nikobin, Mary Caetano, Muni Pereira, Geraldo e Regina Faria, Gabriela Garcia, José Ernesto Nigri, Luiz e Virgínia Mourão, Leandro Moura, Andressa Carvalho, Jader Rodrigues, Jamal Ahmadpour, e Shapoor Monadjem.

A Farid Haji, Telma Guerreiro, André Vieira, Poliana Landim e Charles McLafferty, não só pela amizade, mas por serem um correio amoroso de envio e entrega de livros. A Adriano Holanda, Ageu Heringer Lisboa, Alejandro de Barbieri, Cecilia Saint Girons, Cintia Viana, Daniele Bruzzone, Inês Bessa, Judy Watts, Stefan Schulenberg, Victor Gay Zaragoza, por terem compartilhado seus acervos e trabalhos. A Luis Henrique Beust, Luciano Alves Meira, Isabel Clemente e Joe Weider pela partilha de um sem-número de mensagens e ideias sobre as histórias e seu papel na vida. A Aline Santos pela maior mensagem enviada, a confiança em me deixar contar histórias que possam tocar vidas.

A todos vocês, o obrigado nunca será suficiente!

Minha gratidão especial aos super-heróis Sigmund Freud, Nossrat Peseschkian e Viktor Emil Frankl, e aos heróis Izar Aparecida Xausa, Eugenio Fizzotti, Leticia Ascencio, María Angeles Noblejas, Hamid Peseschkian, Heloísa Marino, Guillermo Parreja Herrera. Cada um de vocês deixou sua marca em minha vida e eu não seria quem sou hoje sem vocês!

E, claro, às veteranas Sofia Nishyama e Ana Caroline Caldas pelo companheirismo, presença, participação, e envolvimento em cada momento desta Tese, sem vocês não teríamos chegado aqui! E a todos os demais alunos e colegas que entraram e saíram dessa aventura, incluindo Jonas de Oliveira Júnior, meu aluno mais não-aluno, responsável por muitas das Figuras constantes deste trabalho. E Haréli Cecchin, pela parceria para a qualificação.

Uma Tese que só existe pela sábia e paciente orientação de Maria Inês Gandolfo, que me instigou a contar histórias, que me ajuda a viver histórias e que provoca a ser melhor profissional.

Jamais esquecerei as palavras “a Academia precisa de pessoas assim, que saibam escrever e fazer teoria”. Obrigado por aceitar o desafio de ser minha derradeira professora no ensino formal! A você, Adriana Nogueira, Isabela Machado, Luciano Marques de Jesus, Silvia Lordello também minha gratidão por aceitarem ler estas páginas e compor a tão esperada banca de defesa.

Se eu comecei com meus primeiros professores, encerro com meus eternos professores. Aqueles que nunca têm respostas prontas para a pergunta “como posso ajudar?”, mas que estão sempre presentes para ajudar, mesmo que nem o suspeitem!

Platão (cc. 328-348 a.C.), Omar Khayyám (1048-1131), Farid ud-Din Attar (1145-1221), Jalaladim Rumi (1207-1273), Saadi Shirazi (1210-1291/2), Fernão Lopes (1418–1459), William Blake (1757-1827), Edgar Allan Poe (1809-1849), Giuseppe Verdi (1813-1901), Emily Dickinson (1830-1886), Antero de Quental (1842-1891), Eça de Queiroz (1845-1900), George Bernard Shaw (1856-1950), Franz Kafka (1883-1924), Fernando Pessoa (1888-1935), Agatha Christie (1890-1976), Shoghi Rabbani Effendi (1897-1957), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), George Orwell (1903-1950), William Denby “Bill” Hanna (1910-2001) e Joseph Roland “Joe” Barbera (1911-2006), Pierre Boulle (1912-1994), Joe Shuster (1914-1992) e Jerry Siegel (1914-1996), Isaac Asimov (1920-1992), Eugene “Gene” Roddenberry (1921-1991), Stanley “Stan” Lee (1922-2018), René Goscinny (1926-1977), Antônio Carlos “Tom” Jobim (1927-1994), Steve Ditko (1927-2018), Philip K. Dick (1928-1982), Milan Kundera (1929-2024), Joaquín “Quino” Salvador Lavado Tejón (1932-2020), Mauricio de Sousa (1935-), Ganymedes José (1936-1990), Julio Savi (1938-), Michael Crichton (1942-2008), Isabel Allende (1942-), Christian Grenier (1945-), Gordon Sumner “Sting” (1951-), Philip “Phil” Collins (1951-), Orhan Pamuk (1952-), Akira Toriyama (1955-2024), Susanna Tamaro (1957-), William Boyd “Bill” Watterson (1958-), Paolo “Pau” Bruni (1967-): muito obrigado por tanto me ensinarem!

Bruna Brito e Álex Santiago, Carlo Patti e Aline Martins, Bruno Democh e Kátia Cordeiro, Raisa Mariz, Valdir Lima, Daniella Correa, Evelyn Ruas, Vanessa Floriano, Juliana Morgado: muito obrigado por tanto me ensinarem a ser presente!

E às minhas maiores professoras:

Fernanda Bianchi: muito obrigado por tanto me ensinar a ser! Sou quem sou por você. Sou quem sou para você. Sou quem sou com você! Se posso algo, é porque você está ao meu lado. Seu obtenho sucesso, é porque está comigo. Se realizo sentidos, é porque você é meu sentido.

E Olivia Bianchi Cyroux, com suas 20 palavras proferidas em menos de um ano, com seu sorriso, e em cada choro, com sua incansabilidade, seu gosto por coisas geladas, e seus passeios, banhos e noites comigo, e cada beijo que agora tem até efeito sonoro e por finalmente me chamar de *bábá* e fazer meu coração derreter... obrigado por me ensinar, por tanto me ensinar, por tanto me ensinar a ser presente, por tanto me ensinar a ser e, sobretudo, por tanto me ensinar a ser quem eu deveria ser.

O sonho que sonhamos despertos, no amor e na dor, é apenas possível porque tantas pessoas fazem parte dessa jornada. Louvo cada pessoa que comigo contou, conta e contará essa história de nossas vidas.

Muito obrigado!

## Conteúdo

Qual a Pior Coisa Que Pode Acontecer com Você?	15
Introdução, ou Como Tudo Começou	16
Capítulo I — uma Metahistória: o Uso Clínico de Histórias com Famílias	28
O Que São Histórias?	29
Método	30
Resultados	33
O que os Artigos Dizem Sobre StoryTelling em Contexto de Terapia Familiar?	39
Discussão dos Resultados	62
Conclusão	65
Capítulo II — a Logoterapia e Análise Existencial e sua Relação com Histórias	68
Trajetória Intelectual e a Teoria de Frankl	79
A Coerência Entre a Pessoa e sua Teoria	99
É a Logoterapia Complementar? O Que Significa Complementaridade à Luz da Antropologia Dimensional	105
O Conceito de Sentido à Luz da Antropologia Dimensional	124
Revisão Narrativa Sobre Logoterapia e Literatura	137
Sobre os Resultados	139
Sobre Autotranscendência e do Autodistanciamento	161
Sobre os Conceitos de Biblioterapia e Narrativa	163
Algumas Reflexões a Partir a Presente Revisão	164
Capítulo III — Esboço de uma Logoteoria das Histórias	168
Comunicação, Linguagem, Literatura: e a Logoterapia em Meio a Isto?	169
Sobre uma Possível Heurística da Relação Dialógica	186
A Estrutura Narrativa	193

Personagens	204
O Papel das Histórias na Busca de Sentido	211
Aplicação de StoryTherapy	231
Considerações Finais	245
Referências	264

### ***Lista de Figuras***

Figura 1. Fluxo da Informação com as Diferentes Fases da Revisão	33
Figura 2. Características dos Artigos Revisados	34
Figura 3. Características dos Estudos Revisados	35
Figura 4. Arcabouço Compartilhado das Histórias em Famílias	51
Figura 5. Cartaz de Divulgação do I Encontro Latino-Americano Humanístico Existencial (27 de Abril a 01 de Maio de 1984)	72
Figura 6. Sessão de Abertura do I Encontro Latino-Americano Humanístico Existencial (27 de Abril)	73
Figura 7. Momento Informal no I Encontro Latino-Americano Humanístico Existencial (S/ D.)	74
Figura 8. Outorga do Título de Doutor por Honoris Causa Pela PUC/RN (28 de Abril de 1984)	75
Figura 9. Resolução 06/1988 do Conselho Universitário a UnB, Que Concede o Título de “Doutor Honoris Causa” a Viktor Frankl	76
Figura 10. Ata de Fundação a Sociedade Latino-Americana de Logoterapia, Firmada por seu Presidente Honorário, Viktor Frankl	77
Figura 11. Foto dos Participantes da Assembleia de Constituição da	

Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial

(Curitiba, 21 de Novembro de 2010)	78
Figura 12. Linha do Tempo Resumida, da Trajetória da Pessoa e do Pensador	104
Figura 13. Edição 1990 da Conferência de Evolução da Psicoterapia, Promovida Pela Fundação Erikson	107
Figura 14. Quadro Resumido Sobre a Tridimensionalidade	124
Figura 15. Os Gráficos da Transcendência	129
Figura 16. Síntese Gráfica da Relação Entre Significado, Sentido e Ideia	133
Figura 17. Características dos Artigos Revisados	140
Figura 18. A Relação Entre Imaginação e Ciências E Artes	166
Figura 19. Síntese da teoria de Bühler, Sobre Conceitos Deíticos	172
Figura 20. Elementos das histórias	179
Figura 21. O <i>Continuum</i> das histórias em sua relação com a realidade	181
Figura 22. Posição das Histórias e suas características	191
Figura 23. Relação entre os passos de Labov, e entre estes e os três atos das histórias	204
Figura 24. Processo de ação entre personagens	211
Figura 25. Papel das histórias e relação com a teoria logoterápica	230
Figura 26. Possíveis perguntas	237
Figura 27. Histórias significativas	237
Figura 28. Exercício de História mimética	239
Figura 29. Exercício de História transmutada	239
Figura 30. Quando o terapeuta conta uma história transmutada por si criada	240
Figura 31. Quando a família conta uma história transmutada por si criada	242
Figura 32. Taxonomia da aplicabilidade e tipo de histórias	243

## **Qual a pior coisa que pode acontecer com você?**

Eu digo: não morrer! Não morrendo, continuamos criando histórias, mas elas só serão experienciadas por nós. Histórias de vergonha, medo, algumas de vitória e outras de derrota. Algumas histórias farão mais sentido e outras menos. Viveríamos eternamente a angústia dessas histórias não passarem disso: histórias!

E qual a melhor coisa que nos pode acontecer? Por paradoxal que seja, a antinomia de não morrer: a morte. É ela que faz com que a vida seja significativa. Saber morrer ensina-nos a saber viver. É a presença da finitude que nos faz apreciar a vida, em cada momento, fazendo não apenas o que queremos, mas dando sempre o nosso melhor, em direção ao que deveríamos ser. Só assim, nossas histórias se tornam significativas.

Histórias, per se, não são nada! O que pode transformar o mundo são histórias significativas. E nesta Tese, intencionei oferecer uma proposta teórico-metodológica sobre como transformar as histórias, em contexto clínico (mas não só), em significativas o suficiente, para facilitar mudanças nas vidas de quem conta e quem recebe as histórias, aproveitando cada instante da sua finitude.

Claro, se você estiver disposto a liberar sua imaginação das amarras da ciência “clássica”, e embarcar nessa jornada.

Qual é, então, a pior coisa que pode acontecer?

Não transformarmos nossas histórias em histórias significativas!

## **Introdução, Ou Como Tudo Começou**

Igualmente importante é a preferência da poesia pelas palavras simples e concretas, pela metáfora, pelo símile e por todas as figuras de linguagem associativa, assim como sua capacidade de conter grandes reservas de sentido dentro das formas simples que chamamos de mitos e lemos como histórias (Frye, 2017, p. 106).

Uma leitura superficial das obras de Northrop Frye (2017) permite compreender que sentia como sua — na falta de outro termo — missão, “a atividade de unir a literatura com a sociedade e com os diversos contextos da própria literatura” (p. 110), o que designa de *crítica*. Deixa claro que há duas perspectivas sobre a literatura; uma perspectiva horizontal, que relaciona a literatura à vida, onde a primeira, por meio da imaginação humana, oferece-nos encontros e paralelos às nossas próprias vidas; e uma vertical, que oferece uma experiência “até as alturas e as grandes profundezas do que a mente humana nos é capaz de conceber” (p. 89). Apesar disso, deixa claro que não cabe ao crítico avaliar as histórias como *boas* ou *más* em termos de qualidade, porque cada leitor fará uma leitura distinta e imprevisível da história.

Para Frye (2017), a literatura impele a humanidade para um mundo além das convenções sociais e para lá da imaginação humana, na medida em que há um transporte ou deslocamento “para fora da vida quotidiana e para fora do próprio tempo em que ele vive” (p. 70), é um convite a irmos para além de nossas realidades atuais e, por isso as histórias são reservas de algo maior do que cada um de nós, o que a psicologia frankliana chamaria de sentido. As histórias são grandes reservas de sentido, se a seus questionamentos nos abrirmos.

Foi esse questionamento que Pierre Boullé (2015) nos trouxe quando, em 1963, escreveu seu *O Planeta dos Macacos*, “onde os macacos são homens” (p. 184), fazendo-nos pensar se há outras possibilidades para além das que consideramos reais. Olhando para trás, ao ter visto pela primeira vez, nos anos 1980, com menos de 10 anos de vida, a adaptação cinematográfica

(Schaffner, 1968) e, depois, ler o livro nos anos 90, com 15 ou 16 anos, percebi que Frye (2017), mesmo não citando a obra ou a mim, falava sobre como esta obra causou impacto em quem sou hoje, na medida em que “há claramente na sociedade uma poderosa força motriz direcionada para a conformidade — tão poderosa que parece ter a ver com a própria estabilidade social” (p. 76), estabilidade essa que uma história abalou em mim. Por isso, podemos dizer que o mundo das histórias nos convida para além dessas estabilidades sociais (p. 76). Um pouco como as reflexões sociais de Orwell (2002) em seu *Mil novecentos e oitenta e quatro* ou de dois fictícios personagens, Connor e Duncan McLeod, no universo cinematográfico e televisivo de classe B, da saga *Highlander* (Mulcahy, 1986; Gord, 1992) com suas reflexões existenciais sobre o sentido de uma vida imortal. Parafraseando Frye (2017) é necessário aceitar que as histórias são reais, na medida do que optamos por ver realidade nelas, ao mesmo tempo que “sabemos ser lorota” (p. 77), naquilo que optamos por não ver real.

E se, cada história que ouvíssemos ou lêssemos nos conduzisse então a um caminho diferente? Como seria o mundo se cada escolha nos afligisse e nos tocasse? Essas inquietações fizeram-se sempre presentes, tanto em reflexões pessoais e coletivas. Talvez sejam essas as inquietações que fizeram tantos escritores arriscar novos mundos! Como na série de ficção-científica, *Sliders* (Peckinpah, 1995), na qual, a cada episódio as personagens nos brindam com outras versões do planeta Terra, convidando-nos a pensar na possibilidade do diferente. Sejam sinais de trânsito distintos dos nossos ou conflitos armados com outros resultados, e podemos pensar *como seria o mundo se fosse de outra forma?*, até o momento que nos provoca, no 21º episódio da 3ª temporada, a pensarmos em nós mesmos como diferentes. A cena gravada na memória é o diálogo entre duas versões da mesma pessoa, uma o herói e a outra a vilã, quando a segunda diz à primeira “Atira para longe seus amigos (...) você será como eu. Aqui estou eu: a irrefutável, inimaginável e nojenta prova de que sou você sem seus amigos”. Não é tão sem motivo que Frankl (2002a) nos oferece suas ricas palavras sobre “um certo grau de tensão, tensão entre aquilo que já se alcançou e

aquilo que ainda se deveria alcançar”, o “hiato entre o que se é e o que se deveria ser” (p. 96). O que a ficção nos convida, ao falar de várias versões de nós mesmos, é a refletirmos sobre quem somos e quem deveríamos ser, como se cada escolha influenciasse as seguintes.

E, claro, não se pode deixar de falar do filme que marcou a trajetória reflexiva sobre a essência e existência. Robert Zemeckis é responsável por uma trilogia simples, cuja fórmula e padrão se repetem a cada filme, com pequenas nuances, mas que nos faz pensar *para onde vamos?*, *para onde cada escolha nos conduz?*, *quem sou eu que faço a escolha?* E, ao notarmos como pequenos incidentes implicam mudanças no que esses filmes designam de “espaço-tempo contínuo” só podemos pensar *o que muda realmente é minha essência ou minhas ações que mudam ou é o meu ser completo?* Naturalmente estamos falando de *De volta para o futuro* e suas duas continuações (Zemeckis, 1985; Zemeckis, 1989; Zemeckis, 1990), e personagens como Biff Tannen que é um adolescente violento e que, numa versão veio a se tornar, um chefe abusivo, noutra um prestador de serviço desonesto e subserviente e noutra um magnata asqueroso que influencia negativamente a política de seu país; ou de George McFly descrito como covarde que, ao mudar uma ação de sua narrativa, se torna uma pessoa frontal e bem-sucedida; ou até mesmo o protagonista, Marty, que apesar de estar na flor da adolescência, percebe, ao longo de cada momento da saga, que quem somos é resultado de quem decidimos ser no momento anterior! Quiçá caiba aqui parafrasear Levi-Strauss (2021) que nos recorda dos golpes do passado que arruinam e o futuro que modifica.

Nenhum dos filmes aqui citados é uma obra prima, contudo, cada uma influencia a trajetória reflexiva de quem escreve a presente Tese, complementando suas leituras que perpassam a ficção-científica, Freud (1995) em seu *Gradiva* ou, ainda, com livros sagrados de vários contextos religiosos. Frye (2017), por exemplo, fala da Bíblia, no contexto da literatura, como “narrativa contínua, começando na Criação, terminando no Juízo Final e, entre as duas pontas, atravessando e sondando a história inteira da humanidade, sob os nomes simbólicos de Adão e Israel” (p. 96) e que

ela “deveria servir de base à instrução literária” (p. 96), já que ela é “o centro da imaginação literária ocidental” (p. 66). E foi graças a ela que percebemos que nenhuma história é o que ela é por acidente, todas as histórias possuem um sentido e um propósito, mesmo que o leitor desconheça. O mito de Abraão contém o pedido do Divino de levar o filho Isaac (citado nominalmente pelo texto talmúdico) para Moriah e sacrificá-lo (Genesis, 22:2). Um pedido que, o leitor mais atento verá como não fazendo sentido, não tanto pelo infanticídio (que há leituras explicativas), mas pela simples lógica de que a dor seria maior caso o filho fosse o filho único, ou seja, o primogênito, Ishmael, como se apresenta no Alcorão (37:99-105). E qual a relevância disso? As relações entre os povos dão-se pelas histórias que eles mesmos contam sobre si: *qual de nós é especial?*; *somos especiais por sermos descendentes de Ishmael ou especiais por descendermos de Isaac?* — a mudança de uma personagem numa narrativa altera nossa visão sobre ela. Afinal, estamos falando de crenças que nascem a partir de histórias.

É isso que ocorreu na primeira e na segunda vez que utilizamos uma história em contexto clínico. À paciente espanhola, de classe média alta, soprano, cansada de ser, conforme sua própria descrição, usada por homens, sentindo-se descartada, perguntou-se-lhe o que lhe faltaria então para deixar de ser Carmen e tornar-se Aïda. Naquele momento via-se o estalo da reflexão em seus olhos: a percepção da semelhança de ambas as personagens consigo mesma, como alvos de desejo masculino; e a percepção da diferença entre elas, onde a primeira (de Bizet) era encarnada como cigana, cidadã de segunda em Sevilha, e ambas (paciente e personagem) eram vistas como descartáveis, e a segunda (de Verdi) era uma rainha intocável e majestosa e que não era qualquer um que poderia arriscar chegar-lhe perto. Percebeu, contou em sessão ulterior, que ela era quem estaria decidindo ser Carmen e que, portanto, lhe cabia decidir doravante ser Aïda.

No outro caso, uma mãe solo trouxe, uma vez, seu filho mais velho para terapia. Era o primeiro de uma fratria de três. Não participava dos afazeres da casa, menos ainda dos escolares. Como terapeuta designado ao caso, tentamos estabelecer, sem fruto, um vínculo. Até que, por algum

ato intuitivo, perguntamos sobre o último filme que havia visto. Teve-se então a descoberta de nosso gosto em comum pelo mesmo super-herói, o Homem-Aranha (Raimi, 2001). Imediatamente convidei-o a me lembrar a frase que o tio do protagonista dizia — frase que supostamente não me recordava —, ao que, com muito orgulho respondeu-me “com grande poder, vem grande responsabilidade”. Ao lhe pedir para explicar o significado da frase, explicou-me perfeitamente no contexto do filme, e conversando um pouco mais, propus pensarmos no sentido dela em seu contexto pessoal. A mãe, que era de facto a paciente dos serviços, regressou para a sessão seguinte dizendo que não sabia o que havia acontecido na sessão anterior, mas agora ele lavava a louça, arrumava a cama, fazia a tarefa da escola, como se ele tivesse compreendido o poder de ser irmão mais velho e sua respectiva responsabilidade.

Histórias e metáforas fazem parte do processo reflexivo humano. Um terceiro paciente, anos depois, comparou Cazuza a Renato Russo e disse que queria parar de ser o último para ser alegre como o primeiro, já que ambos viveram vidas parecidas, mas o último era pessimista na vida e na produção artística. Uma paciente outra falou de sua geladeira existencial e das coisas com as quais se alimentava, como se estivesse a caminho de uma obesidade, não de massa física, mas de uma angústia da qual não consegue se livrar, ao que conduzimos o diálogo terapêutico para a escolha de alimentos existenciais saudáveis para sua vida. A outro paciente, sabendo de seu talento como desenhista, solicitou-se desenhar uma história e veio a apresentar várias imagens de um dragão voador, com suas dificuldades e medos, que caiu num determinado momento. Um outro que trouxe a história de Sísifo, ao que apenas comentamos sobre a primeira vez que com menos de 10 anos, vimos um filme sobre a personagem, e nossa incompreensibilidade em entender porque não decidia parar de empurrar a pedra; o paciente demonstrou perplexidade em vários momentos da sessão, pedindo que repetisse o incidente, questionando-me inconsistentemente sobre a idade que tinha quando percebi que era possível parar de empurrar a pedra; na sessão seguinte chegou e disse enfaticamente sua decisão: fazer como nossa versão infantil, e parar de empurrar a pedra.

Ao longo dos anos, a compreensão foi se tornando cada vez mais clara: o processo na psicologia clínica é de um profissional que, usando elementos de histórias diversas (sejam de ficção ou da vida do paciente ou de terceiros), se faz narrador e oferece uma nova versão de possibilidades. Ao mesmo tempo, faz-se o escritor, que no começo do processo já tem uma ideia do possível final. Só que é importante ter em conta que o psicólogo clínico está para co-construir, aos poucos, uma história ou, até, descobrir novas histórias em meio a escombros de histórias falsas, doentias e insalubres. Se acelerar muito, perdemos quem está na sessão (de terapia ou de cinema), e se formos lentos, transformamos o processo num filme lento que poucos apreciam. Precisamos ver o fim no começo, e colaborar para que o paciente construa ou descubra, com sabedoria, as narrativas mais propícias.

Com isso, começamo-nos a questionar se as histórias nos ofereceriam a abertura a possibilidades, todos os certos e todos os errados, e se isso tem algum sentido para o presente estudo que se inicia na presente Tese. Frye (2017) oferece a derradeira resposta a essas inquietações:

Uma das utilidades mais óbvias, penso eu, é o incentivo à tolerância: na imaginação as nossas próprias crenças são simples possibilidades, e ainda enxergamos as possibilidades das crenças alheias. Fanáticos e preconceituosos raramente tentam tirar algum proveito da arte — estão obcecados demais por suas crenças e ações para enxergá-las como talvez simples possibilidades. Também há o outro extremo: o dilettante eternamente entretido por possibilidades e, assim, desprovido de convicções e poder de ação. Mas estes são bem menos comuns que os fanáticos e, no nosso mundo, bem menos perigosos (p. 68)

As histórias sempre conduzem a, pelo menos, tolerância e, com sorte, a aceitação. Seja tolerar nossos limites, medos, erros, fracassos e aceitar quem somos apesar deles; seja tolerar o outro que nos é diferente, com seus gostos e desgostos, e aceitá-lo eventualmente.

A presente Tese é, portanto, sobre o ponto médio entre acreditar em qualquer história e o pensamento que só as nossas são aceitáveis. É sobre compreender o que leva uma pessoa a criar

uma versão de uma história e nela crer, e sobre compreender que há a possibilidade de transformar as histórias, se apenas o quisermos.

Não descendendo nem de Sara e, consequentemente, de Isaac, tampouco de Agar e, consequentemente, de Ishmael, mas da terceira esposa de Abraão, Katura (Gênesis, 25:1), desde criança vemos os desafios da diversidade e a sua relação com narrativas. Filho de pais persas, entre Uruguai, Brasil e Portugal, constantemente a exposição à guerra de narrativas: nas aulas de história, havia ao menos três versões sobre a colonização portuguesa, sem haver qualquer consenso; batalhas entre persas e gregos que a professora relatava, por sua vez, demonstravam desconforto aos pais, que contavam versões distintas. E uma ideia foi sendo desconstruída: não é o vencedor que conta a história, quem conta a história é o vencedor. Por vezes o derrotado conta a história e se faz vencedor porque essa é a versão que remanesce. Basta ver que não eram 300 espartanos contra um exército persa (os números são inverosímeis), mas a versão do perdedor justifica a sua história e imortaliza-a. E, como diria Levi-Strauss (2021): “o fato de uma informação contradizer uma outra coloca um problema, mas não o resolve” (p. 34). Afinal, a validade das histórias não se encontra meramente em seus elementos, mas na sua coerência global (Levi-Strauss, 2021) e isso é o que a presente Tese almeja compreender.

Podemos ser acusados, em momentos, de simplificação ou complicação, de interpretação em excesso ou de nenhuma. Pretendemos oferecer uma redução de “dados aparentemente arbitrários a uma ordem” (Levi-Strauss, 2021, p. 38), com a clareza da impossibilidade de quem estuda este tema e outros correlatos fazer a pesquisa “de acordo com um plano conforme às normas tradicionais” (Levi-Strauss, 2021, p. 44), alternando o “discurso alongado” com o “discurso difuso”, histórias com pesquisas científicas, pensamentos próprios com citações fidedignas aos pensamentos de outros autores. Flexibilidade e imaginação fazem portanto parte desta Tese que só pode ser coerente se imitar o movimento espontâneo do pensamento imaginativo das histórias que, é, afinal, nosso objeto. Assim, esta Tese, que é sobre histórias, é, em certa medida, uma história.

A história de um filho da interculturalidade que ouvia histórias como a pastorzinho que mentia sobre a vinda de um lobo para chamar a atenção e que, no fim, viu suas ovelhas mortas por um lobo e sem ajuda, porque ninguém acreditou na veracidade da derradeira vinda do lobo. Da história do primeiro de uma família a ser alfabetizado, quando criança, no alfabeto latino, usando o método *casinha feliz* como cada letra tinha a sua história: o *g* era representado por um gato, o *h* era a cadeira e o *l* um lápis: certa vez, o lápis temendo ser apontado, esconde-se por trás da cadeira e acaba criando o primeiro *lh* da história! Ou a história de um jovem, que vive transculturalmente, certa vez estudante de ensino médio cuja professora de Química contava a encantadora história de cada cientista e suas descobertas, outra vez apaixonado por Psicologia, cujo professor (Pedro Zany Caldeira) era exímio em contar histórias das descobertas da Psicologia.

Podemos não compreender as histórias e olharmos-as como pedras que apenas batemos. Podemos achar que estamos meramente contribuindo com algo que não sabemos o que é, e dizer que estamos construindo paredes que definem quem somos. Mas a verdade é que elas são muito mais! Histórias são um grande monumento que erguemos para a posteridade, uma catedral à volta da qual construímos nossa identidade.

E, quando filhos de várias culturas, vivemos essa guerra de narrativas diariamente. Nossa missão, acaba por se tornar, nas palavras de Phil Collins (1993), em seu *Both Sides (of story)*, contribuir para que ambos os lados da história sejam conhecidos, ou como disse Sting na sua palestra TED, para ajudar aqueles sem uma voz a contarem suas histórias e permitir que possamos ver um novo mundo, sob a lente desse contador desconhecido.

Concordamos com Frye (2017) quando diz que é “pedantismo atroz utilizar-se dela [da literatura] diretamente como guia para a vida” (p. 78), mas não é pedantismo atroz compreender a literatura e seu papel na imaginação humana, na vida relacional das pessoas, em suas crises existenciais e, com isso, usá-la *indiretamente* como guia para a vida.

Para seguir avante, por vezes teremos que usar “ferramentas conceituais para isolar noções abstratas” (Levi-Strauss, 2021, p. 27) ou “que cada termo seja novamente definido e restrito a um determinado uso” (Levi-Strauss, 2021, p. 63) e, para isso, beberemos de diversas fontes além da Psicologia, tais como a Literatura e os Mitos, a Antropologia e a Sociologia, a Linguística e a Gramática, a Filologia e a Filosofia, para citar algumas. Parecerá em momentos uma navegação à deriva, mas o que a imaginação que flui nos faz? É oferecer a liberdade das amarras, lançados ao alto mar, ainda “que submetendo a vida a bordo às regras de um minucioso protocolo” (Levi-Strauss, 2021, p. 57). E ainda que com um possível destino, “apenas a viagem é real” (Levi-Strauss, 2021, p. 58).

Aqui cabe uma nota ao leitor. Este trabalho é uma busca metodológica sobre as diferentes formas de se usar histórias em contexto clínico, mas não apenas! Para isso, segue-se o exemplo do estudioso italiano, o médico, filósofo e amigo, Julio Savi, que no prefácio à edição de língua portuguesa de uma de suas principais obras, fala da importância de vez ou outra, fazer da obra nascida de uma pesquisa, um tecido costurado de citações de diversos autores e compreensões do pesquisador, deixando espaço para que o leitor possa chegar às suas próprias conclusões (Savi, 2008). Aliás, como Byung-Chul Han (2023) recorda, “narrar é um jogo de luz e sombra, do visível e do invisível, da proximidade e distância” (p.86). Por vezes a história contada nesta Tese, e, por ende, as reflexões nela contidas, serão mais visíveis e outras mais discretas, por vezes mais citações textuais, outras mais reflexões pessoais, por vezes mais a horizontalidade de Frye outras a sua verticalidade.

Assim são as narrativas. Assim são as histórias. Assim é a poesia. Possuem suas regras de bordo e sua liberdade, possuem seu ponto de partida do qual se libertam e seu destino onde almejam chegar, mas apenas a viagem é real.

Por isso, encerramos esta Introdução com uma de nossas poetas prediletas, Emily Dickinson. Cansada das pessoas lhe dizerem *como* fazer as coisas, Dickinson quase completamente

abandona as palavras faladas e expressa por escrito suas palavras, umas nas outras, em histórias em forma de poesia, para falar conosco, simplesmente dizendo que podemos nas histórias confiar (Frye 2017). Como no seu *This was a poet* (Dickinson, 1929), por nós aqui traduzido, em todas as suas obras Dickinson quer-nos fazer provar algo novo.

### **Isto era um Poeta**

Isto era um Poeta

É isso

Purifica incrível senso

De comuns Sentidos

E Attar tão imenso

Das espécies familiares

Que pereceram no ádito-

Imaginamos não termos sido

Nós mesmos

Antes - nisso trancafiados

De Imagens, o Divulgador -

O Poeta - é Ele -

Que Nos outorga - por Contraste -

A Pobreza perene -

De quinhão - tão inconsciente -

O Roubar - não poderia prejudicar -

A Si Mesmo - para Si - uma Fortuna -

Exterior - ao Tempo -

Poetas são contadores de história por excelência. Neste poema, Emily Dickinson, a poeta que deu vida a estes versos, conta a história do poder que se tem quando se é poeta. Traduzir suas palavras é um desafio tão grande quanto fazer a presente pesquisa que aqui se apresenta. As três

quadras iniciais possuem rimas que foram mantidas entre o segundo e o último verso, enquanto esses mesmos versos da última quadra não possuíam uma rima tão evidente e direta, tornando ainda mais desafiadora a tradução que não foi capaz de manter. Muito semelhante aos momentos de ensaios e erros ao longo de uma pesquisa, nos quais tentamos traduzir tantas ideias em texto científico.

Como numa pesquisa, Dickinson fala de seus colegas (“Das espécies familiares”) que “pereceram no ádito”, na porta, mas que vieram até ela. Sem outros poetas, a poesia de Dickinson não seria o que é. Sem outros pesquisadores, esta pesquisa tampouco seria o que é. Por isso, o primeiro capítulo será atribuído a eles, com revisões e reflexões acerca de dois temas centrais de nossa trama: as *histórias* e seu papel na facilitação da mudança em contexto familiar. Apresentaremos uma revisão de escopo sobre como , as histórias têm sido utilizadas em contexto de terapia familiar. No segundo capítulo, introduziremos o conceito de *sentido de vida*. E, por meio de uma revisão narrativa, como esse conceito, explorado na última parte do capítulo, interage com o das histórias.

A terceira estrofe “Nos outorga” a uma “Pobreza perene”, de constante evolução, apesar de um certo senso de missão cumprida que nos faz colocar em causa essa condição, afinal, “o Divulgador” “De Imagens”, “O Poeta” tal como o pesquisador é rico para si mesmo. Não há a possibilidade de se “Roubar” o “quinhão”, e mesmo que houvesse, “não poderia prejudicar” a ninguém, nem mesmo o Destino (a “Fortuna”), já que o poeta e pesquisador são (são?) ricos em “Tempo”, como apresentado na quarta estrofe. Por isso, o terceiro capítulo é dedicado à apresentação de uma proposta teórico-metodológica sobre como as histórias podem operar no contexto clínico (mais especificamente familiar, mas não impedindo o seu uso na clínica conjugal ou individual), dentro do arcabouço da Logoterapia e Análise Existencial.

É precisamente nessa busca por tempo, conhecimento e sentido que se “Purifica incrível senso”. É precisamente na primeira estrofe que a poeta apresenta ao seu leitor a mágica de sua obra.

A vida não é mais uma busca incessante por propósitos banais (“comuns Sentidos”), mas um sentido maior, com um “Attar tão imenso”. Interessante notar como Attar não é meramente um perfume, uma fragrância de óleo, como conhecemos; Attar é o nome de um poeta que, como o autor da presente tese, é persa; o poeta que influenciou um sem-número de pensadores e poetas do Oriente. Attar foi o criador de *A Conferência dos Pássaros*, uma epopeia mística que fala de pássaros em busca do pássaro supremo, o *simorgh*, equivalente à fênix ocidental, que habitaria no monte Qáf, a montanha suprema. Um encontro que se torna uma jornada em busca do sentido de suas vidas, vencendo peripécias e desafios constantes, como quaisquer famílias em processo terapêutico. Cada pássaro, único e irrepetível, como os membros dessas famílias, mas todos unidos em uma aventura em busca do desconhecido, cheio de intempéries. Attar de Nishampur não só influenciou a poesia e o pensamento místico do milênio passado, como também é parcialmente responsável pelo nome do autor desta tese. É nela que o nome Sam possivelmente emerge para permanecer na história do idioma persa — no caso, um príncipe, o único mortal capaz de comungar com a Fênix. Sem a presunção de conseguir comunicar com todos os seres, talvez esta seja a ambição desta Tese, provar que todas as pessoas, não importando suas origens geográficas ou culturais, não importando os desafios que vivem, podem viver uma experiência de diálogo, e, quem sabe sonhar em encontrar a montanha suprema, onde estaria o pássaro supremo!

Esta Tese não almeja completar o conhecimento, porque sabemos que os temas se desvelam ao infinito, mas apenas, arrojando-nos em novamente citar Levi-Strauss (2021), levantar “um pequeno cantinho do véu” (p. 66), para, como diria Northrop Frye (2017), ajudar às pessoas a se capacitarem em ver “grandes reservas de sentido dentro das formas simples que chamamos de mitos e lemos como histórias” (p. 106).

# CAPÍTULO I — UMA METAHISTÓRIA: O USO CLÍNICO DE HISTÓRIAS COM FAMÍLIAS<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O presente capítulo é uma versão revista de Cyrous et al. (2022).

## **Uma Meta-História: : o Uso Clínico de Histórias com Famílias**

Uma metahistória é uma história sobre histórias. Por meio do prefixo *meta* propomos aqui analisar o conceito de histórias de maneira mais ampla e talvez mais profunda, dentro do contexto da presente Tese, de modo a oferecer insumos para uma possibilidade de construção de novos rumos sobre o tema.

### **O Que São Histórias?**

Histórias são pequenos tijolos que vão sendo apresentados nas vidas das pessoas. Cada história, seja ouvida, vista ou vivida, permite aprendermos processos e até revermos nossos processos pessoais. Peseschkian (1996a) chega mesmo a comentar que:

Paráboras são fotografias em linguagem. Como tal, prestam apoio ao entendimento e têm um valor didático central. Muitas pessoas se sentem sobrepujadas quando confrontadas com aspectos abstratos de tópicos psicoterapêuticos. A psicoterapia não ocorre apenas entre especialistas, mas deve ser uma ponte com o leigo, com o paciente. É por isso que é importante que a psicoterapia seja compreensível. Uma forma de torná-la mais fácil é entender e usar um exemplo, uma história mitológica, ou uma imagem. À sua maneira, todas elas lidam com conflitos pessoais, interpessoais e sociais e apresentam possíveis soluções. As histórias ajudam o paciente a se libertar do mundo direto de suas próprias experiências e resistência, revelando seus conflitos e fraquezas. Essas histórias, se usadas de maneira consciente, ajudam-no a ter uma relação mais distante de seus conflitos. O homem não pensa apenas em conceitos abstratos e teóricos. Ao invés, um entendimento de seus problemas é determinado por modos vívidos e imaginários de pensamentos e pela fantasia que é carregada por emoções (p. 7).

Peseschkian considera histórias, contos de fadas, mitos, fábulas, paráboras, produções artísticas, poesia, piadas e outros gêneros correlatos como ferramentas da terapia e da pedagogia milenar e questiona se tais gêneros não poderiam ser usados de maneira intencional em processo terapêutico! Suas reflexões parecem estabelecer um paralelo com Joseph Campbell (2013) que argumenta que histórias são meios de dizer “a verdade através de uma expressão simbólica (...), disfarces simbólicos da verdade” (p. 11). Consequentemente, para Campbell, “é preciso, antes de

tudo, aprender a gramática dos símbolos” (p. 11). Afinal de contas, se mensagens têm o poder de representar ideias abstratas, estamos falando de símbolos, e o pensamento humano parece girar à volta de formações simbólicas (Cyrulnik, 1995)<sup>2</sup>. Assim, nossa pesquisa inicia focada em como a palavra contada em forma simbólica é utilizada em contexto terapêutico, especificamente da terapia de família. Como nosso contexto é o de terapia familiar, nossa pergunta é: *Quais são os resultados apontados por estudos sobre terapia familiar que utilizam histórias e gêneros simbólicos correlatos?*

## Método

Para responder à pergunta de partida, escolhemos fazer uma revisão sistemática e guiamos, sempre que possível, pela *checklist* de recomendações PRISMA<sup>3</sup>, o que permite maior garantia de rigor, concedendo ao leitor a habilidade de replicar a pesquisa e obter resultados similares, aumentando a confiabilidade nos resultados. Uma revisão sistemática da literatura é como a construção de uma catedral, tendo o estilo pessoal de seus criadores e as regras que devem ser aplicadas: torna-se o centro de pesquisa futura, como as catedrais europeias de outrora sendo construídas no centro das cidades, não meramente empilhando tijolos de conhecimentos, mas passando aquela argamassa que consolida a estrutura. Esta é a única forma pela qual a pesquisa

<sup>2</sup> Sobre isso, Cyrulnik (1995) chega mesmo a dizer que:

O pensamento humano organiza-se em redor das imagens, a compreensão efectua-se como num desenrolar de imagens, onde no entanto os objectos continuam a ser objectos de homem. (...) O que diferencia o homem dos não homens, não é tanto a palavra que pode ser considerada sob a forma material como um objecto sonoro pertencente então a qualquer ser vivo; é, sobretudo, a aptidão louca por semiotizar. (...) Uma coisa pode transformar-se em objecto historizado, um ruído pode organizar-se em música ou em palavra, uma cor pode ordenar-se em quadro, uma série de gestos pode tornar-se dança ou representação teatral. Este poder que dá acesso a um mundo totalmente ausente pode impregnar alguns elementos de informações ridículamente presentes (pp. 127-9).

<sup>3</sup> A partir de uma “reunião de três dias (...) realizada em Ottawa, Canadá, em junho de 2005 com 29 participantes, incluindo autores de revisões, metodologistas, clínicos, editores e um consumidor”, com o propósito de rever “um guia chamado recomendação QUORUM” (Galvão, et. al, 2015, p. 335), criado 9 anos antes. O QUORUM (em inglês *QUality Of Reporting Of Meta-analyses*, ou em tradução livre Qualidade de Relatórios de Meta-análise) permitiu por anos que artigos e relatórios científicos “reportassem com transparência o que faziam (método) e encontravam” (Tao et al., 2011, s/p.). Contudo, percebeu-se a importância de rever as diretrizes “para atender a vários avanços conceituais e práticos na ciência das revisões sistemáticas quanto as meta-análises” (Galvão, et. al, 2015, p. 335). Daí nasceu a proposta de orientações aos pesquisadores de uma *checklist*, doravante designada como PRISMA (em inglês Preferred Reporting Items of Systematic reviews and Meta-Analyses, ou em tradução livre Itens Preferidos para Relatar para Revisões sistemáticas e Meta-análises), com 27 elementos a serem incluídos nos relatos e artigos.

emergirá, à volta da catedral, explorando vias que pelas quais se podem identificar e expandir a respectiva área de conhecimento.

O sistema de revisão que permitiria algum tipo de diálogo entre as muitas pesquisas que poderiam ser encontradas, e, portanto, escolhida, é chamada de *revisão de escopo*. É desenhada de maneira a permitir avaliação preliminar da literatura existente num dado campo, bem como a natureza potencial, tamanho, volume ou extensão e aspectos da literatura existente (Peters et al., 2015; Sousa, 2018), qualquer que seja o desenho ou a qualidade do estudo, especialmente quando não há ainda robustez na literatura acerca do assunto, usando (se os pesquisadores assim decidirem) materiais de natureza dispersa ou heterogênea. Assim, o processo permite aos investigadores “engajarem-se em cada estágio numa maneira reflexiva e, quando necessário, repetirem passos para assegurar que a literatura seja coberta numa maneira comprehensiva” (Arksey & O’Malley, 2005, s/p), pensando e refinando sua prática. Isso permite a identificação de hiatos de pesquisa, síntese da evidência, ou mesmo apresentação de recomendações, mapeando conceitos chave, as principais fontes e tipos de evidência disponíveis (Arksey & O’Malley, 2005). Tal como o turista explorando a cidade a partir de seu centro histórico para os bairros mais distantes.

Com a pergunta formulada, decidiu-se que para a presente pesquisa usar as ferramentas de uma base de dados online. Para isso usamos na busca a expressão (em inglês) como se segue: <<(tale OR stor\* OR metaphor OR jok\* OR movie OR books OR bibliotherapy) AND psy\* AND family>><sup>4</sup>. Após isso, foram utilizados os seguintes filtros da própria plataforma para considerar os critérios de inclusão definidos pelos pesquisadores: (1) ser artigos científicos publicados em periódicos, (2) após revisão por pares e (3) em idiomas que os investigadores pudessem ler sem necessidade de tradução (nomeadamente português, inglês, espanhol e italiano), desde que (4) o

---

<sup>4</sup> Em português seria <<(conto OU hist\* OU metafora OU piada OU filme OU livros OU biblioterapia) E psi\* E familia>>.

artigo completo estivesse, de alguma forma, disponível. Não houve recorte temporal. Um total de 233 textos foram inicialmente obtidos, e, com os filtros, 163 foram incluídos na pesquisa<sup>5</sup>.

A fase seguinte remete à seleção de estudos, a fim de eliminar estudos irrelevantes. Para isso, definimos novos critérios — os critérios de exclusão. No nosso caso, optamos por excluir aqueles artigos que focavam em áreas tais como educação e pedagogia, saúde mental, ou políticas públicas. Um total de 55 artigos foram então excluídos, perfazendo um número final de 108 artigos.

O processo era sempre conduzido por dois ou três pesquisadores (ou juízes) que tomavam decisões independentes que eram cruzadas *a posteriori*. Era fundamental que tivessem clareza que o foco do estudo era o uso de histórias em contexto de terapia familiar.

Com isso em mente, a terceira fase da triagem é, segundo Arksey e O’Malley (2005), ler os 108 artigos completos. Primeiro identificamos dois artigos duplicados, eliminando um deles, remanescendo assim 107. Dado o número elevado de artigos, optamos por incluir um processo intermédio de filtragem e, com isso, leram-se os respectivos títulos e os que não se enquadram no critério considerado fundamental eram eliminados, o que ocorreu com um total de 18 artigos. Depois o processo se repetia, lendo-se os resumos; aqueles artigos em que os juízes divergiam, passariam para o passo seguinte, em especial os que mencionassem alguma presença de pai ou mãe e/ou de filhos, os demais foram eliminados, num total de 53 artigos consensualmente eliminados. No passo seguinte, procedeu-se à leitura integral dos 36 artigos remanescentes. Pesquisadores/juízes leram-nos todos sem compartilhar notas enquanto o faziam. Ao final da leitura, havia o consenso para a análise de apenas cinco e a eliminação também consensual de 14. A falta de consenso sobre os outros 17 conduziu a reflexões sobre o método adotado, que não sendo rígido ou linear, convidava a compreenderem e rever cada fase e passo. Com isso, percebeu-se que embora interessantes, alguns estudos usavam (a) histórias, mas não como linguagem simbólica, e sim como

---

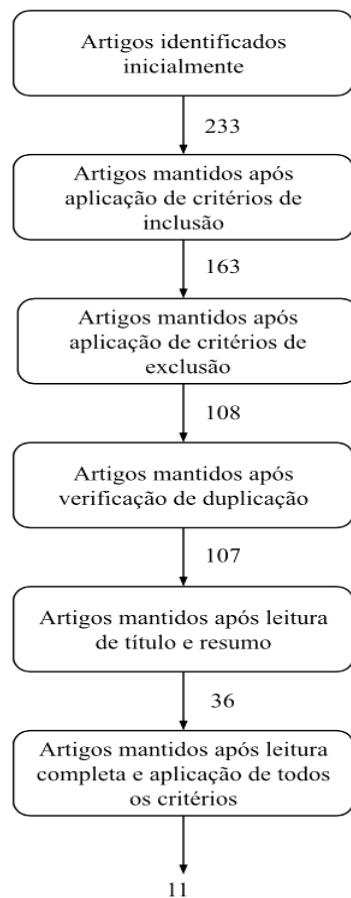
<sup>5</sup> Desta forma, não incluímos resenhas de livros, entrevistas, relatos pessoais, contação e/ou descrição de histórias, bem como indexadores, índices, listas de conceitos e palavras, relatórios, correspondências, teses ou dissertações. Outros poucos textos, infelizmente, não foram encontrados em sua versão completa para essa mesma inclusão.

elemento biográfico (descrevendo elementos vivenciados pelas pessoas), e (b) literatura de auto-ajuda. Estes foram então eliminados consensualmente. Com os critérios novos e mais claros, um total de 11 artigos permaneceu e estes artigos foram utilizados na presente revisão.

A Figura abaixo relata sinteticamente, as fases da pesquisa, conforme detalhadas acima:

**Figura 1**

*Fluxo da Informação com as Diferentes Fases da Revisão*



Da identificação dos artigos até a leitura completa deles, houve um período de 12 meses.

## Resultados

Um total de 11 artigos estavam no escopo de nossa revisão. Tentamos ter uma abordagem coerente no que tange aos artigos selecionados embora, na prática, nem sempre fosse possível obter certas informações a partir do material existente.

Optamos por tabular os dados dos 11 artigos. Na informação incluímos o nome dos autores e o ano da publicação; além disso, optamos por incluir o país de origem do primeiro autor, já que o local de pesquisa era muitas vezes ausente dos artigos. Os artigos foram ordenados por ano de publicação, para que o leitor da presente Tese possa acompanhar uma espécie de evolução no campo.

## **Figura 2**

### *Características dos Artigos Revisados*

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano de Publicação original</b>	<b>País de Filiação do Primeiro Autor</b>
The Uses of Juvenile Fiction and Self-Help Books with Stepfamilies	M. Coleman L. Ganong	1990	Estados Unidos da América
Teaching Family Counseling through the Use of Fiction	S. Gladding	1994	Estados Unidos da América
The Effects of Therapeutic Storytelling and Behavioral Parent Training on Noncompliant Behavior in Young Boys	L. Painter J. Cook P. Silverman	1999	Estados Unidos da América
The Self-Characterization as a Narrative Tool - Applications in Therapy with Individuals and Families	A. Androutsopoulou	2001	Grécia
Healing Traumatized Children - Creating Illustrated Storybooks in Family Therapy	L. Hanney K. Kozlowska	2002	Austrália
If Your Mother Were an Animal, What Animal Would She Be? Creating Play-Stories in Family Therapy - The Animal Attribution Story-Telling Technique (AASTT)	D. Arad	2004	Não informado
Feeling the Tug - Creative Use of Ropes and Felt Board to Promote Family Change	R. Bruhn D. Lykke B. Duhl	2006	Estados Unidos da América
Parental management of adoptive identities during challenging encounters - Adoptive parents as 'protectors' and 'educators'	E. Suter K. Reyes R. Ballard	2010	Estados Unidos da América

Do You Ever Feel That Way? A Story and Activities About Families and Feelings	E. Kanewischer	2013	Estados Unidos da América
The Portrayal of Black Swan Through a Multicontextual Framework	V. Smith C. Austrich R. Brown L. Steding	2015	Estados Unidos da América
Developing a Teddy Bear Therapy Training Program for Family Therapists	L. Beyers W. D. Phipps C. Vorster	2018	África do Sul

A leitura dos dados acima demonstra, pelo menos temporalmente falando, um intervalo no interesse em elementos simbólicos em processos familiares. Há uma hegemonia de pesquisas nos Estados Unidos da América<sup>6</sup>, e outras duas pesquisas coordenadas em países anglófonos (África do Sul e Austrália) e, finalmente, um artigo escrito em inglês por uma autora grega. É importante frisar que um dos artigos estadunidenses, a pesquisa de Suter et al. (2010), é realizada no Canadá.

Outros aspectos que tendem a ser considerados por revisões como a presente são elementos de cada pesquisa (aqui consideramos escopo/temática da pesquisa, tipo de pesquisa e duração da intervenção), bem como características das famílias (quantidade de famílias e respectivas origens étnico-raciais)<sup>7</sup>. Na figura abaixo, compilamos tais informações.

### Figura 3

#### *Características dos Estudos Revisados*

<sup>6</sup> A opção pela aparente não-coerência semântica entre o artigo definido *o* e o nome da nação é uma opção consciente, e não um lapso ou um *typo* como poderia ser considerado por alguns leitores. Essa opção advém de considerar esse país como um só, daí “*o Estados Unidos da América*”.

<sup>7</sup> Outros elementos (como objetivos, resultados alcançados e/ou importantes) deveriam ser incluídos, mas a figura ficaria com espaços por preencher. Sobre isso se falará em outro item a seguir.

Título	Temática da pesquisa	Tipo de pesquisa	Tempo da intervenção	Quantidade de famílias incluídas no estudo	Origem étnico-cultural das famílias
<b>The Uses of Juvenile Fiction and Self-Help Books with Stepfamilies</b>	Descrição e/ou Aplicação da técnica ou prática (biblioterapia como ferramenta para famílias reconstituídas)	Qualitativa (descrição teórico-prática de técnica)	Não informado	“um grupo de madrastas”	Não informado
<b>Teaching Family Counseling through the Use of Fiction</b>	Descrição e/ou Aplicação da técnica ou prática (ficação como meio de ensino a estudantes de terapia familiar)	Qualitativa (descrição teórico-prática de técnica)	Não informado	0	Não informado
<b>The Effects of Therapeutic Storytelling and Behavioral Parent Training on Noncompliant Behavior in Young Boys</b>	Descrição e/ou Aplicação da técnica ou prática (do <i>Storytelling</i> terapêutico e do Treino comportamental dos pais na terapia de meninos)	Quantitativa (desenho cruzado de linha de base múltipla não concorrente entre sujeitos)	2 sessões de terapia com duas semanas de intervalo entre elas, 6 semanas de pós tratamento e 5 a 7 dias adicionais para alcance de estabilidade	4	Caucasianos
<b>The Self-Characterization as a Narrative Tool - Applications in Therapy with Individuals and Families</b>	Descrição e/ou Aplicação da técnica ou prática (auto-caracterização com auxílio de <i>story telling</i> )	Qualitativa (descrição de caso(s) clínico(s))	Não informado (usam-se expressões como “um número de sessões” e “vários meses”, sem especificações)	3	Famílias gregas
<b>Healing Traumatized Children - Creating Illustrated Storybooks in Family Therapy</b>	Descrição de técnica ou prática terapêutica (criação de livros ilustrados de histórias para crianças traumatizadas)	Qualitativa (descrição de caso(s) clínico(s))	Não informado	3	Famílias australianas (2) e chinesa (1)
<b>If Your Mother Were an Animal, What Animal Would She Be? Creating Play-Stories in Family Therapy - The Animal Attribution Story-Telling Technique (AASTT)</b>	Descrição e/ou Aplicação da técnica ou prática (metáfora com famílias de crianças com diagnósticos de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade)	Qualitativa (descrição de caso(s) clínico(s))	Não informado (menciona contudo a existência de “sessões”)	1	Não informado

Título	Temática da pesquisa	Tipo de pesquisa	Tempo da intervenção	Quantidade de famílias incluídas no estudo	Origem étnico-cultural das famílias
<b>Feeling the Tug - Creative Use of Ropes and Felt Board to Promote Family Change</b>	Descrição e/ou Aplicação da técnica ou prática (metáfora em contexto de terapia de casais e famílias)	Qualitativa (descrição de caso(s) clínico(s))	Não informado (menciona contudo a existência de “várias sessões” e “várias sessões conjuntas”)	1	Não informado
<b>Parental management of adoptive identities during challenging encounters - Adoptive parents as ‘protectors’ and ‘educators’</b>	Descrição e/ou Aplicação da técnica ou prática (metáforas temáticas para compreensão de estruturas cognitivas de famílias adotivas inter-raciais)	Qualitativa	Não informado (menciona a existência de 1 sessão de recrutamento e apresentação da pesquisa e 1 sessão de uma hora com pequenos grupos focais)	69	Casais canadenses caucasianos (93%), asiáticos (2%) e hispânico 3%, que adotaram crianças chinesas ou vietnamitas.
<b>Do You Ever Feel That Way? A Story and Activities About Families and Feelings</b>	Descrição e/ou Aplicação da técnica ou prática (biblioterapia aplicada a crianças em situação de acolhimento familiar)	Qualitativa (descrição teórico-prática de técnica)	Não se aplica	0	Não se aplica
<b>The Portrayal of Black Swan Through a Multicontextual Framework</b>	Análise de filme (para compreender famílias disfuncionais)	Qualitativa (análise de filme)	Não se aplica	1	Não informado (trata-se de família fictícia de um filme)
<b>Developing a Teddy Bear Therapy Training Program for Family Therapists</b>	Descrição e/ou Aplicação da técnica ou prática (“Teddy Bear Therapy” em contextos familiares)	Qualitativa (descrição teórico-prática de técnica)	Não se aplica	0	Não se aplica

A diversidade de temas dos artigos é digna de nota. Algumas pesquisas focam na descrição de técnicas (*Teddy Bear Therapy*, metáforas ou biblioterapia), enquanto outras apresentam descrições de casos para ilustrar o uso de técnicas (tais como metáforas, biblioterapia e auto-caracterização). Apenas uma usa o conhecimento dessas técnicas, analisando uma longa-metragem estadunidense, com uma abordagem sobre uma família fictícia. Havia duas pesquisas empíricas, com a amostra total de 73 (69 em uma e quatro na outra). Encontramos também quatro estudos de

casos clínicos, nos quais os investigadores trabalharam com oito famílias, em um número não especificado de sessões.

Quando se olham os dados, pode-se ver o obstáculo com o qual nos deparamos; a maioria das pesquisas não nos apresentou a duração das intervenções. Algumas mencionaram a existência de sessões, sem mencionar a quantidade (Androutsopoulou, 2001; Arad, 2004; Bruhn et al., 2006) e apenas uma mencionou a existência de duas sessões de terapia, sem, contudo, mencionar como as seis semanas de pós-tratamento funcionavam, o número total de sessões ou tempo entre elas (Painter et al., 2008). A ausência de tais informações dificultou entender como o processo ocorreu bem como replicar os resultados.

Outro aspecto importante é a origem étnico-cultural das famílias, dada a diversidade de histórias que cada cultura pode oferecer e, consequentemente, como elas podem influenciar os processos coletivos e familiares. Afinal, histórias são elementos inerentes às mais diversas realidades culturais. Dos sete estudos que, direta ou indiretamente, trabalharam com famílias reais, quatro mencionaram a origem étnica (Androutsopoulou, 2001; Hanney e Kozlowska, 2002; Painter et al., 2008; Suter, 2010), duas das quais fizeram-no por causa de seu escopo intercultural. Tal constatação conduz-nos a duas possíveis conclusões (que não se excluem): (a) uma fragilidade da pesquisa ou de seu registro como artigo, não mencionando dados relevantes, e (b) uma falsa ilusão de normalidade perante amostras caucasianas e/ou autóctones.

Neste momento, considera-se importante trazer o tema dos artigos não-incluídos em nossa contagem. Durante o processo de seleção de artigos, viemos a compreender que apesar da riqueza de alguns deles, erguidos sobre o terreno sólido de construção empírica, focavam em “narrativas humanas de experiências vividas” (Kempson & Murdock, 2010, p. 751), muitas vezes narrativa em primeira pessoa (Pardeck, 1996), “discutindo juntas histórias [que] contribuem à habilidade familiar para fazer sentido de experiências difíceis” (Roliecki et al., 2017, p. 240), sobre o que Rynearson, (2005) chamou de fatos reais (*quem, o que, onde, quando, como, e porquê*). Os objetivos da maioria

das pesquisas não-incluídas, mas que poderão ser revisitadas em outros momentos da presente Tese, era serem “essenciais à construção de identidade pessoal, relacionamentos, e vidas plenamente realizadas”, que “podem funcionar simplesmente para nos ajudar a fazer sentido na vida” (McNay, 2009, p. 1178), ou refletirem sobre situações desafiadoras, como a morte (Rynearson, 2005), especialmente de familiar. Em geral, os textos não inclusos, permitiam “identificar a significância do storytelling para a construção de identidade familiar e ilustração de como membros de uma família estendida, por meio do storytelling, construíam e negociavam identidade” (Cooper & Ewig, 2019, p. 9). Ainda assim, usavam conceitos como *biblioterapia*, *metáforas*, *narrativas* ou *storytelling* em suas abordagens. Daí a confusão que pôde ter sido gerada nos juízes. Por isso decidimos não os incluir em uma contagem numérica, contudo, decidimos que possam ser revisitados e citados sempre que oportuno. Afinal de contas, mesmo sendo processos distintos daquele no qual focamos, acabam bebendo de suas fontes teóricas para compreender melhor os processos que aqui estudamos.

É importante aqui fazer um comentário sobre exploração de nomenclatura. Após a leitura dos artigos citados, os pesquisadores/juízes notaram que há terminologias que se confundem e termos que se repetem em grafias distintas. Nesta primeira fase do trabalho, optamos por manter a grafia que o autor de origem utiliza, apesar de virmos a adotar outra nomenclatura ao longo do texto. Mais, sempre que um autor utilizar um texto com grafia distinta da nossa, a grafia do autor será respeitada e mantida.

### **O que os Artigos Dizem Sobre StoryTelling em Contexto de Terapia Familiar?**

A revisão sistemática adotada não tem como propósito prover uma análise sobre a qualidade ou consistência da literatura e de suas evidências, ou sequer facilitar ou coibir a síntese de estudos, nem pretendia buscar oferecer resultados generalizáveis. Contudo, convoca-nos a organizar a literatura e entender seu arcabouço; permite que investigadores alcancem novas perspectivas que considerem relevantes para enriquecer sua revisão.

O primeiro aspecto relevante que se tem que compreender, é o *objeto família*, que, segundo Scabimi e Cigoli (2000), é uma “forma social primária” — primária porque, “a saúde da sociedade depende em larga medida de suas propriedades”; afinal, é de aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais da família que geração e desenvolvimento social se tornam reais; e quando se tornam problemáticas, em ampla escala, “a sociedade se encontra perante problemas sociais insolúveis” (p. 7). Além disso, é na família que os filhos aprendem a função fundamental de relacionamento e vínculo, que permite aprender como se apresentar ao mundo externo e nas relações futuras — sejam essas culturais, econômicas, sexuais ou reprodutivas. Por isso, “A família organiza relações” (p. 9), através de um “sistema organizado com uma estrutura e uma hierarquia interna e que interage de maneira não casual com o contexto no qual está inserida” (pp. 8-9). É assim que famílias se tornam espaços para entender a diversidade e seus processos — seja nos papéis que cada um desempenha, gênero, ou geração —, e compreender o mundo. Nas palavras de Suter et al. (2010), em um dos artigos selecionados:

Família é um construto sócio-histórico, um que deve sua existência a influências, incluindo de instituições sociais, configurações políticas, tendências econômicas, papéis de gênero, normas parentais, ênfase em privacidade e individualismo, importância de trabalho, e a divisão laboral. Nessa perspectiva, a noção de família tradicional é um construto ideológico que se mascara como um ideal universal, estático, normativo ao qual as famílias podem aspirar (p. 243).

Ackerman, que escreveu o primeiro artigo sobre famílias em 1937, disse que estas são “unidades sociais e emocionais” (Feixas & Miró, 1993, p. 253) e em seu núcleo cada um descobre sua identidade. Para identificar e entender essa identidade que emerge de uma construção discursiva, é preciso compreender as práticas discursivas utilizadas pelas famílias, e como essas práticas são geridas e mantidas.

A meta é mais que entender essa familiar organização relacional-discursiva: é permitir a mudança, ou desenvolver “processos de desenvolvimento capazes de modificar estruturas” (Simon

et al., 2002, p. 49). Pode-se inferir a importância da mudança, após leitura e análise dos artigos, quando, por exemplo, um deles assume em seu título que visa “Promover Mudança Familiar” (Bruhn et al., 2006, p. 286); enquanto outro menciona buscar “prover evidência empírica inicial da eficácia e identificar as mudanças comportamentais que histórias terapêuticas induzem” (Painter et al., 1999, p. 49). Um terceiro, de Hanney e Kozlowska (2002), demonstra, como no caso de uma criança, o processo de mudança ocorrendo quando os pais “foram capazes de detectar sua angústia em contraste com vê-lo meramente como ‘travesso’, e interessaram-se pela importância de emoções em relações, comprando até um livro sobre inteligência emocional!” (p. 52), destacando que as técnicas usadas estabeleciam um vínculo que “ajuda[m] as crianças a lidarem com o impacto emocional de doenças médicas severas” (p. 42); e “quando trabalhando com populações não-traumatizadas” (p. 60), elas “podem ser usadas para trazer um senso quanto ao porquê de algumas crianças presentes terem sintomas emocionais e comportamentais específicos, e como isso se relaciona com contexto passado e presente” (p. 60). As técnicas aqui estudadas “facilitam a expressão de sentimentos” e/ou permitem aos envolvidos “acessar as emoções em resposta a cada cenário” (Bruhn et al., 2006, p. 286). Tais técnicas, que muitos autores têm chamado de *storytelling* ou *metáforas*, permitem às famílias “aprender a entender e expressar suas emoções” (Beyers et al., 2018, p. 454) e às crianças, que “por vezes encontram dificuldade em expressar seus sentimentos no que tange às experiências” traumáticas, geralmente recebem ajuda “para iniciar essa conversa, normalizar sua experiência e emoções, e começar o processo curador” (Kanewischer, 2013, p. 71). Parece que o objetivo é permitir aos “clientes expressarem sentimentos e emoções que de outra forma seriam de difícil acesso”, fazendo de cada técnica “uma poderosa ferramenta terapêutica” (Arad, 2004, p. 253), um poder que vai desde o nível individual — um artigo menciona “pessoas podem mudar suas visões acerca de si mesmas ao trabalhar suas histórias pessoais” (Hanney & Kozlowska, 2002, p. 42) — até o nível de “trazer mudança a todo o sistema familiar” (Beyers et al., 2018, p. 259). Um dos artigos chega mesmo a mencionar que as técnicas “ajudam indivíduos a

acomodar mudanças, experimentadas durante transições de carreira, que desafiam seu senso de mesmice” (Pizzorno et al., 2014, p. 420). Em suma, “ao ficar em sintonia com suas emoções, participantes podem entender melhor a si mesmos, aos outros e aos seus ambientes” (Gladding, 1994, p. 192).

A maioria dos artigos menciona o conceito de *story* ou *storytelling*. Curiosamente, os que explicam melhor são os que não foram incluídos, tornando impossível não mencionar alguns aqui. Um chega a dizer:

Storytelling tem há muito tempo sido usado como ferramenta de apoio para pessoas que experimentaram eventos adversos de vida. Encoraja-os a processar seus sentimentos e emoções sobre um evento, por meio de narrativa. (...) Quando famílias enlutadas engajam em storytelling terapêutico como forma de re-autorar suas histórias familiares após a perda, trabalham de forma colaborativa estabelecendo novos sentidos globais (Roliecki et al., 2017, p. 240).

Essa ideia de que a técnica tem sido usada há bastante tempo chega a ser mencionada por um segundo artigo, que coloca *storytelling* como incrivelmente presente em toda a história humana:

Onde e quando humanos se reúnem, contar e recontar histórias é fundamental para a comunicação. (...) Para a maioria dos eventos, criar e recontar uma história promete uma continuidade simbólica, coerência e transformação à medida que a história se desvela (Rynearson, 2005, p. 351).

Um terceiro apresenta de forma mais poética: “O mundo, o mundo humano, está entrelaçado não por prótons e elétrons, mas por histórias” (Brian Morton citado por Kiser et al., 2010, p. 243). O mesmo artigo define “storytelling ou storying como processo natural no qual famílias se engajam para relatar uns aos outros experiências”, e distingue o termo “narrativa, para inferir uma discussão familiar terapêutica facilitada por um terapeuta” (Kiser et al., 2010, p. 243). Para as autoras, histórias são o ponto de intersecção entre passado e futuro:

Com cada ano de nossas vidas, adicionamos bem mais que meio milhão de minutos a nossos bancos de experiências. Não obstante, ser humano não é simplesmente registrar os detalhes da experiência sensorial, mas organizar aquelas experiências dentro de uma história coesa que nos permita integrar momentos seletos no nosso senso de quem somos. Histórias são usadas para organizar, predizer, e entender as complexidades de nossas experiências vividas (Kiser et al., 2010, p. 243).

As autoras explicam que histórias familiares transcendem histórias individuais, permitindo a compreensão de diferentes sentidos de cada evento familiar, para além da experiência imediata. Sua explicação faz-nos recordar a história mítica grega. Ariadne que, vendo seu amado adentrar o labirinto, cria um sistema de um fio, pelo qual, uma vez cumprida a missão, ele seria capaz de a ela regressar. Porventura será esse o processo: perante os labirintos de desafios que cada pessoa vive em sua respectiva família, as histórias permitem um fio que une a todos em direção a uma meta comum. Nas palavras de um outro artigo, “storying (...) serviu como conduto para lembrar e conectar”, enquanto “se tenta fazer sentido” de uma situação trágica. Essa é talvez a maior contribuição das histórias, e talvez por isso, seja uma “predileção humana, enquanto tentamos fazer algum senso dos eventos significativos de nossas vidas” (Kempson & Murdock, 2010, p. 748).

Somos todos apresentados a histórias quando crianças. Seja por meio de fábulas, contos de fadas ou histórias familiares, elas nos permitem “começar a organizar nosso mundo. Contar histórias torna-se então uma parte integral da vida” (Parker & Wampler, 2006, p. 165).

Nos vários artigos que lemos, muitas formas de *storytelling* foram-nos apresentadas — tanto nos incluídos como nos não-incluídos — e clara a confusão textual entre conceitos, como *storytelling*, biblioterapia ou terapia narrativa. Por exemplo, encontramos uma definição de biblioterapia como “intervenção de auto-ajuda, de leitura de manual baseada em resolução de problema”, ou “programa de auto-aprendizagem guiado por manual, baseada em resolução de problema” (Chien et al., 2016, pp. 152-3). É importante esclarecer que tais livros não foram considerados, no âmbito de nossa pesquisa, já que eles não usam linguagem simbólica. É verdade

que, como dizem Hahlweg e colegas (2008) “livros de auto-ajuda e tratamentos multimídia foram empiricamente testados em cerca de 70 estudos controlados randomizados” (p. 661), contudo essa prática nem sempre demonstra resultados, como no caso que apontou “baixa taxa de participação na leitura dos materiais” (p. 677) por parte de alguns sujeitos da pesquisa, “e portanto reportaram nenhuma mudança em seus dados de ajuste pessoal” (p. 677).

Apesar de não ter sido nosso foco ao lançarmos a pesquisa, não poderíamos de nos debruçar acerca. Por isso, começamos o processo de reflexão terminológica e optamos por considerar *storytelling* como uma técnica ampla que pode operar como uma metáfora. Ou a história em si se torna uma metáfora a ser explorada com os pacientes, ou os processos técnicos utilizados em terapia são processos metafóricos que se conjugam com a contação de histórias, “dado que metáforas são tão penetrantes em linguagem e interações diárias”. As metáforas, se bem utilizadas, podem permitir “acessar associações, recursos e entreter nova experiência” (Parker & Wampler, 2006, pp. 164-165). Podemos considerar uma espécie de “discurso metafórico”. Metáforas são “uma figura ou modo de pensamento”, e não meramente “uma figura de linguagem” (Suter et al., 2011, pp. 246-247):

Ao invés de referir ao uso de linguagem poética ou persuasiva particular, a metáfora como figuras de pensamento refere-se a categorias cognitivas, esquemas, ou estruturas de conhecimento que humanos usam para fazer senso e entender a realidade em geral e fenômenos em particular, tais como vigilância interracial. Metáforas amiúde jogam uma luz sobre bases inconscientes ou implícitas do pensamento e raciocínio sobre fenômenos. (...) As metáforas sustentando nossos sistemas conceptuais manifestam-se em grande parte através das formas nas quais falamos (Suter et al., 2011, p. 247).

Num estudo de Suter et al. (2011), as metáforas aplicadas permitiram observar como mães e pais entendem identidades e posições familiares. Em situação de adoção intercultural, sentiram uma metáfora elogiosa proferida como depreciativa e negativa: “ela é como uma boneca chinesa”. Uma pesquisa anterior sustentava tais elogios como problemáticos, aparentando fetichização da

população asiática, “encorajando suas crianças a definir seu valor próprio primariamente em termos de atratividade, e diferenças conectadas com aspectos físicos que não podem ser alterados”. Em outra pesquisa citada pelo mesmo artigo, notaram que metáforas elogiosas “desafiam os laços entre pais e filhos, já que tais elogios chamam a atenção para as diferenças visíveis entre os dois”. Elogios no processo de adoção intercultural, tais como “que ato maravilhoso e altruísta, adotar esta pobre e órfã criança” criaram uma nova metáfora, também equivocada, de “salvadores e seus filhos como tendo que ser salvos”, transformando “suas intenções subjacentes de adoção internacional – para construir uma família, ao invés de fazer caridade” (Suter et al., 2011, p. 245). Metáforas são facas nas mãos de qualquer pessoa: mal-usadas, podem cortar profundamente; bem utilizadas, podem cortar os ingredientes de uma refeição apetitosa! Em processo de terapia familiar isto torna-se mais sério e impactante ainda. Afinal, “metáforas são (entre outras coisas) modelos para a realidade”, modelos que o terapeuta decide como usar. Tem a ver com “a qualidade da transformação semântica que se acarreta”, “vendo algo que não é familiar e visível, falando à luz de algo que é visível e familiar”, em direção a uma compreensão que troque “sentidos claros e concisos por linguagem ambígua, multinivelada e imaginativa”: “Metáfora é, em sua simplicidade, uma forma de proceder do conhecido ao desconhecido” (Smith, 2017, pp. 744-745). É por isso que não podem ser esquecidas. Por isso uma “metáfora é parte importante da terapia familiar” (Smith, 2017, p. 748).

Há várias formas de usar o processo metafórico. “Há técnicas criativas que metaforicamente acessam informação do casal ou da família em maneiras mais eficientes” (Bruhn et al., 2006, p. 289). No caso da terapia de família (nossa foco), “metáforas experenciais têm sido usadas para ajudar membros da família e para treinar novos profissionais” (Bruhn et al., 2006, p. 286). Em senso mais amplo, permite acessar informação que não é facilmente verbalizada, enquanto facilita “a expressão de emoções” (Bruhn et al., 2006, p. 286). Há distintas formas de usar técnicas nascidas das metáforas, muitas das quais perpassam vários dos artigos selecionados.

- Uma delas é o *brincar*, o que Hanney & Kozlowska, 2002 designa de *brincadeiras não-estruturadas* que, baixa as defesas, encoraja a espontaneidade e permite que “temas tabú” (p. 251) sejam expressos através de fantasias em linguagem simbólica e metafórica (Arad, 2004).
- Podem ocorrer atuações (*role plays*) e *brincadeiras com bonecos diversos* (Hanney & Kozlowska, 2002), *jogos de fantoches* (Arad, 2004; Hanney & Kozlowska, 2002), *brincadeiras de faz de conta* (Arad, 2004) ou até *entrevista familiar de fantoches* (Arad, 2004), em que cada membro da família escolhe um fantoche e interpreta um papel; tudo isso para contar uma história de forma lúdica, ao invés de simplesmente contá-la. Concluída a história, todos os membros da família continuam no personagem para possível análise feita por si mesmos.
- *Exercício artístico familiar estruturado* (Hanney & Kozlowska, 2002), *arteterapia* (Arad, 2004) ou simplesmente o uso da arte (Bruhn et al., 2006; Hanney & Kozlowska, 2002) permite ao desenvolver um senso de “controle, esperança, competência, e maestria”, por meio do qual “sentimentos intoleráveis podem ser externalizados numa forma concreta que pode então ser manipulada, retornada a, e retrabalhada como parte do processo terapêutico” (Hanney & Kozlowska, 2002, p. 41).
- Podem-se encontrar muitos tipos de uso das artes, usando lápis de cor ou outros meios artísticos (Bruhn et al., 2006). Hanney e Kozlowska (2002) mencionam o *desenho*, por meio do qual é possível expressar memórias lembradas e não-lembradas (p. 41). Como nas técnicas acima, “desenhar permite aos clientes expressarem sentimentos e emoções que são de difícil acesso de outro modo, e é assim uma poderosa ferramenta terapêutica” (Arad, 2004, p. 253). Outras ferramentas visuais podem ser úteis, tais como desenhar círculos representando membros da família enquanto, por exemplo, observando-se

tamanhos e distâncias entre eles (Hanney & Kozlowska, 2002). *Moldagem* com massinha ou *colagens* são outras opções possíveis (Bruhn et al., 2006).

- As *esculturas familiares* (Arad, 2004; Bruhn et al., 2006; Hanney & Kozlowska, 2002) possuem também o poder “de metaforicamente apresentar padrões relacionais de formas que não são passíveis de ser colocadas por palavras” (Bruhn et al., 2006, p. 286).

Outras técnicas são mencionadas em apenas um artigo e serão apresentadas a seguir:

- A *pulseira de memória* (Kanewischer, 2013), utilizando miçangas e pulseiras, onde cada miçanga representa uma pessoa (o artigo fala daqueles de quem se sente falta), e enquanto se põe cada miçanga, conta-se uma história associada. A última história/miçanga representa algo pelo qual se é grato: a pulseira metaforiza a presença de cada pessoa e/ou coisas na vida.
- *Cordas* (Bruhn et al., 2006) que demonstram visualmente a conexão entre membros das famílias, permitindo manipulações que podem simbolizar fronteiras, proximidades, padrões e intenções nos relacionamentos. Cada membro da família influencia ao outro, como as cordas que unem a organização familiar.
- A *casa de sentimentos* (Kanewischer, 2013) é uma técnica de desenho de uma casa, onde vários sentimentos podem habitar. Cada sentimento pode viver em um aposento, e nesse aposento, se desenha uma carinha representando o sentimento. O terapeuta pode decidir conversar sobre quanto grande ou pequeno é o sentimento, se/porquê mora em cima ou em baixo, ou num ou outro quarto, e até quem mais pode ter esse sentimento. A técnica permite acessar dinâmicas pessoais e relacionais, usando as histórias dos sentimentos.
- O desenho da *árvore familiar* (Kanewischer, 2013) num grande papel, com seu tronco forte e seus ramos e possíveis pequenas folhas que serão coladas nos ramos. Ao colocar o nome de cada pessoa no seu lugar na família, a técnica permite à criança entender seu lugar na família, um lugar de conforto, apoio e proteção. O autor usa-a com crianças que

foram adotadas, contudo pode ser uma técnica significativa para outros contextos e idades. Se assim desejar, pode-se levar a árvore para casa.

Outras possibilidades encontradas em nossa pesquisa, mas não descritas nos artigos, são *jogos de areia* (Arad, 2004; Bruhn et al., 2006), *jogos de cartas ou tabuleiros* (Arad, 2004) e *arranjos de flores* (Bruhn et al., 2006). Um artigo menciona o uso de “fotografia, música, e palavra falada como forma de capturar as experiências vividas da pessoa e aumentar o entendimento dessas experiências”, mencionando *digital storytelling* como técnica na qual muitas famílias se engajam, de modo a “aumentar sua habilidade de comunicar seus sentimentos”, enquanto “trabalham coletivamente no estabelecimento de novos sentidos familiares globais” (Roliecki et al., 2017, p. 240-1).

É importante que o terapeuta faça também um registro fotográfico da produção de seus pacientes. Apesar de apenas um artigo recomendar (Kanewischer, 2013), especificamente para uma das técnicas, como pesquisadores entendemos que, se possível, a ferramenta deve ser utilizada, permitindo a revisão de dados bem como sua análise para estudos posteriores. Outro elemento mencionado em outro artigo (Arad, 2004), é que algumas técnicas são mais diretivas (como o uso de fantoche), enquanto outras mais espontâneas (como o brincar).

Entretanto, note-se que todas as técnicas acima se fazem munir, de alguma forma, de histórias, especificamente criando histórias como forma de ajudar as pessoas a re-autorarem suas vidas (White, 2012). Nas palavras de Hanney e Kozlowska (2002), “com a ajuda do terapeuta e o uso de story telling, as pessoas podem mudar suas visões sobre si mesmas ao retrabalhar sua história pessoal” (p. 42), ou até “re-escrever a história do cliente para encaixar com um conto mais heróico” (p. 43). São atividades que permitem às pessoas encontrarem suas vozes e, assim, “podem tomar conta de suas próprias histórias”. Um artigo nos deixa inclusive o desafio de tornar as muitas histórias uma só história, quando “famílias unem suas vozes para co-construir uma história”. Mas

tudo isso só se é possível se o terapeuta demonstrar “confiança e compromisso”, já que as pessoas não estão ainda seguras do que se espera delas (Androutsopoulou, 2001, p. 82).

Um dos artigos (Kiser et al., 2010) menciona o conceito de *shared frame*, arcabouço compartilhado, dentro do qual se “co-constroem histórias coerentes”, cada uma das quais encaixando “com o propósito e as aspirações da família” (p. 245) numa história familiar coerente que permite compreender eventos e situações do passado, enquanto se observam e contam histórias sobre esses episódios:

Ao fazer tais conexões, a família entrelaça cenas discretas por todo o ciclo familiar para explicar quem são (...). Através de coerência temática a família desenvolve um tema dominante que se torna central para a linha da história [*storyline*] familiar. Dessa forma, a história contada confirma paradigma, valores e mensagens familiares compartilhados (Kiser et al., 2010, p. 246).

Só assim, diversos passados conectados a um presente único podem se conectar à visão singular de futuro guiado por uma identidade familiar compartilhada. Este arcabouço ou quadro, uma vez compartilhado não mais pertence a um membro da família, sendo algo compartilhado por todos, criado ou estabelecido por essa conjunção de histórias distintas. Kiser et al. (2010) estabeleceram esse fio condutor como aquele que dita o sentido das experiências, inclusive daquelas que não estão totalmente claras na história contada, assim como os sentidos dos caminhos divergentes ou seus finais alternativos. De acordo com eles, agilidade é a capacidade de desvendar esses trechos não contados das histórias, e a agilidade na contação de história, “provê às famílias a oportunidade de reconhecer e imaginar alternativas para suas histórias familiares dominantes, supor

de que outras maneiras poderiam ter sentido ou o que mais poderiam ter feito” (p. 245)<sup>8</sup>. Durante o processo, as famílias entendem a existência de “múltiplas realidades, múltiplas verdades” (p. 247), o que faz as vidas, consequentemente, *multi-historiadas*, devido às muitas histórias sendo vividas em simultâneo. Outro artigo (Pizzorno et al., 2014) menciona *narrativas concorrentes*. Tais narrativas não seriam necessariamente positivas ou negativas, mas podem “indicar um jogo de poder, confundir os adolescentes, mas também enfrentar a cristalização e colocar em marcha um processo de individuação” (Pizzorno et al., 2014, p. 429). Nenhuma das pequenas histórias ou *micro-narrativas*, como Pizzorno e colegas (2014) chamariam, é “livre de ambiguidade ou contradição e nenhuma história pode encapsular ou lidar com todas as contingências da vida” (Kiser et al, 2010, p. 247). Assim, “histórias familiares agem tanto para transmitir sentido como para guiar famílias em direção a um consenso entre seus membros no que tange ao sentido” (Kiser et al, 2010, p. 245).

Em suma, histórias ou narrativas coerentes devem conectar as várias histórias de forma articulada, envolvendo temporariamente a sequência de eventos, e prover sentido semântico aos acontecimentos. É importante notar que a “falha em formar uma narrativa coerente de eventos

<sup>8</sup> De certa forma, assemelha-se a uma técnica comum em criadores de histórias. Stephen King (2015) fala de uma “telepatia de verdade” (p. 95) e descreve a seguinte cena:

Olha, aqui temos uma mesa coberta com um pano vermelho. Nela está uma gaiola do tamanho de um aquário pequeno. Na gaiola está um coelho branco de nariz e olhos rosados. Nas patas d frente está um toco de cenoura que ele rói alegremente. Nas costas, escrito em tinta azul, está o número 8. Nós vemos a mesma coisa? Precisaríamos nos reunir e conversar para ter certeza absoluta, mas acho que sim. Claro que haveria as variações necessárias: alguns receptores verão um pano vermelho-vivo, outros, vinho, e outros mais verão tonalidades distintas. (Para daltônicos, a toalha de mesa vermelha tem a cor de cinzas de cigarro.) Alguns verão bordas franzidas; outros, tudo liso. Almas mais decoradoras podem incluir alguns laçarotes. Fiquem à vontade — minha toalha de mesa é sua toalha de mesa.

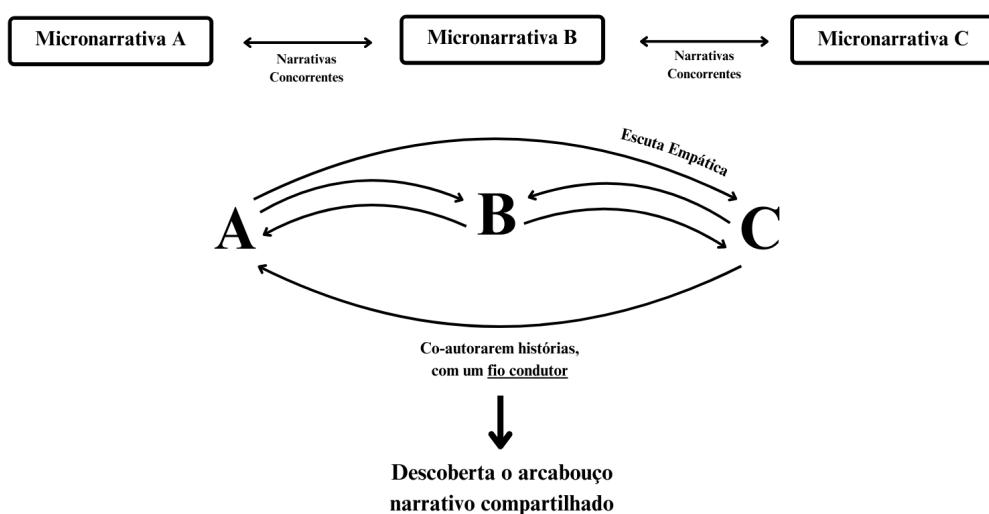
Da mesma maneira, o material da gaiola deixa muito espaço para interpretação. No mínimo, ela foi descrita com uma comparação tosca, que só é útil se eu e você vemos o mundo e medimos as coisas nele com um olhar parecido. É fácil ser desleixado ao fazer comparações toscas, mas a alternativa é uma excessiva atenção aos detalhes que tira toda a diversão da escrita. O que eu deveria dizer, “na mesa tem uma gaiola de 1 metro de comprimento, 60 centímetros de largura e 36 centímetros de altura”? Isso não é prosa, é um manual de instruções. O parágrafo também não diz de que material é feita a gaiola. Telas soldadas? Vigas de ferro? Vidro? Mas isso realmente importa? Todos entendemos que dá para ver do outro lado da gaiola; nada além disso importa. A coisa mais interessante aqui é nem o coelho que rói a cenoura, mas o número que ele traz nas costas. Não é um seis, nem um quatro, nem um 19,5. É um oito. É para isso que estamos olhando, e todos sabemos. Eu não disse a você. Você não me perguntou. Eu jamais abri minha boca, e você jamais abriu a sua. Nós não estamos nem no mesmo ano, quando mais na mesma sala... mas estamos juntos. Estamos próximos.  
Um encontro de mentes (p. 95).

Esse *encontro de mentes* é o quadro compartilhado, que permite que (1) não se contem elementos desnecessários, (2) cada um possa preencher as lacunas da forma que achar adequado e (3) todos estarem olhando para o mesmo. Na história de King para o número desenhado nas costas do coelho, nos pacientes para o seu futuro em comum.

traumáticos impacta relações de apego na família, impede resolução de trauma, e torna mais possível a repetição do ciclo de abuso” (Hanney & Kozlowska, 2002, p. 41). Esse aspecto disruptivo de eventos traumáticos ocorre na medida em que afetam negativamente as habilidades de contar histórias dentro de um quadro compartilhado, impedindo também o encontrar sentido nas histórias (Kiser et al., 2010). Desta forma, torna-se papel do terapeuta ajudar a família a observar, como que distante, o processo. O contar da história traumática pode levar a família a reviver a experiência ou compreendê-la de outro ângulo. Por isso, o terapeuta deve facilitar na família processos de *escuta empática*, capacitando-os a estar em sintonia e considerar a perspectiva dos demais membros. O próprio ato de contar histórias é uma excelente ferramenta para isso (Kiser et al., 2010). Por meio dela, o terapeuta pode permitir que pedaços das histórias de cada membro se tornem elícitos e permitir-lhes coerentemente integrar essas histórias numa jornada que fazem juntos. A figura abaixo tenta sistematizar visualmente essa ideia de arcabouço compartilhado.

**Figura 4**

*Arcabouço compartilhado das histórias em famílias*



As famílias têm membros com micronarrativas que concorrem entre si, mas perante uma escuta empática, podem, seus membros, juntos, co-autorarem histórias para a família como um todo, e assim, descobrir um arcabouço narrativo compartilhado.

A seguir apresentamos algumas das diversas técnicas que permitem às histórias atingir tais metas.

- A primeira, podemos chamar de *Therapeutic Storytelling*. Trata-se de uma “abordagem [que] envolve o uso de múltiplas histórias embutidas” (Parker & Wampler, 2006, p. 156), e almeja desvendar e focar em recursos narrativos armazenados. Usando-a, o terapeuta conta duas histórias, a primeira, visualizando a mudança em atitude, é interrompida para contar uma segunda história que conduz o cliente a experimentar uma emoção específica. Terminada a segunda, o terapeuta regressa à primeira para finalizá-la. Entretanto, o terapeuta pode abordar outros materiais que considere poderem contribuir com a mudança terapêutica; e em outras sessões, poderá revisitar a história se considerar necessário.
- Outra técnica, designada *Self Characterization*, é uma adaptação de *Family Characterization Sketch* (Androutsopoulou, 2001). Permite às pessoas descreverem-se de duas formas: como estavam antes e como se imaginam após o processo terapêutico (imediatamente após e/ou em 5 ou 10 anos no futuro). Para isso, os pacientes são convidados a, durante a sessão, escrever sobre sua família, como se fosse alguém externo que os conhecesse bem — é ideal escrever na terceira pessoa, o que traz certo distanciamento e um senso de segurança. A partir das diferenças entre as histórias, podem emergir construtos que permitam uma leitura, não da identidade dos envolvidos mas, as formas pelas quais se pode ver sentido nas situações; no que tange aos pontos de interseção entre as histórias, é importante notar aqueles esquecidos ou ignorados pelos contadores, já que podem provocar sensações de negligência ou traição. A ideia,

porventura semelhante ao conceito de arcabouço, é buscar aquela voz comum de toda a família, que permite que todos saibam e entendam como agir em contexto específico. Muitas vezes, no entanto, um membro da família fala com a voz de outro membro, mencionando como a pessoa se sentiria em dada circunstância, afirmando-se como possível voz dominante da família.

- No caso de crianças que, por qualquer motivo, não sabem escrever, três opções são apresentadas por Hanney e Kozlowska (2002): *StoryGame Drawing*, *Livro da Vida* e *Livro Alfabeto*. Apesar de se tratarem de técnicas distintas, todas articulam desenho com histórias, com a principal diferença na primeira que não agrupa as histórias num *livro*. Nela, a criança desenha imagens e vai contando a história do que está desenhando, enquanto na segunda e na terceira a criança desenha, em páginas de um livro inventado, as cenas que vai contando. A terceira, especificamente, convida a criança a desenhar algo associado a cada página, que contém uma letra do alfabeto. O livro é co-construído pelo terapeuta e pela criança, perpassando vários eventos narrativos, desde o nascimento; e como se trata de um processo de terapia familiar, a família participa, tanto contando histórias como pintando e desenhando junto — sempre respeitando os limites do desenho do outro (não sendo permitido corrigir ou modificar os desenhos dos outros). Isso “ajuda a criança a sequenciar eventos temporais e explorar sentimentos e factos associados” (p. 42). A família pode também negociar e dialogar sobre a forma de usar cada página. Os livros podem ser álbuns, com fotos ou desenhos, ou cadernos, incluindo cartas e documentos que a criança considere oportuno incluir; podem ser usadas folhas A1, dobrando-as como se assemelhassem um livro. Recomenda-se sempre iniciar com eventos não-traumáticos para que possa ser associado a uma experiência aprazível, e cada história pode ser revisitada a qualquer momento, sendo possível interromper o processo para, por exemplo, buscar mais informações. Os autores descrevem como a

experiência ajudou a lidar com as emoções individuais, a melhorar as habilidades comunicacionais, ou ainda conduzir cada membro da família a reconhecer e compreender sua própria identidade pessoal, permitindo inclusive acessar memórias e, portanto, clarificá-las ou encontrar seu sentido. Apesar do foco poder parecer estar na criança, a técnica permite toda a família a reconectar e compreender aspectos até então desconhecidos.

- Uma técnica semelhante é *My Story*, descrita por Kanewischer (2013), que pode ser executada em sessão ou em casa. Neste caso, solicita-se que a criança conte sua própria, enquanto desenha ou pinta, e o terapeuta anota as próprias palavras da criança. Seu diferencial é que, no começo da sessão seguinte, cabe ao terapeuta ler as palavras para que todos as ouçam e a criança possa acrescentar algo, caso deseje.
- Outra técnica que podemos designar de *Finais Alternativos* ou *Pior cenário possível* é abordado por Kiser e colegas (2010). Os autores convidam as pessoas a pensarem em finais alternativos, contando o que poderia ter ocorrido ao invés do que de facto ocorreu. Seu objetivo é permitir um caminho que mostre o contrário do evento traumático e seus resultados, diminuindo sentimentos possivelmente vistos como negativos, como a culpa pelo falecimento de algum ente. Essas novas narrativas podem incluir histórias que iluminem de outra forma o processo, focando em valores, aspirações, desejos e sonhos familiares<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> A praticidade da técnica torna-se evidente quando conglomerados cinematográficos e literários criam possibilidades de universos paralelos, onde os protagonistas não passam por certos incidentes, mas por outros. Veja-se o caso da série *What If...?* (Bradly, 2021) que convida a imaginar como seria o universo se um herói tivesse passado uma experiência e não por outra. Um caso mais clássico é o filme *It's a Wonderful Life* (Capra, 1946), no qual o protagonista deseja nunca ter nascido e experimenta um mundo onde ele não existe! Por outro lado, a série *This is Us* (Fogelman, 2016) na qual duas personagens, um casal, têm um jogo no qual imaginam qual seria a pior coisa que poderia ocorrer perante suas decisões. Por fim, em tom mais poético, pode-se citar *The Road not taken* de Robert Frost (1915), no qual o poeta/protagonista vive numa encruzilhada em que deve escolher uma das duas estradas, escolhendo a menos viajada, uma escolha que faz toda a diferença — alguém que ouve/lê a história pode pensar em como são suas escolhas em cada uma das estradas e como sua vida seria distinta.

Algumas técnicas colocam o paciente quase no centro do processo, conferindo-lhe o papel de facilitador do processo de reflexão. Outras, como as que se seguem, colocam o terapeuta como alguém envolvido na criação e contação da história.

- Richard Gardner, conforme apresentado por Beyers e colegas (2018), apresentou o *Mutual Story Telling Technique*, uma técnica não muito distante da anterior, na qual o terapeuta, ouvindo a história de origem do paciente designado, oferece outra versão narrativa — embora similar em termos de personagens e cenário — para que, entre outras coisas, uma nova, mais madura e saudável, resolução possa emergir.
- Beyers e seus colegas (2018) apresentam também a técnica do *Teddy Bear* que, conforme eles explicam, é um “processo de storytelling mútuo entre terapeuta e criança acerca de um urso de pelúcia [teddy bear] que está enfrentando as mesmas dificuldades que a criança” (p. 450). O processo começa primeiro escolhendo um urso de pelúcia, cujo nome é escolhido pela criança. Em seguida, o terapeuta propõe um cenário (geralmente uma floresta) no qual animal reside (macho ou fêmea conforme escolha da criança) e um contexto representando os motivos que levaram a criança ao processo terapêutico. O terapeuta continua oferecendo cenários, com rotinas familiares do urso (rotinas obtidas a partir de diálogos com os pais). A história, talvez mais que as anteriores, envolve elementos criativos e fantasiosos a tal ponto que, quando questões, problemas ou desafios emergem na história, devem parecer ser do urso e não da criança que, de facto, se sente empoderada em ajudar o ursinho a resolver seus problemas.
- A *Animal Attribution Story-Telling Technique* (Arad, 2004) “deseja integrar o mundo dos símbolos e metáforas ao mundo de experiência por modelação de fantasias alternativas a stress da vida real” (p. 253). A técnica é usada para crianças disruptivas e não-cooperativas e sua implementação ocorre quando cada membro da família atribui um animal a todos os membros da família (incluindo a si mesmo) e conta uma história que

inclua todos os animais, e não as pessoas; e quando esquecem ou confundem algo, ninguém as corrige. Ao final, cada um oferece um título e uma moral à história por si contada (após verificar se as crianças sabem o que é uma moral de história). Como algumas das técnicas acima, ela permite entender dinâmicas familiares, externalizando e esclarecendo sentimentos, emoções e crenças que possam existir. Algumas pessoas podem até escolher animais ofensivos (como no caso de um pai que escolheu uma barata); quando a criança faz isso, recomenda-se orientá-los de modo a que o insulto seja sentido como elogio: afinal, só uma criança que se sente amparada e segura se atreveria a escolher um animal assim, e quando os outros enxergam positivamente, a família está demonstrando comportamento de maior aceitação da criança.

Outro estilo de aplicação dos elementos do *StoryTelling* no contexto da clínica familiar são-nos mais próximos em nossa prática clínica. Apesar de apresentados por Peseschkian (1996b) como “histórias, fábulas, e mitos” (p. 262), *therapeutic stories* podem ser contadas aos pacientes, de duas formas:

- O primeiro, trazido por Smith et al. (2015), são os *filmes* prescritos pelo terapeuta, que como nas outras técnicas mencionadas, deve estar preparado para ajudar as famílias e discutir processos familiares tocados pelas narrativas dos filmes. Filmes tendem a gerar conversas entre espectadores sobre personagens, suas percepções e ações. Peterson e Twist (2017) citam possibilidades de filmes como *Artificial Intelligence* (Spielberg, 2001), *Ex Machina* (Garland, 2014), *EDtv* (Howard, 1999), *Her* (Jonze, 2013) e *Sleepless in Seattle* (Ephron, 1993), mas a verdade é que incontáveis filmes podem ser usados. De nossa parte, já utilizamos *Spider-Man* (Raimi, 2001), *The Dark Knight* (Nolan, 2008) e *Malcolm & Marie* (Levinson, 2021), para citar alguns. O importante, como dizem Peterson e Twist (2017), é que quem assiste sinta que a “história é em alguma medida a história de todos nós” (p. 371).

- O segundo é o uso da *literatura*, que, segundo Gladding (1994), “é uma forma sistemática, versátil e palatável de prover informação acerca de aconselhamento familiar” (p. 191). O autor traz a literatura em contexto de formação de futuros terapeutas familiares, já que não têm acesso à diversidade de relações familiares, mas seu pensamento também se aplica ao contexto clínico: “Apesar de seu uso histórico como meio de ajuda, a literatura é sub-utilizada” (p. 192). Em sala de aula, a literatura permitiria aumentar a ciência de alguns processos, melhorar o entendimento de dinâmicas familiares, e promover insights e compaixão objetiva, que dificilmente seriam possíveis na vida diária e pessoal de cada um.

Algumas pessoas, no entanto, enxergam essas possibilidades em um formato apenas ou, porventura, utilizam apenas um nome para todas as possibilidades: *biblioterapia*. Embora possa ter nascido da leitura terapêutica de livros literários, muitos usam o termo referindo-se a livros técnicos e de auto-ajuda. Aaron Beck et al. (1979) chegam a dizer que “livros e artigos têm alta credibilidade para alguns pacientes” (p. 284). O propósito da técnica é visto como:

- (a) compartilhar informação, (b) prover insight, (c) começar discussão sobre problemas, (d) demonstrar novas atitudes e valores, (e) mostrar que outros têm problemas similares, e (f) mostrar soluções aos problemas (Kanewischer, 2013, pp. 70-1).

Ademais, enquanto alguns autores (Kierfeld et al., 2012) podem afirmam que “o uso de biblioterapia em crianças tem sido bem documentado” (p. 554), outros indicam clara preferência para contextos infantis:

Livros oferecem uma variedade de informação que é de ajuda para crianças. Livros são especialmente úteis com crianças porque oferecem uma forma de engajar num processo de construção de relacionamento enquanto também relatam sua experiência. Livros são uma forma de promover cura para crianças (Smith, 1989). Ao trabalhar com crianças, a biblioterapia tem sido usada para ajudar crianças que experienciam divórcio parental, um genitor doente ou moribundo, bullying, abuso, adoção, mudança de tutela, pais com abuso de drogas ou álcool, família socioafetiva [blended family], e ansiedade (Pardeck & Pardeck,

1993). Livros podem oferecer às crianças formas de refletir sobre sua própria experiência, ver exemplos de comportamentos positivos, expressar emoções, e desenvolver competências de pensamento crítico (Timmerman, Martin, & Martin, 1989). Biblioterapia pode ser vista como uma forma das crianças desenvolverem novas competências e aprenderem a partir de experiências que são diferentes daquelas às quais têm sido expostas na vida diária (Kanewischer, 2013, pp. 72-3).

No entanto, a biblioterapia pode ser utilizada por qualquer pessoa, a qualquer momento. Kierfeld et al. (2012) mencionam maior engajamento terapêutico das famílias, devido à auto-observação e à sensação de empoderamento, além da economia de tempo e dinheiro.

Além disso, nunca é demais recordar que “experimentando vicariosamente crises familiares em livros, peças ou dramatizações”, não só os terapeutas “adquirem insight sobre a linha de raciocínio que os membros da família atravessam ao criar ou resistir à mudança” (Gladding, 1994, p. 193), como também as famílias se mostram capazes de olhar para si mesmas e compreender essa realidade. Ou, nas palavras de Peterson e Twist (2017):

A importância de histórias e filmes populares na prática clínica passa amiúde sem reconhecimento, mas pode ser uma ferramenta poderosa pela qual treinar educadores e terapeutas, sobre como trabalhar com vários gêneros de sistemas relacionais (...) Adicionalmente, histórias e filmes podem servir como caminho de acesso para melhor entender a cultura de um cliente, apresentando preocupações e narrativas relacionadas, bem como potenciais soluções para seus problemas (p. 367).

O envolvimento de personagens e ambientes multidimensionais de uma história bem contada ressalta valores que conduzem aqueles que recebem a história a “reagir perante a literatura de forma preocupada, mas objetiva” (Gladding, 1994, p. 193). Nesse processo é possível apenas ler, ou assistir, ou interpretar as cenas e ainda analisar as famílias fictícias, apresentadas em suas complexidades e dinâmicas e, para isso, o facilitador do processo — que Gladding (1994) define como o professor em sala de aula instruindo futuros terapeutas de família, mas pode também ser o

próprio terapeuta em processo de terapia familiar — tem que se preparar melhor, e os recipientes — estudantes ou famílias — devem reconhecer seus *modus operandi* e aceitar o uso de tais artes no processo (Gladding, 1994). Talvez por isso tenhamos encontrado uma pesquisa (Parker & Wampler, 2006), mencionando que terapeutas sentem “as sessões como mais profundas quando storytelling é usado, também as descrevem como menos suaves” (p. 163). O pregaro e a capacitação prévia parecem ser fundamentais para o sucesso! Por outro lado, Kierfeld et al. (2012) mencionam que biblioterapia gerida por pais “tem demonstrado incrementar competências parentais e reduzir comportamento opositor, disruptivo, agressivo, e hiperativo da criança” (p. 554), se os pais forem pessoas bem instruídas. Isso parece indicar que, mesmo percebendo a relevância das técnicas aqui trazidas, terapeutas e famílias necessitam possuir algum nível de domínio sobre elas.

No geral, “clínicos têm reportado o sucesso de storytelling terapêutico no tratamento de crianças numa miríade de problemas” (Painter et al., 2008, p. 63), assim como “famílias com outros problemas apresentados, e até casais” (Arad, 2004, p. 262). Técnicas que utilizam histórias como principal ingrediente permitem a diminuição de níveis de stress parental (Painter et al., 2008), aumentam competências parentais, reduzem comportamentos disruptivos, agressivos e hiperativos dos filhos e são “especialmente úteis para problemas psicológicos leves ou moderados” (Kierfeld et al., 2012, p. 555), e podem ainda ajudar populações não-traumatizadas a entenderem os contextos nos quais seus sintomas emergem e como a família interage, ajudando-a a lidar com sintomas comportamentais ou emocionais específicos (Hanney & Kozlowska, 2002). Segundo Painter e colegas (2008), a técnica permite ainda:

a transmissão de conhecimento familiar e cultural, a expressão de sentimentos, a relação com informação pessoal, e a comunicação de valores e conhecimento (Aurela, 1987; Brems, 1993; Hughes, 1995; Pellowski, 1977). Além disso, histórias podem ser usadas para explorar e descobrir soluções para problemas e dilemas com os quais podemos ser confrontados no desenvolvimento normal (p. 48).

Há ainda muito a se escrever especificamente sobre a utilização de livros, ou biblioterapia. Qualquer que seja a roupagem da história, seja contada, expressa ou lida, ela se torna “meio pelo qual as pessoas organizam e comunicam sentidos de eventos e experiências” (Androutsopoulou, 2001, p. 80):

Um dos intemporais e universais propósitos dos mitos é prover explicações significativas e oferecer guias para lidar com os dilemas existenciais mais básicos de todos: nosso desamparo em nos confrontarmos com o nosso morrer (...) Contar e interpretar esses mitos destaca um tema reconstrutivo que tem utilidade restauradora para perda de membros da família num labirinto auto-criado de recontação (Rynearson, 2005, p. 355).

As histórias têm, portanto, conexão implícita com temas existenciais como a vida e a morte, e o sentido de ambas. E quando contadas, carregam em si o sentido do que se sente e se sabe, na forma de conhecimento e/ou tradição numa família ou cultural. Isso porque as histórias carregam símbolos na memória formados a partir de nossas experiências (Arad, 2004), nutrindo assim curiosidade, criatividade, senso de busca e comunicação. E, assim sendo, elas possuem *funções específicas*<sup>10</sup>.

- Porventura a primeira função das histórias seja compreender o mundo cultural dos pacientes e integrá-los na terapia. Como Hahlweg e colegas (2008) nos recordam, é necessária uma visão competente, jamais assumindo saber tudo acerca da realidade cultural do outro. Talvez escutando as histórias que a pessoa traz, seja possível encontrar esse conhecimento.
- Outra função primaz das histórias é, nas palavras de Gold (citado por Gladding, 1994), oferecer um “novo e inovador arranjo de informação (...) para que haja uma mudança cognitiva na forma como se vê o mundo” (p. 94). Aqui, elas assumem-se como filtros

---

<sup>10</sup> O conceito *funções das histórias* advém do psiquiatra radicado na Alemanha, Nossrat Peseschkian (2016B). Para ele, as histórias possuem funções terapêuticas específicas. Em outro momento, sua teoria será apresentada; aqui, optamos analisar os artigos, e tentamos oferecer o que cada artigo pode estar concebendo como função das histórias. Então, tentamos oferecer uma nova perspectiva sobre a matéria.

(ainda que temporários) que derrubam barreiras e permitem abandonar ideias, convicções e mitos. Há uma espécie de mudança de referências, na qual Hahlweg et al. (2008) mencionam a aceitação dos problemas, a sua re-estruturação cognitiva e até a emergência de soluções criativas, recomendando acompanhamento posterior. Ao escutar as histórias, as pessoas podem se surpreender e descobrir em si um processo de busca por soluções.

- Por fim, Bruhn et al. (2006) mencionam as “múltiplas modalidades sensoriais (visual, auditiva, cinestésica e/ou táctil)” (p. 286), que possivelmente incrementam a abundância de imagens nas histórias, e, por sua vez, convida os receptores das histórias a nelas enxergarem suas necessidades, sentidos e sentimentos projetados. Parker e Wampler (2006) falam do cliente se identificando com o protagonista e experimentando mudanças emocionais, e Pardeck (1996) fala que podemos identificar com muitos dos problemas descritos, e que tais identificações facilitam a terapia. Elas reproduzem conflitos e revelam possíveis soluções e, por isso, os receptores das histórias aprendem estratégias de enfrentamento e solução para suas situações ou desafios, a partir das diversas interpretações e possíveis conexões com a situação real. Peterson e Twist (2017) relatam como casais recuperaram de episódios de infidelidade após assistirem um filme específico. O processo conecta o receptor aos personagens da história (Hahlweg et al., 2008), estabelecendo semelhanças (Hahlweg et al., 2008) e/ou focando em tais relações (Bruhn et al., 2006), enquanto permitem o aprendizado de técnicas de pensamento positivo (Hahlweg et al., 2008) e a expressão de emoções sobre experiências pessoais (Hahlweg et al., 2008; Bruhn et al., 2006). Aqui, basicamente, as histórias tornam-se modelos e espelhos que refletem ou podem refletir realidades distantes da vivenciada, apesar de terem elementos comuns, alimentando o que podemos chamar de distanciamento, o que se torna ainda mais relevante na medida em que permite uma conexão à narrativa, mas desde uma perspectiva não tão próxima que impeça ver o reflexo.

## Discussão dos Resultados

Segundo Arksey e O’Malley (2005) há algumas razões que se devem almejar, quando se executa uma revisão de escopo, tais como (1) o mapeamento do campo de estudo, explorando a extensão, a abrangência e a natureza do tema pesquisado, (2) a síntese e difusão de resultados da pesquisa para que, entre outras coisas, se apoie a criação de políticas públicas, e (3) a identificação de lacunas na literatura existente. Viemos a perceber a ausência de estudos neste campo; afinal de contas, havia 11 artigos num intervalo de tempo de 28 anos! Deveras, histórias narrativas e outras técnicas similares existem dentro do arcabouço clínico, mas raramente no contexto de terapia familiar. Essa informação é tão flagrante que o campo sequer tem uma ideia clara sobre como escrever termos ou o que significam. Notemos, por exemplo, como a ideia de contar uma história (ou múltiplas histórias) é escrito: por vezes com duas palavras (*story telling*) e outras como uma palavra só (*storytelling*); por vezes com a inicial *S* maiúscula enquanto outras com ambas as iniciais *S* de *story* e *T* de *telling* maiúsculas<sup>11</sup>. As técnicas não são claramente descritas, deixando muitas dúvidas sobre o que elas realmente significam. Assim, o maior de todos os riscos que enfrentamos foi na seleção de artigos. É indubitavelmente possível termos equivocadamente excluídos alguns artigos. Sabendo da riqueza de alguns dos não-incluídos e que a seleção de técnicas pode ter sido comprometida pelas diferenças nas terminologias, viemos a utilizar artigos, sempre que consideramos a possibilidade de oferecerem novas perspectiva e conhecimentos para a pesquisa.

Também verificamos que cinco das técnicas apresentadas eram simbólicas, e estavam presentes em mais que um artigo e que, em certa medida usam histórias, quatro explanadas em um artigo apenas, e três tiveram sua existência apenas mencionada, sem qualquer explicação adicional. Encontramos também um total de 10 técnicas diretamente relacionadas com o nosso escopo, cinco das quais usam os pacientes como os únicos contadores de histórias, três são processos mistos, nos quais os terapeutas participam, e duas que implicam uma receptividade das histórias que são

---

<sup>11</sup> Para tornar esse ponto mais visível, ao longo do texto optamos por usar a terminologia em inglês.

contadas por terceiros (um escritor ou diretor de cinema), o que assinala que podemos ocupar diferentes posições no que tange a histórias.

É importante trazer à tona que a principal força desta revisão sistemática se encontra em possivelmente ser a primeira revisão que associa histórias e terapia familiar. Se não fosse, os pesquisadores teriam, na busca, possivelmente encontrado alguma revisão. Ainda assim, esse pode não ser o caso, uma vez que existem vários livros no mercado oferecendo análises de qualidade. A pesquisa, não obstante, optou por focar na literatura acadêmica em formato de artigos — foi uma decisão do seu desenho e, como tal, terá suas vantagens e desvantagens, entre as quais a seleção de estudos com boa qualidade científica e de escrita, junto a outros que carecem dessa mesma qualidade. Adicionalmente, podemos considerar que nem todos aqueles que trabalham com histórias em contexto terapêutico estejam publicando suas descobertas.

Consideremos ainda alguns pontos comuns aos vários artigos:

- De modo a utilizar a técnica, ela deve ser considerada aprazível. Esta é a razão pela qual muitos artigos recomendavam que as histórias fossem contadas em momentos de baixa ansiedade ou de bom humor, para posteriormente introduzirem-se temas desafiadores em momentos de mais intensidade emocional.
- Os participantes devem sentir-se partícipes e protagonistas do processo, de forma a que suas contribuições jamais sejam desconsideradas pelo terapeuta ou outro membro da família (seja corrigindo a história, criticando análises, ou desenhando no espaço do outro), de tal modo que uma perspectiva mais livre possa emergir e se encontrem capazes de melhor comunicar uns com os outros. É importante que todas as pessoas envolvidas aprendam a suspender seus julgamentos e aceitar o que vier a ser incluído no processo.
- A criação de um fio condutor que une as várias narrativas, ou os diferentes elementos da mesma narrativa. Alguns autores mencionam a criação ou co-construção de um tema (Pizzorno et al., 2014) ou ideia central (Kiser et al., 2010); somente possível se todos

tiverem a habilidade de escutar e apreciar uns aos outros e suas contribuições no processo. Por vezes, a meta é alcançar um nível de escuta e apreciação e a ideia central torna-se um exercício-meio para esse fim; outras vezes, escuta e apreciação são o meio para o fim, que é a descoberta ou definição desse tema.

A história dos construtores a seguir é um excelente exemplo:

Conta-se que um jovem, viajando pela Itália, vê o que considera ser três homens fazendo o mesmo. Inquirindo-os sobre o que estariam fazendo, o primeiro, bem mal-humorado e com uma cara cansada, como se tivesse mordido um limão azedo, responde rispidamente: *você não tem olhos? estou batendo numa pedra!*. O segundo, que parecia não estar cansado, mas tampouco tinha cara de muitos amigos, respondeu *nada de mais, apenas fazendo uma parede*. Já o terceiro, sorridente e animado, como que se dançando enquanto batia em cada pedra, quando questionado, respondeu com um sorriso que nascia numa orelha e terminava na outra e seus olhos brilhando: *eu? estou colaborando para a construção da catedral da cidade*<sup>12</sup>.

O processo utilizado por essas técnicas é um convite a isso mesmo: que cada um coloque, apesar das emoções que possa estar sentindo, a sua colaboração na construção; e, por vezes, os membros participantes da família vejam se, juntos, ergueram uma catedral, a catedral de suas vidas!

Nas palavras mais elegantes de Kiser et al. (2010), “as histórias das pessoas não são neutras mas parciais, contadas do ângulo de visão do proprietário da história” (p. 245). E esse é porventura o poder real das histórias contadas e ouvidas em contexto terapêutico: mover em direção, não de uma cura, mas de uma colaboração, co-labore, trabalho conjunto, onde todas as pessoas são aceites e compartilham trabalhos e esforços coletivamente.

Se famílias trabalharem juntas criando uma história única, participantes podem mais facilmente focar na experiência coletiva da família, e podem melhor entender como a experiência individual é parte de um todo mais amplo. No entanto, pode ser desafiador assegurar que todos os membros da família tenham uma voz na criação da história, e os membros da família podem necessitar apoio em reconciliar versões conflitantes dos

---

<sup>12</sup> Esta história pertence ao repositório de histórias do autor da Tese, sendo sua origem de difícil certeza.

mesmos eventos. Se membros da família criam histórias individuais, é mais fácil assegurar que todos participem e sejam ouvido, mas podem demandar mais redirecionamentos para focar como a perda afeta a família como sistema social distinto (Roliecki et al, 2017, p. 242).

É sobre o uso de ferramentas para se compreender *como* ocorre o processo e não *o que* ocorre. Pode parecer que é apenas um trocadilho e que a técnica é tão simples quanto ouvir um paciente abordando suas questões. Mas o que acontece é que *como* se contam as histórias, como ocorrem as pausas, os silêncios, as interrupções, a ordem da narrativa se torna tão ou mais importante que *o que* é dito; isso porque as famílias trazem seus conteúdos (*o que*) e sua visão sobre o sentido dos conteúdos (*como*).

Assim, o terapeuta torna-se um arqueólogo explorando sentidos entre os escombros de narrativas, muitas vezes soltas e desconexas, algumas das quais se encontram na superfície e outras nas profundidades, escavando por entre omissões e possíveis paradoxos e até descobrindo histórias inimagináveis. Tal como o arqueólogo, é necessária capacitação técnica, científica e profissional, e um pensamento imaginativo para saber *como* procurar as narrativas perdidas. Como Bruhn e seus colegas (2006) diriam, há apenas uma limitação real para o terapeuta: a sua imaginação.

## **Conclusão**

Ainda que não tenhamos focado nossa seleção em artigos abordando políticas públicas, somos instados a pensar nelas. Afinal de contas, uma das razões para fazer uma revisão de escopo é sintetizar conhecimento e apoiar a disseminação de resultados de pesquisa, de modo a apoiar a criação de políticas públicas. Então, viemos a notar que ao menos um artigo mencionava que a utilização das técnicas aqui exploradas traria economia de recursos financeiros e de tempo. O que nos leva à questão: Porquê então não temos políticas públicas que invistam em capacitar profissionais de terapia familiar em tais técnicas? Ao mesmo tempo, vemos que pacientes as aceitam e elas funcionam! Novamente, porquê não há investimentos em tais técnicas?

Talvez pesquisas futuras, ou mesmo o avançar da presente Tese, nos permitam apresentar elementos necessários para a capacitação de profissionais. Talvez seja necessário descobrir redes de profissionais que trabalhem com tais técnicas e instigá-los a interagir uns com os outros e publicar seus estudos de caso. Talvez docentes universitários devam acessar tais pesquisas e até convidar seus alunos a explorarem o campo das histórias. Talvez a Psicologia, como ciência, possa se abrir ainda mais a relações com outras áreas de conhecimento, como literatura, cinema e até jornalismo, para avaliar outras formas de se contarem narrativas.

Tudo isso são comportamentos futuros que pode ser que ocorram... ou não! Mas uma coisa que deveria ocorrer, e urgentemente: a definição de “essas técnicas”. Um leitor mais atento já deve ter notado, como aliás mencionado acima, que há termos e técnicas que se confundem na literatura. O que são *narrativa, storytelling, histórias, contos*?

É possível que quando se pergunte por resultados apontados por estudos sobre terapia familiar que utilizam histórias e gêneros simbólicos correlatos, esperem-se reflexões teóricas ou propostas instrumentais. Contudo, o maior achado parece ter sido a necessidade de padronização da pesquisa e prática nesse ramo. Por isso, propomos aqui, e manteremos doravante e ao longo deste trabalho, o uso de um termo unívoco, a expressão *StoryTherapy* como grande arcabouço, incluindo todas as técnicas mencionadas e outras tantas que possam surgir, desde que se adequem aos seguintes critérios:

- tenham uma história fáctica ou fictícia envolvida;
- usem elementos (imaginativos, simbólicos ou outros), que permitam compreender os sentidos dos conteúdos expressos e não expressos das histórias;
- almejem transformar símbolos rígidos e fixos em símbolos fluidos, que permitam a partilha de narrativas experenciais e vivências;
- e tragam a esperança de uma mudança.

Carmine Gallo (2014) acresce ainda alguns pontos que toda história deve ter. Uma história não pode ser usada sob os gostos e desgostos de alguém (no nosso caso o profissional que atende), mas deve respeitar o local de fala e a realidade da pessoa, o *ethos*. Uma história não pode ser usada sem se compreender os sentidos que lhe são inerentes, o *logos*. E, por fim, uma história deve sempre considerar as emoções de todos os envolvidos, o *pathos*.

Desta forma, por ora, concluímos que *StoryTherapy* é uma macrotécnica sob a qual podemos encontrar o conhecimento milenar da contação de histórias (o chamado *StoryTelling*), munindo-se de elementos imaginativos e simbólicos utilizados das mais diversas formas, almejando fazer os símbolos fluírem, onde todos partilham suas narrativas pessoais, experienciais e vivências, sob o tripé de respeito ao *ethos*, *logos* e *pathos* de cada um dos envolvidos — seja uma pessoa, um casal, um grupo, uma família em sua singularidade ou multiplicidade e o(s) terapeuta(s), — oferecendo a todos a esperança: a esperança que a mudança é sempre possível.

## CAPÍTULO II — A LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL E SUA RELAÇÃO COM HISTÓRIAS

### A Logoterapia e Análise Existencial e sua Relação com Histórias<sup>13</sup>

Na linha que Northrop Frye (2014) apresenta, artifícios psicológicos utilizados por autores (a quem chama de poetas), em especial aqueles artifícios que se manifestam repetidamente, permitem a “apreciação perfeitamente legítima das qualidades” desses mesmos poetas (p. 235). Frye critica a perspectiva do profissional de psicologia que “ao examinar um poema, tenderá a ver nele o que vê em um sonho, uma mistura de conteúdos manifesto e latente” (p. 235) — que a nosso ver não está totalmente equivocado! Para ele, o conteúdo latente é, *per se*, comunicável, e não algo exclusivo da interioridade da pessoa, como a perspectiva Freudiana apresenta, nem uma dimensão arquetípica de Jung, “uma visão desnecessária na crítica literária, até onde posso julgar” (Frye, 2014, p. 236). O papel do crítico literário, de quem realmente estuda a literatura, é tornar evidente que os conteúdos estão presentes. Esclarece então que conteúdo latente é a forma, o sentido ou o tema da narrativa, aquilo a que designa de *Dianoia*, “o sentido de uma obra literária” (Frye, 2014, p. 521). Assim, é impossível estudar histórias sem estudar o sentido dessas histórias.

Já no campo da História, em seu último livro, Hobsbawm (1995), inquestionavelmente um de seus expoentes, deixa clara a relação entre dois elementos: o passado e a compreensão. Ora, o passado entendido como memória, nada mais é que a história que contamos; já a compreensão é um atributo exclusivamente humano, que se relaciona com a clareza do sentido para as coisas. Ele cita algumas transformações significativas no mundo do século XX, entre elas a descentralização de uma narrativa eurocêntrica, a criação de uma aldeia global, a desintegração de velhos padrões e consequentemente o que designa de “quebra de elos entre (...) passado e futuro” (p. 24), tópicos que precisam ser aprofundados.

Assim, cabe compreender o papel das narrativas em um sentido mais global, dentro de um arcabouço no mínimo intercultural, compreendendo a concepção de tempo e o papel das tradições

---

<sup>13</sup> Pretende-se submeter o presente subcapítulo, com as devidas mudanças e adaptações, à apreciação e possível publicação para a edição comemorativa dos 40 anos da Logoterapia no Brasil, da revista *Phenomenology, Humanities and Sciences - Fenomenologia, Humanidades e Ciências*, do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno) e da Associação de Pesquisas em Fenomenologia (APFeno).

para isso. É necessário, para isso, aclarar a relação entre sentido e histórias. Por isso, apresentaremos a ciência que possivelmente, dentro da Psicologia, mais foca na questão do sentido: a Logoterapia e Análise Existencial, sua perspectiva sobre o conceito de sentido, bem como sua visão de ser humano. Para então, só depois, fazer uma breve revisão das publicações existentes dentro dessa perspectiva psicológica e o uso de histórias.

Mas antes, teceremos algumas linhas acerca do desenvolvimento humanitário e intelectual de Frankl, o fundador da Logoterapia. Afinal, como diz Bianchi (2020), “estudar o indivíduo na História permite-nos tentar entendê-lo no meio em que viveu, suas relações com sua classe e seu grupo, além de estudar suas obras e buscar as influências e desdobramentos de suas ideias, ou seja, mostrar o significado histórico da vida de um indivíduo” (p. 10). Isso é tão claro que Frankl (2010) chega mesmo a dizer que todo aquele que desenvolve um sistema de psicoterapia, descreve apenas a sua história. Em certa medida é isso que nos recorda Ortega y Gasset (1914) quando afirma: “Eu sou eu e minha circunstância, e se a ela não a salvo, não me salvo a mim. (...) Ou seja, buscar o sentido do que nos rodeia” (p. 26). Circunstâncias são, etimologicamente, tudo o que que está erguido à nossa volta ou, se preferirmos, aquilo que simplesmente está conosco. São nessas circunstâncias que ocorrem o caminho percorrido que permite a construção ou o desenvolvimento dos pensamentos de um intelectual e a nós, estudiosos, compreender as raízes desse pensamento.

Podemos, com isso, pensar que há três versões de Frankl. Uma primeira que é a pessoa do Viktor Emil, cuja figura e trajeto podemos admirar, mas não é o foco da presente Tese. Uma segunda, mais conhecida, de Frankl nos Campos de Concentração, sobre o qual teceremos breves palavras. E uma terceira que é o Frankl pensador e intelectual que criou a Logoterapia e Análise Existencial. Os três serão brevemente aqui apresentados, sem jamais olvidar que o grande foco das presentes páginas é compreender quem era e quais eram as suas circunstâncias que o conduziram a seu pensamento sobre comunidade, através de um diálogo entre suas próprias ideias e as ideias que foi encontrando em sua trajetória intelectual.

Viktor Emil Frankl nasceu em março 1905 e faleceu em setembro em 1997, filho do século XX e de pais judeus. Prisioneiro de três campos de concentração (Theresien, Auschwitz e Dachau) sob o número 119.104, Frankl passou pelas auguras da Guerra. Casado em dezembro de 1941 com Tilly Grosser, o casal veio a perder o filho ou a filha ainda por nascer (Harry ou Marion), por aborto compulsório decretado pelo estado, a esposa (cujos detalhes dos últimos dias de vida veio a saber no Brasil), o pai em Theresien, quando ainda estavam todos juntos, e, posteriormente, soube do irmão e da mãe, quando liberto dos campos em abril de 1945. Apenas ele na Áustria, e sua irmã na Austrália, estariam vivos, vindo a falecer pouco tempo depois de perder a sua irmã em 1997. Nesse ínterim, ao perder a primeira esposa, também nos Campos, veio a se casar novamente com Elly Schwindt (1947), teve uma filha e dois netos. Sua casa, alugada, continua sob a gerência da família, principal responsável pela contínua publicação de suas obras em vários idiomas. Viveu a vida falando sobre sentido de vida, inspirado, entre outros, pelo sofrimento trágico que os Campos lhe proporcionaram, sem desistir da vida, já que inclusive nos Campos trabalhou salvando pessoas do suicídio (antes da tentativa e após o ato). Tornou-se palestrante, professor universitário e viajou o mundo. Ao Brasil veio em 1984 pela primeira vez, a convite da professora Izar Aparecida Xausa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde recebeu, a 28 de abril de 1984, o doutorado *honoris causa*, título que lhe foi também agraciado pela Universidade de Brasília.

A sua vinda instigou a criação do primeiro grupo dedicado ao estudo da Logoterapia e Análise Existencial no Brasil, a Sociedade Latino-Americana de Logoterapia e Análise Existencial (SOLAL), a Sociedade Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial (SOBRAL), e décadas mais tarde da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial (ABLAE) que congrega quase 500 logoterapeutas no Brasil (ainda que se acredite haver mais profissionais do campo).

**Figura 5**

*Cartaz de divulgação do I Encontro Latino-Americano Humanístico Existencial (27 de abril a 01 de maio de 1984)*



Fonte: Repositório da PUC/RS

**Figura 6**

*Sessão de abertura do I Encontro Latino-Americano Humanístico Existencial (27 de abril)*



Fonte: Família de Halley Bessa

Legenda: da esquerda para direita, Halley Alves Bessa, Irmão Liberato (Wilhelm Hunke, Vice-Reitor da PUC/RS), Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço (Igreja Metodista do Brasil), Ricardo Sardi (Sociedade Argentino-Brasileira de Logoterapia), Viktor Emil Frankl, Irmão Norberto Francisco Rauch (Reitor Magnífico da PUC/RS), João Antonio Dib (Prefeito de Porto Alegre), Mons. Augusto Dalvit (Serviço Interconfessional de Aconselhamento de Porto Alegre), Izar Aparecida de Moraes Xausa (Coordenadora do Encontro), Golástica Angélica Comparsi (Presidente do Conselho Estadual de Educação do RS), Ageu Heringer Lisboa (Presidente do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristão do Brasil).

**Figura 7**

*Momento informal no I Encontro Latino-Americano Humanístico Existencial (s/ d.)*



Fonte: Família de Halley Bessa

Legenda: da esquerda para direita, Halley Alves Bessa, Maria Clara Jost de Moraes (estudante universitária), Gisela Renate Jost de Moraes, Viktor Emil Frankl, Irmão Liberato, Irmão Norberto Rauch, Elly Frankl

### Figura 8

*Outorga do título de Doutor por honoris causa pela PUC/RS (28 de abril de 1984)*



Homenagem ao criador da Logoterapia

### Outorgado título a Viktor Frankl

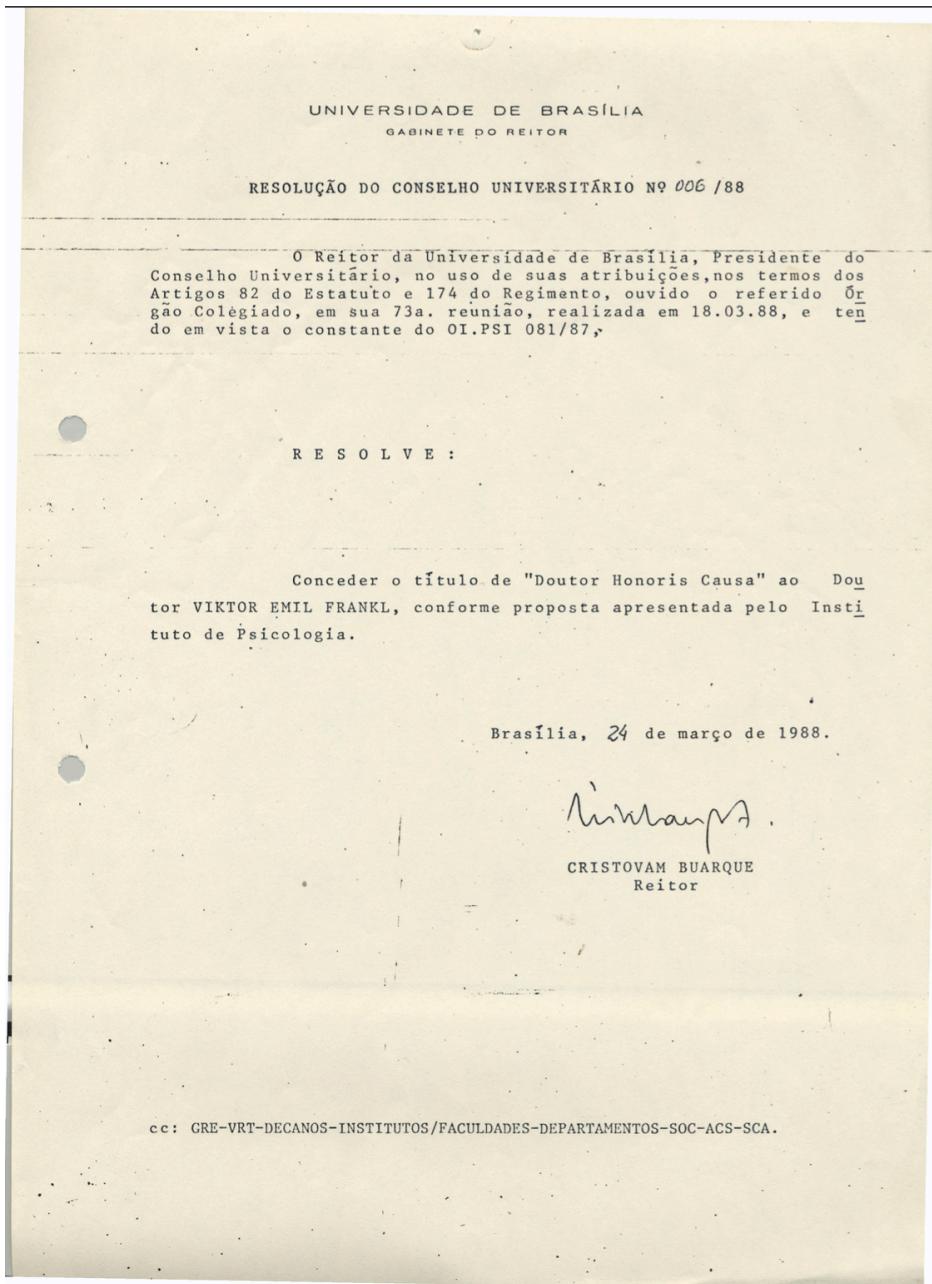
Em solenidade presidida pelo Reitor, Irmão Norberto Rauch, foi conferido ao psiquiatra austríaco Viktor Frankl, criador da Logoterapia, o título de «Doctor Honoris Causa». Frankl esteve em Porto Alegre participando do I Encontro Latino-Americano Humanístico Existencial de Logoterapia, realizado da PUC, quando foi apresentada e discutida a teoria da

busca do sentido da vida, que impulsiona o ser humano. Durante o ato de outorga também estiveram presentes o Vice-Reitor, Irmão Liberato, a diretora do Instituto de Psicologia, professora Itala Suarez de Puga, a coordenadora do encontro, Izar Aparecida de Moraes Xausa, Pró-Reitores da Universidade e convidados.

Fonte: Repositório da PUC/RS

**Figura 9**

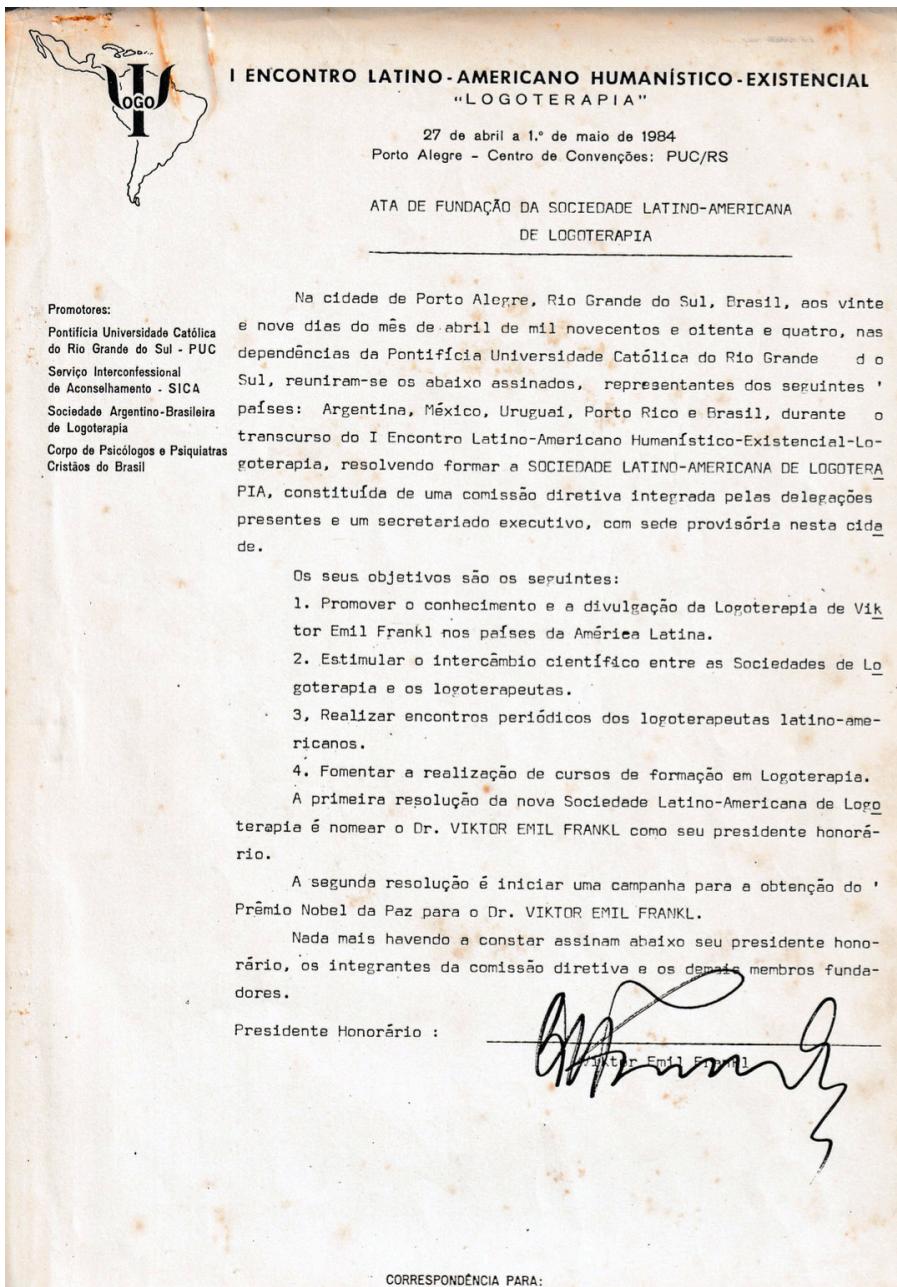
*Resolução 06/1988 do Conselho Universitário a UnB, que concede o título de "Doutor Honoris Causa" a Viktor Frankl*



Fonte: UnB

## Figura 10

*Ata de fundação a Sociedade Latino-Americana de Logoterapia, firmada por seu presidente honorário, Viktor Frankl*



Fonte: Arquivos da SOBRAL

**Figura 11**

*Foto dos participantes da Assembleia de Constituição da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial (Curitiba, 21 de novembro de 2010)*



Fonte: acervo pessoal

## Trajetória Intelectual e a Teoria de Frankl

A ciência por si fundada, ou escola de pensamento psicoterapêutico se se preferir, de nome Logoterapia e Análise Existencial deriva seu nome do grego *logos*, que, entre outras coisas significa *sentido*. Uma forma muito simplista de defini-la seria então dizer que a Logoterapia seria a terapia a partir do sentido, seja esse da vida no seu geral ou dos acontecimentos específicos que ocorrem em cada vida. Enquanto conceito teórico, o sentido se assenta sobre outros dois aspectos, que criam o que Frankl (2020) designa de “cadeia de [três] elos interconectados” (p. 22).

O primeiro, Liberdade da Vontade, implica a ideia de que o ser humano é livre, ainda que haja condicionantes que condicionem sua vida. Ele é livre para adotar uma posição, para além dessas condicionantes e, apesar delas, “sempre conserva sua liberdade para escolher sua atitude perante esses condicionamentos” (Frankl, 2020, p. 23). É graças a essa vontade que é livre, que o ser humano consegue refletir sobre si e suas ações e até rejeitar a si e suas ações. É a isso que Frankl (2016) se refere quando explica que a pessoa é “livre para”, mesmo não sendo “livre de” (p. 62):

Evidentemente, o homem está determinado, isto é, sujeito a condições (...) e, neste sentido, de modo algum é livre: o homem não está livre de condições e, em geral, não está livre *de algo*, mas está livre para algo, quer dizer, livre para uma *tomada de posição* perante toas as condições (Frankl, 2016, p. 62).

A essa liberdade vem associada, como duas faces da mesma moeda, a responsabilidade (*Verantwortung*) que nada mais é que a capacidade de oferecer respostas (*Antworten*) às situações da vida, uma tomada de posição ante as condições. Frankl explica que mesmo não sendo possível controlar ou sequer escolher as contingências que nos afetam, somos sempre capazes de escolher as nossas ações, chegando a exemplificar com sua experiência dos Campos de Concentração, onde pode-se escolher ser “um típico prisioneiro de campo de concentração ou então uma pessoa humana, que também ali permanece sendo ser humano e conserva a sua dignidade” (Frankl, 2002a, p. 67).

O segundo elemento, a Vontade de Sentido, se contrapõe às vontades de prazer e de poder que podem dominar os seres humanos. Enquanto o último é um meio para um fim (o poder é visto como elemento para poder alcançar o propósito), o primeiro é um epifenômeno ou recompensa até do fim. Quando qualquer um dos dois se confunde com o fim em si mesmo catapulta uma espécie de alienação na pessoa, onde a vontade de poder pode conduzir a comportamentos e atos de agressão, enquanto a vontade de poder pode levar a adições e vícios das mais diferentes índoies. Frankl propõe, então, que o elemento motivacional nuclear da existência humana, o fim ao qual se deve almejar, é a vontade de sentido que, se não for alcançada, pode levar à sensação e vazio existencial. Essa centralidade da vontade de sentido explica porque a intencionalidade muitas vezes parece frustrar o alcançar de objetivos — sejam pessoas buscando a felicidade incessantemente, seja a busca de poder político que atropela processos e pessoas, seja a busca de prazer frustrada num ato sexual ineficaz, seja na busca por mudanças estéticas por meio de procedimentos diversos que nunca parecem esgotar. Para Pereira (2007), a vontade de sentido guia para a realização de sentido e, consequentemente, promove uma razão para ser feliz, sendo a felicidade o efeito colateral dessa razão de ser feliz.

A vontade de sentido é, então, a motivação para a ação, enquanto o sentido da vida, o terceiro e derradeiro elemento dessa cadeia, seria como se fosse a própria ação ou meta em si. Frankl (2020) conta o texto talmúdico, constante de Gênesis, Êxodo e Números, sobre o pilar de nuvem que ia à frente dos hebreus conduzindo o seu caminho pelo deserto. Esse pilar, de dia, se mantinha em movimento, e os hebreus percorriam o deserto ao seu encalço sem nunca alcançá-lo; por vezes o pilar de nuvem em movimento parava se convertia num pilar de fogo imóvel que iluminava o acampamento. Ora, se a nuvem parasse como nuvem, os hebreus teriam uma neblina, e se o fogo andasse incendiaria e mataria tudo à sua volta. Frankl revisita a versão nuvem do pilar, explicando que: o sentido é movimento, o ser é a essência tal como se é, e o processo é ir em direção aonde se deveria estar, ainda que nunca se alcance, porque o movimento é tensional, é uma

busca. A versão fogo do pilar ensina também que o sentido varia conforme a ocasião. Desta forma, o sentido não é apenas ação, é mudança; não é apenas movimento é pilar; não é apenas pessoal, é externo, na medida que nenhum hebreu tinha dentro de si a nuvem (ou o fogo).

O sentido não deve coincidir com o ser; o sentido deve estar à frente do ser. O sentido marca a marcha do ser. A existência vacila, a menos que seja vivia nos termos de uma transcendência em direção a algo além de si mesmo (Frankl, 2020, p. 31).

E há, em sua concepção, duas formas de viver a experiência dessa tensão entre ser e sentido. À primeira chama de *peacemakers* (pacificadores) e à segunda *pacemakers* (marcadores de passo, que, para o bem do trocadilho usaremos o neologismo passificadores). Os pacificadores são os que buscam amenizar conflitos e aliviar “o fardo da confrontação de sentido” (Frankl, 2020, p. 32), são os que tentam acalmar e reconciliar. Já os passificadores são os que, como o nome indica, marcam o passo dos processos, orientados em direção aos sentidos, como Moisés que “não aliviou a consciência humana; ao contrário, ele a incitou” (Frankl, 2020, p. 32). Só assim a liberdade se torna responsabilidade, uma “responsabilidade *perante* algo, seja a sociedade, a humanidade ou a própria consciência” (Frankl, 2020, p. 32). Assim, não é possível prescrever um sentido a terceiros, porque a pessoa precisa marcar seu próprio passo e é papel do profissional de Logoterapia alargar a visão da pessoa, fazendo-a ver seus feitos, trabalhos, ações criativas que doa ao mundo (Frankl designa de valores de criação), sua abertura às experiências que recebe da vida (que designa de valores de vivência) e sua atitude perante elementos trágicos como dor, culpa e finitude ou morte (atitude que designa de valores de atitude e elementos que são a tríade trágica).

Para Frankl, a alteridade do outro ser é elemento crucial que não deve ser esquecido. Afinal, os valores se realizam e não se autorrealizam dentro da própria pessoa. Os valores realizam-se na experiência com o mundo, trazendo Erwin Strauss como referência desse raciocínio. Strauss esse que defendia que a experiência (ao menos a sensorial) era em simultâneo de si-mesmo e do mundo, e que não era sobre si-mesmo antes do outro, nem o outro sem si-mesmo, mas sobre ambos

em simultâneo. Por isso, o sentido é encontrado no que nos rodeia, parafraseando Ortega y Gasset, nas circunstâncias. E é, por isso também, fundamental compreender que circunstâncias ou alteridade ou outro é esse que Frankl evoca em seus escritos.

No caso de Frankl, seu pensamento e suas circunstâncias intelectuais emergem muito antes de seu nascimento, remontando porventura a Hipócrates (Ιπποκράτης). Hipócrates viveu entre os séculos V e IV a.C. e era um pensador inovador, focado no corpo físico. Foi ele que percebeu que as doenças que existiam na época manifestavam-se fisicamente. Enquanto muitos podem considerar isso como obviedade, seria anacrônico ignorar que naquele momento histórico a teoria era inovadora. Segundo Hipócrates as coisas possuíam dois tipos de espíritos, o *espírito vital* e o *espírito animal*. O espírito vital, como o nome indica, provê vida; está presente no ar, de onde é sintetizado a partir do ato de respirar e inspirado pelo corpo, transmitido pela veia pulmonar até o coração, e daí para o sistema circulatório através das artérias. Uma vez no cérebro, o espírito era lá sintetizado e transportados para o resto do corpo, via sistema nervoso; nesse processo de síntese ele se convertia no espírito animal, responsável pelas sensações e por movimentos voluntários, exclusivos dos animais. Hipócrates focava, na medida do que a ciência da época permitira, à dimensão física. Afinal, todos temos um corpo.

Séculos se passam e a medicina foi se consolidando e amadurecendo. E chegamos ao final do século XIX, onde um jovem médico em Viena, de nome Sigmund Freud, trabalha outras questões que se veem publicadas em 1900 sob o título original *Die Traumdeutung* (A Interpretação dos Sonhos).

Se Hipócrates havia dado um primeiro passo, focando no corpo e na dimensão física, e, por conseguinte, nasceu a medicina ocidental, Freud deu o segundo passo, e institui a importância da estrutura psíquica, e a psiquiatria nasceu (ou consolidou-se). Claro que havia outros pensadores como Rasi (Pérsia), Wolff, Fechner e Wundt (na Alemanha) ou Pavlov (Rússia), mas não se pode negar que Freud foi quem sistematizou esse conhecimento, talvez da mesma forma que Darwin,

meio século antes, sistematizou os conhecimentos embrionários de Buffon, Lamarck ou Wallace no que tange a uma teoria mais consolidada da evolução das espécies. Não à toa, somos convidados a lembrar do adágio em latim, possivelmente do século XII, *nani gigantum humeris insidentes* (“duendes em pé sobre ombros de gigantes”, popularizada por Newton em uma carta datada de 5 de fevereiro de 1675 na qual diz ao destinatário Robert Hooke, “se vi mais longe, é por levantar-me sobre os ombros de gigantes”, e revisitada por Frankl).

Entre esses gigantes que Frankl diz ter-se erguido para ver mais longe, estão Sigmund Freud e Alfred Adler. Adler (2005) diz que o foco humano está no “sentimento de solidariedade” (p. 37) social, o que determina a atitude e a orientação da pessoa. É na comunidade, nas relações com a comunidade, nos processos educacionais, circunstanciais, relacionais que somos e descobrimos quem somos. Para Adler, o sentimento de dignidade humana advém do estreito vínculo da comunidade, já que o ser humano é ser parte de um todo. E mais do que ser parte, trata-se de sentir-se parte de um todo. Então, só caberia buscar alcançar uma meta para cada um, sem salvaguardar a unidade da raça humana. Em uma de suas obras, ele chega a dizer que se pensamos na vida do homem, ou das pessoas, ou da pessoa, na existência da raça humana, não podemos compreender a sobrevivência dessa raça humana, a não ser que consideremos ajuda que se conquista quando se une cada um de nós a essa comunidade humana. Adler (2005) diz:

O sentimento da própria dignidade deriva também de um estreito vínculo com a comunidade humana e de uma ativa participação dos problemas do momento (...). Ser homem não é simplesmente um modo de dizer: significa ser parte de um todo, sentir-se parte de um todo (...) Se pensamos na vida do homem, na existência da raça humana, não podemos compreender a sua sobrevivência a não ser que consideremos a maravilhosa ajuda que se conquista unindo-se à comunidade (Adler, 2005, pp. 198-200).

Em Freud e Adler, Frankl encontra espaço para começar a desenvolver seu pensamento científico sobre o sentido da vida e temas como liberdade e responsabilidade. Notou contudo, o que

veio a chamar de psicologismo em ambos. A teoria do primeiro, a psicanálise, focava na vontade de prazer e a do segundo, psicologia individual, na vontade de poder. Enquanto Freud mencionava o Eros como pulsão de atração por elementos prazerosos, já que em todas as fases da vida o ser humano busca prazer focado a diferentes partes do corpo, Adler dizia que diferenças ou desequilíbrios de poder na sociedade eram uma constante que precisaria ser trabalhada, para que a comunidade (ou qualquer outra estrutura social) possa sobreviver, cunhando expressões como *complexo de superioridade* e *complexo de inferioridade*. Eventualmente Frankl conheceu ambos e se afastou dos dois. Freud, com quem trocava correspondência, publicou um trecho de uma de suas cartas, na qual explicava a relação entre o comer de uma criança e a comunicação não-verbal acenando a cabeça que sim e que não, no *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* (1924), e foi aluno direto de Adler, em cuja associação adentrou influenciado por Allers e Schwarz.

Rudolf Allers e Oswald Schwarz, apesar de pouco conhecidos, são dois dos gigantes que influenciaram muito o pensamento do jovem Frankl. Schwarz, por exemplo, era cirurgião especialista em urologia, do Hospital Policlínico de Viena e um dos fundadores do que hoje chamamos de psicossomática. Ele concebe uma relação entre corpo e mente, pela qual transtornos mentais podem ter manifestações físicas. A 23 de setembro de 1925 foi quem assinou a entrada na Sociedade de Psicologia Individual do jovem Frankl, impressionado pelos insights acadêmicos e científicos e pelas reflexões do pensador, mas sobretudo por sua coragem. Junto com Allers, Schwarz começou a explorar a sexualidade, tornando-se guia e companheiro de Frankl.

Frankl aprendeu com Schwarz que há algo além do psicológico e há algo além da somática. Por isso, é possível inferir que Schwarz influenciou Frankl a começar a pensar uma antropologia médica que se abre à dimensão espiritual (uma espiritualidade que nada tem a ver com o religioso), provocando, por conseguinte, reflexões sobre os reducionismos antropológicos, como o psicologismo, e o perigo desses reducionismos no trabalho médico. Por isso também, Schwarz impulsionou Frankl a investir ainda mais na prática clínica, para conseguir compreender mais

profundamente os seres humanos. Em 1925 ainda, Frankl publica “Psicoterapia e cosmovisão” na *Internationale Zeitschrift für Individualpsychologie* e em 1926 tentou inserir reflexões sobre o poder como meio e não como fim dos processos da Psicologia Individual.

Finalmente, em 1927, no auditório do Instituto de Histologia em Viena, em evento no qual Adler estava sentado numa das primeira fileiras, separado por uma cadeira vazia de Frankl, se assistia no palco Allers e Schwarz tecendo comentários sobre as limitações da Psicologia Individual, seus incômodos epistemológicos e científicos na Psicologia Individual de Adler, no que veio a ser a última noite de ambos na escola. Após a escuta, Adler olhou para o lado e perguntou a Frankl e à pessoa ao seu lado apenas um “E vocês heróis?”, respondido com silêncio. A verdade é que a saída de Frankl estaria iminente.

Encorajado por Schwarz, o jovem Viktor Emil sistematizou e escreveu seus pensamentos sobre uma psicologia para além do psicologismo, uma psicologia que complementasse as demais perspectivas, em seu livro que veio a se chamar *Ärztliche Seelsorge*, que poderia ser traduzido em português como Cuidado Médico do Espírito. O livro começou a ser escrito em 1941 e veio a ser destruído com a quase totalidade das suas posses de Frankl ao entrar em Auschwitz em 1944. Diz ele em um de seus autobiográficos:

Integralmente a nudez: nada mais temos senão esse nosso corpo nu (sem os cabelos). Nada possuímos a não ser, literalmente, nossa existência nua e crua. Que restou em comum com nossa vida de antes? Para mim, por exemplo, ficaram os óculos e o cinto; este, entretanto, teria que ser dado em troca de um pedaço de pão, mais tarde. (Frankl, 2002a, p. 27).

Schwarz foi o autor do prefácio da obra queimada no Campo, escrevendo a história da psicologia. O livro foi eventualmente reescrito, com novas adições, incluindo relatos sobre a experiência nos Campos e como essas experiências se conjugavam com as hipóteses previamente desenvolvidas, por sua psicoterapia orientada à existência. O título em alemão se manteve, em

espanhol traduzido como *Psicoanálisis y Existencialismo* e em português como *Psicoterapia e Sentido da Vida*.

A saída de Frankl da Psicologia Individual levou-o a várias vezes se cruzar com Adler em um café por ele frequentado, sem jamais ser cumprimentado pelo seu ex-mestre, apesar da amizade mantida com Alexandra, a filha de Alfred. Já Schwarz, após a Guerra, em Londres, com uma natural saudade de sua terra natal, trocava correspondência com Frankl; numa das quais dizia que ninguém estava interessado nos esforços em criar uma psicoterapia orientada à existência. E, sem ver sentido para mais, acabou por tirar a sua própria vida em 1949.

Na concepção de Frankl, a psicoterapia à luz da perspectiva adleriana carecia de algo mais para ser complementada. E esse algo havia sido descoberto em *Formalismo na Ética*, de Max Scheler, com o qual se depara ainda estudando Adler. Foi esse livro que mudou a visão paradigmática de o que é o ser humano, o que é alma e o que é o espírito humano.

Max Scheler foi orientado pelo filósofo e prêmio Nobel de literatura (1908) Rudolf Christoph Eucken. Para Eucken os seres humanos têm uma alma e seu esforço deve ser alcançar uma vida espiritual por meio de um ativismo ético e um idealismo prático, uma visão focada na melhoria da sociedade, focada no sentido da vida. A influência de Eucken na visão de Max Scheler faz do último um grande pensador do século XIX e começo do século XX, em busca de vida espiritual para todo ser humano. E esse é um dos pontos que com certeza influenciou Frankl. Ele publicou *Die Wissenformen und die Gesellschaft*, criando uma nova área de conhecimento, a sociologia do conhecimento. Na obra, apresenta ideias sobre mente ou espírito como impotentes a não ser que sejam convertida em prática, realizadas em situações concretas. Portanto, para ele, o ser humano, ou *homo faber*, é um ser prático, que manipula as coisas para conseguir resultados desejáveis. Max Scheler fala ainda do amor ágape, é motivado pela abundância. Assim, quanto mais amor existe, mais amor existirá. Fala também da importância de encontrar um sentido nuclear para o conhecimento. Conhecimento que é diferente de consciência, na medida em que o primeiro é

relação entre participantes e não é uma construção artificial; e a sua descoberta virá apenas da vontade de todos os envolvidos.

Com Scheler, Frankl consegue ver novas consistências em suas reflexões. O *homo faber* é o ser humano que executa, afinal, como diria “só nos resta ainda uma coisa: agir, e agir no cotidiano” (Frankl, 2022, p. 125), já que “é muito mais importante o que escrever livros ou ministrar conferências: pôr em prática o conteúdo consoante seu próprio ser. O que é posto em prática é muito mais efetivo” (Frankl, 2022, p. 30), não se importando com a quantidade de outros homens que também agem. Recordando a narrativa hebraica dos *Tzadikim Nistarim*, os poucos justos que, a cada época, estão na Terra para cumprir sua missão de salvaguardar a justiça e garantir “a reserva moral do mundo inteiro”, sob “a inaudita responsabilidade dos poucos” (Frankl, 2022, p. 30).

É com Scheler que possivelmente Frankl passa a afirmar que o sentido da vida, preocupação que tinha desde criança e adolescente, é, como o conhecimento, descoberto, na relação entre participantes, tendo o amor um papel no processo. Chega a escrever que:

A nível pessoal, ele se relaciona com a parceria de pessoa a pessoa, e isto significa que a ama. O encontro preserva a humanidade da parceira; o amor descobre a unicidade como pessoa.

O encontro verdadeiro baseia-se na autotranscendência mais do que na mera auto-expressão. Especificamente, o encontro verdadeiro transcende a si mesmo em direção ao logos (Frankl, 2005, pp. 66-7).

Para Frankl, o amor, advindo de uma dimensão profunda que Scheler (2017) chamaria de “essência” (p. 22), manifesta-se com mais força no encontro dialógico que permite compreender o que faz cada pessoa única e singular. E esse processo, de ir em direção a algo maior, autotranscendência, permite a descoberta do que Frankl designa de sentido, ou logos.

Scheler (2017) como que esclarecendo a perspectiva adleriana, oferece o derradeiro convite para que Frankl saísse da Psicologia Individual, ao afirmar o papel do poder, central para aquela teoria:

Qualquer dever está fundado num *poder* e esta consciência do poder, do poder espiritual para ser *mais* o que aquilo em que nos tornámos, nas condições e com os meios da vida terrena, é o que nos dá a última certeza intuitivamente evidente da sobrevivência (Scheler, 2017, p. 68).

Assim, o poder assume um papel de meio e não fim em si mesmo, um meio para ser mais do que se é, para ir além do que se tem atualmente como poder espiritual. Seria o poder da compreensão e da empatia, o poder do diálogo e do encontro, o poder do amor?

Nessa caminhada pelo amor, “nesse caminho de ser amado, ele alcança o que, em suas realizações, tem que conquistar como mérito, sem qualquer mérito” (Frankl, 2022, p. 89), mudando a lógica do homo faber para um novo ser, o ser que ama, o *homo amans*. O ser humano agora vê o que Platão chamaria de os Transcendentais, o bom, o belo e o verdadeiro, elementos centrais para a realização do sentido, não por esforço ou mérito mas, diria Frankl, por graça — a graça da descoberta do outro!

O amor a uma pessoa seria o logos encarnado nessa pessoa única e singular, numa relação pessoal, havendo também um logos impessoal, do encontro que ocorre pela auto-transcendência, característica exclusivamente humana. E o encontro teria o duplo papel de permitir que pessoas abertas ao logos, em coexistência, transcendam a si mesmos (autotranscendência) enquanto catalisam a possibilidade de transcendência mútua (transcendência). Essa ideia de *encontro* terá porventura nascido do conhecimento que Frankl tinha de Buber, até porque em dado momento cita-o como um dos responsáveis pela descoberta do “lugar central que o encontro ocupa na vida do espírito humano”, uma vida que é dialógica e, portanto, possível apenas “entre um Eu e um Tu” (Frankl, 2005, p. 61).

Em seu clássico de 1923, *Eu e Tu*, Buber (2003) descreve os conceitos de Eu-Isso e Eu-Tu. No primeiro caso, por meio da experiência e do uso, surge uma consciência individual de si mesmo enquanto se afasta dos demais seres, enquanto no segundo a consciência subjetiva percebe a si e ao outro como sujeitos, na medida em que se aproximam. No primeiro, demarca-se e no segundo contacta-se, relaciona-se, e “quem está na relação participa de uma realidade” (p. 66) da qual não se apossa, porque a realidade não Eu-Tu é uma realidade onde ambos são sujeitos e à medida que essa participação se tornar mais completa, mais o Eu se torna real. Assim, a pessoa EU da relação Eu-Isso não comprehende mudança, vê-se “assim” como é:

Porque conhecer-se significa, para ele, no fundo, quase sempre: construir uma autoaparência forte e convincente cada vez mais apta para totalmente o iludir; e, pela contemplação e veneração de tal aparência, obter a ilusão de conhecer seu próprio *ser-assim* (Buber, 2003, p. 67).

O mundo para esta pessoa é uma realidade permanente, funcional, usável. Enquanto que a pessoa Eu da relação Eu-Tu está em diálogo e “concretiza-se na conversação” (Buber, 2003, p. 69). Não seria, portanto, equivocado dizer que Frankl se refere aos que vivem o Eu-Isso como os que vivem em uma espécie de “monólogo recíproco”, enquanto que aqueles que alimentam encontros Eu-Tu usam a ideia de logos em seus diálogos (Frankl, 2005, p. 61), ou, nas palavras de Buber (2003), “o espírito não está no *Eu*, mas entre o *Eu* e o *Tu*” (p. 43), o logos não ocorre na pessoa, mas na relação!

E há, para Buber, três esferas de relações. A primeira da vida com a natureza, “onde a relação se fixa no limiar a linguagem”, com elementos físicos e consistentes, a segunda da vida com os homens, “onde ela [a relação] assume forma verbal”, sendo o mundo psíquico, e a terceira a vida com as essencialidades espirituais, “onde ela [a relação] é sem fala, mas gera linguagem”, o mundo da validade e do noético (Buber, 2003, p. 104). Designa a cada uma dessas relações de *cosmos*, *eros*

e *logos*, e compara-as a portas, afirmando que no encontro perfeito as portas se unem como se fossem uma e a mesma, impedindo que os envolvidos soubessem por qual passaram a princípio.

Buber é também claro ao dizer que renegar o espírito (noético) seria renegar a própria vida (p. 52) e, por isso, a verdadeira liberdade só é possível àqueles que conhecem “a relação e a presença do *Tu*”, sendo os únicos aptos “a tomar decisões” (Buber, 2003, p. 55). Talvez por isso não haja planos ou saber prévio no verdadeiro diálogo, apenas a reciprocidade da relação. Talvez seja essa a verdadeira liberdade da relação Eu-Tu: a liberdade de não julgar o outro, vendo a ele como “mero meio para um fim” ou, por outras palavras “manipulá-lo” (Frankl, 2020, p. 96), mas também uma liberdade que sabe não estar isenta de opiniões pré-existentes, e que apesar de ambos (a tentação e julgar ou ter opinião prévia) estar livre para decidir algo. Ou, nas palavras de Frankl (2016) “o homem não está livre de condições e, em geral, não está livre *de algo*, mas livre para algo, quer dizer, livre para uma *tomada de posição*” (p. 62).

Para Frankl (2020), na relação Eu-Issso

não há lugar para nenhum encontro verdadeiro entre o homem, de um lado, e o mundo e seus objetos por outro. Os objetos no mundo não são mais vistos como essência objetiva, mas, pelo contrário, apenas como ferramentas mais ou menos úteis para a manutenção da homeostase (p. 58).

Desta forma, caberia à Logoterapia reobjetificar o *logos*. Para isso, é necessário ver a teoria de Buber, de maneira heurística, dizendo que o Eu e o Tu, em diálogo, criam uma linguagem que se torna a verdadeira expressão.

O diálogo só pode existir entre o eu e o tu. Porém, segundo a Teoria da Linguagem, a linguagem possui três dimensões. Primeiro ela é expressão, expressão do eu. Segundo, ela é apelo, um chamado ao tu. Terceiro, ela é a representação de uma relação de coisas, uma realidade. (...) O verdadeiro diálogo somente ocorre quando eu, ao expressar a mim mesmo, não apenas me dirijo ao outro, mas também na conversa com ele, falo de alguma coisa. E neste sentido isto tem muito a ver com o amor, (...) juntos olhar na mesma direção. (...) Ou seja, com uma palavra a gente poderia dizer que os amantes verdadeiros não olham

apenas um para o outro boquiabertos, mas sim que olham paralelamente no infinito (Frankl, 2006, p. 63).

Na mesma rua na qual residia Schwarz, morava também Karl Bühler, psicólogo especialista em linguística. Amigo pessoal de Frankl, Bühler, professor universitário de psicologia, considerava necessário que as palavras tivessem um plano operacional, que permite ordenar as palavras pensadas. Objetos ou situações teriam então que ser pensadas e representadas simbolicamente, para poderem ser expressas por um emissor com um apelo ao receptor. Há, portanto, três funções semânticas na linguagem, que revelam e identificam um campo específico dos fenômenos e dos factos linguísticos. A função expressiva, utilizada para expressar algo de si ou e uma situação para alguém; poder-se-á dizer que cada Eu expressa algo para um respectivo Tu. A função representativa, na qual se representa algo sobre o qual se comunica; Eu expressa a Tu sobre um Isso. E a função apelativa, que apela ou convida a pessoa a algo; Eu comunica com Tu e convida-lhe a uma ação, já que todo o ser humano é compelido à ação.

Cada um dos dois participantes tem sua própria posição na composição da situação discursiva, a saber, por um lado o emissor, como o agente do ato de falar, como o *sujeito* da situação discursiva, e, por outro lado, o receptor, como aquele a quem se fala, como o *destinatário* da situação discursiva (Bühler, 2020, p. 63).

Essa perspectiva, que em nada anula a posição de Buber, apenas a complementa, a partir de uma análise heurística. Em certo momento da comunicação, um ou outro sujeito assume a posição de Eu, enquanto o outro assume a posição de Tu, numa flutuação constante entre ambos. Afinal, o próprio Bühler (2020) afirma que “as palavras *eu* e *tu* indicam os sujeitos dos papéis no drama discursivo corrente, os sujeitos dos papéis na ação discursiva”, então “o significado inicial de *eu*, sua função primeira, não é outro senão que eu olhe para o falante da palavra *eu* com um olhar fisiognômico ou patognômico” (p. 163). O primeiro desafio da dupla Eu e Tu, talvez seja então, que quando ambos estiverem em comunicação, representem as coisas dentro de um mesmo padrão

linguístico. Assim, Bühler esclarece, há uma dominância da função representativa na comunicação, porventura pela necessidade de ambos falarem conceitos comprehensíveis e tangíveis ao outro. Para ele, “coisas e processos perceptivos foram os primeiros a demandar nomes” concretos (p. 291) e, com o tempo, a sociedade foi criando nomes e conceitos, ou signos e símbolos, que foram sendo usados de maneira a representar um vasto campo de fenômenos. Por fim, é no apelo que se torna evidente o comportamento do receptor, convidando-o a uma ação que só cabe numa “*história dos atos*” (p. 95), o que permite também entender o que aconteceu ou predizer o que acontecerá, ou seja, prover um contexto histórico, um “campo de ação” (p. 94). Abaixo abordaremos ainda o conceito de metáfora, à luz de Bühler que a vê como a representação de ideias não limitáveis a outros conceitos, junto com a percepção de Frye sobre o simbólico.

Aqui, contudo, é importante fazer-se uma leitura sob o olhar de Frankl. Um diálogo frankiano, uma comunicação bühleriana ou um encontro buberiano assentam-se sobre os mesmos pressupostos de ver o outro não como objeto, mas como sujeito, e a essa relação como uma relação dialógica, no senso em que só se atinge a meta se, para Buber, houver um encontro, para Bühler, houver a expressividade com ideias representadas que convoquem e apelem a uma ação e, para Frankl, um respeito tal que permita o encontro de um sentido que é compartilhado. A expressão de si mesmo, ou auto-expressão seria uma forma distorcida desse processo comunicacional, que impediria o que Frankl chama de autotranscendência, enquanto a mera representação de um conceito não leva a nenhuma ação. E, como deixa claro Frankl, “O que é posto em prática é muito mais afetivo. A palavra, por si só, realiza muito pouco” (Frankl, 2022, p. 30).

Há ainda um aspecto relevante do pensamento de Karl Bühler: o conceito de Eu. Bühler convida a uma reflexão no mínimo curiosa. Ele propõe a possibilidade do termo *ho* do indo-europeu tenha evoluído para *gho* no protogrego, dando origem à palavra *ego* em grego e, consequentemente, *eu* em português. Ao mesmo tempo, a mesma palavra indo-europeia *ho* pode ter evoluído para o latim *hic* que deu origem a dois conceitos em alemão, o *ich* (eu) e o *hier* (aqui). Postulamos então,

ao menos etimologicamente, a raiz das palavras *eu* e *aqui* como a mesma. Em termos de comunicação e seus signos e símbolos não é muito distinto: ambas palavras convidam o receptor da mensagem à mesma ação, olhar para a pessoa que emite ou para o local que a mensagem é emitida, e a fonte e a posição do falante são virtualmente a mesma coisa. Isso permite conjecturar sobre a facilidade de muitos focarem no que poder-se-ia chamar de Eu-Aqui, fonte referencial da visão de mundo de cada um, de seu referencial e, por ende, da sua imaginação. Nossas expressões se baseiam, portanto, nas nossas experiências pessoais, e nossa compreensão do apelo do outro advirá também de nossas experiências pessoais, e nosso Eu e de nosso Aqui. Destarte, Eu e Aqui poderiam ser considerados o mesmo fenômeno desde uma psicologia da comunicação. Por isso a empatia maior com aqueles que sentem dores similares às nossas e nos relacionamos com pessoas parecidas a nós. A esse fenômeno chamaria de autocentramento, termo aqui cunhado para descrever o exato oposto da proposta de Frankl, o autodistanciamento, estratégia por ele proposta para esquecer de nós mesmos, afastando-nos de nós mesmos e de nossos problemas. Quando nos autocentramos, consideramos nosso mundo o único aceitável, com suas limitações e problemas e nossas ações são reações a fenômenos no mundo. Quando nos autodistanciamos buscamos algo para além desse mundo que nos é familiar, arriscaríamos em dizer um Tu-Aí. Se as teorias de Buber e Bühler se cruzam, é nessa ideia de autodistanciamento proposta por Frankl!

Em Karl Jaspers (2022) encontramos justamente essa ideia de esquecer de nós mesmos e nos satisfazermos “praticando aqueles conhecimentos” (p. 36), usando a comunicação que “é apenas um veículo para significados impessoais e valores” e que são apenas possíveis na presença dos outros diferentes, já que “sozinho não sou nada”. O encontro “sem reservas entre seres humanos que convivem e lutam entre si em sua comunidade livre” é o que permite “preencher a vida” e “encontrar a verdade” (p. 42). Para Jaspers, ao superar os momentos trágicos de dor, falta de força, impotência que conduzem ao desespero, “novamente nos esquecemos de nós e deslizamos para a felicidade” (p. 37).

Nesse processo de autodistaciamento, a pessoa não incorre na “liberdade ilusória da arbitrariedade, que se entende como autonomia supostamente absoluta do ‘eu quero’”, e “a maior liberdade é experimentada no desapego ao mundo, e essa liberdade mantém uma ligação profunda com a transcendência”. A pessoa que chamamos aqui de autocentrada, cedo ou tarde terá sua ilusória liberdade convertida em “perplexidade do estar-vazio”, “desespero para ser si mesmo” e “desespero para não ser si mesmo” (Jaspers, 2022, p. 61). Enquanto isso, Frankl propõe a conjunção com a autotranscendência já citada, de ser mais do que se é. Nesse contexto, poder-se-ia dizer que o autocentrado é o que quer as coisas e o autodistante e autotranscendente é o que sabe seu dever, sua vocação (apelo, chamado) para realizar suas possibilidades únicas, que não se repetem (Frankl, 2015, p. 124). Por isso, Frankl (2015) recorda que “Jaspers denomina o ser o homem como um ser ‘que decide’ um ser que não ‘é’, sem mais, mas que só em cada caso decide ‘o que ele é’” (p. 75), ou o que deveria ser.

A totalidade do fenômeno da existência humana é inefável e não pode ser circunscrita, exceto por uma frase “eu sou”. Esse “eu sou” fora, primeiramente, interpretado nos termos de “eu tenho de” (ou seja, sou forçado por certas condições e determinantes, impulsos e instintos, hereditariedade e fatores e impactos ambientais), ao posso que, no período seguinte, o “eu sou” foi compreendido nos termos de um “eu posso” (isto é, tenho capacidade de realizar este ou aquele aspecto de meu ser).

Um terceiro conceito, no entanto, ainda está faltando. Pois, se quisermos alcançar uma visão apropriada da realidade humana em sua plena dimensionalidade, devemos ir além das necessidades e das possibilidades e trazer — somando-se aos aspectos do “eu tenho de” e do “eu posso”, que integram o fenômeno total “eu sou” — aquela dimensão que pode ser chamada de “eu devo” (Frankl, 2020, pp. 71-72).

Com isso, Frankl explica que não se trata meramente de seguir os ditames da biologia ou do ambiente, nem meramente falar do potencial como no pensamento atribuído a Píndaro. Trata-se de responder às questões que a vida coloca ante cada um, já que, por um lado, há o que ele já fez e, por outro, o que ele ainda deveria fazer. Essa resposta que se dá às situações é o verdadeiro

exercício da liberdade, uma liberdade que é, sem sombra de dúvidas, de sua responsabilidade. E, por isso, a etimologia novamente oferece esse paralelo: para recordar-nos a todos que as RESPostas que devemos dar são da nossa RESPonsabilidade — a mesma raiz etimológica não é acaso! “A logoterapia vê na responsabilidade a essência mesma da existência” (Frankl, 2020, p. 33). Por isso, o conceito de autorresponsabilidade, tão em voga em alguns círculos, torna-se obsoleto por sua redundância: o ser humano é responsável por suas escolhas, escolhas essas que “deverão ser realizadas e, assim, resgatadas para a eternidade” (Frankl, 2020, p. 66).

Se ficarmos pelo querer-Ser apresentado acima por Jaspers, fala-se apenas em liberdade ou, melhor, na ilusão de liberdade. Apenas o dever-Ser permite a plena liberdade, articulada com responsabilidade. Por isso, liberdade e responsabilidade são um binômio fundamental da Logoterapia. Com essa compreensão, percebe-se que:

O que “eu devo” fazer, contudo, é, em cada caso preencher o sentido concreto que me desafia em cada situação de minha vida. Em outras palavras, quando trazemos à baila “eu devo”, complementamos o aspecto subjetivo da existência humana, o *ser*, com sua contraparte objetiva, que é o *sentido* (Frankl, 2020, p. 72).

O ser humano, portanto, é livre e responsável por, a cada situação, seja ela aprazível ou não, decidir realizar o seu sentido. E não cabe a ninguém prescrever ou decidir o sentido da vida ou das situações de terceiros, porque, entre outros, retiraria da pessoa em causa, sua responsabilidade por suas respostas às questões colocadas pela vida. Mas, não podemos nos iludir: “há algo terrível na responsabilidade do ser humano — e, ao mesmo tempo, algo magnífico!” (Frankl, 2020, p. 72). Sua periculosidade está no peso de que tudo o que decidimos fazer ou não se eterniza, com suas potenciais consequências, imagináveis e inimagináveis. Mas sua beleza está em “saber que o futuro, o meu próprio e, com ele, o futuro das coisas, das pessoas ao meu redor (...) depende da minha decisão a cada momento” (Frankl, 2020, p. 127). Por essa ambivalência talvez “em média, as pessoas são muito indolentes para assumir sua responsabilidade” (Frankl, 2020, p. 127).

É nesta mesma linha que Hermann Cohen esclarece que a compreensão de si mesmo só é possível quando a pessoa assume responsabilidade por seus atos, incluindo sua culpa e seu pecado. É importante pausar para esclarecer o conceito de *pecado*. Para Cohen pecados são consequências do livre arbítrio, não um erro que porta um castigo divino; um equívoco ético que permite novas ações para uma possível redenção, onde uma nova forma de ser emerge, lembrando das palavras poéticas em Ezequiel que afirma que um coração de pedra como que se torna em coração de carne. O processo de se tornar a pessoa que se deveria ser é, em sua perspectiva: assumir seus pecados, renunciá-los e criar uma nova vida.

Ao assumir essa responsabilidade a pessoa assume sua individualidade, afastando-se da humanidade, já que percebe quem é. Lendo Cohen (1995), extraímos duas lições de humildade: a primeira que sofrer permite enxergar a si mesmo como imperfeito, e a segunda permite compreender a existência das imperfeições e dos sofrimentos de outros seres humanos. Então, ao mesmo tempo que instiga um “simples isolamento”, demanda também que esse seja “substituído pelo companheiro crente por uma nova e positiva responsabilidade” focada na comunidade, tanto pelo presente como pelo futuro. Afinal, como lembra: “todos os israelitas atestam uns pelos outros” (p. 369). Assim, a pessoa (*Mensch*) tem um sofrimento (*Leid*) que lhe é individual. Só que ao estar ante outros, percebe o sofrimento do companheiro, daqueles com (*mit*) quem se encontra, a comunidade (*Mitmensch*), onde há um sentimento real de compaixão (*Mitleid*) — o sofrimento compartilhado ou, mais adequadamente, a compaixão: a capacidade comunitária de entender que todos sofrem, porque todas as pessoas erram!

Cohen (1995) afirmou que “uma medida dessa auto-responsabilidade é o reconhecimento do valor do sofrimento. Não pode ser eliminado. É a pré-condição para o indivíduo que é consciente de si mesmo. E o indivíduo é transferido às pessoas (p. 229). Aqui emerge a consciência de si e, por ende, a consciência da existência da comunidade. Esse processo, por sua vez, existe apenas porque existe o amor, um “amor [que] não é conhecimento” (p. 162), mas que complementa o

conhecimento, um conhecimento que permite, em última instância, reconhecer “liberdade como a responsabilidade do homem” (p. 408) em buscar uma ética que lhe permita caminhar para a perfeição, ainda que nunca lá chegue. Por isso, “a mais elevada ação e a mais elevada realização permitida a um homem” é a aceitação de “um destino autêntico” onde “compreendemos igualmente as palavras de Hermann Cohen: ‘A suprema dignidade o homem é o sofrimento’” (Frankl, 2015, p. 74).

É no sofrimento que o ser humano transcende e descobre o que é capaz, descobre seu mais profundo ser, e o homo amans se pode converter num *homo patiens*. *Patiens*, que em latim significa literalmente *o que sofre*, dá origem a diversos vocábulos tais como *paciência* e *paciente*. Mas em Logoterapia e Análise Existencial não se fala de uma paciência como se fosse resignação, mas uma paciência que age, que se move lendo a realidade e descobrindo novos sentidos para ela — talvez esse seja o caminho de quem é paciente da consulta logoterápica: descobrir a paciência não da resignação, mas da revelação ou descoberta de novos sentidos! E “a capacidade de suportar o próprio sofrimento”, nessas condições, “nada mais é que realizar o que chamo de valores de atitude”, “o valor supremo”, “o mais alto valor” que permite “cumprir o sentido mais profundo” (Frankl, 2015, p. 73).

É aqui que a pessoa se dispõe a transformar o imutável. Não se muda a doença, mas muda-se a atitude ante ela. Não se muda a morte, mas a atitude ante a vida. É um processo de converter a dor, a culpa e a morte em atitudes responsáveis que fazem valorizar os momentos. Como tantas pessoas que passaram por tantos desafios em suas vidas e começam a empreender no campo social para ajudar outras pessoas passando pelos mesmos desafios. Como tantas pessoas com doenças crônicas que enxergam os momentos da vida com maior apreciação. Trata-se de “aceitar um sofrimento que vem necessariamente marcado pelo destino”, mas não o aceitar de maneira inerte; não se trata de aceitar “um sofrimento desnecessário”, que deve ser evitado; trata-se de ter uma atitude onde a atitude parece inexistente a priori. É por isso que um cognato de *patiens* é

*pathos*, palavra que significa, entre outras coisas, emoções. É sobre aceitar emoções desafiadoras e não as negar. E, por fim, talvez possamos inferir que Hermann Cohen, ainda que não atribua o nome, esteja inferindo sobre a *empatia*: a ideia que o *pathos* do outro pode ser, no mínimo, compreendido por quem também sofre com o peso de seu próprio *pathos*.

Nesse processo que podemos aqui chamar *empático*, percebe-se ainda mais o valor da comunidade (Cohen), onde o encontro (Jaspers) entre Eu-Tu (Buber) emerge via uma comunicação eficaz (Bühler), que almeja a melhora da sociedade (Eucken) por meio da ação (Scheler). Esse sentimento de solidariedade (Adler) é o que permite uma saudável relação dialógica.

É nessa caminhada que o livro *O sofrimento de uma vida sem sentido* é dedicada a Leo Beck, uma figura controversa, mas que assenta em si todos esses aspectos. Liderança espiritual da comunidade judaica em Theresien, era o principal negociador da comunidade judaica com o regime nazista. Por exemplo, conseguiu, certa vez, organizar que crianças saíssem de Theresien para Londres, via trem. Ao mesmo tempo, era acusado de impedir que os prisioneiros do Campo soubessem dos massacres em Auschwitz, impedindo o acesso à verdade. Seu foco era comunicar com seus companheiros para criar um senso de comunidade e de sociedade solidária, onde todos pudessem se sentir *bem* (na medida do que um campo permite). Agia como pastor ou padre (quando necessário para os poucos prisioneiros cristãos) e organizava palestras sobre Kant e Platão, oferecendo reflexões sobre o *para quê* de estarem lá e continuarem vivos. Focava no imperativo divino, o verbo *dever* já aqui explorado, instigando todos a pensarem em uma missão de vida. Talvez com Beck, Frankl tenha aprendido a ir para barracões em Auschwitz e Dachau, palestrar sobre sentido de vida. Talvez com Beck, tenha Frankl descoberto um senso de missão ainda mais aguçado que antes.

Já em Hipócrates compreendeu seu foco no corpo e seu trabalho como médico, e em Freud seu trabalho como psiquiatra. Durante os campos, Frankl salvou vidas, seja cuidando em casos de febre tifoide, uma aguda doença bacteriana, transmitida por mosquitos ou roedores, que

sem tratamento levava quatro semanas para uma cura, mas que no caso de uma ampla maioria conduzia à morte (dezenas de milhares só em Auschwitz); seja antes e durante o trabalho de pósvenção a tentativas de suicídio e prevenção nos casos identificáveis (geralmente os homens deixavam de fazer a barba parecendo menos saudáveis porque simplesmente desistiam). Finalmente, regressando a Scheler, comprehende-se a dimensão da essência que busca sentido, uma dimensão que permite à pessoa ser homo faber (termo scheleriano) no fazer e homo amans na relação, alcançando a condição de homo patiens, sofrendo: é-se, portanto, o homem que doa de si para o mundo, o homem que se abre para receber amor do mundo e o homem que se faz capaz de sofrer no mundo, respectivamente, encontrando sentido em cada circunstância.

E, nesse esforço de autotranscendência pessoal em direção ao outro que emerge o diálogo e, por conseguinte, nossa capacidade humana de ver no Aí no Tu (no outro), o sofrimento que o Eu tem Aqui, e juntos agir num esforço de autotranscendência mútua, uma comunidade que percebe o papel um do outro. Aqui emerge

A comunidade [que] se baseia no *nós*, isto é, na relação entre o *eu* e o *tu* (...). A comunidade humana aparece como algo *exigido* interiormente cujo sentido está no *ser-para-os-demais*. Assim, o sentido da personalidade humana é, para Frankl, sempre orientado e referido à comunidade (Xausa, 1986, pp. 135-6)

E deste espírito de comunidade que, em nosso ver, nasce a possibilidade de uma aplicação mais eficaz da técnica de StoryTherapy (ou qualquer outra) em contexto de grupos (como é o caso das famílias) em Logoterapia. Mas antes, há conceitos que precisam ser explorados e esclarecidos.

### **A Coerência Entre a Pessoa e sua Teoria**

Enquanto focamos até o presente momento na trajetória intelectual de Frankl, poucas vezes pudemos ver o ser humano testar seus princípios e sua própria visão de mundo de forma tão flagrante, como pudemos nos Campos de Concentração e nos Campos de Extermínio da II Guerra Mundial. Tampouco pode-se evitar falar da própria habilidade escrita de Frankl, numa tese que

almeja abordar processos criativos literários e históricos em contexto da prática clínica da abordagem por ele concebida. Com isso, propomos uma rápida visão sobre a comprovação do que é hoje o corpo teórico (e prático) da Logoterapia, quando Frankl foi o prisioneiro dos Campos, a pessoa por trás no número tatuado no braço: 119.104.

A historiadora Tiago (2017), em sua Tese de Doutorado, descreve Frankl como possuindo “uma habilidade histórica e literária que ia além da escrita testemunhal que já estava acostumada a ler”, autor de “certas estratégias de lidar com a linguagem que agregavam à escrita mais que somente um relato rememorativo”, dotado de uma escrita com afinco e fluidez “na composição da memória e destreza com o tempo”, o que permitiu “por meio de suas obras, engendrar formas de sobrevivência às suas experiências traumáticas e consolidar críticas sobre elas textualmente”, permitindo ir para além de si, numa espécie de “alocação da experiência no presente e futuro”, com um certo “viés de explicação histórica” (p. 14). Para a autora,

Frankl é claro na transmissão de sua experiência, porque além de comunicá-la incide nela uma função científica: ele elabora uma episteme, com viés psicológico para trabalhar as experiências pessoais a partir da criação de sentido. Viktor consegue traduzir a experiência por que passou e a apreensão oriunda dela; ela não lhe é incomunicável. (Tiago, 2017, p. 133).

Assim sendo, a própria obra frankliana poderia ser aqui explorada, como possível exemplo de interface entre literatura e Logoterapia. Não obstante, não se intende aqui uma guruficação de Frankl, tratando-o como exemplo de seja o que for. Afinal, como diria Nietzsche, “retribui mal a um mestre quem sempre permanece apenas pupilo” (Nietzsche, 2008, p. 623). Só que a comparação é inevitável. Por meio de sua descrição pessoal e narrativa, Frankl oferece-nos exemplos de sua episteme, conjugando um “relação entre a normalidade e a racionalidade técnica, porém com o viés da transcendência” (Tiago, 2017, p. 134).

Ao escrever seu relato, não há uma simples necessidade de escrita autobiográfica da dor, dos sofrimentos e das experiências traumatizantes que um sobrevivente ao holocausto

poderia relatar. Ao escrever, Frankl analisa tanto seu comportamento quanto a psiquê humana daqueles que o rodeiam, cria conceitos psicológicos e como ele mesmo, por várias vezes, explicita em seu livro: realizou um trabalho psicológico dentro do campo (Tiago, 2017, p. 136-137).

Este ato descritivo da narrativa de suas experiências nos campos é em si uma narrativa que não poderia ser ignorada na presente Tese. Por isso trazemos apenas um exemplo. Em seu livro *Em Busca de Sentido: Um psicólogo nos campos de concentração*, Frankl descreve ter vivido uma experiência que lhe serviu para um processo de autodistanciamento de seu problema, ao mesmo tempo que nos brinda com sua experiência de autotranscendência, nos permitindo com ele aprender sua teoria, mas também a sofrer e a contar esse sofrimento com a cabeça erguida. Em certa ocasião, chega a dizer:

Nossa geração chegou a conhecer o homem como ele realmente: o ser que inventou as câmaras de gás de Auschwitz e também o ser que adentrou essas câmaras de cabeça erguida, com o Pai-Nosso ou o *Shema Yisrael* nos lábios (Frankl, 2020, p. 55).

Este é “o caráter científico” que Tiago (2017) nos alerta existir, um que “não se esgota em uma análise objetiva”, mas que assume sua transcendência “que evoca temas do espírito feridos no KZ” (Tiago, 2017, p. 134). Esse livro, escrito em poucos dias, torna-se exemplo literário para pessoas além dos profissionais de Logoterapia. A título de exemplo, no primeiro trimestre de 1991, a Biblioteca do Congresso do EUA enviou um questionário a 5.000 pessoas solicitando que dissessem o livro que mais os influenciou. Foram recebidas 2.032 respostas, mencionando um total de 778 livros, e esse livro ficou entre os 13 primeiros. Traduzido atualmente no Brasil como *Em Busca de Sentido*, em sua 60<sup>a</sup> edição, teve sua versão original publicado pela primeira vez em 1946 em alemão, com um título que poderia ser traduzido como *Apesar de tudo, dizer “Sim” à vida: Experiências de um psicólogo no Campo de Concentração*, justamente por conta da experiência pessoal como prisioneiro de campos. Curiosamente, a primeira edição do livro no Estados Unidos

pode chamar a atenção, ao ter a tradução de seu título sendo *Dos Campos de Extermínio ao Existencialismo*.

Em suas obras, Frankl identifica três fases pelas quais os prisioneiros passavam em suas experiências nos campos: entrada no campo, vida no campo e libertação. A primeira ele descreve como sendo “a fase da reação inicial”, na qual ocorre “o choque do acolhimento” (Frankl, 2017, p. 195) ou “o choque de entrada” (Frankl, 2016, p. 179), com “a recepção no campo de concentração” (Frankl, 2002a, p. 20). Tudo é tirado da pessoa, “nada mais lhe fica que represente um laço de união externo com a sua vida anterior, a não ser, talvez, os óculos, se é que lhe permitem conservá-los”, com um choque que faz alguns se atirarem “às farpas” (Frankl, 2016, pp. 179, 180) ou irem “para o fio” (Frankl, 2002a, p. 27), uma referência às tentativas de suicídio por meio do arame farpado com corrente de alta tensão que rodeava os campos. Perante isso, Tiago (2017) parafraseando as palavras de Frankl em suas obras, fala da “normalidade da anormalidade”, na qual prisioneiros não “se assustavam, desesperavam ou enlouqueciam com cenas ou situações que se enquadram na categoria de abismal” (p. 139). Havia ainda um pensamento mágico de que haveriam indultos inesperados, que Frankl (2017) caracteriza como “um tal desvario de misericórdia, pensando que as coisas ainda podiam acabar bem” (p. 197).

A segunda fase, a vida no campo de concentração propriamente dita, o prisioneiro “costuma ceder a uma profunda apatia, que é um mecanismo de autoproteção da alma (...), uma espécie de armadura que a envolve” (Frankl, 2016, p. 180), “uma camada blindada” (Frankl, 2017, p. 201), que protege a pessoa de “tudo aquilo que tinha, anteriormente, excitado ou irritado [...], levando-o à indignação ou ao desespero” (Frankl, 2017, p. 201). Há, então, como que uma relativa pela perda da sensibilidade e indiferença. Relativa pois, como Frankl (2002a) explicita, remanescem duas áreas de interesse nas conversas dos prisioneiros, política e religião — política é alvo de interesse pois todos desejavam saber a situação político-militar associada à guerra que lhes mantinha presos e, por isso, “não é de surpreender”, e a religião era vivida e comentada, talvez

como fonte de ânimo e esperança, “o que não deixa de ser notável” (p. 40). Para além desses dois interesses, a “vida afetiva vai decaindo até um nível baixíssimo” (Frankl, 2016, p. 180), e seus “interesses são restritos às necessidades imediatas, mais urgentes (...): sobreviver ao respectivo dia” (Frankl, 2017, p. 201). Ainda assim, mesmo sob condições ambientais e fisiológicas que estariam por trás da apatia e também da irritabilidade, uma característica intrínseca ainda se destacava: a liberdade, que sempre remanesce. Frankl observou que mesmo sendo “a alma humana (...) clara e forçosamente condicionada pelo ambiente”, “*no campo e concentração se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas. E havia uma alternativa!*” (p. 66). Mesmo sem a liberdade física, causada pelo aprisionamento nos campos de concentração, “*não se lhe pode tirar*” “*a liberdade espiritual do ser humano*”, que consiste na “*possibilidade de decidir*”, já que tal liberdade “é inerente ao ser humano e não pode ser perdida” (p. 67). Assim, essa fase se torna uma fase “de adaptação” (Frankl, 2017, p. 200) “da vida no campo propriamente dita” (FRANKL, 2016, p. 179).

Por fim, a terceira fase, é aquela na qual “um prisioneiro [está] em face da libertação” (Frankl, 2016, p. 190) e da “da despedida” (Frankl, 2017, p. 210), caracterizada pela incredulidade, dificuldade de apreender a nova realidade e despersonalização, na qual tudo parece um sonho, irreal, improvável e terá “que aprender outra vez a ser feliz” (Frankl, 2016, p. 191). Há como que que um súbito alívio, causado pela liberdade, da pressão dos Campos, que geraria consequências na saúde dos indivíduos.

Por isso, ousamos afirmar que Frankl foi o teórico que vivenciou a sua teoria, chegando a declarar, ao descrever uma das situações vivenciadas no campo de concentração, que:

É a primeira vez na vida que experimento a verdade daquilo que tantos pensadores ressaltaram como a quintessência da sabedoria, por tantos poemas cantada: a verdade de que o amor é, de certa forma, o bem último e supremo que pode ser alcançado pela existência humana. Compreendo agora o sentido das coisas últimas e extremas que podem

ser expressadas em pensamento, poesia – e em fé humana: a redenção pelo amor e no amor! (Frankl, 2002a, p. 43).

Sua obra é tão reflexiva e potente que há relatos diversos sobre seu papel na vida das pessoas, como inclusive fonte de biblioterapia. Um desses relatos é de Beck et al. (1997), que indicou Frankl (2002a) para a leitura de um paciente que acreditava que ninguém passaria por uma vida terrível sem se deprimir. Nós mesmos tivemos a experiência de um iraniano, certa vez, após passar por um período como preso de consciência, confidenciar como o relato dos Campos trazidos por Frankl (2002a) salvou-lhe a vida. Esse é o poder de uma história que é coerente com a teoria: salvar-nos a vida!

**Figura 12**

*Linha do tempo resumida, da trajetória da pessoa e do pensador*



## **É a Logoterapia Complementar? O Que Significa Complementaridade à Luz da Antropologia Dimensional<sup>14</sup>**

Em suas mais diversas obras, Viktor Frankl traz uma ideia muitas vezes erroneamente compreendida, causando inclusive confusão e polêmica entre alguns logoterapeutas. Há sempre níveis de interpretação de ideias e quereremos aqui provocar algumas dessas interpretações. Talvez a versão mais conhecida dessa citação esteja em Frankl (2016), quando afirma que “uma logoterapia pode e deve, não substituir a psicoterapia”. Por si só esse trecho talvez não tenha nada de polêmico, contudo, continua dizendo “mas sim complementá-la, —e, mesmo isto, só em determinados casos” (p. 55), levando algumas pessoas a concluírem que a Logoterapia nada mais é que um aglomerado de técnicas que complementam outras abordagens da Psicoterapia.

Frankl (2020) diz que “nenhuma psicoterapia pode ser completa” se o “vazio interior no qual os sintomas neuróticos florescem não for preenchido por uma logoterapia suplementar” (pp. 84-85). Em outra obra afirma que “a logoterapia não pode e não quer substituir a psicoterapia, quer apenas complementá-la” (Frankl, 2019b, p. 70). Frankl (2002b) ainda afirma que “*toda* psicoterapia requer então ser completada pelas outras orientações”, trazendo “o maior, Freud” como exemplo, quando certa vez afirmara que “todas nossas demonstrações esperam ser completadas, sobreedificadas e, com isso, retificadas” (p. 187). Frankl (2016) ainda amplia essa reflexão, dizendo que “vale também e sobretudo para o método da logoterapia” que não foi concebido “como uma espécie de substituto, mas sim como complemento da psicoterapia até hoje praticada” (p. 334).

Nessas mesmas obras, contudo, Frankl deixa seu esclarecimento. Frankl (2019b), diz que o que chama de Logoterapia constitui “um complemento necessário à psicoterapia tradicional”, por uma simples razão: havia por meio dela “tentado introduzir na prática médica o espiritual, como um

---

<sup>14</sup> Pretende-se submeter o presente subcapítulo, com as devidas mudanças e adaptações, à apreciação e possível publicação para a *REVISTA NOUS*, da Associação Espanhola de Logoterapia e Análise Existencial.

âmbito essencialmente diferente e independente da esfera psicológica *stricto sensu*” (p. 19). É, portanto, sobre ampliar a visão de ser humano. Em outra obra afirma:

Pensamos a logoterapia como um complemento, mais que como um substituto da psicoterapia, no sentido estrito da palavra. Mas, adicionalmente, a logoterapia pode também dar uma contribuição para completar a visão de homem da psicoterapia, em direção a uma visão de homem em todas as suas dimensões, em direção a uma imagem que também inclua o genuinamente humano, isto é, a dimensão noológica (Frankl, 2020, p. 152).

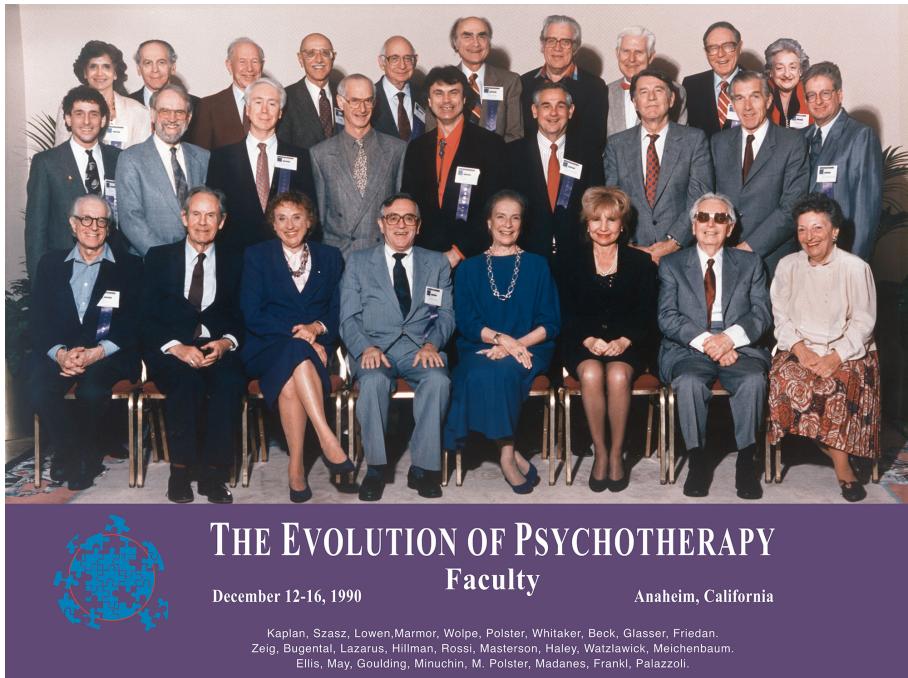
É, portanto, sobre completar a visão de ser humano. Continuando um trecho acabado de citar, Frankl (2002b) escreve:

O que não quer é suplantar as psicoterapias anteriores: só quer chegar mais alto, agregar-lhes algo, e com isso, tirar força à objeção e à censura pela qual tentamos edificar uma casa começando pelo seu teto: em realidade, o que pretendemos é não parar a construção nas fundações ou em qualquer andar, mas por a «totalidade» sob o «teto».

Do caráter complementar das doutrinas psicoterapêuticas acima esboçado podes-se entender que comece a delinejar algo assim como uma convergência cada vez mais notável das distintas escolas: os «rumos» que partem dos distintos «faróis», parecem convergir com o tempo. Enquanto se possibilite tal convergência, far-se-á necessária uma cooperação entre os representantes das distintas orientações, já que não só a alma é, como a designava Arthur Schnitzler, um «campo vasto», senão também a ciência da alma, a medicina da alma, a psicoterapia, é uma vasta região, que exige percorrer por todas as direções, «direções» em duplo sentido. De maneira que para a investigação vale o mandato da cooperação; mas, para a prática vale algo mais: vale o mandato do procedimento consciente ecléctico. É claro que isso não deveria chegar ao ponto de afirmar que este ecletismo é uma nova escola, uma nova orientação, nem sequer se se chamasse «universalista» (p. 187).

### Figura 13

*Edição 1990 da Conferência de Evolução da Psicoterapia, promovida pela Fundação Erikson*



Fonte: Arquivos da Fundação Erikson

A Figura acima dá-nos a entender que há uma relação saudável entre as várias perspectivas de Psicoterapia. Trata-se de então considerar a Logoterapia, como qualquer outra abordagem, como um pensamento ao diálogo epistemológico, e não como uma espécie de extra que trabalha sobre outras abordagens. Nesse diálogo entre abordagens, a Logoterapia oferece uma complementaridade, num único ponto: na recuperação de uma dimensão perdida com a visão cartesiana, a dimensão espiritual (ou noética como veio a ser designada). Frankl (2020) esclarece ao dizer que a Logoterapia não pode ser usada de maneira específica em todos os casos, já que há situações que demandam sua visão espiritual e outras que no máximo a convidam a complementar visões psicológicas, como no caso das neuroses de origem psíquica, ou psicógenas. Em *Teoria e terapia as neuroses*, Frankl (2001) esclarece ainda mais:

A logoterapia representa neste caso um complemento noético da terapia somatopsíquica.

Não é certo, pois, nem muito menos, isso que a logoterapia ignore o biológico ou fisiológico; o que pretende é: evitar que o fisiológico e psicológico façam esquecer apenas

o noológico. Se se constrói uma casa e ao final o telhadista se põe a cumprir seu trabalho, ninguém o censurará por não se ocupar do porão (p. 216).

Então, o que Frankl na verdade nos diz é que há casos nos quais a psicoterapia como a conhecemos não será suficiente, há casos de vazio existencial. E o dito complemento é, portanto, complemento antropológico do que é o ser humano, de maneira a poder, com completude, auxilia-lo em suas questões noéticas.

Frankl (2016) reforça afirmação feita em capítulos iniciais, nos quais diz que “a psicoterapia até à data praticada carece, em princípio, de um complemento: de um complemento no sentido de incluir a dimensão espiritual na esfera do tratamento anímico”, esclarecendo com a expressão “uma complementação deste tipo” (p. 363), ou seja, de nenhum outro tipo. Não há, portanto, logoterapeutas rogerianos ou centrados na pessoa, logoterapeutas cognitivo-comportamentais, ou até logoterapeutas freudianos ou uma psicanálise logoterápica. Trata-se de compreender que sim, empatia é elemento importante de processos clínicos e que há cognições e até (porquê não?) mecanismos de defesa; só que o trabalho do logoterapeuta é, quando necessário enxergar o ser humano completo, o ser humano e sua espiritualidade, ou a dimensão noética. Então, naturalmente, pode-se inferir, como o próprio Frankl (2016) nos oferece, essa “complementação se constitui [n]aquela reciprocidade que está na base” da relação terapêutica (p. 374). Essa complementação, como já explicado, é sobre os casos onde as várias abordagens de psicoterapia podem não se mostrar aptas a atender às demandas dos pacientes e, por isso, faz-se necessária uma “psicoterapia genuína”, focada no indivíduo, que “é sempre uma entidade biopsicológica” que não esquece que seu “objeto” é “o espiritual, a pessoa espiritual, precisamente na sua singularidade e originalidade” (Frankl, 2019a, p. 152).

Assim, encerramos esta reflexão com a seguinte passagem, que se faz agora diferente:

Dentro dos limites dessa zona, a logoterapia é efetivamente uma substituta da psicoterapia. Porém existe também uma zona mais ampla de indicação da logoterapia representada pelas

neuroses em sentido estrito, ou seja, não as neuroses noogênicas, senão neuroses psicogênicas. E dentro dessa zona a logoterapia não é nenhuma substituta da psicoterapia, senão simplesmente seu complemento (Frankl, 2001, p. 215).

Frankl (2002b) esclarece para além de quaisquer dúvidas que seus leitores possam vir a expressar que “seja qual for o ângulo a partir o qual se enfoque” o tema de “complementação da psicoterapia”, estamos falando de “completar a imagem humana que a psicologia considera e também seu fundamento antropológico”. Neste sentido, emerge a concepção antropológica da Logoterapia e Análise Existencial, esta sim, como complemento necessário para as práticas médicas e à psicoterapia tradicional. Tentar escapar dessa “correção” e “complementação” é “cedo ou tarde” é fadar a converter a psicoterapia ou qualquer abordagem específica em uma “uma seita” e não uma possibilidade científica (p. 187).

Assim, a Logoterapia inova ao trazer para as terapias a dimensão noética/espiritual, aquilo que transcende o ser humano, possibilitando o que ele designa de *ärztliche Seelsorge*, literalmente *cuidado* ou *cura médica da alma* (alemão), em contraposição a cura ou cuidado pastoral e religioso da alma. Aqui Frankl começa a definir que apesar do uso de termos como alma ou espírito, seu trabalho em nada se associa à questão religiosa ou dogmática e que mesmo professando uma fé — a judaica —, isso nada significa no processo científico que estabelece, já que fé e ciência, apesar de poderem dialogar não fundamentam ou substanciam um ao outro. A sua crítica é clara em relação a isso, quando afirma que “quanto menos se cogita do espírito, mais se fala de espíritos” (Frankl, 2019a, p. 126).

Destarte, na Logoterapia e Análise Existencial vai-se além da “terapêutica bidimensional”, “adentrando — para além das duas dimensões do somático e do psíquico — em uma terceira dimensão, a do espiritual” (Frankl, 2001, p. 185). O ser humano possui três dimensões, a visão de antropologia é tridimensional.

A primeira dimensão, é a física, biológica, fisiológica ou somática, que se caracteriza pelos processos fisiológicos e orgânicos do corpo material, incluindo as suas necessidades corporais e instintivas, como alimentação, hidratação e reprodução. Nessa dimensão é possível encontrar as similaridades com outros seres, como as plantas, cuja realidade é meramente biológica.

Para o grego Hipócrates havia dois espíritos (e notemos como esse termo já era usado antes de Frankl) que se manifestavam no corpo, através dos órgãos e sua visão de saúde era a uma possibilidade alcançada apenas mediante o equilíbrio entre os quatro humores presentes no corpo humano (fleuma, sangue, bile amarela e bile negra). Enquanto a maioria dos pensadores gregos da época focava em encontrar a substância elementar que constitui a existência (a *arché*), Hipócrates focou na organicidade da experiência humana, e por conseguinte no corpo humano. Seu papel é, em grande medida, histórico: sua forma de perceber o ser fazia com que saúde dependesse de elementos físicos e da organicidade e, com isso, estabeleceu as bases para o conhecimento e aprofundamento da primeira dimensão, a biofísica.

A segunda dessas dimensões seria a dimensão psíquica ou anímica (adjetivo referente a *alma*) e está relacionado aos mecanismos de mais complexidade que o físico, caracterizado pelas cognições (tais como memória, inteligência, raciocínio), e até, conforme menciona Pereira (2015), impulsos e desejos. Pode-se inferir que não é exclusiva dos seres humanos, mas compartilhada com os animais, em especial aqueles ditos superiores e mais próximos filogeneticamente aos humanos (mas não só).

Frankl reconhece uma relação entre essas duas dimensões que designa de dimensão psicofísica, o que não significa que ela constitui a identidade em sua completude, pois “mesmo a unidade psicossomática mais íntima no homem não forma a sua totalidade” (Frankl, 2001, p. 115). Para Frankl era claro que psíquico e físico não são o mesmo, mas relacionam-se: “o que se pressupõe é, nada mais, nada menos, que existe de um lado o psíquico; e de outro, o somático” (Frankl, 2018, p. 120). E essa descoberta, de maneira sistemática, estaria nas mãos de Sigmund

Freud, quem conseguiu trazer para a superfície a psiquiatria e a psicoterapia, para além do biológico, descrevendo sistematicamente como uma dimensão influencia a outra. Afinal, como nos recorda Bettelheim (1982), *psique* significa literalmente “alma — um termo repleto do mais rico significado, dotado de emoção, abrangemente humano e não-científico” e ao cunhar Freud o termo psicanálise “Freud desejou enfatizar que, isolando e examinando os aspectos negligenciados e ocultos de nossas almas, podemos relacionar-nos com esses aspectos e compreender os papéis que eles desempenham em nossas vidas” (p. 25).

Podemos encontrar um exemplo claro da relação psicofísica no processo da visão. As cores são percebidas fisicamente pelos olhos, por neurônios receptivos especializados na captação dos comprimentos de ondas. Essa informação é analisada, em instantes, pelo córtex visual, no lóbulo occipital. Em 1858, quando William Gladstone publicou suas anotações sobre o escritor grego Homero, notamos que mel era descrito como verde, e ferro como violeta e nenhuma menção à cor azul. Os cérebros da idade homérica receberiam a mesma informação que os nossos cérebros contemporâneos, e perceberiam as mesmas cores. Contudo, a dimensão psíquica altera nosso entendimento, com base em conceitos e termos que temos. Fisicamente falando, por exemplo, a luz azul (e portanto nossa percepção física da cor azul) é feita em comprimentos de onda aproximado de 450 a 495 nanometros para qualquer olho e cérebro humano, mas o seu entendimento é distinto, uma vez que o termo *azul* é um dos últimos a surgir na escala de cores. Será que uma pessoa de há 4 mil anos via o mesmo conceito de azul que nós vemos hoje?

Uma discussão que surja daqui — se o entendimento humano é distinto ou a única realidade que conta é a que os neurônios captam — é o que poderíamos designar de reducionismos antropológicos. Por um lado, o biologismo que reduz toda a compreensão da complexidade humana à sua dimensão biológica e, por outro lado, o psicologismo que reduz essa mesma compreensão à sua dimensão psíquica. Qualquer uma das opções se equivoca ao achar que o ser humano é apenas uma ou outra coisa. Não somos frutos de nossa base física, nossos instintos ou nossa genética,

somos mais que isso. E nesse ser mais que isso somos também, mas não apenas, fruto de nossas tradições e das emoções que sentimos. Reduzir o ser humano a qualquer uma dessas dimensões, Frankl com frequência enuncia, seria como reduzir o ser humano a um homúnculo. Se olharmos para o mundo atual, este debate é muito presente. Por um lado, os defensores que determinada questão é apenas sobre o que é ou não é vida, e, por outro, o que a pessoa que experimenta a situação sente ou não sente. Ou ainda a crença comum que doenças são de ordem física, exceto quando sua etiologia não é conhecida e aí são consideradas de ordem psíquica. Um exemplo disto é o diagnóstico para endometriose, no qual 78% das mulheres entrevistadas em uma pesquisa demográfica disseram que os médicos (especialistas na dimensão biológica por excelência) teciam comentários dizendo que se tratava de coisa de suas cabeças ou termos similares (uma justificativa focada na dimensão psíquica e reduzindo o fenômeno a essa dimensão). Então, aqui vemos dois cenários reducionistas: aquele olho treinado que enxerga uma dimensão e a essa dimensão tudo reduz, ou o olho que não enxerga a explicação na sua dimensão e busca a outra como resposta.

Em suma, reducionismos podem ser definidos como quando os fenômenos especificamente humanos são reduzidos a fenômenos sub-humanos. Frankl criticava os reducionismos e generalizações empregados durante o século XX, uma vez que, de acordo com ele, falhavam em conservar a unidade do homem.

Um outro exemplo poderia ser o amor. Sob a perspectiva biologista nada mais é que um cocktail de hormônios, neurotransmissores e até odores, e sob a perspectiva psicologista são emoções que se encontram correspondidas, é o desejo satisfeito, ou a pertença e a complementaridade, e substituição de alguma figura relevante do passado. Mas será que é só isso? Isso explicaria porque nos enamoramos por pessoas tão diferentes de nós? Ou por pessoas que em tanto se podem parecer? Será que um cheiro explicaria porque permanecemos junto de pessoas cujos defeitos diariamente enxergamos? Nessas perspectivas reducionistas, o amor nada mais seria que uma reação psicofisiológica, envolvendo hormônios e necessidades psíquicas, removendo

qualquer fonte transcendente ou espiritual que faça parte desse fenômeno naturalmente tridimensional. Em suma, poder-se-ia afirmar que, por exemplo, a dimensão física sente a atração física, enquanto a dimensão psíquica sente o encantamento ou a paixão (Benigno Freire, 2002), já uma terceira dimensão, a espiritual, seria responsável pelo sentimento de amor, como a única forma de compreender o ser humano no âmago de seu ser, sem julgamentos, e além de seus defeitos ou limitações (Frankl, 2002a).

Outro cenário seria o da relação humana com o trabalho, que, como o amor, envolve as três dimensões do ser, tanto para a execução da tarefa quanto para a motivação do trabalho em si. Para possibilitar o trabalho são necessárias condições salubres e ergonômicas para cumprir demandas materiais, e ambientes que sustentem a atenção focada ou a memória. Adicionalmente, faz-se necessário que o trabalho seja significativo para a pessoa que a exerce. Um trabalho em condições tóxicas, por exemplo, que seja significativo pode causar desmotivação, tanto quanto um trabalho com boas condições mas sem a liberdade de fazer o que faz os olhos brilharem.

Por isso, a tridimensionalidade pode ser apreendida nas mais diversas situações humanas quotidianas, como no amor e no trabalho. Amar e trabalhar envolvem as três dimensões de forma simultânea e correlata. Nas palavras de Frankl (2001):

Mesmo a unidade psicossomática mais íntima no homem não forma a sua totalidade; para essa última falta o noético, o espiritual, visto que o homem é um ser espiritual — não somente espiritual, mas essencialmente espiritual; em outras palavras, a dimensão espiritual lhe é constitutiva na medida em que representa a dimensão autêntica (não a única, contudo) de sua existência (p. 115).

Frankl reaviva modelos de uma antropologia tríplice similar a de Hartmann, que diferencia níveis: o inorgânico (*anorganische Schicht*), no qual poderíamos incluir os minerais; o orgânico (*organische Schicht*), no qual incluiríamos as plantas; o anímico (*seelische Schicht*) no qual teríamos todos os animais e suas biologia física e emocional; e, por fim, o nível no qual os

humanos estariam inclusos, o espiritual (*geistige Schicht*), com o intelecto e a cultural. Hartmann (1953) apontava o erro das “velhas metafísicas” em simplificar demasiadamente a questão, “tentando entender o todo do ser humano como determinado por espírito ou vida orgânica” (p. 115), como se a dicotomia entre ambas explicasse o ser humano. Propõe uma “nova antropologia” que provê “autonomia da vida espiritual mas que conhece, também, como unir com a camada orgânica do ser humano” (p. 41).

E isso é possível porque as realidades do corpo e do espírito não se transmutam entre si, nem vivem um *continuum* entre elas: “São conectadas uma com a outra por um terceira, intermediária e distinta camada ontológica, a do ser psíquico” (p. 116), em nível anímico. A natureza humana seria então “o todo integrado de camadas combinantes e, ademais, como que situadas dentro e uma totalidade da mesma ordem de camadas, fora do homem, determina a estrutura do mundo real” (pp. 121-122).

Sob esta concepção, o ser humano tem três dimensões — a física, a mental e a espiritual ou noética. Mas, é nessa camada do *espírito* que se manifestariam de forma original as características humanas inexistente nas demais camadas. Por isso, que “o espírito, [é] entendido como uma totalidade” (Hartmann, 2019, p. 19). Para Frankl essa diferenciação entre os níveis não é (apenas) filogenética, na medida em que somos únicos e singulares no ecossistema global onde nos inserimos junto a outras espécies. Somos também únicos, irrepetíveis e singulares ontologicamente entre nós, por meio das dimensões antropológicas. E, desta forma, nosso ser viverá as experiências de sua vida sempre de forma única, irrepetível e singular, quando comparado a qualquer outro ser humano. Consequentemente, a vivência da liberdade e da responsabilidade, nossas volições, nossa experiência de amor e compreensão, bem como a realização de um sentido será também sempre única, irrepetível e singular para cada um de nós, tornando simplesmente impossível que algum profissional prescreva um sentido para outra pessoa. A distinção dimensional é uma distinção

meramente heurística, sem valoração qualitativa, não havendo dimensão melhor que outra. Afinal, Hartmann (1953) deixa claro que “ontologia não se concerne (...) com meros juízos” (p. 14)

Hartmann apresenta leis que regem a relação entre o que pode ser traduzido como *camadas ou níveis*. Uma delas é a *lei da modificação*, que preconiza que os elementos categóricos modificam-se na reincidência em níveis superiores, pois são moldados nas características desse níveis superiores. Outra que merece aqui destaque é o *novum*, princípio que estabelece que uma categoria mais elevada é composta de uma diversidades de elementos que as categorias inferiores não possuem. Assim, as categorias são superiores em filogenia ou ontologia (para Hartmann filogenia, para a Logoterapia em ontologia) e abrangência, englobando mais elementos, não em importância. Provavelmente com essa percepção que Frankl assume que a unidade antropológica não pode ser anulada. De outro modo, seria recair sobre os mencionados reducionismos antropológicos.

A Logoterapia surge, então, como um complemento para as demais perspectivas científicas na psicoterapia ao dar um passo adiante, voltando os olhares para o que é propriamente humano, a dimensão espiritual, recusando-se a ceder aos reducionismos propagados pelas mais diversas teorias. Esta é a dimensão mais autêntica e fundamental para a constituição da pessoa em sua integralidade, já que “a pessoa espiritual permanece íntegra; o espírito pessoal não é afetado pela doença ‘do’ espírito, embora a pessoa esteja escondida e disfarçada pelos acontecimentos mórbidos” do plano psicofísico (Frankl, 2019a, p. 163). Assim, “o ente espiritual é intencional” (Frankl, 2019a, p. 139), constando da dimensão noética a liberdade e a responsabilidade e, por ende, da vontade e do sentido. Nela se manifestam a criatividade e a fé (seja a religiosa ou a esperança de futuro), o senso de dever da ética, a compreensão dos fenômenos e a empatia com as pessoas. É a dimensão “invisível” (Frankl, 2019a, p. 123), talvez por isso seja “sempre esquecid[a]” (Frankl, 2019a, p. 179.) É “invisível até chegar o instante em que, qual um raio, o espírito irrompe através das camadas psicofísicas que o isolam” (Frankl, 2019a, p. 163). Essa é para Frankl a sua postura

enquanto profissional de Medicina: ter “uma crença ‘cega’ na pessoa espiritual ‘invisível’, mas indestrutível” (Frankl, 2019a, p. 165).

E aqui nota-se que o que Hartmann (1953) designa de “unidade corpóreo-psíssica do homem” (p. 37), ou Frankl (2019a) de “paralelismo psicofísico” (p. 121), onde “o somático e o psíquico não se podem reduzir um ao outro, nem derivar-se um do outro” (p. 120). Nas palavras de Hartmann (1953), “não há dois fatores herdados mas apenas um que, apesar de toda a variedade e aparente independência das peculiaridades corporais e psíquicas, no entanto demonstra inequivocamente o todo de um tipo singular, integrado” (p. 37).

Percebendo isso, torna-se evidente que o papel do profissional de Logoterapia é cuidar da *doença* e não do *doente*, porque não existe a pessoa doente, porque ela *tem* uma doença; a pessoa é tridimensional e a doença é do plano desse psicofísico.

A pessoa espiritual é [está?] apenas ‘emparedada’ por ela [pela doença]. Quem, senão, o psiquiatra, consegue descobrir a pessoa por trás do muro — a pessoa sofredora? Sim, a pessoa sofre (...) sem estar [ser?] doente (...); a pessoa sofre simplesmente em virtude da impotência a que está condenada (Frankl, 2019a, p. 164).

O exemplo acima, trazido por Frankl, é o da psicose, mas o mesmo se aplicaria a qualquer outra condição de doença: a pessoa ainda está lá, por trás do *estar doente*. Frankl (2019a) afirma categoricamente que o corpóreo é condição e não causa do psíquico ou do espiritual:

A doença física limita as possibilidades de desenvolvimento da pessoa espiritual e o tratamento somático as restitui, dá-lhe nova oportunidade para se desdobrar — é o que nos ensina a clínica nem mais nem menos. O que somos capazes de explicar por meio da clínica é a diminuição das possibilidades do espiritual (p. 161).

É como se houvesse uma estrada que conectasse o psíquico e o físico, mas não podemos afirmar que um local cria o outro. Da mesma forma, há uma estrada que conecta o mundo psicofísico ao mundo noético. Se as estradas estão em boas condições, as relações entre os três

mundos metafóricos são boas; se, contudo, por alguma catástrofe ambiental ou pela mão humana, a estrada para o noético é bloqueada, o noético continua lá, mas não se tem mais acesso à totalidade da região. O mesmo ocorre com as doenças: a doença pode impedir possibilidades noéticas de manifestação, de sua liberdade, responsabilidade, criatividade, ou outras e suas manifestações; ela continua lá e, da mesma forma, a pessoa completa também, mas não temos acesso à sua tridimensionalidade.

Talvez por isso, Frankl nos diz que “cada coisa tem seu valor; o ser humano, porém, sua dignidade” (Frankl, 2022, p. 24). Quando vemos aos seres humanos como “organismos psicofísicos” ou “indivíduos vitais-sociais”, podemos entender que tenham algum valor de utilidade, “medido pela atividade e pela capacidade vital”; o desafio é conseguirmos acesso à sua dimensão noética e vermos as “pessoas espirituais”, para que aí também possamos ver sua “dignidade”, que é igual a de todas as outras pessoas (Frankl, 2019a, p. 165).

Os termos *espírito* e *espiritual*, necessário aclarar, referem-se, portanto, ao ser humano e à dimensão humana que nos abre para a escolha livre, apesar dos condicionamentos biológicos e psíquicos, bem como o “aspecto positivo dessa liberdade: a responsabilidade — o para-quê da liberdade” (Frankl, 2018, p. 166). E, justamente para evitar tal confusão, optamos por usar o termo noético, também usado inúmeras vezes pelo próprio Frankl. Frankl (2020) afirma que:

Sem dúvida, tanto o sentido a existência do homem quanto sua vontade e sentido só são acessíveis por meio de uma abordagem que vá além do mero plano dos dados psicodinâmicos e psicogenéticos. Devemos adentrar, ou melhor, devemos seguir o homem até a dimensão dos fenômenos especificamente humanos, isto é, até a dimensão espiritual do ser. Para evitar qualquer confusão que possa surgir do fato de que o termo “espiritual” tem uma conotação religiosa e língua inglesa [e na portuguesa também], prefiro empregar o termo noético, em contraste com os fenômenos psíquicos, e o termo noológico em contraste com a dimensão psicológica. A dimensão noológica pode ser definida como aquela em que os fenômenos especificamente humanos se localizam (p. 89).

Como Hartmann (citado por Frankl, 2019a) afirmava, há uma autonomia apesar da dependência entre essas dimensões. O espírito se revela apesar das condições ou condicionantes corpóreas, e nunca é totalmente condicionado, podendo até se condicionar a si mesmo. Assim, “o homem é condicionado factualmente, incondicionado facultativamente” (Frankl, 2019a, p. 166). O plano da facticidade nos condiciona com nossa biologia, por exemplo, mas nossa biografia é facultativa, nós escolhemos que história viver, vivenciar e contar. Podemos, assim, ser condicionados em nossa potência, mas incondicionados nas possibilidades.

Com isso, compreendemos que apesar dessa análise heurística, aqui feita, para discernir as três dimensões de maneira didática e não de importância, para Frankl, a existência humana, a partir de uma concepção ontológica tridimensional, é concebida na direção da integração entre corpo, mente e nous, numa *unitas multiplex*. Essa expressão, cunhada por Tommaso d'Aquino, representa a unidade do ser humano, concebido como não suscetível de cisão ou divisão (Miguez, 2015). Frankl (2018) chega mesmo a esclarecer que “o somático [está] aberto ao psíquico”, como o “psíquico é, por sua vez, aberto ao espiritual” (p. 167).

O homem é, apesar de tudo, unidade e totalidade. E nunca é demais enfatizar essa unidade e totalidade, porque *não afirmamos, de modo algum, que o homem seja “composto” de corpo, alma e espírito*. Ele é *tudo isto, pelo contrário unitariamente*, mas só o espiritual constitui e garante essa unidade (Frankl, 2019a, p. 168).

O espiritual é quem é responsável pela integração de todas as dimensões, e também pelo confronto com o psicofísico e suas condicionantes, por isso, a pessoa *tem* corpo, mente e espírito, mas a pessoa apenas pode *ser* o espírito. É nessa essência que emerge a pessoa existencial, em sua unidade e totalidade. E se a experiência humana não permite ser fragmentada, e, portanto, reduzida, também não é possível a ela nada agregar, no sentido que a pessoa já é. Por isso, o ser humano é *individuum*, o que não é dividido, e *insumabile*, ao qual não é adionável, “o singular (*individuum*) e a totalidade (...), a parte e o todo” (Hartmann, 2019, p. 78). Cada ser humano é portanto *multiplex*

internamente em suas três distintas dimensões que atuam de maneiras distintas, mas *unitas* pois é um só. Em suma, unidade antropológica conservada, mesmo com diferenças ontológicas.

Pensadores como Maslow (1943) também retratam, ainda que indiretamente, a existência dessas dimensões, quando enunciam necessidades fisiológicas, destacando que as pulsões e desejos, outras necessidades psicológicas, como segurança ou estima, que não são isolados umas das outras. Inclusive ao se conceber uma relação entre elas, deixa claro o erro do reducionismo, já que ninguém alcançaria seu pleno potencial se não experimentasse a realização de ambas as necessidades.

Tommaso d'Aquino, menciona uma teoria muito similar. Afirma que há seres que se enquadram na categoria *naturalis*, como as substâncias minerais e as plantas, cujo desenvolvimento é meramente orgânico, há os seres *sensitivus*, como os animais, que têm sensações e sentidos, e os seres *intelectivus*, os seres humanos. Para ele, humanos atravessam estados inferiores da vida psíquica para alcançar superiores, numa espécie de integração do inferior (*naturalis* e *sensitivus*) no superior (*intelectivus*), onde razão e vontade se conjugam para que, as forças espirituais façam uso de forças materiais. Não muito diferente disto, Frankl define o noodinamismo. A noodinâmica vai para além da psicodinâmica, que funciona por processos retroalimentares automáticos (tem-se um desejo ou uma necessidade, supre-se, não se tem mais, até que se pode vir a ter novamente), e opera num processo de atração a valores que se tem a liberdade de aceitar ou não. Um exemplo é o jejum religioso celebrado por muçulmanos ou bahá'ís, por 40 ou 19 dias, respectivamente, em cada ano. Ambos os grupos religiosos se abstêm de ingerir alimentos sólidos ou líquidos do nascer ao por do sol. Se o mundo humano fosse gerido pela psicodinamicidade, ter fome faria com que as pessoas automaticamente comessem. O que Frankl diria, nestes dois casos é, que mesmo que a sua dimensão física tenha fome e sua dimensão psíquica necessite talvez reenergizar, a dimensão noética, dotada de uma espécie de força espiritual que desafia o psicofísico, decide, livre e responsávelmente, abster-se de comer, apesar das necessidades psicofísicas, porque há valores que

superam e que, portanto, fazem mais sentido. E isso, por uma simples razão, porque não temos apenas fome e sede psicofísica, temos fome e sede noética.

É esse mesmo processo de noodinâmica que nos fez vermos animais voarem e desenvolvemos habilidades, técnicas e tecnologias que nos permitam também voar. O ser humano seria, para Frankl, como um avião. Quando focado em seu plano psicofísico, ele está em *taxiing*; quando voa ele está no espaço ilimitado do noético. No primeiro caso, ele parece estar determinado, no segundo ele comprehende que está condicionado, mas não determinado, porque ele pode voar para um ou outro lado, de maneira incondicionada. E quando os ventos das condicionantes sociais vierem e tentarem fazê-lo baixar, ele deve erguer-se mais alto, para além de sua meta, justamente para alcançar sua meta. E, podemos arriscar em dizer, se não o fizer, ele cai no sociologismo: na crença reducionista que as condições sociais e ambientais à sua volta determinam seu caminho.

Nas épocas de Hipócrates, d'Aquino ou Freud, focar na biologia, no social ou na psicologia, seria compreensível. Afinal, cada um via o mundo que tinha, com os conhecimentos que existiam. Contudo, com os conhecimentos de hoje, na perspectiva logoterápica, arriscaríamos em dizer, defender friamente essas visões no contexto atual seria negligenciar a tridimensionalidade humana. Já que, não negamos a existência de um corpo, uma mente ou uma sociedade, mas somos mais que isso. A relação entre essas dimensões torna-se por tanto clara:

O físico é dado pela hereditariedade — o psíquico é dirigido pela educação; o espiritual, contudo, não pode ser educado [nem é genética em sua origem ou atuação], tem de ser realizado — o espiritual “é” só na autorrealização, na “realidade da realização” da existência (Frankl, 2019a, p. 178).

É na ação que o noético se manifesta, uma ação conjugada por meio de um corpo e de manifestações psíquicas. No verso 1.3.3 dos *Upanishads Katha* podemos ler:

3. Conheça *atman* como o senhor da carruagem, e o corpo como a própria carruagem, conheça também a inteligência como o condutor; conheça as mentes como as rédeas.

A tradição védica, uma das mais antigas conhecidas, ensina que o corpo é a carruagem e o nous é o senhor da carruagem e seu condutor. Um bom condutor, saberá conduzir uma carruagem com seus problemas, mas um mau condutor poderá não ter a habilidade usar o melhor de uma boa carruagem. Da mesma forma, a forma como o nous usa as rédeas, permitirá conduzir de maneira mais ou menos eficaz o processo. Podemos nessa alegoria dizer que a pessoa é o condutor, que com sua liberdade e responsabilidade, dirige a carruagem a um ou outro local, apesar dos desafios da carruagem (e talvez até da estrada)? Ou será a pessoa o condutor, na carruagem, com as rédeas nas mãos? Ambas as respostas são corretas, dependendo da forma como se opta ver. Da mesma forma a pessoa é seu noético, como também é sua tridimensionalidade. E, da mesma forma, que o condutor, nem sempre temos a opção de escolher a carruagem ou nossas condições físicas (as hereditárias com certeza não temos), e não temos muitas vezes a escolha do nosso processo de aprimoramento mental via educação (já que as escolhas educacionais, sejam na escola, na sociedade ou em casa nem sempre são nossas), mas temos a possibilidade de pegar as rédeas, na carruagem que temos, e decidir como agir. Essa talvez seja a derradeira liberdade humana.

E quando falamos em liberdade humana, será que ela é tridimensional também? Da mesma forma, pessoas e fenômenos podem ser lidos como tridimensionais. É a leitura de livros algo meramente biológico, cujos olhos e cérebros articulam, como no exemplo das cores? É uma experiência psíquica que une emoções como medo, alegria, nojo ou raiva? Ou tem a ver com algo maior que nós? Nossa capacidade de criar e explorar novos mundos e novas realidades?

Nossa tese é que sim. E o pandeterminismo — a ideia de negar a liberdade por considerá-la determinada por processos biológicos, psicológicos e sociais — é de tal forma perigoso que podemos cair no niilismo — a ideia de que é impossível conhecer o mundo real, porque ele não tem qualquer sentido e, por isso, sequer merece ser explorado: nada vale a pena! Semelhante à concepção caricaturada pelos personagens de *West Side Story* (Robbins & Wise, 1961), quando cantam seu “Gee Officer Krupke!”, tentando justificar comportamentos a partir de aspectos que

determinam quem eles são, com a mesma naturalidade que quem nasce em um dos dois grupos rivais da obra não interage amigavelmente com membros do outro grupo, suas relações e seus seres são pré-determinados. Um olhar logoterapêutico facilmente comprehende uma espécie de bloqueio à dimensão noética.

Essa sensação retira energias e força, e faz com que a pessoa sinta que nem dá para tentar, já que os séculos XX e XXI criaram, em suas guerras e constantes ameaças de extinção global o mais fétido dos mundos. A luta contra o niilismo é talvez a maior luta do profissional de Logoterapia. A despeito dos incontáveis condicionantes pelos quais os indivíduos são, inegavelmente, influenciados, o homem será sempre o ser que determina, que se auto-determina. Ao propor a transcendência como aspecto existencial e, por conseguinte, da dimensão noética, a Logoterapia estabelece que a liberdade de decidir, a cada momento, é um dos aspectos mais centrais da natureza humana. Frankl (2002a) descreve essa capacidade com brilhantismo ao questionar e responder sua própria pergunta (retórica):

Ficamos conhecendo o ser humano como talvez nenhuma geração humana antes de nós. O que é, então, um ser humano? É o ser que sempre decide o que ele é. É o ser que inventou as câmaras de gás; mas é também aquele ser que entrou nas câmaras de gás, ereto, com uma oração nos lábios (p. 84).

É a dimensão noética que nos permite oferecer a resposta com a cabeça erguida ante os sofrimentos e apesar deles. É ela que nasce a resiliência de enfrentar os augúrios da vida, sem romantismos, mas com realismo e criatividade. Por isso, é uma dimensão caracterizada por lucidez e autoconsciência, manifestando uma capacidade de autodeterminação, definidora dos fenômenos humanos (Pereira, 2015).

Então, que tipo de ciência fazemos nesta Tese? Arriscamo-nos em dizer, a ciência tridimensional. A ciência que, citando Jaspers (2022), organiza a realidade em “sequência de níveis”, nas quais o “nível superior pressupõe o nível anterior para seu estar-aí” (p. 91) e, por isso,

só nos é possível compreender se entendermos, e entendemos só depois de perceber; pois primeiro o corpo percebe os estímulos do ambiente, para depois a mente ou dimensão psíquica entender e processar esses estímulos, para finalmente o espírito compreender a realidade deles. Ao mesmo tempo, Jaspers (2022) afirma que “a realidade das [dimensões] anteriores parece conseguir manter-se em os níveis posteriores” (p. 91). Não é sem motivo, então, que o texto bíblico fala de mistérios, ao dizer que “aos que estão fora tudo é dito por parábolas, a fim de que, ‘ainda que vejam, não percebam; ainda que ouçam, não entendam’” (Marcos, IV, 10-12). É possível ouvir ou ver apenas, sem entender, e é ainda possível ouvir e entender mas remanescer considerando a realidade um mistério, não a compreendendo; o que nos faz pensar que, talvez, os autores bíblicos já enxergariam essa tridimensionalidade da experiência humana. E sendo este um trabalho acadêmico, o texto bíblico como um texto brahmânico ou uma tradição oral africana serve apenas para ilustrar uma perspectiva e não para comprova-la, já que, nas palavras de Hartmann (2019), “o modo de ser do que é experienciado é o mesmo” (p. 223), e nas de Jaspers (2022) o papel de quem faz ciência é chegar “a princípios unificadores” (p. 90).

E isso só é possível por meio da Filosofia que, segundo Jaspers (2022), exige ousar uma comunicação constante e sem barreiras. A ciência que aqui fazemos é a ciência do diálogo entre corpo, mente e espírito. E o uso do vocábulo *complementar*, é um convite de Frankl a um diálogo entre visões distintas, ou um convite a uma nova compreensão: que há algo para além da terapia voltada para o psíquico, para além da PSICoterapia; o desafio é compreender a importância de se trabalhar com uma LOGOterapia.

**Figura 14**

*Quadro resumido sobre a tridimensionalidade*

## ANTROPOLOGIA TRIDIMENSIONAL

	AQUINO	FRANKL	HARTMANN	CARACTERÍSTICAS	TRATAMENTOS	
SER HUMANO	<i>Naturalis</i>	Dimensão biológica / somática / física	nível orgânico	Responsável pelos processos orgânicos, físicos, pelos 5 sentidos e sensações;	Medicina	<i>UNITAS MULTIPLEX</i>
	<i>Sensitivus</i>	Dimensão mental /psíquica / anímica	nível anímico	Responsável pelas emoções, desejos, memórias;	Psicoterapia	
	<i>Intelectivus</i>	Dimensão espiritual / noética	nível espiritual	Cultural e espiritual, permeando e ultrapassando todas as dimensões	Logoterapia	

### O Conceito de Sentido à Luz da Antropologia Dimensional<sup>15</sup>

Ao considerar a questão da tridimensionalidade como característica transversal de todos os fenômenos, surge uma questão. E se o núcleo teórico da Logoterapia e Análise Existencial, o Sentido da Vida, tivesse também manifestações específicas, com suas peculiaridades próprias, conforme sua presença a cada dimensão? Se Sentido é algo amplo, que só é possível graças à existência da dimensão noética, poderiam outros conceitos ser utilizados no âmbito da bidimensionalidade psicofísica? Noblejas (no prelo), por exemplo, concorda com essa possibilidade ao afirmar que:

É frequente utilizar como sinônimos sentido, significado e propósito (...). No entanto, cada um tem matizes que aludem a um âmbito diferenciado em relação ao alcance interior de sentido que experimentam os seres humanos, e, inclusive, fazem-no preponderantemente

<sup>15</sup> Pretende-se submeter o presente subcapítulo, com as devidas mudanças e adaptações, à apreciação e possível publicação para a *REVISTA CIENTÍFICA E ACADÊMICA DE LOGOTERAPIA*, da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial Frankliana.

com uma dimensão de ser humano, seja a psicológica, a existencial (inclusive em certos casos até a biológica).

Se assim for, o uso de pseudo-sinônimos, inclusive entre profissionais da Logoterapia (Noblejas, 2024) já deveria ter instado uma reflexão sobre o tema. Sentido pode ser sinônimo parcial de direção (apesar de, na verdade, os conceitos de sentido e direção se complementarem na física), como meta, já que sentido é movimento e ação e, mais, é a própria provocação para a mudança, que marca a marcha do ser. Por sua vez, a vontade de sentido seria uma espécie de regente desse movimento, da existência humana, uma vez que guia para a realização de sentido, sendo a motivação para a ação, uma caminhada para o futuro.

Há uma ênfase na direção futuro do comportamento humano, presente em relatos do próprio Frankl, quando cita, por exemplo, o companheiro no campo que faleceu, poucos dias antes da libertação do Campo em abril, por ter sonhado com uma voz que lhe diz que a libertação seria em março do mesmo ano:

O chefe do meu bloco, um estrangeiro que outrora fora um compositor musical bastante conhecido, disse-me certo dia: "Ei, doutor, gostaria de lhe contar uma coisa. Há pouco tempo tive um sonho curioso. Uma voz me disse que eu poderia expressar um desejo, que poderia dizer o que gostaria de saber e ela me responderia qualquer pergunta. Sabe o que eu perguntei? Quero saber quando a guerra terminará para mim. Sabe o que quero dizer: para mim! Isto é, queria saber quando seremos libertos do nosso campo de concentração, ou seja, quando terminarão os nossos sofrimentos." Perguntei-lhe quando tivera esse sonho. "Em fevereiro de 1945", respondeu. Estavávamos no começo de março. "E o que te disse então a voz em sonho?", continuei perguntando. Bem baixinho, me segredou: "Em trinta de março..."

Quando este meu companheiro me narrou o seu sonho, estava ainda cheio de esperança, convicto de que cumpriria o que anunciara aquela voz. Mas a data profetizada se aproximava cada vez mais e as notícias sobre a situação militar, na medida em que penetravam em nosso campo, faziam parecer cada vez menos provável que a frente de batalha de fato nos trouxesse a liberdade ainda no mês de março. Deu-se então o seguinte: Em vinte e nove de março aquele companheiro foi repentinamente atacado de febre alta.

Em trinta de março, no dia em que de acordo com a profecia a guerra e o sofrimento (para ele) chegaria ao fim, ele caiu em pleno delírio e finalmente entrou em coma.... No dia trinta e um de março ele estava morto. Falecera de tifo exantemático.

Quem conhece as estreitas relações existentes entre o estado emocional de uma pessoa e as condições de imunidade do organismo, compreenderá os efeitos fatais que pode ter a súbita entrega ao desespero e ao desânimo. Em última análise, meu companheiro foi vitimado porque sua profunda decepção pelo j não-cumprimento da libertação pontualmente esperada reduziu drasticamente a capacidade de seu organismo contra a infecção de tifo exantemático já latente. Paralisaram-se sua fé no futuro e sua vontade de futuro, acabando seu organismo por sucumbir à doença. Assim a voz do seu sonho acabou prevalecendo... (Frankl, 2002a, pp. 74-75).

Como o pilar de nuvem que trazia esperança aos hebreus (Frankl, 2020), o sonho de futuro trazia esperança ao prisioneiro. E o organismo físico, conclui Frankl, paralisou a esperança, por meio de uma existência que se assumia como “provisória sem prazo” (Frankl, 2002a, p. 70). A temporalidade para o futuro implica, segundo Neves de Jesus (1996) a existência de *objetos-fim* e *objetos-meio*, ambos objetos motivacionais, sendo o primeiro a meta intencionada e o último os elementos necessários para alcançá-la, com papel instrumental para o ato. Traçar um paralelo com a Logoterapia convida a assumir que o poder seria um objeto-meio e o sentido um objeto-fim. A inexistência ou desinvestimento de objetos-meio, contudo, segundo o autor, não inferem a ausência de real motivação, já que *para quê* é algo do objeto-fim. Como fator agregado, a dificuldade em estabelecer projetos é sintoma do que poderíamos chamar de falta de clareza ou até alienação motivacional. Nesta linha, poder-se-iam concluir dois tipos de motivação: a vontade de sentido e a vontade de poder. Há contudo, um terceiro tipo de motivação, à qual Frankl (2015) designa de vontade de prazer, presente em quem “se dedica especialmente ao prazer e às diversões” (p. 16), ao sucesso ou à felicidade, podendo assim chamar, de *objeto-consequente*, com “‘prazeres imediatos’ e de fácil acesso na actual ‘sociedade de consumo’, revelando a ausência de uma perspectiva temporal de futuro mais ampla” (Neves de Jesus, 1996, p. 21) que podem inclusive “provocar

alguma dependência em relação a esta recompensa e, inclusivamente, suprimir a motivação intrínseca nas situações (...), isto é, como um fim em si mesmo” (Neves de Jesus, 1996, p. 124).

Afinal, Nietzsche (2001) afirma que “Quem deve enfrentar monstros deve permanecer atento para não se tornar também um monstro. Se olhares demasiado tempo dentro de um abismo, o abismo acabará por olhar dentro de ti” (p. 89). O abismo é, por definição, um local imenso e vazio. Contudo, ele mesmo provê a solução, ao afirmar que “as grandes coisas estão reservadas para os grandes espíritos, os abismos para os espíritos profundos” (p. 52). Desta forma, só na dimensão noética o abismo se torna algo que é possível explorar. Não em vão, Jaspers (2022) afirma que “o que parecia abismo transforma-se em espaço de liberdade” (p. 54). Quando no abismo, pode a pessoa determinada pelo psicofísico a preenchê-lo com uma visão de poder ou de prazer, alienando-se e deixando o abismo olhar de volta, para dentro de si, tomando conta; é aqui que nascem os comportamentos agressivos e aditivos mencionados anteriormente. Quando assume sua liberdade para o voo, a pessoa comprehende o espaço do sentido, do movimento, da ação e torna-se quem ela já deveria ser. Por isso o abismo é o locus de terror (no plano psicofísico) ao mesmo tempo que é o espaço dos espíritos profundos (no espaço noético).

Em suma, as vontades de poder, prazer e sentido são três forças motivacionais presentes, segundo a Logoterapia, na pessoa humana. A intencionalidade de cada uma, o foco motivacional exclusivo em uma ou outra permite o voo ou a queda. Para a Logoterapia, o poder e o prazer podem ser vistos como objetos secundários (o que nesta Tese se opta por chamar de objeto-meio e objeto-consequente, respectivamente), e o objeto primaz e fundamental (o objeto-fim, usando a mesma linguagem) é a vontade de sentido.

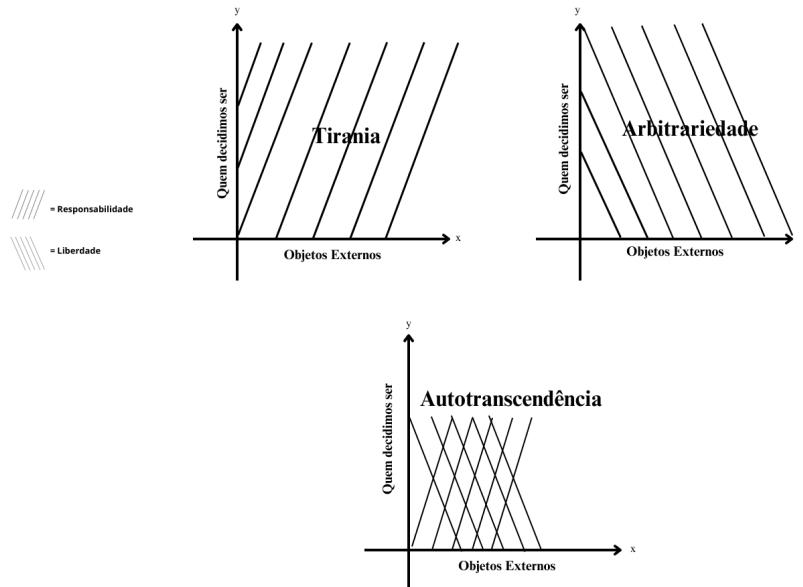
O sentido é, portanto, um aspecto noético e existencial que demanda a existência do psicofísico e seu funcionamento saudável com o mundo. E para que o sentido se torne efetivamente real, seja realizado, é necessária a dinâmica entre duas *fontes de sentido* (Noblejas, no prelo), a experiência da liberdade e o destino. A liberdade responsável — não a ilusão de liberdade que

permite “arbitrariamente se desenvolvam padrões pessoais: as nossas próprias regras” e impô-las sobre os demais, como “mestres construtores de nossos próprios valores”, porque essa pseudoliberdade na verdade, “pode conduzir à destruição” (Fabry, 2013, p. 102), já que convida cada um a achar que pode fazer o que e como quer fazer —, associada ao destino — “cristalização das condicionantes da vida” (Noblejas, no prelo) — que conduzem à derradeira capacidade de decidir, o que nas palavras de Jaspers (2022), ocorre “pela claridade que surge na reflexão” (p. 72). Em uma frase, “liberdade e destino entrelaçam-se em prol do sentido e, à luz do sentido, o destino, com seus olhos até agora severos, subitamente cheios de luz, assemelha-se à própria graça” (Buber, 2003, p. 57).

Para tal, sentido é possível escutando a voz da consciência, numa chamada para a autotranscendência. Segundo Fabry (2013), autotracendência é “alcançar para além de nós mesmos, a outros seres humanos ou sentidos” (p. 129). Podemos aqui propor então que há duas formas de autotranscendência, a horizontal, que vai em direção a objetos externos, e a vertical, que convoca a sermos quem deveríamos ser. O que só é possível por meio de uma orientação a metas, à intencionalidade da atividade. Não se trata de responsabilidade (ser responsável a algo imposto por elementos externos que dizem o que temos que fazer), mas pela responsabilidade (a habilidade de dar respostas a partir de elementos internos que nos convocam à ação). Responsabilidade demanda disciplina interior e sem liberdade ela se torna tirania, enquanto sem a sua presença a liberdade se torna arbitrariedade (Fabry, 2013). Por isso, na presença do sentido, não há circularidade de responsabilidade com frases como “você me fez agir assim”: o sentido é possível assumindo a responsabilidade e eliminando a responsabilidade ou reatividade.

**Figura 15**

*Os gráficos da transcendência*



Assim, as coisas são delimitadas, seja do ponto de vista conceptual (somos sempre responsáveis), como também do ponto de vista espacial e temporal. No espaço, podemos nos locomover até um certo limite, e no tempo podemos agir num certo limite. A compreensão dessa finitude enriquece o sentido. Muitas vezes chamada de atitude perante a morte, o sentido na verdade é melhor descoberto na atitude perante o *finus*. Já que a atitude perante o fim das coisas, enquanto tais (seja o fim de uma graduação ou um doutorado, o fim de uma relação conjugal ou uma situação laboral, o fim de uma palestra que proferimos ou assistimos ou um livro que lemos ou escrevemos), provoca a compreensão da admoestaçāo de Jaspers (2022) que “cada dia é valioso: um instante pode ser tudo” (p. 156). E, talvez por isso, “no campo de concentração um dia demora mais que uma semana” (Frankl, 2002a, p. 71), porque não há sensação de finitude associada. Ao saber que as coisas têm uma historicidade e caducidade, a responsabilidade perante elas torna-se mais real, *ergo*, mais realizável. Naturalmente isso instiga a ter claro os valores atitudinais, bem como os criacionais e vivenciais para a prossecução da caminhada pelo sentido.

Esta é a “indizível confirmação do sentido” da qual Buber (2013, p. 112) fala. Para ele não há “como mostrar ou definir o sentido” (p. 112), tampouco atribuir-lhe fórmula ou imagem, já que ele “quer apenas por nós ser feito” (p. 113). O conteúdo existencial das vontades de poder ou prazer são, na linguagem de Buber, substituídas por “uma presença como força” (p. 112), que a Logoterapia designa de vontade de sentido. Para Buber, o sentido é um mistério, que é da vida concreta de quem a vive e não de terceiros, no mundo em que se vive e não em outro. Afinal:

Quando, ao caminhar, encontramos um homem que se aproxima de nós em sentido contrário, também caminhando, conhecemos apenas a nossa parte do caminho, não a sua (Buber, 2013, p. 80).

Por isso, a dimensão física não é capaz de enxergá-lo, nem a psíquica entendê-lo. Menos ainda seria possível entender o que faz ou não faz sentido para a vida de outras pessoas ou prescrever-lhes um sentido. Por isso, o sentido é um mistério e pode apenas ser reconhecido ou recebido “por cada um na unicidade de seu ser e na unicidade de sua vida” (Buber, 2013, p. 113), ou seja, pela presença da dimensão noética que une a tridimensionalidade do ser. E essa “revelação é chamamento e missão” (Buber, 2013, p. 117).

Por sua vez, Bühler (2020), em sua teoria da comunicação, esclarece que há ideias (perceptivas), há significados, e há signos. Os signos são nomes nomeadores da linguagem, assim a palavra *cão* evoca uma ideia captada via percepção (visão e audição) e uma criança de apenas 11 meses vê várias espécies de cachorros na rua e os identifica da mesma forma que os pode identificar desenhados nas páginas de um de seus livros infantis. “A criança não tem problemas em mudar de uma atitude a outra”, diz Bühler (2020, p. 293) e isso lhe permite mudar a atitude como também sua escolha de palavras, por assim dizer, usando a onomatopeia em português *au-au* e evoluir eventualmente para *cão* ou *cachorro*. O falante-pensante está em relação com a sua experiência pessoal que tem a capacidade evolutiva. Várias palavras possuem o mesmo significado aqui. Ao mesmo tempo, uma mesma palavra pode ser usada em diversos contextos e, por isso, torna-se

necessário esclarecer ou limitar seu contexto. Como a palavra *xír* em persa que significa leão, leite e torneira em simultâneo. Um mesmo signo pode ter vários significados. Por isso, Bühler (2020) deixa bem claro que a linguagem é, em si, um signo de processos psíquicos. E se pela dimensão psíquica, anteriormente explicada, compreendem-se fenômenos chamados de emocionais e racionais, torna-se natural a elação de Bühler (2020) que os românticos, porventura focados nas experiências afetivas dos signos, encontram uma riqueza de significado nas ideias, por imagem e semelhança das coisas, e os lógicos, porventura focados em uma visão mais racional do mundo, buscam coordenação acordada sobre o significado de cada conceito.

Há ainda os símbolos que se relacionam a campos específicos, permitindo que as coisas sejam definidas. Símbolos musicais (as notas) são para o campo da partitura, enquanto os símbolos conhecidos como grafemas são para o campo do que chamamos de texto escrito. O símbolo é determinado pelo campo e o campo pelo símbolo. E a clareza do significado de ambos só é possível, conhecendo a relação entre eles. Há grafemas, como o *k*, *t* e *b* em árabe (ou seus equivalentes, na verdade, já que se trata de outro alfabeto), que sempre que estão juntos têm a ver com a mesma ideia, no caso, a arte da escrita, e sabendo isso, é fácil para um leitor ou ouvinte iniciante de árabe ler ou ouvir uma palavra e imediatamente buscar compreender seus sons e significado à luz dessa informação.

A palavra emerge então como uma associação, uma associação entre um signo e seu respectivo significado, entre um símbolo e um campo simbólico, e entre pessoas que compartilham o mesmo idioma, numa intersubjetividade, numa comunidade que compartilha. Assim, a palavra tem sempre um significado, nem que seja a palavra *abracadabra* que não tem qualquer sentido.

É porventura dessa associação intersubjetiva que emergem os potenciais sentidos das palavras. E as palavras evoluem e seus significados se consolidam a partir de um ou mais sentidos que elas possam assumir. Como a palavra alemã *schuld* que poderia ter muitos potenciais sentidos, tais como *dívida*, *culpa* ou *falha* mas que se consolida hoje no alemão coloquial apenas como *culpa*.

É por isso que Jaspers (2022) afirma que quando algo é verbalizado, e “temos o significado do verbalizado”, estamos “no nível da cognoscibilidade” (p. 93) e que compreender o Ser é ir para o mundo da possibilidade “em direção ao imprevisível” (p. 94). O significado e suas interpretações convencionais estão no campo do psicológico, enquanto sentido e suas manifestações no campo do noético. E essa manifestabilidade, não obrigatória segundo Jaspers (2022), e portanto facultativa, deve convocar o transcender, evocando “conhecimento novo e individual ao conhecimento já existente”, provocando “um solavanco da consciência do ser como um todo” (p. 95). É aqui que encontramos a pessoa que “faz perguntas radicais e diante do abismo, insiste em favor a libertação” e mesmo com a consciência de suas limitações, “experimenta a incondicionalidade na profundidade do Ser-si-mesmo e na clareza da transcendência” (p. 115).

Está claro então que significado e sentido são as manifestações de um mesmo fenômeno nas dimensões psíquica e noética, respectivamente, mas haverá ainda diferenças entre elas? Para isso, encontraremos respostas no texto de Gottlob Frege, publicado originalmente em 1892, sob o nome *Über Sinn und Bedeutung*, equivocadamente (em nosso entender) traduzido e popularizado sob o título em inglês para *On Sense and Reference* (“sobre o senso e a referência”), contribuindo para as confusões sobre os termos, quando, na verdade, se traduz adequadamente como *Sobre Sentido e Significado*. De forma bem simples, pode-se dizer que *significado* de um nome é o próprio objeto ao qual se refere enquanto *sentido* é o que ele se intende expressar. Em inglês, essa teoria da Filosofia da Linguagem expressa uma Teoria do *Meaning* (palavra que pode ser igualmente traduzida para sentido e significado no nosso idioma) e, portanto, para compreender esse *meaning* seria necessário compreender a diáde *sense* e *reference*. Para ele, o significado de uma parte da frase reflete o significado de toda a frase, enquanto o sentido pode variar, conforme o pensamento de quem interpreta a frase. Assim, apesar do significado da palavra *águia* ser sempre o mesmo — ave de rapina grande o suficiente para caçar animais grandes, pertencente a uma das cerca de 70 espécies, de algum dos vários gêneros da família dos Acipitrídeos — seu sentido varia. A águia era

curadora espiritual nas Américas, mensageira e/ou representante de Hórus, Ódin e Zeus, protetora da Albânia, restauradora da ordem e justiça de Saladín, a guia para um futuro promissor para astecas. Em *Os Sete Vales* (Bahá'u'lláh, 2008) é vista como a mais nobre ave, dada sua dignidade e honra e em *A Conferência dos Pássaros* ('Attar, 2003), obra que inspira a anterior, é descrita como arrogante de falso orgulho. Por isso Frege (1948) afirma que “se duas pessoas imaginarem a mesma coisa, cada uma terá ainda assim a sua ideia” (p. 7). Para ele a ideia e o sentido associado a ela varia conforme as pessoas — “a ideia de um homem não é a de outro” (p. 6) —, e varia inclusive na mesma pessoa, “o mesmo sentido não está sempre conectado, mesmo no mesmo homem, na mesma ideia” (p. 6).

É exatamente isto que torna tão difícil muitas vezes encontrar pontos em comum entre pessoas diferentes, mesmo que se possam encontrar paralelos em suas sensações. Enquanto o significado da palavra é o objeto que pretende designar, e a ideia é algo subjetivo da consciência de cada um, o sentido é algo intermédio, “não mais subjetivo como uma ideia, contudo não o objeto em si” (Frege, 1948). É talvez assim que se possa compreender quando Fabry (2013) compara a questão de um sentido para as situações a questões de múltipla escolha: várias respostas são possíveis, várias interpretações aceitáveis, mas apenas uma é a adequada. É assim que Frankl (2015) atribui simultaneamente subjetividade e objetividade ao conceito de sentido:

Permita-se-me fazer ainda uma observação a respeito objetividade daquilo a que chamo *sentido*: a objetividade não exclui sua subjetividade. Explico-me: o sentido é subjetivo na medida em que não há um sentido para todos, mas sim um sentido para cada um dos outros; entretanto, no caso concreto de que se tratar, o sentido não pode ser *puramente* subjetivo: não pode ser a mera expressão, o puro reflexo do meu ser, nos termos em que o subjetivismo [e] o relativismo o entendem e no-lo pretendem fazer crer (Frankl, 2016, p. 105).

## **Figura 16**

*Síntese gráfica da relação entre significado, sentido e ideia*



Um signo é uma combinação de letras e/ou palavras. Esse signo possui um significado definido e objetivo. É objetivo para Frege, na medida em que tem algo concreto a que se refere; é objetivo para Bühler, na medida em que há uma convenção estabelecida; e é objetivo para Frankl na medida em que é o que está dado no mundo, na forma do que se chamou acima de destino. A ideia que esse signo pretende expressar, seja um signo-palavra de Frege ou Bühler, ou a leitura de uma realidade existencial para Frankl, é subjetiva na medida em que depende da pessoa que vive a experiência do que a Fenomenologia designa de fenômeno. O sentido é aquilo que para Frege, Bühler, Buber, Jaspers, Frankl e tantos outros é desvelado, descoberto, encontrado a partir da capacidade de ter ideias sobre aquilo que está posto. Por isso, Frege (1948) é claro ao destacar que “por meio do signo expressamos seu sentido e designamos seu significado” (p. 9).

Esse exemplo se torna muito claro na poesia. Quando Frye (2017) fala do poema de William Blake, *A Rosa Doente*, usado na aula pelo professor Hazard Adams, com 60 alunos. Na aula, o professor pergunta o que os alunos entendem do poema e 59 falaram de alguma alegoria sobre a vida humana e apenas um único aluno falou da relação entre rosas e parasitas. O significado do poema era esse mesmo: rosas e vermes; seu sentido, contudo, é o jogo de cor e sombra que segundo Frege (1948) evoca em quem recebe o poema. E esse sentido só é descoberto com “alguma afinidade em ideias humanas” (Frege, 1948, p. 9), sem o qual a arte (e talvez toda expressão comunicacional) seria impossível. Por isso, é irrelevante, no caso da poesia e da literatura, saber se há algum traço de verdade, o que importa é a sua beleza, enquanto a sua veracidade é algo do campo das ciências.

Uma ideia expressa por uma frase gramaticalmente correta, expressará um sentido, mas não necessariamente terá um significado; por exemplo a frase “dirige na menor velocidade possível” tem seu sentido na ideia de que é a velocidade mais baixa naquela circunstância, mas seu significado é inexistente uma vez que não há velocidade mínima em movimento (0 m/s é a velocidade mínima e é inerte, sem movimento). Um acontecimento, analisado cientificamente, sim, deve buscar a verdade; então o significado tem valoração de *verdadeiro* ou *falso*. Talvez por isso, Marías (1973) afirma que a função expressiva de Bühler está mais presente na poesia e a representativa no enunciado científico (e a apelativa no comando). Se algo tem significado verdadeiro ou falso é algo concreto, cognitivamente (psicologicamente) analisável; se algo tem sentido, tem a ver com a intuição da pessoa, à luz de suas experiências; e no que tange a uma frase, uma não é mais relevante que outra. Talvez possamos inferir que a sua importância depende do campo: a veracidade ou falsidade é relevante no campo do significado concreto das coisas, na ciência e nas leituras fácticas; enquanto que no campo da literatura, da criatividade, da imaginação, do noético o que importa é que o pensamento seja expresso.

Frege (1948) adverte ainda que julgamentos nascem justamente quando se tenta atribuir veracidade a pensamentos. Pode-se ver aqui um paralelo com as palavras de Jaspers (2022) “contra a fixação dos juízos extremos” (p. 97), que pegam “mundos particulares de conhecimento”, erroneamente *absolutizando-os* (p. 92); erroneamente justamente porque “todo juízo total sobre o mundo e as coisas baseia-se em conhecimento inadequado” (p. 97). E é justamente isso que conduz a “preconceitos arraigados” e à proibição de questionamentos e pesquisas ilimitadas” e, por conseguinte, à “cegueira de se tomar algo como verdadeiro sem questionamento” (p. 102); e, quando o questionar estiver impedido e “onde não houver mais pergunta, não haverá mais resposta” (p. 65).

E talvez por isso, Frankl (2015) fale em humildade, aquela humildade de poder equivocar, a humildade de não saber se encontrou e realizou o sentido, e a humildade de, ainda assim, envidar

esforços em seu caminho. Por isso, “na vida não se trata de uma atribuição de sentido, senão de um achado de sentido; o que se faz não é dar um sentido, mas encontrá-lo: encontrar, dizemos, e não inventar” (Frankl, 2016, pp. 107-8), e, por ser pessoal, esse encontrar pode ser falho.

Com base no que se viu, sentido é descoberto pelas capacidades do campo noético e significado é definido pelas capacidades do psíquico. Pode-se então inferir que haverá uma manifestação fenomênica no nível biológico! A ela chamaremos percepção, já que é a aquisição de informação do mundo, seus objetos, eventos e aspectos, a partir de nossos sensores. Em suma, percebe-se informação sobre os fenômenos, pelas vias biofísicas; entende-se e assimila-se conhecimento e define-se seu significado pelas vias psicoanímicas; e desvela-se o sentido e comprehende-se a sabedoria dos fenômenos pelas vias nooespirituais.

Quando chegamos neste ponto, temos o que Jaspers (2022) chamaría de *imperativo incondicional*, aquilo que é imperativo fazer, sem mirar consequências pessoais, sem amarras, sem condições. É aqui que começamos a perguntar a finalidade das coisas como tal, não sua finalidade funcional e imediata, não uma finalidade condicionada ou um propósito ou *Bestimmung* apresentado por alguma autoridade externa, não uma determinação ou *Bestimmheit* de alguém que não eu. Ao invés, são exigências incondicionais coerentes comigo mesmo, tomando “consciência de mim como aquilo que eu mesmo sou, porque devo sê-lo” (Jaspers, 2022, p. 71), é sobre meu Ser ou *Sein* e o sentido do meu Ser, meu *Seinsinn*, é sobre “o sentido na vida aporta[r] coerência” à vida (Noblejas, no prelo). É importante frisar que as palavras em alemão não são para embelezamento textual, mas para a clareza conceptual: *Sinn*, sentido, é sobre *Sein*, o ser que somos, e sua proximidade gráfica não pode ser coincidência; enquanto o propósito *Bestimmung* compartilha a mesma raiz etimológica de *Bestimmheit* determinação, não sendo, portanto, simples brincadeira de palavras. O objetivo não é um propósito proposital proposto por uma figura externa, mas o sentido vivido por mim, no caminho do que deveria ser.

A indústria do propósito parece crescer rapidamente, e é necessário esclarecer, como o faz Noblejas (no prelo), correlacionando propósito com metas que podem ou não ser auto-transcendentais, que podem se relacionar com os gêneros motivacionais vistos acima, além da vontade de sentido, as vontades de poder e prazer. “Um uso preciso da linguagem é um caminho relevante para tal pois os termos utilizados podem potenciar posições existenciais diferentes” (Noblejas, no prelo) e, por isso, falar apenas de percepção ou significado, ou falar deles fora de seus campos físico e psíquico, é reducionista e talvez até reificador. Falar em propósito é um convite à reificação e a uma frustração de sentido, já que a busca por um propósito que se confunde com um sentido, uma busca obcecada e incessante, pode causar mais danos que bem, numa caminhada artificial que, por melhor intencionada que seja, pode gerar vazio existencial por não se encontrar satisfação que essa indústria impõe.

Por isso, o poema de Göethe, trazido por Bühler (2020), faz todo o sentido (trocadilho intencional):

Eu andava pelo bosque,  
Sempre assim, de bem comigo,  
E por nada procurava,  
Nem caminho nem sentido (Bühler, 2020, p. 93)

Não se trata de buscar sentido ou o caminho (seja o caminho do sentido, da verdade ou qualquer outro) no mesmo espírito alienado de quem não preencheu sua vida e busca preenchê-la com prazer ou poder. Trata-se de viver a vida, de caminhar a vida, trata-se da caminhada em si, com suas dúvidas, questões e curiosidades despertadas; é sobre caminhar o caminho da vontade de sentido.

### **Revisão Narrativa Sobre Logoterapia e Literatura<sup>16</sup>**

---

<sup>16</sup> Pretende-se submeter o presente subcapítulo, com as devidas mudanças e adaptações, à apreciação e possível publicação da revista *Revista Mexicana de Logoterapia*, da Ediciones LAG.

À exceção de poucas páginas em dissertação de mestrado (Cyrous, 2007), a relação entre as realidades da Logoterapia e Análise Existencial — é estudada pelo autor da Tese de maneira livre desde 2002 e de forma cada vez mais frequente e sistemática desde 2006 — e o uso de histórias e narrativas em contexto clínico — uma curiosidade que emergiu em 1999 — não tem sido foco pessoal de pesquisa específica e consolidada. As interfaces entre estas duas esferas de saber tem, contudo, sido explorada desde 2013, em aulas em pós-graduações e especialização em contexto da Logoterapia, por todo o Brasil, Histórias, Narrativas, Contos e Criatividade. Trata-se portanto de uma temática que emerge na Logoterapia brasileira, sem estudos consolidados.

O próprio Frankl parecia ter interesse pela interface com a literatura já que, além de autor de *bestsellers*, era “leitor com uma ampla gama de interesses não apenas na literatura especializada relevante, a propósito, como também da ficção e da poesia” (Batthyány & Lukas, 2022, p. 93).

Com isso, numa abordagem em que tanto de seu fundador encontra-se presente, torna-se portanto importante saber como ela encara esse tema. Deste modo, sentimos a urgência de sair do mundo pessoal (seja o nosso ou o de Frankl), em direção ao conhecimento empírico de outros autores e, por isso, aqui apresentamos uma breve exploração do que existe na literatura contemporânea.

Optou-se, para isso, por uma revisão narrativa da literatura, focada numa apresentação temática mais aberta. Não há uma questão específica bem definida; o que aqui se pretende é compreender como tem sido a prática de profissionais de Logoterapia e Análise Existencial no que tange ao uso de histórias. Como não há um protocolo de intervenção com histórias, tampouco se faz possível um protocolo rígido para sua realização de uma revisão assim. Então a pesquisa por artigos assumiu-se bem flexível, provendo informações sujeitas ao que os pesquisadores perceberam como relevante.

Nesse processo, enviamos correspondência eletrônica inicialmente a institutos de Logoterapia e Análise Existencial credenciados pelo Viktor Frankl Institute, sediado na Áustria,

solicitando “material fonte” acerca de Biblioterapia, Histórias, StoryTelling, Contos, e técnicas similares dentro do marco conceptual da Logoterapia e Análise Existencial (tais como artigos ou recomendações de livros) e inclusive o contacto de autores que trabalham os temas. Foram também enviadas mensagens em português, a partir da rede de relações pessoais. Nesse processo, novos contactos foram sendo feitos e novas mensagens foram sendo enviadas. Foram assim enviadas 116 mensagens em inglês, 57 em espanhol e 34 em português. Muitas respostas foram recebidas, e trocas a partir daí se iniciaram.

O objetivo era que a partir da leitura de textos selecionados, viéssemos a fazer uma síntese narrativa para resumir os resultados dentro de uma estrutura. Embora a síntese narrativa não consista de regras definitivas para a análise dos dados, a abordagem tenta (1) situar a intervenção num quadro que foca em responder a perguntas como *porque?*, *como?* e *para quem?*, e (2) explorar relações entre dados coletados. Adicionalmente, há dados que parecem fundamentais ao presente estudo, a saber (3) o desenvolvimento de uma síntese preliminar dos resultados, por meio não só de descrição como de quadros ilustrativos, apresentando possíveis padrões e (4) a avaliação da robustez dos dados, explorando fortalezas e fraquezas, assim como desafios dos estudos. Assim sendo, para o presente estudo, nos focamos em mostrar o panorama geral da Logoterapia e Análise Existencial sobre o assunto.

### ***Sobre os Resultados***

À medida que as respostas foram sendo recebidas, ora oferecendo seus trabalhos com contos ou até seus próprios contos ou poemas autorais como fonte, ora apresentando outros pesquisadores, começamos a refletir sobre se logoterapeutas usariam a técnica de maneira sistemática ou seguiam meramente sua intuição no processo!

Das respostas, inicialmente apenas 14 foram deveras significativas, com artigos, livros e teses, *powerpoints*, relatos pessoais, entre outros. Coletamos esses materiais e a eles adicionamos outros já conhecidos, como livros autorais, atentando para suas notas de rodapé e referências e,

assim, encontrando outras fontes para enriquecer nossa pesquisa. Eliminamos um artigo em tailandês pela incerteza que a tradução por meios digitais pudesse ser fidedigna, e fomos informados de algumas pesquisas no Japão que não foram compartilhadas. E todos esses textos foram organizados e lidos (e até relidos), e encontram-se compilados na Figura abaixo.

**Figura 17**

*Características dos Artigos Revisados*

Título	Autores	País de nascimento do primeiro autor	Formato da publicação	Ano	idioma
O que diz o psiquiatra a respeito da literatura moderna	Viktor Emil Frankl	Áustria	Capítulo de livro	1975 (original) e 2015 (Brasil)	disponível em português
A Logoterapia em Contos	Claudio García Pintos	Argentina	Livro	1996 (original) e 2007 (Brasil)	disponível em português
Literatura infantil e Logoterapia	Eloisa Marques Miguez	Brasil	Artigo publicado em periódico	1997	produção original em português
Histórias que podem curar	Elisabeth Lukas	Áustria	Capítulo de livro	1998 (original) e 2021 (Brasil)	disponível em português
La Biblioterapia, la Escriptoterapia, en el caso de Carlos: la lectura y la escritura como recurso logoterapéutico	Leticia A. de García	México	Artigo publicado em periódico	2002	produção original em castelhano
Psychotherapy and Movies: On Using Films in Clinical Practice	Stefan E. Schulenberg	EUA (?)	Artigo publicado em periódico	2003	produção original em inglês
Meaningful Cinema: Logotherapy and The Last Samurai	Stefan E. Schulenberg e W. Scott Madsen, Jr	EUA (?)	Artigo publicado em periódico	2005	produção original em inglês

Título	Autores	País de nascimento do primeiro autor	Formato da publicação	Ano	idioma
<b>Using movies to teach principles of Logotherapy</b>	Amanda M. A. Melton, Stefan E. Schulenberg, Mary Katherine Ulmer, Leah K. Campbell, Heather L. Foot, Cahryn Anderson, e Shara Adderholt	EUA (?)	Artigo publicado em periódico	2005	produção original em inglês
<b>Logotherapy and Meaningful Movies:</b> <b>Existential Analysis of Cast Away (2000) and Life as a House (2001)</b>	Stefan E. Schulenberg	EUA (?)	Artigo publicado em periódico	2005	produção original em inglês
<b>Meaningful Cinema: Logotherapy and Spider-Man 2</b>	Stefan E. Schulenberg, Marcella H. Dunaway, Heather L. Foote	EUA (?)	Artigo publicado em periódico	2005	produção original em inglês
<b>Meaningful Cinema: Logotherapy and Finding Neverland</b>	Stefan E. Schulenberg e Stephanie L. Nassar	EUA (?)	Artigo publicado em periódico	2006	produção original em inglês
<b>La lectura y su efecto terapéutico</b>	Cecilia Saint Girons	Argentina	Artigo de blog	2008	produção original em castelhano
<b>La logoterapia y la biblioterapia: descubriendo el sentido de la vida a través de la lectura</b>	Valentina Morandi Balcunas (orientadora: Lilián Vans)	Uruguai (?)	Trabalho de Conclusão de Curso (?)	2008	produção original em castelhano
<b>Cuentos que curan: Hacia una Logoterapia narrativa psico-educativa</b>	Alejandro de Barbieri e Marcela Arocena	Uruguai	Capítulo de livro	2021	produção original em castelhano
<b>La cura por la palabra escrita</b>	Alejandro de Barbieri	Uruguai	Capítulo de livro	2021	produção original em castelhano
<b>El valor de la biblioterapia en la vejez</b>	Gastón Mario del Río	Argentina	Artigo de blog	2011	produção original em castelhano
<b>Understanding death attitudes - the integration of movies, positive psychology, and meaning management.pdf</b>	Ryan M. Niemiec e Stefan E. Schulenberg	EUA (?)	Artigo publicado em periódico	2011	produção original em inglês

Título	Autores	País de nascimento do primeiro autor	Formato da publicação	Ano	idioma
<b>Escribir para cambiar la autobiografía en la práctica clínica y educativa</b>	Daniele Bruzzone	Itália	Capítulo de livro	2011	produção original em castelhano
<b>Biblioterapia</b>	Gastón Mario del Río	Argentina	Capítulo de livro	2013	produção original em castelhano
<b>Logo-Autobiography and Its Effectiveness on Depressed Korean Immigrant Women</b>	Sunhee Cho, Kunsook S. Bernstein, Soonhee Roh e Daniel C. Chen	Coreia do Sul	Artigo publicado em periódico	2013	produção original em inglês
<b>The Effectiveness of Logo-Bibliotherapy on the Depression of Selected Filipino Suffering from Myasthenia Gravis</b>	Judy L. Aguinaldo e Rosalito de Guzman	Filipinas (?)	Artigo publicado em periódico	2014	produção original em inglês
<b>The Ghostwriter Writes No More: Narrative Logotherapy and the Mystery of My Namesake</b>	Andrew F. Herrmann	EUA (?)	Artigo publicado em periódico	2016	produção original em inglês
<b>La Venganza. Una experiencia de lectura terapéutica</b>	Cecilia Saint Girons e María Leticia Lombardi	Argentina	Capítulo de livro	2018	produção original em castelhano
<b>Biblioterapia y Educación: los libros como camino hacia el sentido</b>	Gastón Mario del Río	Argentina	Livro	2018	produção original em castelhano
<b>Biblioterapia - contribuições ao processo de busca de sentido</b>	Danuza El Khatib (orientador: Sam Cyrous)	Brasil	Trabalho de Conclusão de Curso, para conclusão do curso de pós-graduação <i>lato sensu</i> em Logoterapia e Análise Existencial	2018	produção original em português

Título	Autores	País de nascimento do primeiro autor	Formato da publicação	Ano	idioma
<b>Análise logoterápica do filme “A Vida é Bela”: o sofrimento de uma história com sentido</b>	Ana Raquel de Sousa Oliveira (orientador: Edmundo de Oliveira Gaudêncio)	Brasil	Trabalho de Conclusão de Curso, para obtenção do título de bacharel em Psicologia	2018	produção original em português
<b>Aproximações entre a obra de Hamlet de Shakespeare e a Logoterapia</b>	Carlos Vitor Albuquerque Esmeraldo Beserra Brasil e Carlos Eduardo Soares Reis	Brasil	Artigo publicado em periódico	2019	produção original em português
<b>O sentido do sofrimento em “O Senhor dos Anéis” - uma introdução</b>	Camila Pimentel de Menezes	Brasil	Capítulo de livro	2019	produção original em português
<b>Projeto PIBIC: Relato de experiência do projeto “O significado os contos de fadas para crianças em situação de risco psicosocial da rede pública de Campina Grande - PB”</b>	Maria Luisa Barros Santos Lucena, Ana Clara Ribeiro Cabral e Mota e Mychel Estalone Soares Faustino (orientador: Gilvan de Melo Santos)	Brasil	Publicação de evento acadêmico/ científico	2019	produção original em português
<b>Histórias, Sentidos e Resgates de Vidas</b>	Marilia Wedy de Moraes (orientador: Sam Cyrus)	Brasil	Trabalho de Conclusão de Curso, para conclusão do curso de pós-graduação <i>lato sensu</i> em Logoterapia e Análise Existencial	2019	produção original em português
<b>La biblioterapia como recurso terapéutico interdisciplinario</b>	Analía Verónica Losada	Brasil	Artigo publicado em periódico	2020	produção original em castelhano
<b>Leitura saudável: Biblioterapia hoje</b>	Alexander Batthyány e Elisabeth Lukas	Áustria	Capítulo de livro	2020 (original) e 2022 (Brasil)	disponível em português
<b>Revisión sistemática de artículos sobre biblioterapia y el sentido de la vida</b>	Antonio Martín Román	Argentina	Artigo publicado em periódico	2020a	produção original em castelhano

Título	Autores	País de nascimento do primeiro autor	Formato da publicação	Ano	idioma
<b>Biblioterapia y su valoración por expertos en Logoterapia</b>	Antonio Martín Román	Argentina	Artigo de blog	2020b	produção original em castelhano
<b>A relação entre a leitura e a capacidade noética de autodistanciamento</b>	Suzaneide Oliveira Medrado e Hernán Eduardo Lanosa	Brasil	Artigo publicado em periódico	2021	produção original em castelhano
<b>Meaning-making and narrative in the illness experience: a phenomenological-existential perspective</b>	Daniele Bruzzone	Itália	Artigo publicado em periódico	2021	produção original em inglês
<b>O trágico, a beleza e o sentido: uma análise logoterapêutica do filme “Melancolia”</b>	Marcos Antônio Dias Júnior	Brasil	Artigo publicado em periódico	2021	produção original em português
<b>O livro infantil como recurso educativo e terapêutico</b>	Tatiana Oliveira de Carvalho	Brasil	Capítulo de livro	2021	produção original em português
<b>“Buongiorno, principessa!”: uma análise do filme “A Vida é Bela” sob a visão da Logoterapia de Viktor Emil Frankl</b>	Aryellen Christine Freire Matoso (orientadora: Marília Oliveira da Silva)	Brasil	Trabalho de Conclusão de Curso, para obtenção do título de bacharel em Psicologia	2021	produção original em português
<b>O Filme <i>Soul</i> e a busca por Sentido: uma análise à luz da Logoterapia</b>	Flávia Ribeiro Nunes da Costa e Luzandra Graneiro Rangel da Cunha (orientadora: Maria Thereza Toledo)	Brasil	Trabalho de Conclusão de Curso, para obtenção do título de bacharel em Psicologia	2021	produção original em português
<b>Aplicação da Biblioterapia: uma análise do filme Encanto</b>	Alexey dos Santos Custódio da Silva	Brasil	Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação em Logoterapia e Análise Existencial	2022	produção original em português

Título	Autores	País de nascimento do primeiro autor	Formato da publicação	Ano	idioma
<b>Logotherapy And Existential Analysis: Meaning-Centered Poetry And Story-Telling</b>	Hidayet Ceylan (orientador: Memduh Nezih Özmert)	Turquia	Trabalho de Conclusão de Curso, Diplomado de Educador/Administrador	2022	produção original em inglês
<b>O uso de Histórias como Recurso Terapêutico</b>	Michelle Kemmer Janene Caram (orientador: Sam Cyrous)	Brasil	Trabalho de Conclusão de Curso, para conclusão do curso de pós-graduação <i>lato sensu</i> em Logoterapia e Análise Existencial	2023	produção original em português
<b>A biblioterapia e as narrativas como ferramentas e sentido nos serviços de saúde mental</b>	Vinícius Bazílio Corrêa (orientador: Sam Cyrous)	Brasil	Trabalho de Conclusão de Curso, para conclusão do curso de pós-graduação <i>lato sensu</i> em Logoterapia e Análise Existencial	2023	produção original em português
<b>Writing Therapy and Search for Meaning: A Case History</b>	Daniele Bruzzone	Itália	Capítulo de livro	2024	produção original em inglês

Podemos aqui notar a existência de 45 textos de 54 autores (alguns dos textos foram em co-autorias), com apenas seis tendo mais que uma publicação sobre o tema. Os textos são datados de 1975, o mais antigo sendo do próprio Frankl, até 2024. Há um empate entre a quantidade de produções publicadas em português ( $n=14$ ), inglês ( $n=14$ ) e castelhano ( $n=14 + 1$ ), onde há um texto consultado em português mas de original castelhano e. A totalidade dos artigos em português são publicações no Brasil, maioria dos quais trabalhos de conclusão de curso em nível de graduação ou pós-graduação ( $n=8$ ). Já em castelhano temos cinco produções de livros (livros inteiros ou capítulos dedicados ao tema) e quatro artigos publicados em periódicos, sete dos quais são produzidos por autores argentinos — sete se considerarmos o livro de Pintos (2007) consultado em

português, mas escrito originariamente em castelhano. Isso pode dar a entender que a produção em castelhano é mais consolidada que a nossa, ao menos em termos científicos, mas a que os pesquisadores em idioma português são mais curiosos sobre o tema, ainda que tenha demonstrado esse interesse mais recentemente, já que exceptuando Miguez (1997), a produção original de língua portuguesa é, em sua maioria pós-2018 e, portanto, poderia ser até injusto fazer uma análise comparativa mais detalhada. Por isso, arriscamo-nos a concluir apenas um *facto*: a pesquisa sistemática de língua portuguesa sobre Histórias e Logoterapia é algo novo e, destarte, cabe aos atuais pesquisadores arriscarem adentrar mais, dando a esta pesquisa ainda mais responsabilidade: a de oferecer insumos para que futuros pesquisadores possam adentrar no campo, com conhecimento mais consolidado.

É importante ainda frisar que dos mais e 40 textos, apenas 11 são pesquisas publicadas em periódicos, das quais apenas 2 são pesquisas empíricas. Todos os textos têm a Logoterapia como base, apesar de alguns terem incorreções históricas (atribuição da origem da Logoterapia aos Campos de Concentração) ou conceptuais (confusão de alguns termos) e até mesmo com o nome de Frankl escrito de maneira equivocada.

Muitos dos trabalhos recentes eram revisões — com maior ou menor grau de sistematização. Por exemplo, as revisões sistemática de Côrrea (2023) e não-especificada de Caram (2023). Numa revisão usando as palavras-chave “Biblioterapia” e “Saúde Mental” no *Google Acadêmico*, Côrrea (2023), encontrou 27 artigos, mas incluiu somente 4, já que os demais foram excluídos por “incompatibilidade do título e tema e duplicidade” (p. 15), evidenciando o que designou de “escassez de pesquisas científicas metodológicas” sobre a literatura como “ferramenta de sentido” (p. 22). Para ele, a ferramenta é relevante para os usuários de serviços de Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) II, “resistentes à ajuda” (p. 3), e cuja presença de “falta de sentido, a frustração e o sofrimento” desencadeiam quadros que demandam “atenção especial” (p. 2) para a “exteriorização dos dilemas e dos pensamentos” de quem busca esse apoio. Para Côrrea (2023), o

papel da psicologia é, nesse contexto, ser “suporte de análise de expressão”, independente do meio utilizado, além de contribuir com uma intervenção terapêutica adequada e a biblioterapia e o uso de contos e narrativas torna-se uma alternativa de cura, ao “possibilitando a elaboração da tríade trágica da existência e ressignificação do sentido de vida” (p. 3).

Já Caram (2023) citou sete textos em seus resultados de estudos na aplicação de histórias, enquanto apresenta considerações importantes, como os “benefícios do uso de histórias na prática terapêutica”, na clínica logoterapêutica. Menciona que o uso da literatura requer uma prévia adaptação ao público-alvo para que consiga provocar nele uma reflexão. Para a autora, a biblioterapia “promovendo reflexão de valores e sentidos” e, em decorrência dos “debates internos”, proporciona “autodistanciamento e autotranscendência”, “possibilitando novas perspectivas e mudanças” (p. 20).

Khatib (2018) utilizou a técnica em contexto de sessão individual de psicoterapia, com 12 pessoas, usando contos em ao menos uma sessão. Para a autora, contos em contexto terapêutico servem para auxiliar na busca de sentido. Todavia, os contos utilizados e a justificativa de escolha não foram descritos. Ademais seria necessário esclarecer os critérios de escolha dos sujeitos participantes da pesquisa, uma vez que eram seus pacientes em processo terapêutico, assim como em qual sessão e porquê nela. A justificativa do uso dessa ferramenta parte da premissa de que a narrativa, mesmo que fictícia, auxilia na assimilação, integração e revelação de novas alternativas, já que, uma vez ilustrado, permite que a pessoa que escuta estes contos, possa apropriar-se e posicionar-se diante às situações de seu cotidiano. Moraes (2019) descreve seu estudo como um relato de experiência de atendimento psicológico com moradores de rua. A autora tampouco especifica como usou a biblioterapia, carecendo todavia de definição de materiais utilizados, metodologia empregada, se foi leitura, reescrita ou escuta do livros.

Aguinaldo e Guzman (2014) aplicaram o que chamaram de Programa de Intervenção em Logo-Biblioterapia a 30 pessoas e testaram a sua eficácia utilizando ferramentas de psicometria. Deixaram-nos curiosos quanto ao conteúdo exato do programa, apesar de confirmarem que:

Em meu estudo, todos os participantes no grupo experimental mostraram mudanças significativas após o programa de Logo-biblioterapia. Para eles, tudo não é desesperançoso e eles têm ainda muitos propósitos para os quais viver enquanto respirarem e estiverem vivos. Ademais, pode-se sentir intensa tristeza, depressão, desesperança diminuídas após demanda por um propósito de vida. Faz a vida mais significativa, e digna de viver ao pleno. Portanto, concluo que a Logo-biblioterapia é efetiva (p. 38).

Cho e colegas (2013) falam de um programa semanal grupal, de um total de seis semanas (com encontros de 60 minutos), intitulado Logo-Autobiografia. Explicam que se trata de uma espécie de diário auto-narrativo e guiado, que oferece insumos sobre os problemas da vida, à medida em que a pessoa tem que cumprir tarefas específicas de leitura e escrita, sem nos oferecer informações sobre quais seriam essas tarefas, ou o conteúdo dessas sessões. Citam alguns desafios, apesar “do importante valor terapêutico da auto-expressão” (p. 39) como a clareza e honestidade de participantes num trabalho que é grupal, por conta de inseguranças no que tange a confiabilidade e sigilo. É dos poucos trabalhos que menciona uma agência regulamentadora ou fomentadora por trás (no caso o Governo Coreano e o Global Korean Nursing Foundation).

O trabalho de Lucena et al. (2019) é outro exemplo de pesquisa (no caso pesquisa-ação) que tem aprovação de um Conselho de Ética. Com o intuito de “colaborar para a construção de um entendimento mais assertivo e coerente sobre a realidade das demandas subjetivas e objetivas de seus participantes, de modo a facilitar a validação e implementação de propostas de suporte terapêutico melhor adaptadas às especificidades dessa amostra estudada” (s/ p.) para uma melhor qualidade de vida dos participantes, Lucena et al. (2019) também investigaram os efeitos do uso histórias para crianças em situação de vulnerabilidade psicossocial, nomeadamente *João e Maria*,

*Pinóquio* e *Os Três Porquinhos*, considerados pelas autoras, clássicos da literatura infantil. Participaram num total de sete encontros, onze crianças, com idades compreendidas entre 8 e 10 anos. Neles houve escuta e produção artística referente a essas obras, como atividades de reescrita, desenho, recontação oral e dramatização das histórias, associados a uma escuta psicológica, sem inferências, apenas munindo-se de diálogo socrático. Houve, assim, no entender das pesquisadoras, o “possibilitar ao sujeito [d]a descoberta dos significados, mensagens e estados anímicos” (Lucena et. al, 2019, s/ p.), propondo assim uma relação entre o uso das técnicas e a dimensão psíquica dos participantes. Este talvez seja o texto que melhor explana seu exercício de prática metodológica.

É preciso aqui salientar dois fatores observados nas pesquisas encontradas. O primeiro a carência de explicação dos processos, impedindo uma replicação futura por outros pesquisadores, o que impede, por sua vez, a validação externa do método. Por outro, a ausência da sinalização se seu projeto envolvendo seres humanos foi aprovado por algum órgão regulamentador, como um Comitê de Ética em Pesquisa.

Um outro exemplo desta situação é o caso de Herrmann (2016), que brinda seus leitores com reflexões sobre sua vivência perante o falecimento de seu pai. Usa uma técnica que designa de “Logoterapia Narrativa” (p. 1) e “logoterapia auto-etnográfica” (p. 6), que é explorada a nível pessoal, com poucas explicações acerca. Em certo momento, o autor diz:

Escritores de narrativa pessoal amiúde compõem peças sobre culpa, dor e irrevogável perda, o que Frankl designou de “tríade trágica” (p. 161). Como a logoterapia, a escrita de narrativa pessoal permite-nos mergulhar nas profundezas de nossas emoções e confusões, revelando respostas para dilemas não-resolvidos (Kiesinger, 2002). A narrativa pessoal como a logoterapia pode ser epifânica, através de re-narrativa, reenquadramento, e re-paradigmatização do passado (p. 3).

Bruzzone (2011) oferece algumas reflexões mais consolidadas sobre o método de escrita da experiência. Ele diz que a mente continua a atividade cognitiva e simbólica, como que tecendo

uma narrativa que se manifesta no que designa de “escrita autobiográfica” (p. 202), e assim “restituir o sentido (ou o não-sentido) que eles têm para que os vivenciou” (p. 203). Propõe uma reflexão sobre como as histórias precisam ser curadas, mais que as pessoas que as vivem, e que isso é possível quando a pessoa se percebe vítima do relato da história que viveu. Por isso, esse método pretende “recuperar o passado extraíndo-o do inconsciente”, num “processo de revisão e reinterpretação que, apesar de não poder modificar os feitos, transforma o significado” (p. 204). Isso é possível na medida em que a vida e as experiências têm uma estrutura temporal, da mesma forma que as narrativas; com isso, vemos “o paradoxo da escrita, que, enquanto recorre o passado, ‘abre’ o futuro e a projectibilidade” (p. 205), revivendo e revisando no presente, uma memória passada para recompongê-la recompondo-nos para um futuro: a escrita torna-se, ao mesmo tempo, anamnésica e poiética, focada em reencontrar um sentido para momentos desorientados ou desorientadores. Por isso, prima pelo cuidado em evitar uma escrita “autística” que reforce o que designa de “narrações disfuncionais” ou “esquemas neuróticos” (p. 208), e propõe condições metodológicas para tal, tais como lugar tranquilo, tempo calmo, liberdade para se expressar, direito à privacidade. Na técnica inclui e explana a escrita de experiências pessoais, a confissão, o memorial, a autobiografia e a carta a si mesmo, entre outras. Menciona ainda elementos que podem ser explorados após a escrita, tais como esquemas narrativos, temas dominantes ou termos que se repetem, lugares mencionados, metáforas, e até arquétipos (Bruzzone, 2011). Bruzzone (2024) explica que mudança biográfica e transição existencial ocorrem, por meio da técnica, porque “linguagem narrativa é muito mais apropriada ao humano que a linguagem cintífica, porque ela permite-nos alcançar o *sentido*, que inevitavelmente transcende os *factos* da situação” (s/p.). Para o autor, é necessário *recompor um novo texto*, convidando pacientes a uma escrita reflexiva e expressiva, e até quase fictícia, convidando a pensar sobre novos caminhos ou rumos, face o futuro. O autor recorda-nos ainda que que os “eventos da vida não têm um sentido fixo, imutável, mas, ao invés, seu sentido pode mudar com o tempo e em função do desenvolvimento da personalidade” (Bruzzone, 2021, p. 21).

Outro autor que parece se ter dedicado ao tema, e autor do possivelmente único livro atualmente disponível no Brasil sobre histórias em contexto epistemológico da Logoterapia e Análise Existencial é o de Pintos (2007). Por meio de perguntas, resume a técnica que, por vezes chama de “logoterapia em contos” (p. 13), “biblioterapia” (p. 18) ou “leitura terapêutica do livro” (p. 21), explica:

Quantas vezes nos encontramos retratados em um conto ou em uma canção? Quantas vezes recorremos a uma personagem de ficção ou a uma poesia para dar resposta a uma situação? Quantas vezes apelamos para uma história para compreender uma circunstância da vida? Em última análise, quantas vezes sentimos que tal livro “aconteceu” em nós? Aí, como elemento catalisador, como circunstância que me permite me “perceber”, como encarnação de um valor, ali mesmo encontramos resposta ao “para quê” da biblioterapia (p. 21).

Explica Pintos (2007) que no decorrer das sessões, pacientes passam por uma “espécie de transe leve” que conduz a que as palavras sejam “assimiladas inconscientemente com nitidez surpreendente” (p. 23). Por isso, a técnica é, para ele, abrangente, podendo haver bibliodiagnóstico que inclua como e qual história usar para cada paciente e, a partir daí, conduzir um diálogo que permita “trabalhar sobre o conjunto de respostas obtidas” (p. 27), reflexões sobre leitura “por indicação ou sugestão do terapeuta” (p. 35), “prática de escrever” (p. 48), uso de “ditados, refrões, ou expressões conhecidas” (p. 82) e talvez até, a partir deles, “elaborar para si mesmo uma espécie de cartão ou minipôster com cuidado, isto é, que tenha o trabalho de fazê-lo ‘bonito’, por assim dizer” e “guardar esse cartão onde achar melhor” (p. 80). Para ele, “toda letra escrita” (p. 34) tem a riqueza do “não-escrito” (p. 93) e, dessa possível combinação nasce a “boa companhia terapêutica” (p. 93). Pintos oferece várias sugestões de como usar a técnica e orienta a que os profissionais conheçam os hábitos de seus pacientes, como também livros e histórias e os *bestsellers* do momento. Não deixa, contudo, de alertar que a terapia não pode ser convertida “em uma oficina literária”, recomendando autores que na época estavam desenvolvendo trabalhos nesse campo.

Uma dessas autoras é Miguez (1997), que relaciona a Logoterapia com a literatura infantil. A autora afirma que a literatura pode ter uma “função profética: assumindo formas de denúncia, de resistência, ou assumindo formas de anúncios, evocando a humanidade essencial perdida, seja projetando para o futuro uma forma de existência mais livre e mais bela” (p. 25). Em diálogo pessoal, Miguez esclareceu que trabalhava e trabalha literatura em contexto escolar. Jamais saberemos a riqueza que poderíamos ter obtido se tivesse decidido continuar suas publicações, uma vez que seu trabalho é, possivelmente, o mais antigo (ao menos o mais antigo que encontramos em nossa pesquisa) e, portanto, pioneiro no campo.

Apesar de focado especificamente em “biblioterapia educacional” (del Río, 2013, p. 47), del Río (2011, 2013, 2018) oferece algumas reflexões sobre o que designa de maneira ampla de *biblioterapia*: “a possibilidade de cura através da leitura, por meio de toda letra escrita” (del Río, 2011, s/p.), “seja prosa, poesia, canções, aforismos e reflexiones” (del Río, 2013, p. 46). O autor usa apenas um termo (não vários) para designar a ferramenta e descreve-a de maneira ampla, o que é inovador em muitos círculos. Para ele é um recurso que “busca afinar a consciência, apelando à vontade de sentido” (del Río, 2013, p. 47), sendo, portanto algo que dialoga com a dimensão noética e não anímica, como proposto por outros autores acima mencionados. Del Río (2018), inclusive, afirma-o com clareza ao dizer que “a biblioterapia desde a logoterapia apela à dimensão espiritual, vai para além do desenvolvimento cognitivo da pessoa” (pp. 75-6). Trata-se de uma técnica que “serve para modificar comportamentos através do autoconhecimento e do apelo aos recursos noéticos, utilizando questões cognitivas e emotivas” para provocar mudanças de comportamento e até novas ações (del Río, 2013, p. 52), já que é por meio da dimensão noética que emergem as respostas criativas (del Río, 2018). Trata-se de um método que permite aos estudantes explorar, abordar, analisar sua própria existência, reconectando-se com sua interioridade, e descobrindo e vivenciando valores para poder encontrar novos sentidos para suas vidas, pelo simples facto de “convidar as pessoas a se inserirem numa nova realidade” (del Río, 2018, p. 20).

Tal como Pintos (2007), orienta que o profissional conheça os membros do grupo no qual trabalhará, e ainda conheça aspectos pessoais, culturais e desenvolvimentais da adolescência, público com o qual tende a trabalhar. Orienta ainda a estar atento a um clima acolhedor, à inflexão da voz, seu tom e volume, o ritmo de leitura, as pausas, o conteúdo escolhido. Del Río (2018) deixa contudo claro que se trata de um recurso que pode ser usado em qualquer idade desde a infância e adolescência (del Río, 2013) até a velhice (del Río, 2011), já que “em qualquer idade podem descobrir valores, por meio da consciência” (del Río, 2018, p. 76). Del Río (2018) oferece ainda a descrição dos passos para usar a biblioterapia, perguntas que podem auxiliar no processo e o papel fundamental do diálogo nesse processo. Com isso, não poderia deixar de propor processos dialógicos para aplicação conjugal e familiar, sugerindo contos breves que provoquem esse encontro e uma escuta ativa de seus membros (del Río, 2018).

Del Río esteve no Brasil para abordar a temática em um Congresso de Logoterapia e Educação em 2023, o que parece sugerir que o investimento no tema no Brasil começa a crescer. Adicionalmente, ao longo da última década, algumas (ainda que poucas) formações e pós-graduações em Logoterapia e Análise Existencial iniciaram a abordar oficialmente a temática. Um outro exemplo são os trabalhos de Rennó e Carvalho (2021), produzindo literatura infantil que usa “formas de linguagem mais adequadas às crianças, facilitando assim as elaborações infantis” (Carvalho, 2021, p. 39). Para Carvalho (2021), a biblioterapia é uma “via privilegiada” (p. 39), um “recurso educativo e terapêutico” (p. 38) que é capaz de:

criar uma intimidade entre leitor e leitura, com tamanho poder e penetração que venha a alcançar um efeito catalisador efetivo, permitindo que o leitor se perceba a partir de uma nova perspectiva, mobilizando seu poder e resistência [do espírito face às condicionantes psicofísicas] e superação de adversidades (Carvalho, 2021, p. 39).

A autora esclarece que seja a história real ou fictícia, o que importa é que o leitor testemunhe “situações e vida resolvidas de maneira peculiar” enquanto as pode “comparar com suas próprias situações de vida”, “descobrindo assim o sentido da sua vida” (Carvalho, 2021, p. 40).

Conhecedores de Logoterapia e Análise Existencial facilmente terão identificado a presença de Elisabeth Lukas na lista de textos. Lukas (2005) com seus *Histórias que Curam* oferece casos clínicos, relatados em formato de histórias, sem oferecer na obra qualquer explicação teórica de como usar histórias. Já Lukas (2002), no capítulo “Histórias que podem curar” oferece alguns insumos sobre a temática. Afirma, por exemplo que:

A leitura de textos adequados mostra ao leitor o caminho que leva à plena seriedade da vida. Uma leitura a que eu me dedicar existencialmente oferece-me a oportunidade de colocar em andamento um profundo processo existencial de amadurecimento, um processo de conscientização” (Lukas, 2002, p. 78)

A autora também associa a leitura assídua à felicidade:

Isso também nos faz aprender a surpreendente constatação de que leitores assíduos tendem a ser pessoas mais felizes. Certamente não o são por terem recebido menos golpes do destino, mas porque através da constante leitura aprenderam a integrar as contrariedades na sua vida dando-lhes um sentido. Porque em constante diálogo com o mundo das ideias e das imagens dos livros se transformaram em pessoas mais maduras. Nessa perspectiva também se pode definir a cultura da leitura como terapia cotidiana sem terapeuta (Lukas, 2002, p.77).

Exemplifica contando sete histórias, duas das quais de Nossrat Peseschkian. Numa delas continua a lógica explanada acima: “A felicidade não é algo exterior, não pode ser adquirida por meio do ter (...). É algo interior, faz parte do ser do homem” (Lukas, 2002, p.96). Peseschkian, outro autor seminal para a presente Tese, apesar de não ser logoterapeuta é responsável por, após seu estabelecimento em Wiesbaden (Alemanha), Lukas escrever a Frankl em 1974, que “a logoterapia não estava totalmente desconhecida na área de Wiesbaden”. Continua: “Dei-me conta

que o Dr. Nossrat Peseschkien [sic], um neurólogo persa, que tem aqui seu consultório, leu todos os seus livros [de Frankl] e valoriza muito a Logoterapia” (Fabry & Lukas, 1996, p. 48). Em email pessoal, datado de 07 de agosto de 2009, Peseschkian, nos relata “passei uma parte de minha educação psicoterapêutica com o Prof. Frankl”, esclarecendo, em outro email pessoal datado de 12 de agosto de 2009, “trabalhei junto com o Dr. Frankl por algum tempo em Vienna e em outros lugares”.

É a partir desta relação entre culturas que Girons e Lombardi (2018) encontram uma das potências dos contos, “um microcosmos da vida (como a terapia) onde se refletem a complexidade e a diversidade do mundo e por ele se foca um aspecto da realidade com intensidade” (p. 140). Para as autoras, os contos são narrativas que, apesar de breves, têm uma trama concentrada, e ativam imaginação, criatividade e fantasia. As autoras fazem uma proposta metodológica e algumas perguntas que podem ser usadas em encontros grupais, e recordam a importância da “liberdade para a participação espontânea dos integrantes do grupo” (p. 156), respeitando também a interpretação individual de cada pessoa, considerando sua própria história pregressa. Inspiradas em de Barbieri Sabatino, enfatizam que o espaço grupal deva ser “de encontro e intercâmbio afetivo emocional combatendo o isolamento e a solidão” (p. 141). Ao “grupo de biblioterapia” assim formado, Girons (2008) define como “encontros de reflexão grupal baseados na leitura de textos de Logoterapia e da vida quotidiana, com o objetivo de gerar nos participantes uma logoatitude e encontrar sentidos” (s/p.).

A biblioterapia como mecanismo de combate ao isolamento e à sensação de solidão é vista por de Barbieri e Arocena (2021) como uma das mais importantes características da biblioterapia, em especial em contexto grupal. Para ele, quando realizada em grupo, promove-se um ambiente que produz interações afetivas e a construção de uma rede de apoio emocional. O autor apresenta elementos metodológicos, menciona livros abordados em seu projeto de grupo de encontros mensais e acresce que “o facto de se reunir para escutar um, falar e compartilhar o que

vivenciamos com dita leitura, infunde esperança e respeito à possibilidade de enfrentar as próprias problemáticas” (s/ p.):

Toda literatura (em forma de contos, poesia, cinema, mitos, etc.) nos fala de vivências profundamente humanas; vivências que necessitamos conhecer para nos compreendermos mais e melhora nós mesmos e a nossos pacientes e poder assim acompanhá-los melhor (de Barbieri & Arocena, 2021, s/ p.).

E, por isso, as histórias se convertem em instrumentos de prevenção contra o vazio existencial e de promoção de saúde mental. Não se trata de somente entreter leitores, mas, por meio das personagens, conhecer novas possibilidades, viver outras vidas e encontrar respostas para questionamentos existenciais. Além disso, a prática enriquece o imaginário, conecta e gera identificação entre personagens e indivíduos, toca emoções reprimidas e educa os sujeitos com as lições das histórias (de Barbieri, 2021). O propósito é tirar a pessoa de uma condição passiva e conscientizá-la sobre suas liberdade e responsabilidade. De Barbieri (2021) propõe o termo “Logoterapia Narrativa”, já que, para ele, é característica humana “dar testemunho da vivência” (s/ d.) através da palavra escrita, seja relatando recordações, sonhos, pensamentos, etc. A escrita do paciente acerca de si mesmo é um mecanismo que possibilita o encontro consigo mesmo, permitindo:

aumenta[r] o compromisso do paciente para com seu próprio processo de cura, o mantém “conectado” consigo mesmo e com seu processo, entre uma sessão e outra; ou seja, ajuda a manter a continuidade do mesmo, já que se reduz o “corte” que alguns pacientes fazem entre uma sessão e outra (de Barbieri, 2021, s/ p.).

O processo terapêutico constitui-se a partir do contato do terapeuta com histórias e novas narrativas. Logo, para o autor, o psicoterapeuta é um receptor de histórias que precisam ser escutadas, acolhidas e preservadas, caso o paciente deseje revisitá-las: por meio do recurso narrativo, a história ficará gravada. Essa é a “passagem da palavra falada à escrita” (de Barbieri,

2021, s/ p.). Todo esse processo, para de Barbieri e Arocena (2021) serve para a prevenção da apatia e das neuroses coletivas, como as posturas fatalista e provisória diante da vida, o fanatismo e o pensamento coletivista, afirmando assim a faceta preventiva e sua logoterapia narrativa.

Para superar a frustração existencial que conduz à neurose noogênica, Román (2020a) propõe “uma metodologia adequada” para “uma adequada formação” em Biblioterapia, de modo a influenciar positivamente a caminhada a pessoa por sua vida, reduzindo níveis de ansiedade e stress, melhorando saúde psicossocial, bem-estar e qualidade de vida (p. 126). Para isso, faz-se necessária uma interação dinâmica entre leitor e leitura, que é utilizada como estratégia de intervenção contra os problemas existenciais, já que os livros contêm “valores que ao se projetarem no leitor podem fazer ressurgir sentimentos”: há aqui uma perspectiva de “um processo dialógico e interativo entre o texto e o contexto” (p. 115). Talvez por isso que Román (2020b) fala da importância da existência de Bibliotecas Penitenciárias, não só como direito humano ou acesso à informação, mas como espaço que facilite uma experiência de leitura ajudando “a aliviar a pena, a ansiedade e a insatisfação dos internos, ademais de que estimulam sua criatividade e imaginação, (...) como um instrumento comum de reabilitação” (s/ p.). Citando Medrado, Román (2020a), deixa claro que a biblioterapia faz-se um “espaço transicional ou uma ponte para a sensação de liberdade e a possibilidade de habitar outros mundos diferentes que permitem enriquecer a própria vida com novas situações” (p. 126). Em entrevista a Losada (2020), Román menciona que as neuroses noogênicas são tratadas na Logoterapia com o reorientação para o futuro e a valorização dos aspectos positivos da personalidade, e por isso a biblioterapia é uma ferramenta de apoio no processo: em especial na descoberta de si e na construção de caminhos e possibilidades de futuro. Desse modo, o uso da biblioterapia é terapêutico por fomentar a reflexão ativa acerca da existência e do sentido da vida, de maneira crítica (Losada, 2020).

Nessa mesma linha, Medrado e Lanosa (2021) defendem que a leitura incentiva maior autonomia na vida, enquanto “pode propiciar uma relação mais profunda e significativa entre o

leitor e o texto, uma vez que se efetiva por meio da reflexão e do diálogo provocativo e questionador que conduz à reflexão do próprio ser” (p. 163).

Balcunas (2008) concorda com essa ideia, afirmando a necessidade de uma ação psicológica preventiva, que se mune da biblioterapia como prática aplicável a todos os públicos, incluindo individual e grupal. Para a autora, a nível individual a biblioterapia fomenta a reflexão, o autoconhecimento e a autoafirmação, favorecendo o crescimento pessoal, enquanto a nível grupal os integrantes reconhecem-se uns nos outros, por meio de partilhas de experiências embasadas nos temas abordados pelos recursos biblioterápicos. Esclarece que, mesmo perante a importância do vínculo grupal (que emerge da empatia, congruência e aceitação positiva e incondicional entre os integrantes do grupo), a experiência individual da leitura gera diferentes sinais, que revelam possibilidades de realização de valores de criação, vivência e atitude para cada pessoa, contribuindo para a recuperação do sentido de vida dos pacientes. Nesse sentido, a metodologia utilizada na biblioterapia em grupo é composta pela leitura de uma obra que será discutida entre todos os participantes, levando em consideração as experiências e opiniões individuais, que devem ser aceitas incondicionalmente e livres de julgamentos.

A maioria dos textos abordados até agora oferecem insumos com o que designam de biblioterapia, usando a letra escrita. Há, contudo, um grupo que utiliza “metáfora visual” (Schulenberg, 2003, p. 37), filmes como “cinematerapia”, um poderoso mas subutilizado recurso, que melhora a comunicação, permite a construção de otimismo e estratégias de enfrentamento e facilita insights e crescimento terapêutico (Schulenberg e Niemiec, 2011, p. 400), em especial se usados o que Schulenberg (2005) designa de “filmes significativos”. Para Schulenberg e Niemiec (2011), filmes provém um meio para enfrentar questões existenciais,

à medida em que o espectador identifica com personagens e segue uma história e, ao mesmo tempo, pode provê uma avenida para escapara à morte porque sabe que são apenas numa tela (Gibson, 2001). Filmes desempenham um papel importante de reforçar e

perpetrar equívocos (...), filmes amiúde nutrem medos desnecessários e apoiam atitudes insalubres(...). Ao mesmo tempo, provêm uma oportunidade de desafiar atitudes (p. 388).

Por isso, Schulenberg (2005) afirma que tais filmes são importante por causa de sua característica natural de “inspirar pessoas” (p. 86), seja por meio da experiência de sua “qualidade estética” (Schulenberg & Madsen, 2005, s/ p.), seja porque têm o potencial de comunicar sobre a condição humana (Schulenberg & Niemiec, 2011). A Logoterapia é então um método adequado para analisar filmes (Schulenberg & Niemiec, 2011), uma vez que usa metáforas para acompanhar a crescente compreensão dos clientes sobre assuntos existenciais específicos (Schulenberg, 2005).

Ao longo de textos escritos ou co-escritos por si, Schulenberg propõe algumas possibilidades do uso da técnica. Fala dos pacientes criarem filmes baseados em suas experiências pessoais, incluindo no enredo o planejamento de pontos significativos de suas vidas (Schulenberg, 2005), descrições de “versões alternativas” de si mesmos (Schulenberg, 2003, p. 38), e até a produção completa, como a escolha de um título para o filme, seu orçamento (baseado em quanto dinheiro têm ou qual valor atribuem às suas vidas), o gênero, o elenco, e até uma possível continuação para o filme (Schulenberg, 2003).

Outra opção, porque “filmes têm a habilidade de ensinar aos clientes que não estão sós”, enquanto tocam na dimensão espiritual de quem assiste (Schulenberg, 2003, p. 37), é orientar pacientes a assistirem filmes. Para isso, Schulenberg e Niemiec (2011) propõem a criação de um simples protocolo que envolva conceitos centrais, a escolha acertada de filmes e espaço de discussão de questões exploradas pelas obras. Para isso, Schulenberg (2003) recomenda terapeutas a estarem atento ao próprio estilo pessoal, escolhendo filmes apropriados a interesses e/ou necessidades de seus pacientes (quando estes para tal estiverem prontos), inclusive vendendo-os antes de recomendar; e, por sua vez, os pacientes devem ainda ser instruídos a pausarem os filmes quando

alguma ideia emergir, registrando-as para a terapia, quando o terapeuta poderá conduzir novas questões reflexivas.

Para Melton et al. (2005), as pessoas conseguem compreender melhor conceitos da Logoterapia e, por isso, Schulenberg (2005) vê a técnica, entre outras coisas, como importante para trazer a uma audiência maior o conceito e vontade de sentido e, por isso, obras como *Homem Aranha 2* (de Sam Raimi) fazem-no pensar sobre crise de identidade provocada por uma vontade de sentido frustrada, na qual o protagonista “luta com quem acredita que deveria ser e quem gostaria de ser” (Schulenberg et al., 2005, s/p.). Para o autor (Schulenberg, 2003) é também sobre “encontrar sentido no passado, e estabelecer prioridades para o futuro” (p. 40) e, mesmo que “o tempo persegue a cada um e nós, mas a criatividade, quando apropriadamente alcançada, é uma arma formidável contra” a ausência de sentido (Schulenberg & Nassar, 2006, s/ p.).

Schulenberg (2003) adverte ainda sobre limitações que devem ser consideradas, já que a maioria das publicações sobre o tema é descritiva, certos filmes podem trabalhar melhor com certas populações ou demandas, muitas obras não possuem representação étnico-racial e ainda há a questão de pessoas com visão limitada. Por isso, pesquisa empírica faz-se necessária, por exemplo, mensurando respostas fisiológicas, ou avaliando o momento adequado de se recomendar um filme. Há também que se ter cuidado com a representação negativa de personagens, não deixando que pacientes sintam que o terapeuta está fazendo alguma comparação entre ambos. Melton et al. (2005) complementa que pode haver ainda preconceitos, já que “algumas pessoas podem descartar a informação [advinda de filmes] ou tomá-la com menos seriedade” ou que “filmes não representam a vida diária ou a pessoa média, e portanto podem não ter tanta relevância pessoal” (p. 91).

Outras publicações mantêm essa relação entre literatura, filmes e produções audiovisuais no geral, com o objetivo de explicar conceitos da Logoterapia. Silva (2022), por exemplo, faz o paralelo de conceitos como o autodistanciamento e a intenção paradoxal, com o filme *Encanto*. Por meio da relação entre conceitos da Logoterapia e personagens do filme, por mais que não se afirme

que essa era a intenção dos roteiristas e diretores, Silva (2022) utiliza essa produção para ilustrar alguns conceitos da abordagem. A análise de filmes a partir da Logoterapia também foi interesse de outros pesquisadores, como Matoso (2021) e Oliveira (2018) por meio da análise do filme *A Vida é Bela*, Costa e Cunha (2021) e Dias Júnior (2021) com o filme *Melancolia*.

Menezes (2019) e Beserra e Reis (2019) seguem a mesma lógica de análise das histórias, usando elementos da Logoterapia, usando as obras literárias *O Senhor dos Anéis* e *Hamlet*, respectivamente. Isso nos demonstra que filmes ou livros podem funcionar da mesma forma para abordarmos questões existenciais.

Há uma diferença para muitos autores entre receber uma obra e refletir sobre ela, ou criar a sua própria obra e aí sim acerca dela falar e refletir. Ascencio (2002) discerne-as entre escritoterapia e biblioterapia, mas dá a entender que os fenômenos são similares, já que não pode ser um trabalho intrusivo do terapeuta mas deve buscar alcançar o interior da pessoa, reduz a resistência e identifica a direção para a mudança, enquanto oferece flexibilidade, e fomenta a independência.

### ***Sobre Autotranscendência e do Autodistanciamento***

Tudo isso faz pensar que as histórias, de uma ou outra forma, conectam-se à dimensão noética, com as suas “dinâmicas de autodistanciamento e autotranscendência” (Bruzzone, 2024, s/p.). Então, surge a indagação: estamos vendo nelas uma oportunidade de autotranscendência ou de autodistanciamento? Ceylan (2022) diz que a meta do processo de contar e ouvir histórias ou poemas é para desenvolver ambas as capacidades e, assim “alcançar essa espécie de ‘autenticidade’ que é um dos conceitos-chave que a Logoterapia enfatiza” (p. 74).

Khatib (2018), parece apontar para o mesmo caminho, quando diz que “As histórias dão um sentido transcendente de nossas condições e dimensões e intervêm na promoção do autodistanciamento e da autotranscendência” (p. 23). Diz que “através da exposição de contos é possível promover o autodistanciamento” (p. 14), ao mesmo tempo que pode “estimula[r] a

autotranscendência” (p. 24). Caram (2023) parece concordar quando diz que na clínica logoterápica, “o indivíduo acessa sua dimensão noética (...), proporcionando o autodistanciamento e autotranscendência e, possibilitando novas perspectivas e mudanças” (p. 20). Já Moraes (2019) aponta que verificou a autotranscendência e que, com isso, “a história de vida transformada em mito perdeu sua força paralisante” (p. 13), tendo sentido dificuldade na manifestação do autodistanciamento, já que em seu trabalho, “as pessoas não conseguiam descolar-se das próprias histórias que haviam se acostumado a repetir em diversos atendimentos de saúde mental. Quando falávamos em refletir sobre uma história, o máximo que obtínhamos eram relatos de situações vitimizantes ou persecutórias que os pacientes haviam vivido” (p. 18).

Ao que parece, não há consenso na Logoterapia. Alguns dizem que as histórias são eficazes porque trabalham a autotranscendência (Balcunas, 2008; Côrrea, 2023; Pintos, 2017), com Menezes (2019) sugerindo que a literatura seja um caminho de expressão da autotranscendência e Girons e Lombardi (2018) mais enfáticas dizendo que a obra literária é, já em si, autotranscendente e um convite para sair de si mesmo e ver o que passa com o outro e, portanto, em certa medida, perpetuando a própria humanidade.

Outros, como é o caso de Medrado e Lanosa (2021), relacionam seu trabalho sobre leitura com o autodistanciamento já no título, para depois afirmar quase tautologicamente que “Esse distanciamento do leitor favorece o desenvolvimento de capacidades noéticas, em especial, o autodistanciamento” (p. 161). Del Río (2013) justifica a presença de autodistanciamento no método, justamente porque, como na arte, a biblioterapia consegue “fazer com que as pessoas possam distanciar-se de sua situação e lhes permita revisar sua existência e seu si mesmo, podendo encontrar novas formas possíveis de enfrentar situações e de encontrar sentido” (p. 223).

Talvez por isso de Barbieri Sabatino (2009) nos ofereça uma reflexão mais completa ao dizer que seu projeto visa gerar um espaço de busca por um sentido autotranscendente para cada pessoa, com reflexões que nos permitam distanciarmo-nos de nós mesmos, colocando-nos no lugar

das personagens, com a escrita implicando também um processo que pode favorecer o autodistanciamento. Mas o consenso continua não existindo!

### ***Sobre os Conceitos de Biblioterapia e Narrativa***

Se formos para outros conceitos, tantas vezes mencionados nesses trabalhos, como Biblioterapia, também vemos definições distintas. Pintos (2007, p. 19) define-o como “a utilização terapêutica do livro, mas tomando por tal (livro) não só e estritamente ‘um livro’, mas estendendo a idéia a toda letra escrita, seja ela prosa, poesia, canções, aforismos, reflexões” (p. 19), e Ascencio (2002) explicando-o como “a utilização terapêutica de toda letra escrita como: poesia, canções, aforismos, reflexões e frases célebres” (s/ p.). Já Balcunas (2008) oferece uma explicação mais humanista: “Biblioterapia é a leitura de todo material bibliográfico com fins terapêuticos. A biblioterapia não é psicoterapia. Na psicoterapia se produz um encontro entre o paciente e o terapeuta e na biblioterapia o encontro é entre o leitor e a leitura” (p. 4).

Del Río (2011) tem uma visão mais tecnicista, afirmando que ela “permite modificar comportamentos através del autoconhcimento, utilizando questões cognitivas e emotivas das pessoas que recebem, para obter uma modificação em sua condcta” (s/ p.). Aguinaldo e Guszman (2014) falam que serve para “ajudar o leitor a crescer autoentendimento e resolver assuntos da vida” (p. 33). E Silva (2022), fala que ela “nos coloca em contato com cenários diferentes sobre os quais podemos refletir e pensar em atitudes. Além disso, nos permite interpretar comportamentos de outros personagens, dotando-os de significado” (p. 2).

Outros autores tentam oferecer visões mais detalhadas. Román (Losada, 2020), por exemplo, diz que a biblioterapia

consiste em brindar apoio emocional a um indivíduo através da leitura e dos livros. Mas ampliando este conceito, para mim a biblioterapia é um processo de interação com os livros e por extensão com outros textos que encerram um conteúdo convocador, que permite a uma pessoa recriar e encontrar em si conteúdos que dão sentido à sua vida ou que funcionam como mecanismos para sanar aspectos psíquicos (p. 214).

E Bruzzone (2011) que inclui várias facetas da Biblioterapia:

Desde o diário interior até o diário a duas mãos, desde o autoidentikit [sic] até a carta a si mesmo, desde completar uma história até uma narração imaginária, desde a escrita dos sonhos até a reflexão autobiográfica que nasce da leitura de contos ou outros escritos (p. 210-211).

Já o conceito de narrativa não é definido por nenhum dos autores. Mencionado em ao menos 10 textos, de uma única vez (Miguez, 1997; Román, 2020a) a 31 vezes (Herrmann, 2016), o termo jamais é explicado, carecendo portanto uma definição acerca.

### ***Algumas Reflexões a Partir a Presente Revisão***

Citando o próprio Frankl (2015), há uma “imensa responsabilidade social que recai sobre os escritores” (p. 110). Como então, poderemos nós escrever sobre Literatura e ilibarmo-no da responsabilidade social de explica-la? Como ele mesmo diz, a mensagem transmitida transforma o meio, portanto, as definições transmitidas influenciarão a própria ciência. A linguagem e, por ende, a comunicação são então expressões da dimensão noética, com o ser humano voltando-se “sempre” a algo que não si mesmo (p. 107). E o que aqui, vários autores, com várias definições chamam de biblioterapia nada mais é que o uso de histórias para que as pessoas que as recebem consigam expressar uma realidade, “mais que mera autoexpressão” (p. 106).

Para Frankl (2015) há apenas uma escolha:

Com efeito, os homens que passaram pelo inferno do desespero, através da aparente falta de sentido da existência, são precisamente aqueles que podem oferecer aos outros homens, como um sacrifício, seus sofrimentos. É justamente a autoexpressão de seu desespero que pode ajudar o leitor — igualmente atingido *pelo sofrimento de uma vida sem sentido* — a superá-lo, mesmo que seja mostrar-lhe que não se encontra só. Em outras palavras, ajudá-lo a transformar seu sentimento de *absurdade* em sentimento de *solidariedade* (pp. 108-109).

Aquela obra literária que “se limita a uma mera autoexpressão ou se contenta com um expressar de si — um exibicionismo literário que não diz nada — é que traz à tona a expressão de seu sentimento de vazio e falta de sentido” (Frankl, 2015, p. 108). Então, há uma escolha, mas duas possibilidades para a Literatura: alimentar o sentimento de absurdade (e nihilismo, se tivermos a infelicidade disso) ou alimentar o sentimento de solidariedade (e algo mais, se tivermos sorte apesar de tudo).

Para Frye (2017), há três níveis de pensar e linguajar. O primeiro que se manifesta em monólogos de conversas corriqueiras de *como está?* sem querer saber a resposta, e que serve apenas para marcar “a diferença entre o eu e tudo o mais”, usando “consciência e perceptividade”, chamado pelo crítico literário de “linguagem da autoexpressão” (p. 18). O segundo é a linguagem técnica ou profissional “de senso prático” (p. 19), compartilhada socialmente por um grupo de pessoas, a linguagem de um texto que será lido por pessoas que compartilham as mesmas crenças, a linguagem de um grupo de certa coloração partidária que sempre concorda entre si, porque, como diz a linguagem popular, *fala a mesma língua*. A terceira é do escopo da Logoterapia e Análise Existencial. E não sabendo se Frankl e Frye interagiram, é nessa que ocorre o presente trabalho. Se nos é evidente a relação entre ler e escrever, Frankl (2015) oferece uma relação entre o escrever que nasce do falar e do falar que nasce do pensar — ambos que se relacionam numa busca por um sentido. Esse é o nível que Frye (2017) designa de “nível da imaginação, que produz a linguagem literária dos poemas, peças teatrais, romances” (p. 19), a mesma imaginação que faz com que tantos cientistas busquem soluções para tantas questões, a mesma imaginação que é atiçada na contação de uma história pelas dimensões noéticas de quem conta e quem recebe a história.

É aqui, neste terceiro nível fryeiano que este trabalho tem sido e continuará sendo desenvolvido. No nível que permite o diálogo entre arte e ciência e nasce a StoryTherapy outrora abordado. É nas palavras de Frye (2017) que encontramos a derradeira e unívoca reflexão:

A ciência parte do mundo onde temos de viver, aceitando seus fatos e tentando explicar suas leis. A partir daí, ela move-se em direção à imaginação: torna-se um construto mental, o modelo de uma maneira possível de interpretar a experiência. Quanto mais longe vai nessa direção, mais tende a falar a linguagem da matemática, que é, com efeito, uma das linguagens da imaginação, tal como a literatura e a música. A arte, por sua vez, parte do mundo que construímos, e não do mundo que observamos. Ela começa com a imaginação, e então dirige-se para a experiência comum — isto é, procura fazer-se tão convincente e reconhecível quanto possível (p. 19).

### **Figura 18**

*A relação entre imaginação e ciências e artes (Frye, 2017)*



A partir da leitura dos textos mencionados, percebemos que precisamos estudar as histórias em contexto de Logoterapia e Análise existencial porque não é algo sistematicamente estudado e compreendido. Os termos não são claros nem unívocos e, por isso, carecemos de um tema, optando por StoryTherapy.

Os pacientes que são atendidos por meio dessa técnica precisam de profissionais que saibam usá-la e, para tal, serem treinados para tal. Assim, esta revisão faz-se útil para a capacitação de profissionais e seu trabalho clínico mais eficaz, com esclarecimento sobre materiais a usar, quando e como fazê-lo, metodologias aplicáveis e até como fazer a adaptação ao público que recebe a técnica.

Os dados coletados, por sua vez, demonstram que muitos autores diferem se a técnica tem a ver com receber uma obra e sobre ela refletir, ou se cabe ao paciente criar a sua própria obra e

dela falar e refletir. Tampouco há consenso sobre se ela se faz valer da autotranscendência ou do autodistanciamento e em que medida ou como isso ocorre.

É ainda visível que apesar de haver muitas pessoas pesquisando o tema, e com o passar dos anos mais pessoas, poucas pesquisas existem e pouco diálogo entre seus pesquisadores, provocando a necessidade de ampliar esse rede para trocas mais eficazes. Isso também é confirmado pelo facto de se usar literatura cinzenta ou livros e poucos artigos empíricos.

Se, como foi dito anteriormente, leitores assíduos tendem a ser pessoas mais felizes (Lukas, 2002), não podemos perder a fé no StoryTherapy, e precisamos vencer a relutância da sociedade na leitura reflexiva e até crítica (Batthyány & Lukas, 2022, p. 93), para que não se veja mais a técnica como mais uma “coisa do passado” (Batthyány & Lukas, 2022, p. 95).

A presente revisão comprova, por meio de reflexão de vários autores (da sua vasta maioria) que a técnica se associa com firmeza aos atributos e conteúdos da dimensão noética. Com isso, a presente Tese, como um todo, opera por meio terceiro nível de pensar e linguajar de Frye (2017): o da imaginação. Ela sai de dois lugares em simultâneo: do mundo onde vivemos e do mundo que construímos, indo para a ponte entre eles, para o local convincente e reconhecível, onde mais que biblioterapia, o StoryTherapy é o espaço do encontro imaginativo, onde a dimensão noética se ativa ao seu máximo e a pessoa redescobre sua liberdade e responsabilidade, em busca de um sentido para a sua situação presente, seu futuro, seu passado ou, até, sua vida, por meio da criatividade de pacientes e terapeutas, usando histórias numa relação dialógica.

## CAPÍTULO III — ESBOÇO DE UMA LOGOTEORIA DAS HISTÓRIAS

## **Esboço de uma Logoteoria das Histórias**

Como já exposto, o presente estudo debruça-se sobre histórias e sua aplicação em contexto de terapia familiar, no contexto epistemológico da Logoterapia e Análise Existencial. Para enriquecer o estudo, ele bebe de várias culturas, para enriquecimento cultural e reflexivo sobre o papel das histórias.

Ao mesmo tempo, ao longo do presente trabalho, temos notado a necessidade de esclarecer conceptualmente o que são Narrativas, Histórias e Metáforas e se há pontos de intersecção entre esses conceitos que muitas vezes se confundem.

Após isso, torna-se necessário compreender elementos nucleares das histórias, e como eles operam em contexto da prática clínica, em especial uma prática que perpassasse várias possibilidades culturais.

É importante lembrar que há muitas teorias para justificar como esses elementos operam em contexto terapêutico. Contudo, como visto anteriormente não há propostas teóricas que expliquem o fenômeno e menos ainda substratos dentro do arcabouço familiar. Considera-se aqui que a Logoterapia, por seu foco tridimensional, oferecerá a base teórica para o tema, permitindo que pesquisadores e suas pesquisas futuras possam confirmar ou infirmar a aplicabilidade da teoria e do método aqui propostos.

Assim, não se trata aqui, portanto, de confirmar ou infirmar hipóteses; antes de buscar, na presente investigação os delineamentos para um arcabouço conceptual sobre as histórias no âmbito das relações e da psicoterapia de famílias.

### **Comunicação, Linguagem, Literatura: e a Logoterapia em Meio a Isto?<sup>17</sup>**

Um dos aspectos importantes da teoria de Bühler, além das três funções da linguagem, é seu conceito de *deixis*, ao qual dedica sua principal obra (*Teoria da Linguagem*), conjugando

<sup>17</sup> Pretende-se submeter o presente subcapítulo, com as devidas mudanças e adaptações, à apreciação e possível publicação da revista *REVISTA DIÁLOGOS (REVDIA)*, do Grupo de Pesquisa REBAK e do Grupo de Pesquisa REBAK SENTIDOS, inserido no portal de revistas eletrônicas da UFMT.

psicologia e linguística para a criação de uma teoria completa da linguagem humana. Derivado do grego (*deiknumi*), deixis significa literalmente “mostrar, indicar” e é aplicado a palavras, palavras *deíticas*, palavras que indicam algo, como pronomes pessoais (*eu, tu...*), pronomes demonstrativos (*este, esse, isso, aquele...*), advérbios de lugar (*aqui, ali...*) ou advérbios de tempo (*agora, depois...*). São palavras que podem facilmente ser identificados com a ideia de um dedo que aponta (basta considerar todas as palavras exemplificadas e pensar se há um equivalente manual ou digital para elas, com uma mão ou dedo apontando a algum local): “o fenômeno da deixis está inextricavelmente ligado ao gesto de indicação” (de Vita, 2020, p. 319), como se fossem placas na estrada indicando um caminho.

A teoria advém de reflexões de um teórico que lhe é anterior, Philip Wegener (1848-1916) que delinea três fundamentos para a análise linguística, a saber: (1) o sujeito que se expressa, em situação comunicativa concreta, (2) a natureza intencional de qualquer referência verbal e (3) o ouvinte. Para Wegener, há uma interrelação entre emissor e receptor do ato comunicacional que permite a construção de sentido (o que aqui chamamos de descoberta de sentido). Nessa concepção dialógica, as palavras e frases por elas compostas oferecem apenas pistas pelas quais o receptor infere e integra o conteúdo, enquanto se coloca disponível ao mundo por meio de seus impulsos pessoais, sensações e sentimentos perante o ato comunicacional. Por isso, o diálogo entre estas duas figuras comunicacionais dota a comunicação de propósito e intenção, por meio de uma sequência fonética (ou até grafêmica), permitindo o encontro do sentido daquela interação e comunicação concreta. Então, é necessário sempre considerar o emissor, o receptor, o propósito de cada palavra ou frase, e a situação para permitir o encontro do sentido da relação; e, assim, espera-se que uma comunicação eficaz seja aquela na qual o receptor “adapta suas palavras ao ouvinte” e “o ouvinte está ativamente envolvido na construção [descoberta] de sentido e, por esta situação, tem que integrar pistas transmitidas pelas palavras que são primordialmente ambíguas, e torná-las relevantes, para vislumbrar o real sentido sugerido” (de Vita, 2020, p. 320-321).

Bühler emerge a partir deste ponto, classificando dois campos, nos quais signos adquirem sentido: (1) o campo deítico com palavras deíticas (sobre as quais nos deteremos um pouco mais) e (2) o campo simbólico como palavras nomeadoras, nas quais os nomes atuam como símbolos para atingir uma precisão maior do sentido da comunicação.

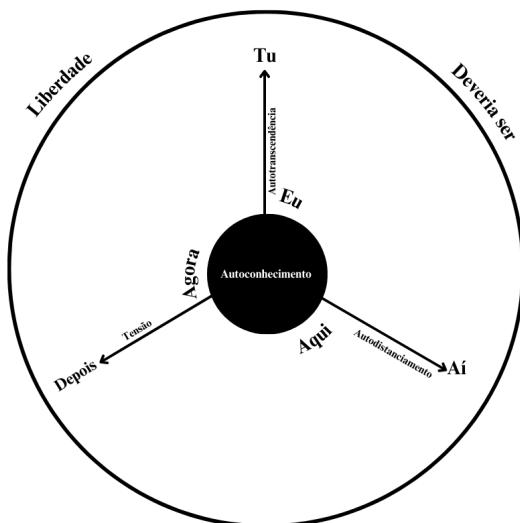
As palavras deíticas de base ou “o ponto de partida das coordenadas” como Bühler (2020, p. 179) as nomeia, são as palavras *aqui*, *agora* e *eu*. A partir delas todas as outras palavras deíticas emergem, já que para a deixis, o ponto de partida é sempre sensorial-perceptual ou, como podemos chamar na presente Tese, de ordem do biológico ou físico. Arriscaríamos em dizer que a famosa música de Manu Chao (2001), *La primavera*, na qual o cantor pergunta insistente *¿Qué horas son, mi corazón?*, é uma música deítica (ao menos em seu refrão), tentando definir o momento no qual se vive, e o local no qual se encontra e quem é a pessoa que narra/canta a música. O mesmo ocorre com uma passagem tantas vezes mencionada por Frankl em suas obras: há cerca de dois mil anos aproximadamente, um dos grandes fundadores de uma das principais escolas que estudam o Talmud, Hillel, tinha adágio provocativo *Se eu não faço, quem fará? Se não faço agora, quando farei? Mas, se eu faço apenas para o meu bem-estar, o que sou eu?* (Frankl, 2022, p. 56). A primeira parte da pergunta sobre a palavra deítica Eu, que assume a responsabilidade (marcando o protagonista da ação). A segunda sobre a unicidade e irrepetibilidade do momento e da palavra deítica que o representa Agora (que marca a instantaneidade do tempo/momento). E a terceira e última pode parecer de novo tratar-se de Eu, mas é sobre Aqui (marcando o local), porque o que *eu* fizer *agora* não é sobre mim, é sobre o mundo, é sobre o poder de influência de cada ação nossa. Afinal, “linguagem pode ser concebida como forma de ação” (de Vita, 2020, p. 320).

Assim sendo, entre Eu e Tu — mais que palavras, dois conceitos deíticos — ocorre a autotranscendência tantas vezes descrita por Frankl, no movimento de Aqui para Aí — outros dois conceitos deíticos — ocorre o autodistanciamento mencionado na Logoterapia, e entre Agora e Depois ocorre o movimento o tempo, a tensão entre onde estamos agora e onde deveríamos estar no

futuro. Esse movimento constante só é possível na medida em que há liberdade para se chegar onde se deveria chegar, conforme a figura abaixo.

**Figura 19**

*Síntese da teoria de Bühler; sobre conceitos deíticos*



Palavras deíticas devem cumprir três papéis: (1) conduzir o interlocutor a algo (objetos, fatos, reflexões...) num contexto comunicacional específico, (2) melhorar e/ou integrar sua orientação em situações concretas e (3) ancorar a comunicação em uma realidade concreta.

E para cumprir seus papéis, há três caminhos. O uso das anáforas, o *demonstratio ad oculos* e o *Phantasma*. “O fator anafórico” (Bühler, 2020, p. 173) é, do ponto de vista psicológico, a ideia que ambos emissor e receptor têm ante si uma comunicação que flui, com elementos que apontam para aspectos a posterior e a priori, respectivamente, as que são antecipadas (catáfora) ou rememoradas (anáfora). São palavras ou locuções como *aquele que*, remetendo a ideia já dita ou antecipada. Em poesia, anáfora é a repetição da mesma informação em versos seguidos, como no caso do poema de Fernando Pessoa: “Quem tem alma não tem calma. // Quem vê é só o que vê, // Quem sente não é quem é” (Fernando Pessoa, 1930). A anáfora é uma ideia que se repete para frisar

uma posição, no caso, que há alguém relevante ao conteúdo completo do poema. No caso do uso anafórico de palavras deíticas, os envolvidos na comunicação como que enxergam aquilo que é relevante, que é o conteúdo completo da mensagem expressa.

Já na *demonstratio ad oculos* (latim para demonstração aos olhos), estamos talvez falando em “identificar algo presente no campo da percepção comum a ambos, algo que pode assim ser encontrado com o olho e o ouvido externos, pois está presente no campo perceptivo comum” (Bühler, 2020, p. 177). Talvez se possa afirmar que sejam as palavras deíticas da dimensionalidade psicofísica, com Aqui e Ali, Eu e Tu como exemplos, nos quais basta usar elementos pré-lingüísticos comuns a primatas ou crianças humanas, como o apontar o dedo.

Por fim, as *Deixis am Phantasma* (deixis em fantasia ou imaginação) é a condução ao “reino do ausente recordável” ou “da imaginação construtiva” (Bühler, 2020, p. 177) ou do “espaço imaginado” e “o reino do ‘em algum lugar’” (Bühler, 2020, p. 178), que mesmo usando as mesmas palavras deíticas de antes, convida para o uso do “que comumente é chamado de olho ou ouvido ‘interiores ou ‘espirituais’” (Bühler, 2020, p. 177). Aqui não há mais:

[a] seta formada pelo braço estendido do falante, para encontrar algo *lá*; não pode usar a qualidade espacial de origem da voz para encontrar o lugar de um falante *aqui*; tampouco hoje na linguagem escrita a característica vocal de um falante ausente, que diz *eu* (Bühler, 2020, p. 177).

Apesar de baseado no *demonstratio ad oculos*, *Phantasma* é uma operação criativa e produtiva e não meramente reprodutiva (de Vita, 2020), é sobre objetos, narradores ou mundos ausentes aqui. É a ideia transmitida em “há muito tempo, numa galáxia muito, muito distante” de *Star Wars* (Lucas, 1977) ou em *Era uma vez em um reino muito distante*, de vários contos de fadas. E aquele que usa essa ferramenta necessita, muitas vezes, regressar “a algo presente” (Bühler, 2020, p. 178), ao *agora* e, a partir daí navegar pela memória imaginada do passado ou pelo sonho imaginado de futuro. Afinal para falar do outro mundo imaginado, necessita tirar as âncoras do

mundo fáctico. Desta forma, pode-se inferir que *Phantasma* está no mundo do noético, já que é sobre um novo “aqui intuitivo” (de Vita, 2020, p. 325).

Assim, o apontar com o dedo, auxiliando o *demonstratio ad oculos* torna-se, em *Phantasma*, um apontar “dentro da imaginação” (Bühler, 2020, p. 186). No *demonstratio ad oculos* temos o “agora perceptivo” (Bühler, 2020, p. 185), em *Phantasma* temos o deslocamento para outros possíveis *agoras*. E há aspectos principais, espécies de deslocamentos, para que uma deixis fantasmica ocorra. Se pensarmos na expressão turca, erradamente apropriada por Francis Bacon em seus Ensaios, encontramos um exemplo fascinante (e até visual) disso: *Se a montanha não vem a ti, deves ir tu à montanha*. Na primeira oração *a montanha não vem a ti*, fala-se de um objeto imaginado que se desloca para a pessoa; temos a memória eidética atual e se consegue imaginar um objeto ausente e até seu comportamento perante esse objeto. Já na segunda oração *deves ir tu à montanha*, a pessoa é deslocada na imaginação para a montanha imaginada. Não é sobre o que se percebe, mas sobre o que se sente. Há, ainda, uma terceira opção, *tanto a montanha como tu mantêm-se na mesma posição, e tu enxergas a montanha, e nada mais!* Este é o mundo dos contos de fadas: tu e o local imaginado encontram-se onde estiverem, tu aqui e o local imaginado lá, mas tu enxergas o local imaginado com os olhos interiores, numa experiência que é, segundo Bühler (2020), instável e transitória, já que é um Lá que não se vê com os olhos que estão no corpo. Há uma espécie de “deslocamento para uma atitude fictícia” (Bühler, 2020, p. 190), “um jogo sutil de deslocamentos” (Bühler, 2020, p. 191), sem uma montanha que simplesmente aparece ou uma mudança abrupta de posição do Tu, mas um deslocamento imaginativo e fantasioso, comum nas crianças que não discernem entre fantasia e realidade, ou em adultos que se deixam encantar por histórias fictícias.

A comunicação tem na linguagem sua forma especializada, e a linguagem tem na literatura a sua forma especializada, com as relações ou estruturas verbais influenciando o sentido da narrativa. Assim, comunicação, linguagem, literatura, gramática e logoterapia são entrelaçadas, e

desse entrelaçamento se podem compreender, a partir de suas respectivas estruturas, os *motivos* subjacentes a tanto fenômenos humanos como fenômenos literários. Em 1867, Hans von Wolzogen fala, em seu *Leitfaden* (literalmente *guia, manual*) da ópera *Der Ring des Nibelungen*, pela primeira vez sobre os vários motivos na ópera: servidão ou tratado, entre outros. Parecia que Wagner enfatizava a flexibilidade desses motivos com base nos efeitos emocionais dos conjuntos de elementos que compunham sua obra. Em síntese, a melodia, a harmonia e/ou o ritmo, as figuras centrais e até características significativas da obra são elementos que influenciam cada aspecto da própria estrutura artística da obra.

A Romântica de Bruckner é um exemplo deste fenômeno de entrelaçamento. Frankl cita-o algumas vezes, associando-o ao filme *Atlantik* (Dupont, 1929), equivocadamente conhecido à época por muito s como *Titanic*, inclusive registrado nas obras de Frankl com esse título. Conhecida também como a Quarta Sinfonia de Bruckner, a obra é famosa, entre outros motivos, por ter ao menos sete versões, com pelo menos três delas desenvolvidas pelo seu próprio compositor, num período de pelo menos 26 anos (de 1874 a 1890). Cada mudança, com substituições completas do terceiro movimento e recriações do final, conduzia a mudanças significativas em toda a obra. O que o *Problema de Bruckner*, como é conhecido, ensina é, entre outras coisas, que a mudança de estruturas musicais influencia a compreensão do sentido completo da obra. O Problema remete aos desafios que a existência de edições e versões contrastantes de suas sinfonias oferecem ao público. Algumas das suas obras são tão complexas que reza uma espécie de lenda entre músicos que são impossíveis de performance, e por isso foram várias vezes revisitadas. Assim, o público não só deve escolher a versão que prefere, como o sentido predileto, já que não há uma versão definitiva.

O mesmo ocorre com histórias que sofrem mudanças ao longo de épocas e culturas, com traduções de poemas, ou mesmo com uma história ou poema que não foi traduzido. Cada um lerá e compreenderá de uma forma distinta. Anteriormente mencionamos o relato de Frye (2017) sobre o poema de William Blake, “A rosa doente”, por Hazard Adams à sua turma de 60 estudantes.

Ó Rosa, estás doente,  
 Esse verme invisível  
 Que pela noite voa  
 Na tormenta horrível,  
  
 Descobre tua cama  
 De júbilo carmim.  
 Seu amor obscuro  
 Destrói tua vida assim (Frye, 2017, p. 65).

Apenas um aluno compreendeu a história como tratando de doenças vegetais, os demais consideraram-na uma alegoria. Esse aluno, estudante de horticultura. Assim, “o sentido de um poema é literalmente seu padrão ou integridade como estrutura verbal. Suas palavras não podem ser separadas e atreladas a valores e signos”, pois “todos os valores possíveis de signo de uma palavra são absorvidos em um complexo de relações” entre as palavras (Frye, 2014, p. 196). Frye (2014) esclarece que há símbolos que são imagens que todas as pessoas poderão reconhecer e, por isso, seu poder comunicacional é ilimitado. E, no caso do poema supracitado, para Frye a alusão advém do “centro da imaginação literária ocidental” (Frye, 2017, p. 66), a Bíblia. Há, para ele, várias obras que nascem a partir do Texto Sagrado da matriz judaico-cristã, da mesma forma que para outros povos os Upanishads têm essa influência. Há “símbolos que unem os poemas entre si” (Frye, 2014, p. 217) e se não aceitarmos essa relação entre as obras ou poemas diferentes, “é impossível obter qualquer treinamento mental sistemático a partir somente da leitura da literatura” (Frye, 2014, p. 222), ou seja, a leitura da literatura permite o treino mental, apenas quando se comprehendem os textos dentro de uma realidade que lhes é transversal e não meramente específica a um texto isolado. A literatura se relaciona como uma rede, obras se influenciando umas à outras. A compreensão desse fenômeno é o nascimento de um espírito de tolerância, seja por tolerar versões diferentes da obra, seja por conhecer sobre outros povos e culturas:

Uma das utilidades mais óbvias, penso eu, é o inventivo à tolerância: na imaginação as nossas próprias crenças são simples possibilidades, e ainda enxergamos as possibilidades das crenças alheias. Fanáticos e preconceituosos raramente tentam tirar algum proveito da arte — estão obcecados demais por suas crenças e ações para enxergá-las como talvez simples possibilidades (Frye, 2017, p. 68).

Por isso, não restam dúvidas, “a literatura é uma técnica de comunicação” (Frye, 2014, p. 221), talvez a mais adequada em tempos de ódios, dissensões e apatias. Frye (2017) fala do papel de uma *mente criativa* que, insatisfeita com o que vê no mundo, acredita que falta algo e tenta fingir a presença desse algo, e que por isso o poeta acaba assumindo uma “reputação de mentiroso autorizado” (Frye, 2017, p. 55). E se por um lado, temos o fingir a presença de algo, o poeta Fernando Pessoa (1932) propõe o contrário; em sua *Autopsicografia* escreve que “O poeta é um fingidor, (...) Que chega a fingir que é dor [,] A dor que deveras sente”, vindo a fingir o que já é real. Margaret Atwood, em suas aulas, traz à tona a relação intrínseca entre ficção e realidade, chegando a escrever que seus livros são obras de “ficção, mas o tema e muitos detalhes da narrativa gritam bem próximos da realidade” (Atwood, 2011, p. 469).

Com isso, convido a vermos o conto abaixo.

Prometeu, o oleiro que deu forma à nossa nova geração, decidiu um dia esculpir Veritas (Verdade), usando suas habilidades para que fosse capaz de regular o comportamento das pessoas. Enquanto trabalhava, uma convocação inesperada do grande Júpiter o levou. Prometeu deixou o astuto Dolus (Fraude) a cargo da oficina, Dolus havia recentemente se tornado um dos aprendizes do deus.

Inflamado por ambição, Dolus usou o tempo à sua disposição para moldar com seus dedos ardilosos uma figura com os mesmos tamanho e aparência que Veritas com idênticos aspectos. Quando tinha quase completado a peça, que era notável, acabou o barro para fazer os pés. O mestre regressou, então Dolus rapidamente sentou em sua cadeira, trêmulo de medo. Prometeu estava admirado com a semelhança entre as duas estátuas na fornalha e quis fazer parecer que todo o crédito se devia à sua própria habilidade. Portanto, colocou ambas as estátuas na fornalha, e quando já estavam completamente assadas, insufiou ambas de vida: sacra Veritas caminhou com passos comedidos, enquanto sua gêmea inacabada

manteve-se presa em seu trilho. Tal falsificação, aquele produto do subterfúgio, assim adquiriu o nome de Mendacidade (Falsidade) e eu rapidamente concordo com as pessoas que dizem que ela não tem pés: uma e outra vez algo que é falso pode começar com sucesso, mas com tempo Veritas (Verdade) certamente prevalece (Atsma, 2017).

É como na história acima originada por Ésopo, que brinda com a outra forma que podemos discernir a aplicação das histórias: se elas são mais realistas ou fictícias, como Veritas ou Mendacidade. Contudo, a linha é tênue. Quando inspirada na realidade, há uma espécie de liberdade na literatura para ignorar factos ou até alterá-los, dando ao aquela reputação supra-citada “de mentiroso autorizado”. Afinal, palavras como *fábula*, *ficção*, ou *mito* possuem um significado “secundário de mentira” e o que importa é que o conteúdo possua uma coerência interna, convidando quem recebe a história a aceitar a proposta, não da verdade definitiva, mas da conformidade aos “postulados hipotéticos” propostos pelo contador da história (Frye, 2014, p. 193).

É aqui que emerge nossa principal reflexão. O que faz algo real ou fictício é a crença de cada um que carrega. Em StoryTherapy (e não só!), pegando o conto acima, há as estátuas com pés que movem e se propagam rápido, e as estátuas destituídas de pés que são carregadas por tempos, podendo chegar a milhares de anos. É como se cada contador de história carregasse a sua estátua e/ou cada receptor visse uma estátua. Por isso as mesmas histórias, ainda que com os mesmos símbolos, serão sempre contadas cada um de um jeito; e ao entregar a outro contador de história, a estátua sofre mudanças, como acontecem com os mitos gregos ao se tornarem romanos e ao serem posteriormente incorporados por narrativas da cristandade europeia. Talvez seja essa mesma linha de reflexão a que Xavier (2015) nos propõe quando diz que “Contar histórias que significam mais do que elas mesmas, histórias que significam outras histórias, escondidas, e brincam com analogias e símbolos” (p. 40): elas significam o que a pessoa tridimensional consegue nelas ver.

Frye (2014) fala da *imitação* ou *mimesis*. Explica que a *práxis* é imitada por “histórias ou estruturas verbais que descrevem ações específicas e particulares”, e as estruturas narrativas

(*mythos*) são “imitação secundária da ação” (Frye, 2014, p. 202). E como o pensamento humano (*theoria*) é imitado pela escrita e há uma *dianoia* ou *logos* que é uma imitação secundária que “diz respeito ao pensamento típico, com as imagens, metáforas, diagramas e ambiguidades verbais a partir as quais ideias específicas se desenvolvem” (Frye, 2014, p. 202). Para ele as estruturas verbais emulam processos fisiológicos e psicológicos do pensamento. Consideramos aqui, ante a tridimensionalidade dos fenômenos, que mais que meras imitações, a comunicação por meio literário, é a manifestação de processos noéticos que se relacionam com os processos fisiológicos e psicológicos do pensamento e da comunicação. O quadro abaixo resume sua perspectiva acerca do assunto.

**Figura 20**

*Elementos das histórias, conforme Frye (2014)*

Forma	Matéria	Conteúdo
	modelador	continente
	narrativa temporal	sentido coeso
	mythos (estrutura)	dianoia (sentido)

Em síntese, as ações no mundo humano são imitadas, em primeiro plano, por histórias e, em segundo por aspectos da estrutura narrativa (acerca dos quais falaremos em ocasião futura), organizada temporalmente. E o pensamento humano é imitado pela escrita, permitindo a descoberta de um sentido e diversos outros elementos que permitem a coesão e coerência interna da história. Para compreender as histórias é necessário, portanto, conhecer sobre estruturas narrativas (unidade

estrutural ou matéria) e seus conteúdos e sentido literal (conteúdo), que, quando unidos, Frye (2014) designa de *forma*. É aqui que “fórmulas verbais imitam proposições reais” (Frye, 2014, p. 204), que não são envolvidas necessariamente “com os mundos a verdade e do fato, nem necessariamente afastado deles”. Há, na verdade, uma espécie de extenso *continuum* entre realidade e ficção, numa distinção de tal maneira tênue, que Frye (2014) afirma ser empírica e até uma ilusão e não uma distinção lógica ou racional que possa ser provada — uma distinção noética, arriscaríamos dizer, mais que psicológica (cognitiva ou emocional).

Vemos essa dificuldade de distinção e existência de um *continuum* entre “‘realismo’ extremo ou semelhança representativa com a vida” e “o mais abstrato (...) de todos os modos literários” (Frye, 2014, p. 261), como no caso do conto egípcio dos *Dois Irmãos*, onde vemos que:

A esposa de um irmão mais velho tenta seduzir um irmão mais jovem solteiro que vive com eles, e, quando este resiste a ela, esta o acusa de ter tentado estrupá-la. O irmão mais jovem é então forçado a fugir, com o enraivecido irmão mais velho em seu encalço (Frye, 2014, p. 261-2).

Estupro, infidelidade, jogos sedutores e intriga fazem desafortunadamente parte da vida humana, então “até aqui, os incidentes mais ou menos reproduzem fatos plausíveis da vida” (Frye, 2014, p. 262), colocando-se a história no extremo fáctico dos processos. Mas... a história muda repentinamente, quando:

O irmão mais velho reza para Rá pedindo ajuda, invocando a justiça de sua causa; Rá interpõe um grande lago entre os dois irmãos, e, num rompante de exuberância divina, enche-o de crocodilos. (Frye, 2014, p. 262).

A história adquire um tom fictício mais forte e, podemos dizer, “uma qualidade abstrata literária” (Frye, 2014, p. 262). A mesma história pode, portanto, oferecer uma mimese da realidade ou uma versão como que transmutada dela, em maior ou menor grau. A diferença entre uma história mimética mais próxima à realidade ou uma que transmuta a realidade é clara, mas onde uma

começa e a outra termina não, já que ambas as possibilidades se entrecruzam constantemente, dificultando muitas vezes o discernimento do que é “real” do que é fictício. Por isso, não podemos esquecer a clara (ao mesmo tempo complexa) admoestação de Frye (2017) de que “os conteúdos da literatura não são nem reais nem irreais” (p. 54). Ao analisar esse fenômeno, Xavier (2015) chega a dizer que “uma boa história tem que ser verdadeira, mesmo que totalmente inventada” (p. 29).

### **Figura 21**

*O Continuum das histórias em sua relação com a realidade*

Mimetismo da Realidade ← → Transmutação da Realidade

Mudanças de contexto também influenciam a perspectiva que se tem da obra. *Gone with the wind*, por exemplo, de Margaret Mitchell (1936), que deu origem a um filme que ganhou 11 prêmios da Academia de Filmes Artes e Ciências (vulgo Oscars) é um excelente exemplo. A obra apresenta a região sul, antes da Guerra Civil como uma utopia aprazível de se viver e o Norte como as forças de desestabilização de uma tranquilidade sulina, na qual escravizados eram docemente e agradavelmente tratados por seus proprietários brancos. O racismo estrutural travestido de beleza é hoje visto como, no mínimo, ultrajante. A tendência mimética e a verossimilhança à realidade estão presentes no estilo da obra quando foi lançada, com personagens que nos contam “uma história crível ou plausível” e até encantadora (Frye, 2014, p. 167). A história, mentirosa ou falsa, é real em si mesma. Com os anos, a obra é hoje vista como ficção e até pouco realista, passou de obra mimética da realidade a obra que transmutou a realidade. Poder-se-ia dizer que a mesma matéria e estrutura, mantém a obra imutável, mas seu sentido, logos ou dianoia mudam e, portanto, até a

percepção de matéria muda por conta dessa nova percepção de conteúdo. Assim, é impossível negar duas coisas: primeiro que a produção literária tem dois envolvidos — seu criador e seu leitor (sobre isso falaremos em outra ocasião) —, e segundo que “a imitação da natureza [ou realidade] na ficção produz não a verdade ou a realidade, mas a plausibilidade” (Frye, 2014, p. 167) e, por isso, em um momento a história pode fazer sentido a um público e, em outro, não mais! Afinal, o sentido de algo é muito mais que o racional e o emocional!

Aqui estamos falando de um elemento narrativo de alta importância, o *ethos*. O ethos interno da obra oferece informação sobre personagens, cenários e o que é ou não aceitável dentro de seu contexto, é a “ficção interna do herói e de sua sociedade”; mas há também a “ficção externa, que é uma relação entre o escritor e a sociedade do escritor” (Frye, 2014, p. 168), algo visível na preferência de leitores de certas denominações religiosas por C. S. Lewis e uma aversão a Philip Pullman ou Salman Rushdie.

Isso, contudo, não influencia a qualidade do autor e sua obra. A obra manifesta algo que já estaria latente no contexto sócio-histórico (o mundo ou outras obras literárias que influenciaram, consciente ou inconscientemente, o autor) e, por isso, o contador da história seria “uma parteira” (Frye, 2014, 220), tal como o terapeuta que usa a maiêutica para fazer perguntas que levem à reflexão, de uma estrutura verbal que nasceria de reflexões internas que nem o contador/autor saberia discernir em sua consciência. Por isso, a literatura é um processo vivido mais que um produto criado (Frye, 2014), onde alegoria e símbolo coexistem com a não-alegoria. Autores originais dão à luz às suas obras, sem a intenção de produzir perfeição ou passar uma mensagem a seja quem for, são artistas com seus processos criativos, como esclarece o autor de *O Senhor dos Anéis*:

Quanto a qualquer sentido interior ou ‘mensagem’, tem na intenção do autor nada. Não é alegórica nem tópica. (...) Outras combinações poderiam ser planejadas de acordo com gostos ou perspectivas daqueles que gostam de alegorias ou referências tópicas. Mas eu cordialmente desgosto de alegorias em todas as suas manifestações, e sempre fiz isso desde

que me tornei velho e cauteloso o suficiente para detectar sua presença. Prefiro mais história, verdadeira ou fingida, com sua aplicação variada ao pensamento e à experiência dos leitores. Creio que muitos confundem ‘aplicação’ com ‘alegoria’; mas o primeiro reside na liberdade do leitor, e o outro na dominância propositada do autor (Tolkien, 1999, p. vii).

Mas também toda pessoa que lê a obra vê a referência ao ethos externo da obra, e algo com ela aprende, porque, como Frye (2017) afirma, há alegorias e símbolos e até alusões. Nossa capacidade imaginativa “não conseguiria operar num mundo assim senão nos termos do mundo que já conhecemos” (Frye, 2017, p. 32). Então, talvez o que distingue ficção de realidade não é se a estátua tem pernas ou não, é se vemos ou não as pernas dessa estátua que nos conta uma história! É sobre o mundo que cada um de nós se abre para compreender. E o autor não tem necessariamente a intenção de criar “uma relação entre duas coisas”, uma ideia e uma ação (Frye, 2014, p. 205).

Talvez, então, ao invés de buscarmos alegorias, pudéssemos pensar em termos de um deslocamento metafórico, onde a montanha ou você podem ir — e isso simbolizaria algo para além de uma montanha ou você! Metáforas são declarações que A é B, mas não afirmações que A seja realmente B. É uma “analogia hipotética” (Frye, 2014, p. 250). Quando em *The Raven* (Poe, 2018), o narrador fala de “uma escuridão” (p. 18) na qual espreita e diserne um corvo, “um pássaro de ébano” (p. 19) que em seus aposentos entrou e ficou “tão somente sentado, sozinho e plácito” (p. 20) “no pálido busto de Atena” (p. 23), atormentando-o com as célebres palavras “nunca mais”, Poe não está falando de uma ave. O poeta nos convida a um deslocamento para vivenciarmos, com ele, sua escuridão interior, solitária, pactuada pela sociedade como sem mudança (plácito na terminologia do poema). Não é um corvo que o atormenta, mas o deslocamento metafórico que nos incita a compreender que se abrimos a hora na hora errada, algo trágico pode sentar sobre nossos conhecimentos (o busto de Pallas Atena). Somos deslocados do mundo onde corvos são animais para um mundo no qual corvos são, como para o deu escandinavo Odin, representantes do pensamento e da memória, ou seja, de dois elementos cognitivos. Somos convidados a ser

deslocados ao mundo do poeta que recebe a triste notícia que ele nunca mais esquecerá seu amor (Lenora) e sobre ela pensará e a esquecerá... “nunca mais”. Mas toda “analogia é somente hipotética” (Frye, 2014, p. 250). Se contudo olharmos os denominadores comuns, facilmente perceberemos a relação entre os vários elementos. A metáfora, assim, é responsável por unir “duas imagens individuais, cada uma das quais é um representante específico e uma classe ou gênero” (Frye, 2014, p. 251), no caso um animal e a descrição de uma casa, por um lado, e processos humanos internos, por outro.

Frankl (2016) afirma que em processo terapêutico, se queremos que os pacientes tenham consciência de sua responsabilidade, em ocasiões “teremos que representar-lhes, por meio de metáforas, o caráter histórico da vida e, a par disso, a responsabilidade que o homem nela tem” (Frankl, 2016, p. 145). Quando fala de morte e de seu sentido, por exemplo, propõe à pessoa olhar para o capítulo da sua vida presente, e ler esse capítulo. Fala de um exame de aptidão que, “mais do que um trabalho terminado, interessa aí que o trabalho seja valioso” (Frankl, 2016, p. 147). Outra metáfora que utiliza é da desintegração irreversível de átomos, afirmindo que se a vida é feita de desintegração de átomos, é porque também é feita de integração de moléculas, provocando sem dizer, reflexões como: *Onde sua molécula se encaixa com outras? Quais são as moléculas que valem a pena ser criadas? Quais os átomos que podem ajudar nisso?*. O processo subjacente ao deslocamento do significado de estruturas verbais a sentidos que não são seus originais talvez seja o elo perdido que permite compreender o poder das histórias.

Metáforas fazem parte da vida diária e da linguagem coloquial, a tal ponto que muitas vezes não percebemos (Bühler, 2020): as mesas têm pernas e os computadores morrem. “A metáfora é uma ajuda *na ausência de uma expressão* quando nosso vocabulário nos falha” (p. 454). Assim, quando a impressão de um fenômeno percebido (dimensão física) conduz à falta de léxico para descrevê-lo (dimensão psíquica), a criatividade (dimensão noética) busca elementos de esferas distintas que permitam uma associação.

Esse processo começou, possivelmente, quando surgiram os primeiros sedentários humanos. Quando nômades, bastava mudar seu local quando algo não estivesse correndo bem, afinal, “seu medo encontra um escape imediato” (Bühler, 2020, p. 462), mas quando os humanos começamos a nos assentar no mesmo local precisávamos encontrar explicações para as coisas que ocorriam, fossem boas ou más. Então, “a raiz psicológica da metáfora material” está na “percepção das formas naturais disponíveis” (Bühler, 2020, p. 463) para justificar medos e tabus sociais. E essas metáforas, provavelmente, se tornaram, em algum momento, uma simples história com estrutura verbal e narrativa simples, que evoluiu em diversas culturas a mitos e lendas complexas que incluíam muitas histórias com muitas metáforas cada uma. Afinal, a metáfora é um recurso linguístico que serve para explicar o que não se comprehende, para permitir encontrar sentido onde antes não havia.

As histórias são, portanto, a forma mais complexa de metáforas, e as metáforas, em certa medida, proto-histórias. Como diz Frye (2014), “todas as imagens poéticas parecem se fundar na metáfora” (p. 440), e essas metáforas são os recursos que ajudam a encontrar sentido em meio às emoções. Então, seria viável considerar que a mudança possa ocorrer quando novas histórias fazem emergir novas emoções e, por conseguinte, novos sentidos?

Cada vez parece mais evidente e inescapável a conclusão que há várias possibilidades de sentidos para as histórias. Há uma polissemia que se extrai da literalidade e da alegoria; uma polissemia entre a liberdade do escritor em parir sua história e a liberdade do leitor em lê-la à luz do mundo no qual vive; uma polissemia entre as épocas nas quais a história vive; uma polissemia entre a montanha e o viajante. E essa polissemia se pode resumir num contínuo entre mimetismo da realidade e de transmutação da realidade.

E essas possibilidades de sentidos evocam a possibilidades de *ethos* e *mythos*, a uma perspectiva mais ampla dos elementos contextuais e das estruturas narrativas que dão matéria à história, respectivamente. Todas as estruturas verbais são inclusas nas histórias para lhes oferecer

um sem-fim de possibilidades de sentido. Não se trata, portanto, de serem verdadeiras ou falsas, mas se seus elementos narrativos estão de tal sorte interconectados que a história faça sentido.

Agora que compreendemos alguns processos das histórias, a psicologia parece adentrar exatamente aqui. Há uma relação entre a biografia e obra. Frye (2014) fala que a repetição de padrões em um autor é de âmbito da Psicologia. Se um autor começa a usar um padrão que deixa de permitir seu crescimento como artista, evidencia-se uma situação com raiz na Psicologia. Mas se contemporâneos seguem o mesmo padrão, poderá ser uma convenção social; e se autores de diversas eras usam o mesmo padrão, talvez o estilo (estrutura) narrativo seja algo a se considerar. A verdade é que “um psicólogo, ao examinar um poema, tenderá a ver nele o que vê em um sonho, uma mistura de conteúdo manifesto e latente” (Frye, 2014. p. 235), sendo o conteúdo manifesto a matéria e o latente o conteúdo. E tanto a Psicanálise como a Psicologia Analítica tentam, por caminhos distintos, encontrar a relação entre elementos dramáticos e psicológicos, mas falham, segundo Frye (2014). Porventura o desafio está em ter-se uma teoria psicológica que seja capaz de entender a estrutura e compreender o sentido da história, uma teoria que aceite a existência de “algum tipo e tensão, até que o possível e o real se encontrem no infinito” (Frye, 2017, p. 256), uma teoria que, parafraseando Frankl, permita ver que a qualidade de uma história é baseada num certo grau de tensão, entre o que ela conta e o que ela ainda deveria contar, considerando as pessoas que representam as palavras deíticas Eu e Tu.

### **Sobre uma Possível Heurística da Relação Dialógica<sup>18</sup>**

Há uma brincadeira de palavras que pode ser utilizada com frequência nas aulas de escrita e/ou contação de histórias: todo texto tem um contexto. O contexto no qual a história é contada e escutada (o ethos anteriormente mencionado) influencia e é influenciada pela compreensão de quem conta e quem recebe a contação. Qualquer que seja o meio — escrito ou cinematográfico ou até

---

<sup>18</sup> Pretende-se submeter o presente subcapítulo, com as devidas mudanças e adaptações, à apreciação e possível publicação para a edição comemorativa dos 100 anos da publicação de *Eu e Tu* de Martin Buber, da revista *Phenomenology, Humanities and Sciences - Fenomenologia, Humanidades e Ciências*, do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno) e da Associação de Pesquisas em Fenomenologia (APFeno).

uma contação oral —, não há como negar a influência de um contexto para o texto apresentado. Afinal, parafraseando Buber (2003), as palavras precisam aparecer, no mínimo em pares.

Buber (2003) fala de duas “palavras fundamentais”, o “par Eu-Tu” (Buber, 2003, p. 7), dizendo que elas vivem em dupla pois uma não pode ser proferida sem a presença da outra. O autor prima pela importância de não coisificar pessoas, pois “o objeto” torna-se “a paragem, a cessação, a interrupção, o endurecimento, o isolamento, a ausência da relação, a falta da presença” (Buber, 2003, p. 17). Sua proposta está numa “essencialidade” que “gera a linguagem” (Buber, 2003, p. 10), numa relação de encontro, que transforma o sujeito gramatical “eu” e o objeto gramatical “tu”, em uma “palavra fundamental Eu-Tu”, sem a qual não é possível haver experiência (Buber, 2003, p. 10), nem relação, uma vez que “relação é reciprocidade” (Buber, 2003, p. 12):

A palavra fundamental *Eu-Tu* só com o ser pleno pode ser proferida. A concentração e a fusão num ser total nunca pode ter lugar através de mim, nunca pode ocorrer sem mim.  
Torno-me *Eu* no *Tu*; ao tornar-me *Eu*, digo *Tu*.

Toda verdadeira vida é encontro (Buber, 2003, p. 15).

O que Buber (2003) convoca é a compreensão de que no diálogo real não há planos ou “antecipação” e “saber prévio”, nem “fantasia” ou “avidez” (Buber, 2003, p. 16), há apenas a vivência no presente, enquanto se nada “na torrente da universal reciprocidade” (Buber, 2003, p. 20).

Essa visão, que ao longo dos anos tornou-se conhecida como *dialógica* não pode, contudo, negar “a sublime melancolia da nossa sorte”, que “cada *Tu* se deve tornar *Isso*” — ainda que o mais nobre dos *Issos* — já que o *Tu* “torna-se objeto entre objetos”, para ser descrito, analisado e até classificável, podendo no caso do *Tu* amado, ver nele ou nela “um conjunto de qualidades, um *quantum* dotado de figura. Posso agora (...) extrair dele a cor do seu cabelo, do seu discurso, da sua bondade”, pois por mais que seja um ser, per se, “cada *Tu* no mundo está, por natureza, condenado a tornar-se coisa ou, pelo menos, a mergulhar uma e outra vez na coisalidade” ou, poeticamente: “O

*Isso* é crisálida, o *Tu* a borboleta” (Buber, 2003, p. 21). Uma leitura superficial de Buber parece-nos indicar que nunca um *Tu* se torna coisa, mas o autor é claro, há momentos para os quais a heurística torna-se fundamental, momentos esses que são necessários para entender esse *Tu*, momentos que são possíveis se o *Tu* se tornar *Isso*.

Não diferente é com o *Eu*. Em algum momento, a pessoa fundada no *Tu*, percebe “sua forma e feição” e se reconhece como um *Eu* (Buber, 2003, p. 26). Desta forma, quando um *Eu* diz ver alguma coisa, um *Tu*, ele descreve a percepção que é sua do objeto que lhe é externo e “já erigiu a barreira entre sujeito e objeto”, fazendo assim, curiosa e ironicamente, da “palavra fundamental *Eu-Isso*, a palavra da separação” (Buber, 2003, p. 10). Desta forma, as palavras fundamentais Eu-Tu e Eu-Isso não são tão diversas, dando uma origem constante à outra, distinguindo-se apenas pelo facto de que a primeira “nasce de um vínculo natural” e a segunda “de uma separação natural” (p. 28). Tudo se resume à ideia de que “O mundo do *Isso* tem coesão no espaço e no tempo”, quanto o “mundo do *Tu* não tem coesão no espaço e no tempo” (p. 36). Para entender algo, precisamos vê-lo *Isso*; para experienciar algo, precisamos aceitá-lo *Tu*. Não podemos viver sem *Isso*, e tampouco podemos viver apenas com *Isso*. Esse é o desafio presente em qualquer investigação dialógica.

Para ilustrar, compartilhamos uma história contada por Platão (1956):

Era uma vez, existiam somente os deuses, e nenhuma criatura mortal. Mas quando chegou o tempo em que elas também deveriam ser criadas, os deuses modelaram-nas, a partir da terra, do fogo e variadas misturas de ambos elementos, no interior da terra; e quando estavam prestes a trazê-las para a luz do dia, ordenaram que Prometeu e Epimeteu os equipassem e que minuciosamente distribuissem suas qualidades específicas. Epimeteu disse a Prometeu: “Deixa-me distribuir e depois tu inspecionas”. Assim foi acordado, e Epimeteu fez a distribuição. A alguns deu força sem velocidade, enquanto equipava os mais fracos com velocidade; a alguns armou, e outros deixou desarmados; e a estes outorgou alguns dos meios de preservação, fazendo uns grandes, e tendo seu tamanho como proteção, e outros pequenos, cuja natureza era voar no ar ou entocar no chão; essa era sua forma de escapar. Assim ele compensou-os com a perspectiva de prevenir que qualquer raça se tornasse extinta. E quando ele proveu proteção contra umas destruírem as outras, ele

imaginou também meios de proteção contra as estações do céu; vestindo-as com pelagem curta e pele espessa o suficiente para lhes proteger contra o frio do inverno e lhes tornar aptas a resistir o calor do verão, para que pudessem ter uma cama natural a partir de seus próprios cabelos quando quisessem descansar, também lhes forneceu cascos e cabelos e peles duras e calosas sob seus pés. Então lhes deu uma variedade de comida, — ervas do solo a uns, a outros frutas das árvores, e a outros raízes, e para outros deu outros animais como comida. E a alguns fez terem poucas crias, enquanto que suas presas eram prolíficas; e desta forma a raça estava preservada. Assim fez Epimeteu, quem, não sendo muito sábio, esqueceu que ele tinha distribuído entre os animais brutos todas as qualidades que tinha para oferecer, — e quando chegou ao homem, que ainda estava desprovido, ficou terrivelmente perplexo. Agora enquanto estava nessa perplexidade, Prometeu veio inspecionar a distribuição, e descobriu que os demais animais estavam adequadamente providos, mas o homem apenas estava nu e descalço, e não tinha cama ou armas para sua defesa. A hora aguardada se aproximava, quando o homem por sua vez teria que ir para a luz do dia; e Prometeu, sem saber como poderia outorgar sua salvação, roubou as artes mecânicas de Hefesto e Atena, e o fogo com elas (já que elas não poderiam ser conseguidas nem usadas sem o fogo), e deu-lhes ao homem. Assim o homem teve o conhecimento necessário para sustentar a vida (...). E desta forma foi suprido ao homem os meios de vida. Mas Prometeu, diz-se, foi posteriormente julgado por roubo, devendo-o à tolice de Epimeteu (p. 11).

Ao longo do presente trabalho vimos que autores diversos utilizam o que chamamos de StoryTherapy de duas formas, conforme a sua utilização. Se contadas pela pessoa do terapeuta elas servem para, em algum nível, provocar algo nos pacientes que tendem a assumir novas responsabilidades e, com mais ou menos resistência, executam seus papéis. Se contadas pelos pacientes, eles se tornam os próprios agentes da ação narrativa, indo por conta própria ao encontro de soluções. Numa relação dialógica, é necessário entender ambos *Eu* e *Tu*. Brockington et al. (2022) afirmam que “o ato de contar histórias tem demonstrado ser um elemento central para o estabelecimento de conexões humanas e influenciar emoções subjetivas em ambos o contador de histórias e na audiência” (p. 1). Por um lado, os autores afirmam que “histórias convidam leitores ou

ouvintes a se submergirem na ação retratada e então se perderem pela duração da narrativa” (Brockington et al., 2022, p. 1), evidenciando, em amostra de crianças hospitalizadas, aumento de níveis de oxitocina salivar e redução de níveis de cortisol salivar, diminuição de dores físicas, bem como mais emoções consideradas positivas para com a equipe de saúde, quando ouvindo histórias. Por outro lado, Mar (2018) afirma que “exposição a histórias pode ajudar a promover uma compreensão das outras pessoas” (Mar, 2018, p. 1).

Assim, podemos inferir que as histórias influenciam quem as recebem, bem como influenciam quem as emitem. Podemos considerar então, que, conforme a sua posição, as histórias podem conduzir a perspectivas distintas. Um pouco como Epimeteu que se aventura por executar uma função e não a consegue de primeira e necessita da ajuda de outra figura, podemos dizer que as histórias assumem uma posição *epimétrica* de levar àqueles que a recebem a querer fazer algo, ser agentes e, na caminhada, não se equivocar (não por tolice ou gestão indevida, mas porque estão em processo de aprendizado). Da mesma forma, as histórias podem então assumir uma posição *prométrica*, no sentido de serem ativas no processo, como histórias de situações que são contadas e/ou vividas pela pessoa que transmite a história, em busca de uma solução para questões que são suas.

Semelhante a Frankl (2020) quando define duas classes de pessoas: as pacificadoras e as passificadoras. Em palestra proferida em inglês, em 1963, Frankl fala da “marcha do sentido” e que, por isso, haveria as pessoas que “puxam o ritmo”, as passificadoras, e aquelas que “amenizam o conflito”, as pacificadoras. De um lado as que “nos confrontam com sentidos e valores, apoiando, assim, nossa orientação ao sentido” (passificadoras) e, por outro, aquelas que “aliviam o fardo da confrontação com o sentido” e que “acalmam as pessoas” e “tentam reconciliar as pessoas consigo mesmas” (pacificadoras). À segunda categoria, ele designa de “peace makers”, aqueles que advogam pela paz, muitas vezes confundindo paz com estabilidades, com calma, tranquilidade ou, pior, manutenção do *status quo*. Às outras designa de “pace makers”, as que buscam “o estágio de

maturação e desenvolvimento no qual a liberdade (...) se torna responsabilidade” (Frankl, 2020, pp. 31-32).

O pensamento que aqui tecemos nos conduz a uma pergunta: e se, ao invés de pessoas, pensássemos nas histórias como assumindo um posição prometéica ou epitemetéica, um papel que, como Prometeu, marca o passo, e que inova, ainda que se arquem com consequências à primeira vista negativas<sup>19</sup> ou, como Epimeteu, cumpre sua função específica e expectativa, ao receber as instruções? Não se trata aqui, portanto, de abandonar a visão dialógica de Buber (2003), mas compreender que mesmo perante um Eu e um Tu, para a análise torna-se necessária uma espécie de coisificação heurística, um Isso temporário, para se compreender, antes do retorno à expressão fundamental Eu-Tu, já que, como próprio Buber afirma, torna-se necessário ampliar o mundo do Isso para se poder experimentar, comparar, descrever, analisar, objetivamente e, consequentemente, melhor utilizar e oferecer respostas às questões que são colocadas: “é assim que nasce entre os vivos o conhecimento, a obra, a imagem e o modelo” (p. 44).

Deste modo, poderíamos dizer que, no contexto de StoryTherapy, as histórias podem assumir duas posições, conforme exposto na Figura 14.

## **Figura 22**

### *Posição das Histórias e suas características*

<b>Posição das Histórias</b>	
<b>Posição Epimetéica Pacificador (peace maker)</b>	<b>Posição Prometéica Passificador (pace maker)</b>
A história é contada por outra pessoa (terapeuta) e escutada por si (paciente).	A história é contada por si mesmo (paciente) e escutada por outra pessoa (terapeuta).
Quando somos receptores de uma história que nos é contada.	Quando somos emissores de uma história que contamos.
Provocam algo nos pacientes que tendem a assumir novas responsabilidades (ainda que com algum nível de resistência) e executam seus papéis (em modo de aprendizagem).	O contador se torna o agente da ação narrativa, indo ao encontro de soluções inovadoras e com responsabilidade assumida pela consequência que pode advir.

<sup>19</sup> Segundo as narrativas gregas, Prometeu foi amarrado entre duas montanhas e todos os dias uma águia comia seu fígado, para que à noite o fígado regenerasse para continuar um ciclo aparentemente sem fim. Com explicações que variam conforme a versão, em um determinado momento Herácles (o romano Hércules), com a aprovação de seu pai (Zeus), libera Prometeu (Astma, 2017).

Aventura epimétrica de executar o que lhe é conferido.	Aventura prométrica de resolver o que descobre que deve ser resolvido.
Aceitar possibilidade de erro.	Aceitar a necessidade da mudança.
Segue os chamados do sentido.	Faz a marcha do sentido.
Histórias que almejam amenizar o conflito.	Histórias que almejam puxar o ritmo.
Histórias que aliviam o fardo da confrontação com o sentido e acalmam as pessoas.	Histórias que confrontam com sentidos e valores, apoiando, assim, uma orientação ao sentido.
Solucionaria um problema em busca de uma homeostasia.	Cria nova tensão em busca de mudança mais profunda.

**Passivas (no sentido em que se recebe a história)****Ativas (no sentido em que se emite a história)**

Esta é uma proposta didática, uma história que contamos para explicar a posição que as histórias assumem. Não quer isso dizer que uma seja melhor que a outra, ou que a pessoa que recebe não conta em si uma história, ou até quem conta não está ao mesmo tempo recebendo a história que conta. A verdade é que as histórias e até os mitos e hinos originais mencionados por Buber (2003) são a tentativa de converter um “Tu eterno” em um Isso.

O que Buber (2003) sugere não é que apenas vejamos o outro como um Tu, é que compreendamos que até o momento do encontro é um Isso, que vemos a distância, de longe e que apenas sabemos dados seus — talvez altura que consideramos alta ou baixa, roupas que consideramos dignas ou inadequadas, cabelo que achamos belo ou feio. Recuperando o que já foi citado em outro momento, Buber (2003) recorda que quando caminhamos e nos cruzamos com outra pessoa, “também caminhando, conhecemos apenas a nossa parte do caminho, não a sua; só no encontro é que o seu percurso ganha vida para nós” (p. 80). No encontro a transformação ocorre e os julgamentos cessam, e o encontro é apenas quando os dois estão juntos, comunicando.

Até lá, temos apenas uma visão do Isso, que por ser uma relação Eu-Isso não é duradoura, mas que se faz presente. Então, nenhuma linguagem jamais foi ou será suficiente para explicar fenômenos, e todo discurso será sempre “confuso e errôneo” (Buber, 2003, p. 80). A proposta que

aqui se faz é compreender que da perspectiva do Eu, o Eu faz um caminho (o de Prometeu que vai em direção ao outro) e o Tu, agora Isso, aparenta vir em sua direção (como Epimeteu que recebe de Prometeu a orientação). A própria pesquisa científica é feita na caminhada. Qual dos dois sentidos é o melhor para esse caminho? Porventura não há uma resposta linear! Da mesma forma que o sentido pode variar conforme pessoa, situação ou época, por vezes necessitaremos de histórias contadas pelos pacientes, histórias prometéicas que marcam o passo, criando e inovando, outras necessitaremos que os pacientes descubram novas histórias, escutem, vejam ou leiam histórias que lhes permitam criar uma relação com elas e agirem conforme suas propostas, histórias epimétricas que tragam a paz aos pacientes.

Os pacientes (e todos nós) necessitaremos, por vezes ser o Prometeu que marca o passo, e, outras vezes Epimeteu que segue pacificamente o passo; ou, em linguagem mais simples, de histórias que emitimos e histórias que recebemos. A proposta teórica nasce aqui, neste ponto de encontro que, tampouco, “é um termo do caminho”, antes a proposta do “seu centro eterno” (Buber, 2003, p. 84) que permitirá que o Tu convertido em Isso volte a ser um Tu, para uma relação que nunca deixou de ser, mas que voltará então a demonstrar ser, dialógica.

Desta forma, torna-se necessário ao investigador usar as histórias prometéicas e epimétricas, quando necessário. Frye (2017) sintetiza ambas as perspectivas numa simples frase: “Necessitamos de dois poderes na literatura: um para criar e o outro para entender” (p. 91).

### **A Estrutura Narrativa<sup>20</sup>**

Vimos anteriormente que o conteúdo pode ser mais mimético ou mais transmutado, oscilando entre um e outro mundo. Enquanto isso, cria-se uma relação entre quem conta e quem recebe a história. Mas e a matéria? Como se estrutura esse conteúdo, de maneira a permitir que essa relação se torne efetiva? Denzin (citado por Coffey & Atkinson, 1996) fala da importância de

---

<sup>20</sup> Pretende-se submeter o presente subcapítulo, com as devidas mudanças e adaptações, à apreciação e possível publicação para a edição comemorativa dos 40 anos da Logoterapia no Brasil, da revista *Linguagem em (Dis)curso*, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem.

estruturas ou sequências de eventos significativos para a relação que se estabelece entre o narrador e sua audiência, através de uma “lógica interna que faz sentido ao narrador. Uma narrativa relata eventos em uma sequência temporal, causal” (p. 55). Labov e Waletzky (1966) esclarecem que isso é possível por meio de uma análise formal e funcional das narrativas:

Mitos, contos populares, lendas, histórias, épicos, novelas rápidas [toasts] e sagas parecem ser resultado da combinação e evolução de elementos mais simples; contém muitos ciclos e re-ciclos de estruturas básicas narrativas (Labov & Waletzky, 1966, p. 12).

Para os autores, uma narrativa é um método de se referir a uma sequência de eventos, demandando uma estrutura verbal formal que tenha uma interpretação semântica própria. Com isso, pode-se concluir que a frase atribuída a Hemingway “Vendem-se: sapatos de bebê, nunca usados” contam, sim, uma história, conhecida como a história mais curta alguma vez contada, mas, poderá jamais ser considerada uma narrativa, já que não oferece substrato verbal que defina a uma sequência temporal de eventos, como um agora, um antes e/ou um depois. “Qualquer sequência de orações que contenham pelo menos uma juntura temporal é uma narrativa” (Labov & Waletzky, 1966, p. 28). Para Labov e Waletzky (1966), a “interpretação temporal” faz a narrativa possível (p. 28), geralmente com orações agrupadas, conforme uma sequência causal, em agrupamentos que designam de “estrutura geral das narrativas” (p. 32).

Um outro exemplo é oferecido por Kahneman (2011), ao iniciar um capítulo apresentando as palavras “Bananas Vômitos” (p. 66). Nele, o autor convida o leitor a notar uma justaposição de duas palavras inicialmente sem relação direta. Imediatamente o leitor, em sua mente, já as relacionou e criou uma história, com um fio condutor que traz uma complicação (moderada ou não), por meio de um contexto que conecta um momento futuro/presente ao passado. Aqui, o leitor estabelece a lógica temporal da narrativa e, sem relação direta, as duas palavras passam por uma “constelação de respostas [que] ocorreu rápida e automaticamente, e sem esforço”, a um nível quase sempre oculto à própria mente consciente da pessoa: uma *ativação associativamente coerente*. A

narrativa emerge pela coerência que conecta um evento ao outro, fortalecendo-os mutuamente: “A palavra evoca lembranças, que evocam emoções, que por sua vez evocam expressões faciais e outras reações, tais como um aumento geral de tensão e uma tendência a evitar algo” (p. 67), o que só é possível porque se enxerga a narrativa antes de uma história (que continuaremos sem saber qual é especificamente, apesar de a podermos criar).

Para compreender o papel dessa estrutura narrativa, é necessário considerar então a sequência de conceitos individuais ou orações que a constituem e a existência de pelo menos um elo temporal. Notemos que o exemplo relacional da banana com o vômito corrobora esse aspecto, porque há uma relação temporal. Sem tais relações entre as palavras ou orações que constituem uma narrativa, teríamos, ao invés, meras listas.

Labov então, em suas pesquisas, oferece seis passos que constituem essa narrativa, que a seguir explicaremos de maneira agrupada, em três atos. O primeiro destes passos seria o Resumo e o segundo a Orientação. No contexto específico de palestras, Anderson (2016) fala da importância de um fio condutor, “o tema que une os elementos narrativos” (p. 40), explicando que é nesse momento que se deve perguntar “Qual a ideia exata que você quer inserir na mente dos ouvintes? O que eles vão levar para casa?” (p. 41), convidando-os acompanhar a viagem narrativa, já que “quando sabe aonde você quer chegar, o público sente mais facilidade para acompanhar seu trajeto” (p. 43). E Gallo (2014) recomenda sempre que esse começo “não deve exceder os 140 caracteres” (p. 185). Com base nisso, pode-se entender que Adichie (2009) em seu *O perigo de uma história única* começa com uma mera descrição do que abordará, chegando mesmo a mencionar o título da apresentação. Em apenas 21 palavras e 125 caracteres, a narradora “inicia a narrativa sumariando o ponto ou fazendo uma declaração de proposição geral do que a narrativa exemplificará (Cortazzi, citado por Coffey & Atkinson, 1996, p. 60). Adichie (2009) diz: “Sou uma contadora de histórias e gostaria de contar a vocês algumas histórias pessoais sobre o que eu gosto de chamar o ‘perigo da história única’” (00:03). Sabe-se agora que o seu tema central é o perigo da história única e, neste

momento, ela convida o seu público a ter uma expectativa: a de que ela os guiará por esse tema: esse é o *resumo*. Já a *orientação* é, para Labov e Waletzky (1966) sobre “pessoa, lugar, tempo, e situação comportamental” (p. 32). Adichie (2019) conta sua própria história pessoal, sobre como alguém que descobriu a leitura e a escrita, escrevendo sobre personagens que “brincavam na neve. Comiam maçãs. E eles falavam muito sobre o tempo, em como era maravilhoso o sol ter aparecido” (00:51), enquanto na Nigéria “não tínhamos neve, nós comíamos mangas. E nós nunca falávamos sobre o tempo, porque não era necessário” (01:10). Traz a história de Fide, uma criança pobre que sua família acolheu e que “a única coisa que minha mãe nos disse sobre ele foi que sua família era muito pobre” (03:12), “tudo o que eu tinha ouvido sobre eles era como eram pobres, assim havia se tornado impossível para mim vê-los como alguma coisa, além de pobres” (03:52), que “pudesse realmente criar alguma coisa” (03:49). E, por fim, a sua história com a companheira de quarto na Faculdade que tinha “pena” dela (04:41) antes de a conhecer, devido à “sua posição padrão” (04:45), uma posição de “arrogância bem intencionada, piedade” (04:49), causada pela existência de “uma única sobre a África. Uma história única de catástrofe” (04:56) que, consequentemente, impossibilita “uma conexão como humanos iguais” (05:08). Estas três primeiras histórias orientam a ver Adichie descobrindo as histórias únicas como redutoras, o ethos da narradora tantas vezes mencionado na presente Tese, ou a forma “como nos localizamos sendo atraídos para um discurso prevalente que ‘contenha uma gama de posições subjetivas, as quais facilitam e/ou constringem certas experiências e práticas’” (Willig, citado por Goodley & Smailes, 2011, p. 39). É aqui que se faz consciente o contexto social do qual emerge a narradora da história, aceitando a sua subjetividade e vivência para criticar o mundo social e suas iniquidades e conflitos. Riessman (2005) menciona que esse momento inicial, com ou sem a existência de um resumo, dá a imagem geral da história como um todo. Juntas, como um primeiro ato, as duas fases oferecem a quem recebe a narrativa as orações necessárias para saber até onde podem ir suas expectativas e compreender o contexto no qual a narrativa ocorrerá. Um exemplo que pode ilustrar bem, são os

versos iniciais de Romeu e Julieta (de William Shakespeare) que já nos brindam com o final: “Dois lares, iguais em dignidade, // na formosa Verona, onde jaz a nossa cena, // de rancor antigo quebranta novo motim, // onde sangue civil mancha mãos civis. // Do fatal seio desses dois rivais // um par de amantes desditosos tira a própria vida”. Aqui se tem os elementos que permitem compreender a temática geral da narrativa, enquanto se abrem as portas para o segundo ato (como nós o designamos) ou para o terceiro passo (conforme a teoria de Labov). É aqui que os contadores da história oferecem um pouco de si mesmos e de seus mundos e estabelecem os caminhos da narrativa.

Os próximos dois passos labovianos que constituem, em nosso entendimento, o segundo ato são a *complicação* e a *avaliação*. A complicação demonstra o ponto de mudança do enredo ou da sequência de acontecimentos, como no caso de um acidente ou uma morte, ou qualquer evento temporal que altere o status quo apresentado inicialmente. Por vezes, contudo, um bom autor pode quebrar esta (e outras regras) e iniciar sua obra com a complicação, deixando o leitor imaginando como seria antes; Kafka (2001), em seu *O Processo*, já começa com um desconhecido parado sobre a cama do protagonista K. que, mal havia despertado, já pergunta “Quem é o senhor?” (p. 5), um desconhecido que pouco depois, ao serem solicitadas explicações, diz “não é da nossa incumbência darmos-lhe explicações” (p. 7). São orações assim que denotam que há algo que não deveria estar como está — essa é a natureza da complicação, mostrar que algo que normalmente estaria de outra forma foi alterado, e *O Processo* é um exímio exemplo de uma narrativa dominada por essa fase. A avaliação, o elemento sem o qual “uma narrativa carece de significância” (Labov & Waletzky, 1966, p. 33) e, por isso, deve ser clara do ponto de vista semântico. Sua presença é estrutural e sua ausência comum em “narrativas de experiência pessoal” (Labov & Waletzky, 1966, p. 34). É de suma importância já que é o ponto de inflexão, que quebra o fator de complicação, permitindo um vislumbre da solução, muitas vezes contendo “uma declaração explícita da atitude do narrador” ou contador da história (Labov & Waletzky, 1966, p. 36), com frases que poderão ser mais diretas ou

menos e até reflexões mais simbólicas (como *eu disse a mim mesmo: chega!* ou o famoso *Eureka!* de Arquimedes), que podem ocorrer mediante suspensão da ação e expressão de sentimentos. São reflexões como essas que Eça de Queiroz nos oferece em seu Fradrique Mendes, quando como que interrompendo a narrativa se questiona o que fazer: “Calado, invadido pelo pensamento do Bab, revolvia commigo o confuso desejo de me aventurar n’essa campanha espiritual! Se eu partisse para Thebas com Fradrique?... Por que não? Tinha a mocidade, tinha o entusiasmo. (...) E pouco a pouco d’este desejo, como d’uma agua que ferve, ia subindo o vapor lento d’uma visão. Via-me discípulo do Bab—recebendo n’essa noite, do ulema de Bagdad, a iniciação da Verdade. E partia logo a pregar, a espalhar o verbo babista. Onde iria?” Esse é o passo no qual se tecem comentários sobre o sentido e as emoções. Nesse segundo ato ocorrem os maiores acontecimentos em Adichie (2019) — não só em grandeza como, neste caso, também em quantidade: são 672 palavras utilizadas aqui, perfazendo aproximadamente 23,4% do total do discurso. Tamanha a quantidade de elementos, que não é simples separar as muitas histórias intrincadas nesta narrativa. A protagonista assume “essa nova identidade. E, de muitas maneiras, eu penso agora em mim mesma como uma africana” (05:24), não mais apenas nigeriana, não mais se percebendo dessa forma, como reconhece as origens dessa visão de mundo, descrevendo a forma como a África é vista como apenas um país:

- ilustra na experiência de uma simples frase de uma companhia aérea que diz ter “trabalho de caridade na ‘Índia, África e outros países’” (05:41);
- compara a visão do mundo sobre o continente à mesma visão que tinha enquanto criança sobre a família de Fide e cita John Locke, que em suas viagens à África Ocidental, em 1561, descreve os africanos como “bestas que não têm casas” (06:45), e que “são também pessoas sem cabeças, tendo suas bocas e seus olhos em seus peitos” (07:20), ou da África Subsaariana que é descrita por Rudyard Kipling como o local de pessoas “metade demônio, metade criança” (07:39).

É nesta parte que a autora descreve uma nova visão sobre a África por não-africanos, uma visão que se torna mais evidente ainda quando relata a história de um professor que avaliou sua obra literária como não sendo suficientemente africana, afirmando que havia personagens que eram “um homem educado de classe média. (...) dirigiam carros (...) não estavam famintas. Por isso elas não eram autenticamente africanos”, cunhando o termo *autenticidade africana*. E é, finalmente, sua viagem ao México, quando o “clima político no EUA àquela época era tenso. E havia debates sobre imigração” (08:22), que finalmente compreendeu que ela mesma estava sendo vítima da história única, “imersa na cobertura a mídia sobre os mexicanos” (09:02), fazendo deles “uma coisa em minha mente: ‘um imigrante abjeto’” (09:07): ela havia “assimilado a história única sobre os mexicanos” (09:12), o que lhe causou vergonha. Aqui ela começa a caminhar para um novo momento, o momento de compreensão dos processos, concluindo: “é assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma única coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será no que se tornarão” (09:19). Este é o ponto de clivagem de sua macro-narrativa. Seria interessante, neste ponto, fazer uma breve análise da estrutura temporal. Se as narrativas permitem reorganizar o passado e dele extrair novos possíveis sentidos, então espera-se que os verbos estejam conjugados no passado. Dos 68 verbos identificados neste trecho, 44 estavam em alguma forma de passado (simples, composto ou condicional) e outras tantas expressões, apesar de conjugadas de outra forma, expressavam presente histórico ou ideias sobre o passado, confirmando que o foco aqui são as crises ou problemas que levaram a narradora a perceber as coisas como percebe. É esta clareza estrutural que permite compreender também a sua mudança de perspectiva, em que ela “galvaniza a resposta dos ouvintes com uma resolução de abrir os olhos e chama-los para a ação” (Guber, 2011, p. 21), é “o clímax forte quando as bases já estiverem consolidadas” (Anderson, 2016, p. 102). É o ponto de virada entre o arco ascendente no qual se vão construindo ideias, com micro-narrativas — que são, neste caso, pessoais — e o arco descendente no qual se reconstruem as ideias para apresentar novas percepções ao público. Então, Adichie começa a observar melhor sua posição na

narrativa e a posição da narrativa em seu ser, afastando um pouco uma da outra para, pela primeira vez, falar de diferentes histórias que nascem conforme seus começos, histórias que não são a sua exatamente. Avalia que começar com “as flechas dos nativos americanos” (10:21) ou com “a chegada dos britânicos” (10:25), com “o fracasso do Estado Africano” (10:33) ou “a criação colonial do estado africano” (10:35) faz dessas histórias bem diferentes. Avalia um “medo político normalizado” (12:42), recordando a racionalização (ou desaparecimento) de comida enquanto crescia, avalia eventos como trágicos e recorda que poderia falar de “coisas horríveis (...). Mas a verdade é que eu tive uma infância muito feliz, cheia de risos, e amor” (11:57). Considera que é a junção de “todas essas histórias fazem-me quem sou” (12:49). Revê processos que viveu, observando-os agora sob outro prisma. É nessa avaliação dos fatos que recorda quem recebe sua mensagem que:

insistir apenas nessas histórias negativas é superficializar a minha experiência e negligenciar as muitas outras histórias que formaram-me. A história única cria estereótipos. E o problema com os esteriótipos não é que não sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a história única (12:51).

A compilação e avaliação oferecem questões que demandam resposta. As orações nas quais se podem ler ou ouvir tais respostas são as que constituem a *resolução* da história e, consequentemente o último ato. No caso supra de Queiroz, a resposta é, simplesmente, uma frase: iria “A Portugal certamente, levando de preferencia a salvação ás almas que me eram mais caras”. No caso de Adichie (2009) questionamo-nos o que pode finalmente acontecer, agora que compreendemos as causas e as formas de atuação da história única? Torna-se necessário resolver os dilemas apresentados até então! A forma como a autora trata dessa resolução é, no mínimo, instigante. Concorda que “a África é um continente repleto de catástrofes” (13:16), ao mesmo tempo que diz ser impossível o adequado engajamento sem a apropriação de “todas as histórias” (13:41), e explica as consequências de uma história única:

- “rouba das pessoas sua dignidade” (13:48);
- “faz o reconhecimento de nossa humana compartilhada difícil” (13:51);
- “enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes” (13:55).

E então, começa a tecer perguntas, 11 no total, que se podem agrupar em três categorias:

- Suas experiências pessoais como vítima de histórias únicas — “Se antes da minha viagem ao México” e “se a minha mãe nos tivesse contado que a família de Fide” (14:00) — e uma nova perspectiva que lhe permitisse resolver a situação sem cair nessa armadilha;
- Uma pergunta situacional sobre a televisão africana transmitindo “diversas histórias africanas por todo o mundo” (14:16);
- Sete perguntas que começam com “E se minha colega de quarto soubesse do...” (14:25).

A colega de quarto torna-se aqui o pivô dessa resolução que, na verdade, não traz soluções concretas, mas reflexões amplas utilizando o modo condicional (11 vezes), como que perguntando: como seria o mundo ou seriam as pessoas, se tivessem acesso a mais histórias sobre aquilo que elas conhecem apenas linearmente! É assim que, muitas narrativas se encerram, aqui, na resolução. As respostas já foram dadas e as narrativas encerradas. Mas, caso o contador deseje, como no caso de uma esposa de rei que sabe que será decapitada ao fim da noite e começa a contar uma história que não se encerra para deixar o monarca curioso e poupar-lhe a vida até a próxima noite, quando a história possivelmente verá seu desfecho, podemos ficar por mil e uma noites nunca terminando histórias. Esse método de saber quando interromper a estrutura narrativa, tantas vezes usada por produtores de conteúdo de cinema, televisão ou *streaming*, é o que Labov chamava de *coda*. Etimologicamente próxima da palavra *cauda*, o termo provém do latim e é a passagem de conclusão de uma peça, movimento, dança, evento ou seção. A coda é uma espécie de final além do final,

demarcado por novos elementos temporais. É na coda que se traz a plateia de volta à realidade, para fora da narrativa e permite pensar em como passar para a ação tudo o que aprendeu mediante o arcabouço conceptual apresentado, convidando receptor da narrativa à ação no aqui e agora fáctico (como nos casos de uma palestra que convida à ação em seu final) ou vendo as personagens fazendo coisas relevantes mas não relevantes à narrativa contada (os Studio Marvel já demonstrou ser exímio neste aspecto). É ainda possível, via coda, compreender que a história já ocorreu em algum momento remoto do passado, como no caso dos Contos da Aia (Atwood, 2017), quando a história se resolve com “E assim eu entro, embarco na escuridão ali dentro; ou então na luz” (p. 347), para depois oferecer ao leitor a verdade que todo o livro era “a transcrição parcial das atas do Décimo Segundo Simpósio (...) que teve lugar na Universidade de Denay, Nunavit, em 25 de junho de 2195” (p. 351), no qual o professor menciona ter pesquisado “registros do período, tentando correlacionar personagens históricos conhecidas com os indivíduos que aparecem no relato da autora” (p. 356), a aia que viveu e contou a narrativa em 46 capítulos.

Adichie começa sua coda com “Toda vez que estou em casa” (16:38), demonstrando o ciclo se encerrando uma vez que a história começou, quando crescia (“cresci num campus universitário no leste da Nigéria”, 00:13). Mas não ficou por aí. Iniciou uma listagem, devidamente integrada em seu texto, sobre o que ela faz de concreto para lutar contra a história única:

- “Eu ensino em workshops de escrita em Lagos todo verão. E é extraordinário para mim ver quantas pessoas se inscrevem, quantas pessoas estão ansiosas por escrever, por contar histórias” (15:54);
- “temos grandes sonhos [ela e seu editor] de construir bibliotecas e recuperar bibliotecas que já existem e fornecer livros para escolas estatais que não têm nada em suas bibliotecas, e também organizar muitos e muitos workshops, de leitura e escrita para todas as pessoas que estão ansiosas por contar nossas muitas histórias” (17:10);

- “Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para desapropriar e difamar. Mas histórias podem também ser usadas para empoderar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida” (17:27).

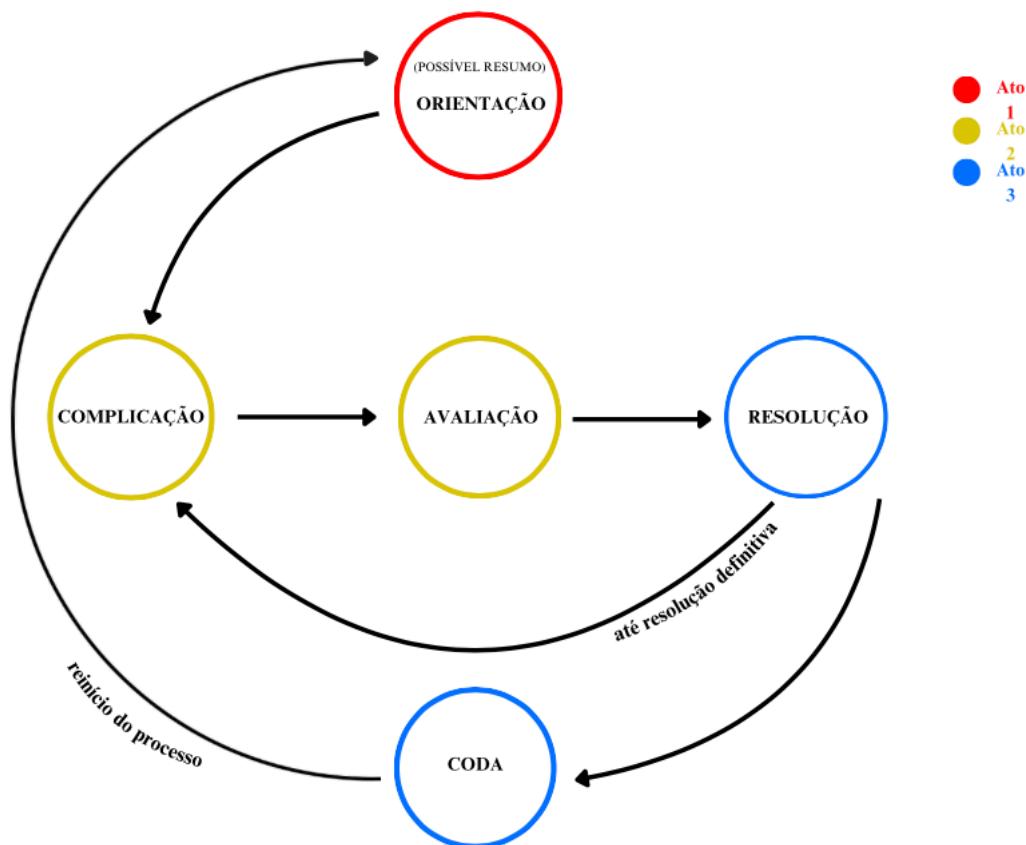
Não mais se pretende explicar sua abordagem do tema (orientação), nem ilustrar a existência de histórias únicas (complicação), nem menos listar o que é aceitável ou inaceitável (avaliação), ou sequer propor alguma reflexão (resultado). O que aqui se pretende convidar para a ação, convidar para a mudança. Ao citar uma escritora (Alice Walker), Adichie faz um jogo de palavras para encerrar com as seguintes palavras, anteriores a pelo menos 11 segundos de ovação em pé de sua plateia, quando proferiu a fala ao vivo: “quando nós rejeitamos a história única, quando compreendemos que nunca há uma história única sobre qualquer lugar, reconquistamos uma espécie de paraíso” (18:11). Nas palavras de Coffey e Atkinson (1996):

A coda marca o fecho ou fim da narrativa, retornando o discurso ao presente e marcando um possível ponto de transição, no qual a fala pode reverter a outros para o encontro (...), pode indicar um encerramento de uma resposta a uma questão, indicando que o entrevistador pode dar seguimento com outro tópico imediato ou fresco (...). A oração inicial leva a história ao círculo completo, de volta ao tema de quanto tempo se tomou no campo e por quê (p. 61).

De maneira sucinta, uma boa narrativa começa com uma orientação espaço-temporal, sobre personagens e situações que lhe fazem específica, uma espécie de mapa do seu mundo. Há uma complicação que demonstra o ponto de mudança do enredo ou da sequência de acontecimentos, que altera a normalidade do contexto, seguida de uma suspensão dessa mudança, quando o protagonista ou narrador fazem a avaliação do processo e chegam a algumas conclusões sobre uma nova mudança. Para, em seguida, haver uma ação a caminho da resolução. Pode ser que tudo volte ao normal, ou muita coisa mude. Mas quem recebe a história apenas volta ao momento presente

quando a coda é colocada e é convidado a refletir e/ou agir, fora do contexto da estrutura narrativa, em sua vida existencial.

**Figura 23**



*Relação entre os passos de Labov, e entre estes e os três atos das histórias*

### Personagens<sup>21</sup>

Para que se crie uma relação entre quem conta e quem recebe a história, faz-se necessário compreender quem são as personagens que vivem as histórias. Para isso, seria importante considerar, além de diferenças sociais e culturais entre as culturas que contam e recontam certas histórias, a forma como cada personagem vive a complicação laboviana, no sentido do que Peseschkian (2005) menciona ser sua “forma típica de lidar com conflitos, enquanto lida com seus problemas” (p. 105).

<sup>21</sup> Pretende-se submeter o presente subcapítulo e o seguinte, com as devidas mudanças e adaptações, como um artigo, à apreciação e possível publicação para a revista *The Global Psychotherapist — Journal of Positive and Transcultural Psychotherapy*, da World Association of Positive and Transcultural Psychotherapy.

Ainda que não intencionalmente, Peseschkian estabelece um certo paralelismo entre os tipos de conflitos e a tridimensionalidade abordada por Frankl em suas obras. Para Peseschkian há o corpo (dimensão física frankiana), a performance e o contacto (em certa medida paralelas à dimensão mental frankiana, o primeiro numa vertente mais racional e o segundo numa emocional) e a terceira fantasia e futuro (associados à dimensão noética frankiana).

Se bebermos dessa dupla fonte, podemos ver que há personagens que oscilam mais em um ou outra dessas vertentes. Por exemplo, Hulk e Thor, na saga cinematográfica da Marvel, são exemplos de personagens que tendem a resolver seus conflitos com o uso de seus corpos, Spock e Data, em *Jornada nas Estrelas*, são movidos pela performance e lógica; já nas obras de Shakespeare encontramos um Romeu ou uma Julieta preocupados com afetos e relações, enquanto facilmente identificamos Gandalf e até Saruman, em *Senhor dos Anéis*, como pessoas que resolvem seus problemas por meio de elementos mágicos.

Os primeiros personagens acima mencionados buscam resolver conflitos e compreender o mundo por meio de seus sensores, vivenciando as coisas e experimentando-as. São como *guerreiros* focados no prático e fáctico, e como tal gostam de factos e ações, sempre ilustrando as coisas com exemplos concretos, com uma tendência a não guardar nada, mantendo-se prontos para atacar com frases, conclusões, argumentos que o outro já usou e agora podem ser usados para seu próprio interesse. São exploradores, preocupados com exatidão, precisão, confiabilidade, eficiência e efetividade do processo e, por isso, seus questionamentos servem para coletar informações e detalhes. Para Peseschkian (2005) são os que visam escapar de doenças físicas e, porventura, desta forma, são os que, em situação de conflito, vivem manifestações físicas de suas dores. Trata-se de personagens que usam metáforas verbais descritivas sobre vida que evidenciam aspectos físicos, tais como: *afastar, eclipsar, separar, escapar, libertar, recuperar, reduzir a força, amestrar*. E usam a metáfora corporal da espada, o dedo em forma de espada, apontando para objetos, caminhos ou pessoas.

O segundo conjunto de personagens geralmente resolvem conflitos escapando de atividades mentais ou nelas se escondendo. São como os *administradores* da série *Severance*, planejando e construindo dispositivos e processos, atentos a rotina ou cronogramas e seus prazos e, portanto, evitando improvisos ou desvios da meta. Assim, tornam-se pessoas de princípios e defendem valores e um bem comum definido. Como consequência, são exímias em avaliar e até julga fatos com base em princípios e valores estabelecidos. Só assim tornam-se capazes de aprovar ou desaprovar processos com facilidade, concordar ou discordar de ideias e até ameaçar usando seu poder ou autoridade. Seu léxico tende a ter termos como *entrar em greve, protestar contra [alguma coisa], retirar poder, reduzir a influência, (re)tomar controle sobre a vida, demitir-se dos processos*.

Já o terceiro conjunto, são aquelas personagens que têm uma visão *romântica* sobre pessoas, processos e ambientes, e visam a manutenção e o fortalecimento de vínculos, demonstrando traços como paciência, escuta ativa ou empatia, o que acaba por criar climas agradáveis. Possuem uma postura colaborativa como facilitadores de diálogo e, por isso, tendem a envolver a uma diversidade de pessoas em seus projetos, tratando-os de forma equitativa e calorosa, como se fossem amigos de longa data. São encorajadores e por isso tendem a confiar mais nas pessoas. Assim sendo, é natural que, para Peseschkian (2005), sua forma de lidar com o conflito seja escapando da sociedade (deceptionada com ela) ou escapando da solidão (já que os vínculos salvam). É o principal tipo de herói na saga *The Umbrella Academy* (Blackman, 2019), que querem a família unida e vivem a duplicidade da fuga dela e do não viver sem ela, na esperança que o mundo seja melhor. São personagens que usam termos como *(des)encantar, colaborar, recusar um convite (da vida)*, ou falam de suas emoções com relativa frequência. Costumam também ter uma expressão não-verbal mais aberta e inclusiva, como braços abertos. Considerando o papel das emoções na vida das pessoas, essas personagens tornam-se as mais comuns (apesar de carecer uma pesquisa estatística que fundamente esta ideia).

Os últimos são uma espécie de *visionários* que, por sua visão de longo alcance, conseguem enxergar coisas que outras personagens geralmente não enxergam. Apesar de ser comum tê-los associados a feiticeiros com poderes, podem ser representados de todas as formas, seja um alienígena verde, Yoda de *Star Wars* (Kershner, 1980), ou humanos comuns, como Miyagi de *The Karate Kid* (Avildsen, 1984). São personagens que viveram culturas de aprendizagem e encorajam uma busca constante por aprendizado de novas ideias, tecnologias, ferramentas ou dispositivos. São estimulados por desafios e desafiam outras personagens, instigando curiosidade, inovação, participação e questionamento ao trazer questionamentos e não necessariamente respostas. Aliás, questionam tanto que se tornam analíticos ou até intuitivos (como se fizessem a análise, mas não soubessem que a fazem). Por sua criatividade aguçada, são capazes de desenhar detalhes e integrar soluções, de tal sorte inovadoras que outras figuras nem sempre as compreendem com facilidade.

Para construir ou compreender essas personagens, podemos perguntar coisas que incentivem seu lado guerreiro:

- Como sua saúde influencia sua vida?
- Quais enfermidades possui? Quais órgãos estão afetados?
- Quais órgãos são afetados pela raiva (ou qualquer outra emoção que se deseje a eles imputar)?
- Qual a influência da sua condição física sobre os sentimentos sobre sua vida e suas relações?
- Qual a influência da sua condição física sobre suas emoções e/ou sobre seu futuro?
- Toma remédios com frequência? Sabe como funcionam e/ou para que servem?
- Como as pessoas à sua volta agem quando você está doente?
- Como age quando as pessoas à sua volta estão doentes?
- Como é a sua aparência?
- Seu corpo amigo ou inimigo?

- Qual dos cinco sentidos é-lhe mais significativo?
- Como você lida com a comida? Como você age quando comem demais (ou o que não deveriam)?
  - Como age quando alguém fuma/bebe perto de si?
  - Qual o papel da beleza em sua vida?
  - Seu cônjuge considera muito importante aspecto físico / saúde física / atividade física?

Ou seu lado administrador e romântico:

- Como é em seu emprego / carreira / profissão atual?
- Que atividades gostaria de desempenhar?
- Onde jazem seus principais interesses?
- Que atividades são mais difíceis?
- Quais são os aspectos mais relevantes para julgar alguém?
- Como você se sente quando não tem nada para fazer?
- Ao observar alguém, a inteligência ou emoção que se demonstra, é importante?
- Considera-se mais emocional ou racional?
- As pessoas significativas à sua volta são mais emocionais ou racionais?
- Envolve-se mais com a carreira ou a família?
- Considera-se mais sociável ou tímido?
- Como se sente em ambientes sociais novos, com muitas pessoas ou numa festa?
- Que ideias lhe veem à cabeça? Que coisas surgem em sua mente quando está nessa situação? O que pensa quando vive essa experiência?

- Que emoções você identifica quando faz certa coisa?
- Quais pessoas considera fácil ou difícil de lidar?
- Como enxerga carinho, ternura ou afeto? Sente falta quando não são demonstradas?

Como demonstra às pessoas?

- Como é o clima emocional no trabalho?
- Como são as relações familiares?
- Importa-se com o que outros pensam ou sentem sobre si?
- O que sente perante os acontecimentos à sua volta?

E para o lado visionário:

- Quando precisa de ajuda, conselho ou apenas um ouvido amigo, o que faz?
- Seu círculo próximo tem ideias inovadoras?
- Você se considera mais otimista ou pessimista?
- Com o que você se ocupa mais em tempos de imaginação?
- Você vive mais focado no passado ou no futuro?
- Gosta de pensar sobre o futuro? Você fantasia em relação ao futuro? O que?
- Onde você sonha chegar?
- Gosta de literatura utópica?
- Já imaginou como seria a vida com outras pessoas significativas que não as atuais?
- Se pudesse trocar de lugar com uma pessoa por um dia, com quem seria?
- Se pudesse viajar no tempo, para quando iria?
- Se pudesse ficar invisível por um dia, o que faria?
- Qual a sua relação com a arte? Você desenha/pinta/escreve/canta/toca música?
- Você se preocupa com relação com o mundo espiritual, a essência do Divino ou a vida

após a morte? Você participe de ambientes que tratem desses temas?

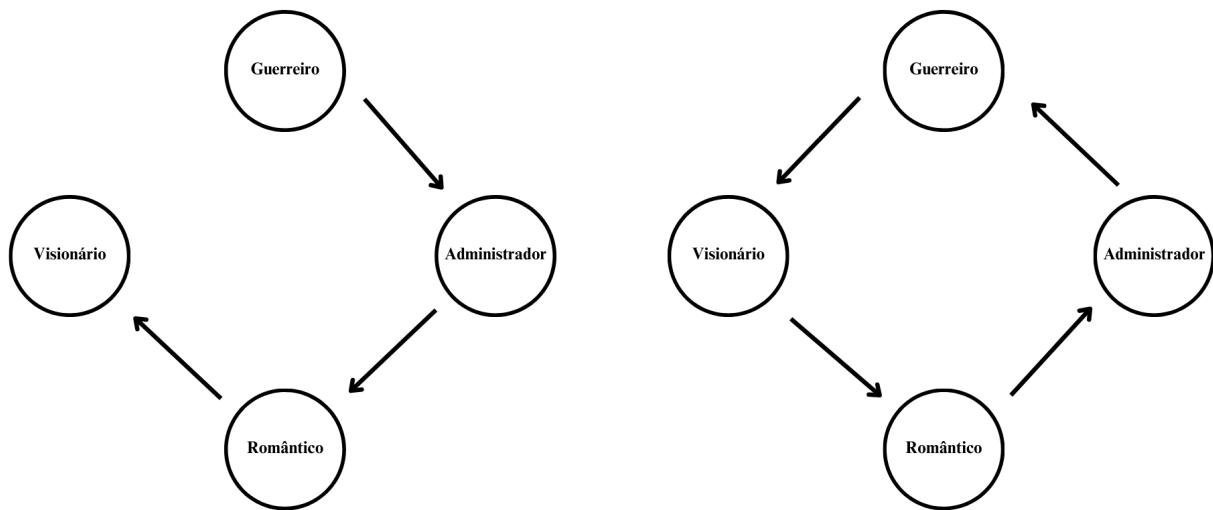
- O que faz seu coração vibrar?
- Quem são os seus heróis?
- E como seria o mundo se mais pessoas fizessem o que você faz?
- O que você faria se todos os seus problemas estivessem resolvidos?
- Como você se imagina em 10 anos?

Naturalmente, estamos falando de uma teoria de personagens e não da personalidade. Frye (2017) “quanto mais realista um escritor e mais parecidas conosco as suas personagens, maior a sua propensão para (...) colocar-nos acima das personagens, de onde possamos afastar-nos do mundo delas e vê-lo com clareza ou totalidade” (pp. 55-6). Assim, compreender o tipo de personagem implica também compreender o tipo de pessoa que se identifica com a personagem. Há, portanto, dois movimentos: o da identificação com as personagens e o processo de nos identificarmos com um estilo de personagem. Assim, as perguntas acima podem servir para criadores de personagens criarem figuras mais identificáveis com o público que as recebe, como também para o terapeuta, uma vez identificado a personagem com a qual seu público (pacientes) se identifica possa provocar a devia reflexão neles.

Portanto, o ideal é que as histórias possuam, em si, as quatro personagens, para que a pessoa ante elas possa começar a ver processos diferentes entre cada uma e, assim, assimilar o papel das histórias mudando a lógica. Enquanto tendemos a perceber as coisas (guerreiro) e racionalizar (administrador) e só depois, porventura, ter clareza do que sentimos (romântico), as histórias colocam novos elementos e alteram a ordem dos processos. Assim, depois de perceber a informação (guerreiro), refletimos sobre os processos (visionário), sentimos (romântico) e racionalizamos (administrador) para completar o ciclo quando agimos (guerreiro). É sobre o equilíbrio entre estes quatro estilos de personagens que conseguimos completar uma ação mais adequada, como pretendemos demonstrar na Figura abaixo — de um lado vemos como as personagens interagem entre si, uma após a outra, e do outro como elas deveriam interagir, complementarmente.

**Figura 24**

*Processo de ação entre personagens*



### O Papel das Histórias na Busca de Sentido

Histórias são imagens em linguagem gráfica (Peseskian, 1996a), e como imagens, elas serão vistas pelos olhos de quem vê e não pelo que elas realmente são. Em seu livro de 1961, *Seduction of the Minotaur*, Anaïs Nin, conta a aventura psicológica de uma personagem, em viagem ao México, e de seu processo de autopsicanálise (o que quer que isso seja). Nessa história se explora como o viés mental induz nossas decisões, já que apenas somos capazes de ver o mundo que nossos órgãos perceptivos enxergam e, portanto, o mundo que vemos é mais moldado por nós do que pelo que ele facticamente é. Nin era conhecida por escrever seus diários e, por meio deles ter descoberto a naturalidade e espontaneidade, a liberdade e a improvisação, a frontalidade e a percepção de seus humores. No capítulo de livro *Psychology or Prejudice*, escrito em 1890 por G. T. W. Patrick, fala-se de crenças implícitas e individuais que tomam um padrão que vemos como universal, geral e até maléfico. O que ocorre é que, como dito anteriormente, nossa percepção física influencia nosso entendimento psíquico e uma possível compreensão noética. Por isso, Frankl

propunha um desafio aos logoterapeutas (não que ele tenha apresentado com tal, mas com certeza é): o papel do logoterapaueta é ser um oftalmologista e não um pintor. O especialista em visão tem como papel ampliar o campo de compreensão, de empatia e de criatividade, para que a pessoa tenha mais opções de enxergar o mundo. O mundo real e não o fictício criado pelas nossas percepções. Seja um mundo fictício pintado negativa ou positivamente de finais felizes: mostrar o mundo como ele realmente é (ou mais próximo a essa realidade), de modo que nossos pacientes estejam melhor preparados para lidar com as suas vicissitudes.

E se as histórias são imagens que se fazem palavras, é sobre escolher a lente mais adequada e talvez irmos mudando e adaptando. No começo há adaptação e dor, e vamos avançando aos poucos. As histórias têm como principal papel então ampliar a capacidade de ver o mundo e, é claro, podem eventualmente ampliar a percepção de sofrimento no mundo ou minimizar essa mesma percepção por meio de uma abertura da íris ao sentido do sofrimento.

E aqui as histórias ganham seu lugar. Como nos diz Peseschkian (1996a), para que a psicoterapia seja compreensível, podemos (ou devemos?) usar histórias que apresentem possíveis soluções aos conflitos conflitos e fraquezas de quem as recebe. Elas servem em processo terapêutico. E sobre essas funções devem ser claras para quem as utiliza, já que as histórias não são meras técnica ilustrativa ou lúdica. Claro que há a “função escapista do entretenimento” (Bonus et al., 2022, p. 1), servindo como fonte de lazer nas mais diversas manifestações artísticas (literatura, cinema ou música, para citar algumas). Mas todas as histórias têm também em si, por sua inegável natureza interdisciplinar, a possibilidade de cumprir um número de funções, num total, segundo Peseschkian (2016), de nove.

Abaixo explicaremos essas funções em blocos, oferecendo uma síntese nossa de cada bloco, diminuindo a proposta do autor. O primeiro bloco seria constituído então, pelas funções que ele designa de *espelho* e *modelo*.

- A *função espelho* permite que o leitor se identifique mais facilmente com as histórias por causa de elementos nela existentes, que permite à pessoa identificar a si mesmo, suas necessidades, ou suas emoções, permitindo ao paciente falar de si, seus conflitos e desejos talvez até sem ter clareza que o faz. Esse processo tem a ver com, por um lado, compreender as histórias e, por outro, rememorar suas memórias.
- Já a *função de modelo* tem a ver com as situações de conflito que elas reproduzem e soluções possíveis que elas revelam, permitindo que os pacientes possam ver possíveis soluções para seus cenários pessoais. Essas soluções podem ser mais comuns e *óbvias* para casos específicos, enquanto podem ser inovadoras e inéditas em outros.

A nosso ver, ambas funções nascem da abundância de imagens contidas na história, nos aproximando de seu contexto apresentado e nos permitindo virmos nelas vários aspectos pessoais, bem como nossa busca por compreender o sentido inerente a certas questões. É por conta delas que *quizzes* sobre personagens atraem tantas pessoas, com perguntas como *A qual personagem da série X você se assemelha mais?* Esse processo identificatório é o que também permite que séries com protagonismo mais amplo, como Friends ou Star Trek consigam atrair públicos mais amplos, já que alguns se identificam com uma ou outra personagem. Também é por meio delas que podemos esperar a resposta à pergunta *O que essa figura faria no seu lugar?* Isso porque, elas se tornam espelhos nos quais vemos nossa realidade e modelos que interpretamos para agir nessa realidade, permitindo-nos ver por cima de barreiras pessoais e pensarmos como o protagonista — sejam figuras demiúrgicas (como Jesus ou Buda), lideranças de antanho (como Rei Arthur, Abraham Lincoln ou Nelson Mandela), ou até um familiar nosso (pai, avó, tia) e pensamos.

Riessman (2005), de forma incisiva e, a uma primeira vista na antinomia do apresentado acima, afirma que:

Narrativas não espelham, elas refratam o passado. Imaginação e interesses estratégicos influenciam como contadores de histórias escolhem contextualizar eventos e fazê-los

significativos para os outros. Narrativas são úteis na pesquisa precisamente porque contadores de histórias interpretam o passado ao invés de reproduzi-lo como ele era. As “verdades” de relatos narrativos não estão na sua representação fiel do mundo passado, mas na mudança de conexão que forjam entre passado, presente, e futuro (p. 6).

Na verdade, os dois autores permitem-nos uma complementação de ambas ideias. Poderemos, porventura, dizer que o primeiro papel de uma história, em processo terapêutico (e não só) é o processo de identificação ou ressonância. Ressonância, segundo a física, é o processo de transferência de energia de um sistema que vibra em frequência que lhe é própria a outro sistema que vibra na mesma frequência. E essa ideia de mesma frequência permite compreender que, enquanto há uma espécie de repetição que transmite características de uma versão supostamente original (do paciente), as duas versões (vivida e contada) jamais serão a mesma e sequer seus reflexos imagéticos iguais; há novas versões que emergem sempre que uma história é contada, elas ressoam na mesma frequência. Assim, não cabe considerar a história necessariamente como verosímil mas, como o que ela realmente é: uma história. Esse é *papel resonante* das histórias.

Dois exemplos pessoais podem aqui ser trazido. Um paciente a quem é solicitada a leitura de *O Alquimista* (Coelho, 2017) e que ao final diz ter compreendido que a *lenda pessoal* (conceito metafórico que na obra simboliza o sentido da vida) encontrava-se sempre ao seu lado e que se não tivesse perdido tempo com outras coisas teria mais cedo alcançado a meta — e podemos até discordar dessa interpretação, mas é importante lembrar que é a interpretação do paciente que nele ressoa e para ele faz sentido. Outro paciente, que tinha mudado algumas vezes de unidade federativa, emprego e parceira (entre namoradas, cônjuge e amante) ouve a história da Pomba e seu Ninho Vazio:

Uma pomba estava constantemente trocando o ninho. O forte odor que os ninhos adquiriam com o passar do tempo era insuportável para ela. Ela queixou-se amargamente disso quando conversava com uma sábia, experiente e idosa pomba. A segunda balançou a cabeça

várias vezes e disse: “Mudando de ninho todo o tempo, tu não mudas nada. O odor que te importuna não provém dos ninhos, mas de ti própria<sup>22</sup>.

O paciente que ouviu a história, foi para casa e regressou na sessão seguinte dizendo-se ofendido, porque ele não estava fugindo de nada e que ele não era uma pomba que sujava o próprio ninho. Depois daquela sessão, nunca mais regressou. A verdade é que, podendo ou não interpretar a eficácia do momento (quarta sessão) com ou sem outras variáveis, a história cumpriu seu papel de ressoar na vida do paciente. Com isso, podemos concluir que se usadas oportunamente, as histórias podem conduzir os pacientes a um relacionamento com seus conflitos, enquanto se distanciam deles (auto-distanciamento).

Aqui, o paciente não é mais vítima de uma situação, mas alguém que vê nela um espelho que reflete e pode refletir sua própria relação com conflitos, revisar estratégias e aprender novas, podendo usá-las como modelos a seguir ou não.

As pesquisas de Bonus (et al., 2022) vão ao encontro do papel ressonante das histórias, quando notam que, mediante personagens que se parecem com aqueles de suas interações sociais ou quando encontram semelhanças entre si mesmos e as personagens, os participantes tendem a uma condução para uma espécie de reflexão sobre si mesmos, com a sensação de “a mesma coisa aconteceu comigo!”. Com isso, os autores mencionam duas posturas perante as histórias: pensar “como seria fazer parte de uma narrativa” (“auto-referência antecipatória”) ou identificam pontos de convergência entre as narrativas e suas autobiografias passadas (“auto-referência retrospectiva”) (Bonus et al., 2022, p. 11), explicando com isso as duas primeiras funções de Peseschkian (2016), espelho e modelo. Com isso, as histórias demonstram um lado visível e um lado invisível, sendo o primeiro o que se vê da história e o último a história que se conta dentro de quem a recebe. Para compreender a existência da história invisível, é necessário compreender que a história seja significativa para quem a vivencia, ainda que por vezes possa “perceber sentido em materiais

---

<sup>22</sup> Esta história foi-nos contada por Peseschkian em uma aula.

superficiais” para terceiros (Bonus et al., 2022, p. 2). Destarte, não cabe definir quais conteúdos são significativos ou não para quais pessoas pois, como já abordado, o sentido de cada experiência pode variar conforme as pessoas ou seus contextos presentes. O que importa é compreender que:

Audiências extraem sentido a partir do entretenimento que ressoa em alguma faceta de sua história de vida. Por exemplo, narrativas que retratam transições (e.g. ,mudança) ou crises de vida (e.g., divórcio) podem ajudar audiências a ver um senso desses eventos em suas próprias vidas (Bonus et al., 2022, p. 2).

E essa ajuda ocorre quando, ao usar as histórias percebemos as funções que Peseschkian (2016) chamaría de funções de *mediação*, *mudança de perspectiva* ou *contra-conceito*.

- Uma ação diretiva demais sobre concepções, resistência e defesa do paciente têm um eco contrário, geralmente, com a mesma intensidade. Por isso, as histórias ofertam caminhos que, certo ou errado, podem vir a ajudar na reconciliação com seus conflitos. A função *mediação* é o aspecto das histórias que cria uma ponte, um caminho intermédio entre as cristalizações do paciente e as reflexões provocadas pela terapia, filtrando os cristais inúteis e mantendo o sabor das reflexões.
- A *mudança de perspectiva* é uma função que visa provocar uma mudança em relação ao mundo que conhecemos, enquanto a função de *contra-conceito* é sobre um conceito totalmente oposto ao que se crê, podendo a pessoa que recebe aceitar ou rejeitar. Pode-se inclusive aceitar e/ou recusar partes da história e não a sua totalidade.

As funções de *mediação*, *mudança de perspectiva* e *contra-conceito* focam, em nosso entendimento, no conflito e não tanto na figura de protagonismo. Essas funções emergem quando vemos nas histórias filtros (ainda que temporários) que derrubam as barreiras do pensamento habitual e nos abrimos a informações que podem permitir o abandono de ideias, convicções e até mitos, por meio de comentários, diálogos ou interpretações da história. A mediação, especificamente, cria uma ponte entre nossa compreensão do mundo e uma nova forma de ver as

coisas, e a mudança de perspectiva permite ultrapassar a ponte; a mudança de perspectiva nos permite passar a ponte para uma realidade diferente, enquanto o contra-conceito nos conduz a uma realidade simetricamente oposta à nossa realidade habitual. Assim, elas permitem diminuir um possível estado de tensão que se vive, porque nos abrimos a escutar uma história e nos deixarmos surpreender e mudar. Vemos essa função presente na arquitetura da Piazza Bernini, no Vaticano, onde duas linhas de colunas aparecem como uma muralha que protege o interior do Vaticano de seu ambiente externo, abraçando e protegendo o espaço elíptico da praça e, simbolicamente, protegendo as pessoas reunidas dentro da parede de colunas dos males do mundo exterior. Há, contudo, dois pontos focais da praça, nos quais, ao se olhar para as colunas não se vêem as duas fileiras; elas se sobrepõem de tal forma nesse novo ângulo que se tornam uma, liberando os ocupantes da praça, caso assim desejem, transcender em direção ao mundo à sua volta. Arquitetonicamente, conta-se aqui uma história que, dependendo do ponto no qual a pessoa se encontre, ela verá de formas diferentes o seu conteúdo. A história abaixo foi algumas vezes contada a adolescentes, e, após assimilação e compreensão, a reação era quase sempre a mesma, a percepção de que não vale fazer qualquer coisa com a vida, e que o importante é saber onde se pretende chegar, sem se distrair com imagens ou reflexos.

O Sol começava a despontar. Os primeiros raios rasgaram a escuridão da noite e, com a claridade do novo dia, uma pomba, volitando, entrou inadvertidamente num templo. Todas as paredes do santuário estavam cobertas com espelhos. No centro do santuário, em oferenda ao Absoluto, o sacerdote colocara uma belíssima rosa, que se refletia nos espelhos provocando inúmeras imagens de si mesma. A pomba, tomando os reflexos da rosa pela rosa verdadeira, começou a lançar-se contra um e outro espelho, chocando violentamente contra eles, incansavelmente, até que o seu pequeno e frágil corpo sucumbiu. Morta, a pomba tombou sobre a rosa (Calle, 2006, p. 19).

Em nossa leitura, estas três funções são facetas de um mesmo papel desempenhado pelas histórias, o papel de transcender e auto-transcender, indo ao encontro de novas possibilidades e à

descoberta de uma nova versão de nós mesmos. Com elas navegamos por conflitos e situações desafiadoras e, como tal, nos oferecerem um farol ou uma bússola ao caminho que será melhor, para cada um de nós, a cada situação e época na qual nos encontremos. Assim, podemos afirmar que as histórias possuem um *papel navegante*.

Em pesquisa recente, Bonus e colegas (2022) comentam, mesmo que não citando a teoria de Peseschkian (2016) sobre a qual nos embasamos que:

Mesmo quando audiências são imersas em narrativas cativantes, elas permanecem ancoradas a seu próprio senso de si mesmos [self]. Ter ciência disso [awareness] permite que audiências se baseiem em suas experiências passadas para navegar nas histórias dos outros (Bonus et al., 2022, 13).

Então, as histórias primeiro assumem seu papel de ressoar em nós para, em seguida, podem (ou não) assumir um papel navegante pelas situações. Além isso, Peseschkian (2011) diz que as histórias possuem ainda uma *função de repositório* e uma *função de transmissora de tradição*.

- Por conta de uma série de fatores imagéticos e emocionais, histórias podem facilmente ser recordadas em situações futuras. Em momentos diferentes, as pessoas podem interpretar as histórias de maneiras diferentes, descobrindo nelas novos sentidos. Por isso, Peseschkian (2011) diz que elas têm uma função similar a um armazém ou *repositório*, podendo ser guardadas e inclusive podendo afetar a pessoa por um período extenso de suas vidas.
- As histórias agem também como *transmissoras de tradição*, seja cultural, social, familiar ou individual, indo para além do momento presente, conectando gerações futuras e presentes a gerações presentes ou passadas.

Há uma terceira função que é importante aqui trazer, a *função regressiva*.

- A atmosfera na qual as histórias são contadas permite um regresso a um mundo imaginativo e até de fantasia, típicos de nossas infâncias, um convite a ser menos um

clássico adulto ocidental e mais uma criança que desvia ou quebra padrões, experimentando ideias e atitudes de tempos idos.

Esta última função é a que nos permite estar em mundos de fantasia, geralmente abertos, amistosos e cooperativos, orientados a elementos fundamentais de nossa dimensão noética, tais como a intuição, imaginação e fantasia, em contraste à sociedade atual, orientada para poder e prazer. Assim, as histórias são compreendidas sem ruminação, de maneira espontânea, numa sensação de *Uau!*, onde utopias e alternativas à realidade se tornam epifanias para a vida pessoal. Ao mesmo tempo, mesmo que seu conteúdo não inspire mudança, pela abertura ao noético, elas se tornam energizadoras e incrementadoras de criatividade e, portanto, nos abrem a possibilidades, soluções ou alternativas não-convencionais.

Estas três funções — repositório, tradições e regressiva — são pontes que se constroem entre passado — pessoal (repositório e/ou regressivo) ou social (transmissão de tradição). É um regresso, tempos depois, a histórias que afetam a vida por um longo período (repositório) bem como à abertura para experienciar-las. Lembrá-las permite-nos poder aplicá-las em uma série de situações independentemente do profissional que as conta. A conhecida história da relação entre *a Cigarra e a Formiga* tornou-se-nos, por exemplo, uma referência inclusive para escrever o presente estudo, não se deixando, em ocasiões, ser a cigarra que relaxa, mas agir como a formiga focada. A transmissão de tradição ensina que há versões dessas histórias que pesam mais que outras, como nas versões em que a Cigarra acaba morta ou nas que a Formiga comprehende o papel que cada uma das duas desempenha na fábula, vindo a influenciar gerações e suas ações. Certo ou errada, qualquer compreensão da história pode mudar, inclusive ampliando sua intenção original para, quem sabe, compreender que o equilíbrio entre a cigarra e a formiga é fundamental para sobreviver os cerca de cinco anos de qualquer processo de doutorado!

Isso nos leva à reflexão de Ricœur (2014), na qual conecta passado ao presente e o futuro ao presente. No primeiro caso, falamos de algum nível de memória que traz as coisas passadas ao

presente e, no segundo, da espera que traz para o agora as coisas futuras, ampliando o presente a algo mais o que um momento efêmero, mas a uma extensão. Ricœur (2014) revisita os conceitos de *mneme* e *anamnese*, respectivamente, a recordação passiva e involuntária e a rememoração ativa; enquanto Peseschkian (2016) não distingue a qual das recordações se refere (apesar de termos nossa suspeita). Então, fala do “passado reencontrado” (Ricœur, 2014, p. 323), porventura referenciando a ideia de *tempo redescoberto* de Marcel Proust. No sétimo tomo de sua obra literária *O Tempo Perdido*, o narrador-protagonista Marcel (sobre quem não há consenso se é ou o mesmo Marcel escritor), torna-se aos olhos de Ricœur um escritor. É quando deixa de reviver intencionalmente o passado que o narrador-protagonista permite-se redescobrir o tempo, como algo para além do tempo, circulando a unidade entre presente e passado. Nesta linha, chamaremos doravante este o *papel de redescobrimento*, seja das tradições, das histórias ou da vivência de quem éramos no passado. É como se o passado já estivesse presente em nós, perdido, e as histórias tornassem-no consciente em nós. A imagem do passado re-emerge aqui para, em alguma medida, facilitar processos no presente. Arriscaremos em parafrasear Bergson, dizendo que as histórias nos convidam a deixar o presente, para irmos ao passado, e, quando lá chegarmos, descobriremos uma região específica dele:

Na verdade o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar, forçando a porta a consciência que gostaria de deixá-los de fora (Bergson citado por Andrade, 2012, p. 141).

A presente teoria é comprovada, por exemplo por Bonus et al. (2022), quando mencionam características auditivas, visuais e até narrativas das histórias que acionam memórias autobiográficas relacionadas ao conteúdo da história, com cerca de 25% das pessoas lembrando de ao menos um evento pessoal quando consomem narrativas em filmes, por exemplo. Elas permitem a “recordação de memória como o produto de uma sugestão interna (e.g., um pensamento ou

sentimento) ou externa (e.g., um som, gosto ou cheiro) ativando algum componente da base da memória autobiográfica” (Bonus et al., 2022, p. 2). Os autores citam que adultos estadunidenses apreciam mais filmes dos anos 90s do século passado, quando comparado com conteúdos recentes, relacionado com memórias afetivas de suas vidas pregressas. Isso porque certos “materiais podem ativar memórias afetivas de quando consumiram tais conteúdos no passado, e isso pode motivar audiências a refletir sobre a trajetória geral de suas vidas” (p. 2). Em suas próprias pesquisas, constatam, no geral, houve maior apreciação por entretenimento (música e filmes) mais antigo que novos, bem como mais rememoração (mais positiva que negativa) por entretenimento antigo (quando comparado com novo).

Por fim, as histórias são, para Peseschkian (2011), *transmissores transculturais*.

- Além de portarem tradição, ou por fazerem isso, elas são representantes de cultura, e por conseguinte de regras, conceitos e normas comportamentais aceites num contexto específico. São conteúdos que sugerem soluções válidas para uma população específica.

Frankl (2016) compara o indivíduo a uma pedra de mosaico para explicar sua imperfeição para, logo em seguida, nos recordar que a beleza e a excelência se encontram no mosaico inteiro. Talvez assim seja a humanidade: imperfeita se olharmos para cada cultura, e excelente se olharmos para o todo da humanidade. Note-se que imperfeição não significa maldade, torpeza ou inferioridade, simplesmente todos somos imperfeitos, na medida em que sozinhos não somos capazes de experimentar a plenitude da existência humana. Cada povo, nação ou cultura tem suas imperfeições, são mais movidos para certas atividades que para outras, possuem certas percepções e consideram outras secundárias, têm climas que favorecem certas artes ou ciências em detrimento de outras; e quando todas as nações se conseguirem enxergar como membros integrais de um grande planeta, perceberão como não precisam se condicionar a uma realidade antiga, podendo inovar, mudar, criar. Frankl (2016) provoca a pensar que se há uma crença de que há uma só divindade, ou

uma divindade central à volta das quais outras figuras espirituais revolvem, o chamado *monoteísmo*, talvez haja a esperança de um dia compreendermos que há também uma só humanidade, “uma unidade que ultrapassa todas as diversidades, quer a da cor da pele, quer a da cor dos partidos” (p. 48), ou a cor de suas bandeiras nacionais, à qual designa de *monantropismo*.

Falar de diversidade cultural é falar, irremediavelmente de histórias advindas de culturas diversas. E se há um assunto que perpassa as barreiras políticas, sociais, culturais, religiosas e até científicas — incluindo medicina, sociologia e psicologia — é “o encontro e a convivência entre culturas diversas, [que] está se tornando um dos fenômenos mais representativos da complexidade moderna” (Coin, 2001, p. 55). E, por isso, torna-se necessário compreender aspectos comportamentais daqueles que interagem com mais que uma realidade cultural (Neto, 2003).

Os imigrantes são exemplos vivos dessa realidade entre culturas. Os imigrantes contemporâneos “têm em comum o facto de terem chegado mais tarde e são assim distinguidos das pessoas possuidoras do território”, e, por isso, vivem “muitas vezes um estatuto desequilibrado” (Neto, 2003, pp. 49-50), de estarem num novo país, sem compreenderem a plenitude dos aspectos daquele país. Muitas vezes, vivem uma “hospitalidade forçada” (Coin, 2001, p. 56), quando o sistema (e até as pessoas) do novo país é forçado a recebê-los (sob certas circunstâncias, conforme a legislação e a cultura nacional), provocando uma visão classificatória de *nós* versus *eles*. Então, além de enfrentarem desafios humanitários e econômicos, Coin (2001) cita o que muitas vezes os imigrantes experimentam: o medo e o sofrimento da mudança, da separação, da nostalgia, da perda, entre outros tantos, conduzindo ao que chamaría de “função psicologicamente protetiva” (p. 58), que pode levar a isolamentos de diversas ordens, como a auto-afirmação de tradições culturais, étnicas e religiosas (Coin, 2001). Para Frankl (2002a), a perda de tradições é um dos elementos que leva à perda da clareza do sentido (da vida e do sofrimento), o que permite compreender a clausura auto-protetiva dos grupos, conduzindo a um distanciamento entre os dois.

É importante então fazer uma pausa e aceitar as reflexões de Gomes e da Silva (no prelo)

O que quer dizer a palavra tradição? É claro em língua portuguesa o significado dessa palavra? E na Logoterapia? Qual é o entendimento acerca desse termo? É preciso clarificar a resposta dessas perguntas para garantir que não haja equívocos conceituais e de compreensão da teoria, pois o risco seria de propagar o entendimento de uma Logoterapia moralista, ao invés de fenomenológica, como alerta o próprio Frankl (Gomes e da Silva, no prelo, s/p.).

É comum ler-se em Frankl sua crítica à perda de tradições e instintos, como fatores que favorecem uma busca mais desafiadora e até uma possível alienação de sentido e de sua vontade. Não obstante, não parece inferir que a solução seja o reencontro de tradições perdidas, afinal, defender isso seria defender que se devem recuperar instintos animais também perdidos. O espaço deixado por tradições, elementos socio-psíquicos em certa medida perdidos com a modernidade, e por instintos, elementos biológicos em certa medida perdidos com a filogenia da espécie, convoca apenas a que o Noético busque novos elementos existenciais para preencher. Assim, torna-se natural que emergam novas histórias e, mais natural ainda, que muitas pessoas não queiram tais histórias.

Esse é o embate que se vê, por exemplo, mediante reedições continuadas de versões de produtoras como a Disney ou a DC para seus seres de ficção. As polêmicas sobre sereias negras e não-ruivas, e kriptonianos LGBQIA+ são exemplos disso. Algumas pessoas, por um suposto respeito a uma suposta tradição esquecem-se que sereias e kriptonianos, tanto quanto nos concerne, que não existem! Ao mesmo tempo, ignoram que num caso a versão Grimm (uma das mais canônicas) era terrível para a sereia (em defesa do cânone defendem a cor de cabelo de um ser fictício, mas não seu final trágico) e que o kriptoniano em causa era o filho do kriptoniano heterosexual e não alguém que mudou sua orientação a bel-prazer de uma quebra de tradições. Não é mera coincidência que Gomes e da Silva (no prelo) afirmam que não se tratam de “quaisquer padrões pré-concebidos, interpretações racionais ou doutrinações”, pois estas podem obscurecer a própria busca por sentido que visam facilitar. Isso seria um moralismo que, na verdade, rechaça a

vontade de sentido e está fadado a ser rapidamente superado. Esse moralismo, por sua vez, levaria à renúncia da autonomia das escolhas (frustrando também a liberdade da vontade), deixando que um grupo e suas ideias dite que eu posso ou até deveria pensar, o que seria “uma existência inautêntica” (Gomes e da Silva, no prelo).

As histórias, na verdade, comprovam que a quebra de tradições é uma oportunidade para novos voos de sentido. Por exemplo, quando uma cultura queria que suas filhas se cuidassem e não falassem com desconhecidos, conta-lhes a história de uma jovem que caminhando pela floresta, que conta seus planos para o dia e acaba morta. Outra cultura conta a história de uma menina que deita na cama com um lobo ou lobisomem e se apercebe, tarde demais, de seu erro, já que inclusive come, sem saber, pedaços de uma avó morte previamente. Zipes (2013) enfatiza que esta história, como muitas outras, é uma história de responsabilidade, mas uma história que se equivoca ao responsabilizar a vítima por sua agressão sexual e pelas violentas mortes, suas e da sua avó, conforme versões mais próximas a de 1697 de Perrault.

Outras versões da história, contam que uma menina vestida de vermelho é enganada pela luxúria masculina, engolida a sangue-frio por ter a idade adequada, e salva... por outro homem! Talvez crsessem que mulheres não poderiam se defender mas precisariam de uma suposta salvação por homens, conforme detalhes adicionais pelos irmãos Grimm em sua versão de 1812.

Com o tempo novas versões foram surgindo, com as de Catherine Storr, Sue Porter, Gianni Rodari, Philipe Dumas ou Angelo Machado, que evocam questões distintas. Em suas mais diversas versões, as mesmas histórias quebram tradição e oferecem novas possibilidades de sentidos para quem as recebem. Seja porque se querem filhas autônoma e contam a história de uma menina que vai para a casa da avó e que consegue se libertar e seu captor, seja um lobo ambientalista, as histórias mudam em sua natureza. Jogos de escuridão e clareza se mesclam: vilões não são meramente vilões e feios, e heróis não são lindos, como em *Shrek* (Adamson, 2001) ou no musical *Wicked* (1995). Já não é mais sobre heroínas prontas para casar, que são humilhadas, por familiares

ou outros seres, passando a ser sobre mulheres que assumem uma posição masculina para conseguir seu lugar na sociedade (*Mulan*, Bancroft & Cook, 1998), para protagonistas reais e tridimensionais (*The Princess and the Frog*, Clements & Musker, 2009), para finalmente mulheres que não se preocupam com se são solteiras, casadas, orientação ou identidade de gênero (*Frozen*, Buck & Lee, 2013), porque sua tridimensionalidade está para além de “esperar pelo tempo oportuno para se fazerem disponíveis aos homens”, percebendo que não é sobre “quando encontram o príncipe, que vem salvar”, mas sobre “poder suas vidas apossar-se de sentido” (Zipes, 2013, p. 39).

É claro que não se pode de maneira presunçosa assumir que há um sentido correto para cada história. Se há algo que aqui se demonstra é que tal coisa não existe! *A Bela e a Fera* é do mesmo arcabouço cultural que *Cinderella*, por exemplo, e ambas mergulham em ideias de mundos ancestrais com seus mistérios e ritos, e apelam de formas distintas a cada público. O que é necessário, contudo compreender, que sua abundância de símbolos e suas consequentes camadas de interpretações permitem encontrar (1) sentidos diferentes para cada versão da história e (2) sentidos diferentes para pessoas diferentes no mesmo contexto cultural e versão da história. Por isso, a ideia de Frankl aplica-se aqui também — o sentido das histórias é como o sentido da vida: varia de pessoa para pessoa, de época em época e de situação em situação. Nenhuma história, por mais que a repitamos é a mesma história sempre.

Tradições são importantes para manter a estabilidade e a sua perda causa desafios profundos e inquietudes. É por isso crucial compreender que as histórias mudam! É por essa mudança e transformação que as pessoas podem compreender a importância da mudança e “ganhar um senso sobre suas próprias narrativas, para apossar-se de suas próprias histórias” (Zipes, 2013, p. 56).

Então, as histórias precisam convidar a uma revolução e um “começar de novo”, “com um espírito de ruptura”, ao invés de um mero “*continuar assim, sem alternativas*” (Han, 2023, p. 40). Essa ruptura com as tradições permite às histórias recuperarem uma coragem de se assumirem como

histórias de transformação e esperança. Esse é talvez o primeiro papel da ruptura: oferecer esperança.

Quando, por exemplo, há uns séculos, os irlandeses perdiam seus filhos neonatos, conceberam a história dos *changelings*: fadas que estavam por morrer e que tomavam o aspecto físico e o lugar de crianças recém-nascidas e morriam no seio de uma família humana, enquanto as crianças se tornariam fadas que nunca mais seriam vistas por seus pais... Quando na Nigéria, há ainda locais que creem nos *àbikú*, almas evoluídas que voltavam ao reino material, na forma de crianças recém-nascidas, cumpriam uma missão e voltavam ao mundo espiritual... Essas histórias possivelmente nasciam da vontade de apazigar os corações de mães e pais que viam seus filhos morrerem em tenra idade. Ainda que sofrido, eram histórias de esperança, que diziam *nossos filhos estão bem: quem morreu foi uma fada!* ou *nossos filhos estão bem: eles eram almas especiais que vieram nos guiar, e cumpriram sua missão.*

Então, o uso das histórias é um processo de busca por um sentido de esperança. Como na história dos indígenas norte-americana Cherokee, recontada em 1896 por George Sahkiyah Sanders:

Quando vivíamos para além das grandes águas havia doze clãs pertencentes à tribo Cherokee. E lá na antiga nação na qual vivíamos a terra era sujeita a grandes inundações. Então, com o tempo, organizamos um concelho e decidimos construir um armazém alcançando os céus. Os Cherokees disseram que quando a casa fosse construída e as inundações viessem, a tribo deixaria a terra e iria aos céus. E começamos a construir uma grande estrutura, e enquanto se tornava uma torre que alcançava o mais alto dos céus, os grandes poderes destruíram seu ápice, cortando-a para cerca de metade de sua altura. Mas como a tribo estava determinada a construir até os céus para chegar à segurança, não se deixaram desencorajar e começaram a fazer reparos. Finalmente completaram a elevada estrutura e consideraram-se a salvo das inundações. Mas após ser completada os deuses destruíram a parte elevada, novamente, e quando determinaram reparar os danos descobriram que a língua da tribo ficou confusa e foi destruída.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Esta história faz parte de nosso armazém pessoal de histórias, obtido há alguns anos em pesquisas pela internet.

Ao contrário da versão talmúdica de Babel, aqui não se tem a perda da comunicação e, por conseguinte da ação. A esperança se mantém a tal nível que todos continuam agindo, e só no final perderam a capacidade de comunicar. A esperança não se perdeu porque não se entendiam, continuaram se compreendendo e seguindo avante.

A quebra das tradições ensina, portanto, que tudo é possível e não se deve assumir nada como certo e esperar tudo. E, mais, que tudo é potencialmente benéfico, em especial se se considerar o arcabouço comparativo entre culturas, o que Moro (2001) designa como transculturalidade. Para Devereux (citado por Moro, 2001), há três práticas possíveis:

- a) a *intracultural*: na qual terapeutas e pacientes vivem no mesmo ambiente cultural, havendo atenção da parte de um de questões socioculturais subjacentes;
- b) a *intercultural*: apesar de não pertencer ao mesmo contexto cultural, um conhece bem a cultura de origem do outro (geralmente aquele com mais experiência profissional conhece da cultura da outra pessoa);
- c) *metacultural* ou *transcultural*: onde podem ainda não conhecer as culturas um do outro, mas ao menos um comprehende bem o conceito de *cultura*, utilizando-a da melhor forma possível para o processo.

Esse *papel transcultural das histórias* é sobre demolir barreiras culturais e também emocionais, que fazem achar o que é diferente como ameaçador. Histórias transculturais têm um papel social de demolir preconceitos, enquanto desafiam ideias existentes e introduzem novas possibilidades.

A presente proposta teórica e metodológica pode, portanto, enquadrar-se como uma proposta transcultural, uma vez que, por escolha nossa, optamos ao longo da presente Tese abordar histórias de origens culturais distintas. Contudo, trabalhar com histórias é, por definição, trabalhar com transculturalidade. Afinal, somos todos filhos de culturas diferentes e não sabemos quando encontraremos alguém de uma cultura ainda mais distante que a nossa.

Por isso, precisamos estar centrados no que Coin (2001) chamaria de “cultura do encontro” (p. 59), a possibilidade de interdependência entre os grupos culturais que necessitam conhecer as histórias do outro grupo, para, como diria Neto (2003), tornar viável a relação perante o trabalho em conjunto focado na obtenção do que ambos preconizam. Por isso, a importância social de se conhecer histórias diversas: para torná-las públicas e mais pessoas possam se ver capazes de viver para além da “imposição dualista, que ordena a realidade em base à antinomia, a cisão, à separação”, mas uma “modalidade de encontro e de convivência fundada sobre a interação criativa e construtiva de uma nova realidade” (Coin, 2001, p. 60). Há muitos anos nos cruzamos com a história abaixo, que nos permite aprofundar ainda mais em nossas reflexões:

Conta-se que dois grupos adentraram um campo de batalha medieval. Ambos com a mesma força bélica e estratégica e o mesmo quantitativo de soldados e armas. À medida que o dia foi passando, caíam mais e mais homens dos dois lados da batalha. Até que, no final, apenas dois se mantinham em pé. Um de cada lado.

Não se conseguindo manter em pé, um deles propõe uma trégua para pernoitar. Ambos acatam e tiram seus elmos e largam seus escudos e espadas no chão, tentando descansar até que o primeiro raio de sol emerja, e novamente iniciem o processo até a vitória derradeira de um deles, em representação de seu reino.

Sem conseguir dormir, um senta e diz ao outro:

*Sabe? Tenho saudades da minha vida de comerciante antes da Guerra. Viajava entre várias cidades, conhecia novas formas de ver o mundo, e sempre que regressava a casa, minha filha me recebia. Ah! Minha filha... que tem aqueles mesmos olhos que a sua mãe tinha quando nos conhecemos. Ela está na idade de desposar e os pretendentes começam a aparecer...*

E por bastante tempo fala, enquanto seu inimigo, agora um ouvinte atento, apenas escuta.

Após escutar a fala de seu rival, o outro soldado demonstra compreensão e esmiúça sua de saudade do filho:

*Ele me ajuda todos os dias nos afazeres do campo, me ajuda no plantio e na colheita, cuida do gado, até o mel ele já sabe buscar, e é tão jovem. E sempre nadamos no lago juntos só pelo prazer de nadar...*

E por bastante tempo também fala enquanto o opositor apenas escuta.

O sol começa a raiar, ambos levantam, e com os elmos, as espadas e os escudos se posicionam um à frente do outro. E prestes a desembainhar suas espadas e partir para o derradeiro ataque... ambos viram as costas e vão em direção aos seus reinos, porque...

É impossível odiar aqueles cujas histórias conhecemos.

É, simplesmente, nada possível odiar aqueles cujas histórias conhecemos!<sup>24</sup>

Conhecer as histórias dos *outros* é romper com o pensamento de *outro* que ameaça, vivendo um “desafio cultural mas também, inseparavelmente, um desafio existencial” (Coin, 2001, p. 62). A possibilidade de um encontro entre mundos culturais que parecem diversos é possível por meio das histórias? Será que histórias perpassam barreiras culturais? Será que histórias perpassam barreiras pessoais? Se há uma universalização de processos, ela inclui as histórias!

Compreender o contexto de uma família, seja ela qual for, e, mais ainda, compreender o contexto da cultura da família advinda de outro arcabouço cultural, por exemplo, é tão fundamental como a necessidade de compreender um texto narrativo no contexto no qual surge. E, por isso, conhecer histórias de diversas origens, apenas enriquece essa possibilidade de trabalho.

Afinal de contas, todas as famílias usam histórias para comunicar crenças, valores e aspectos relevantes de suas vidas pessoais, familiares e contexto social (Kiser et al., 2010). As histórias são um oceano infinito de elementos culturais e sociais, uma espécie de guardiã da cultura e elas só funcionam quando nos deixamos sentir algo por elas.

Por isso, é necessário lembrar que pouco importa quão reais são os conteúdos das histórias, importando sim seu *setting geral* (Bartlett, 2003), que inclui seu enredo, permitindo conhecer a pessoa tridimensional que conta, experimenta, vive ou recebe a história e o papel que essa história está desempenhando para a pessoa. É necessário ter a clareza de quem é a pessoa tridimensional que vive o texto e qual o seu contexto. Ou, nas palavras de Bartlett (2003):

Toda história apresentada teve que ser conectada, certamente como um todo, e se possível, no que tange a seus detalhes também, com outra coisa. Esse é, naturalmente, o fator ao qual

---

<sup>24</sup> A presente história encontra-se em nosso armazém de histórias, desconhecendo assim a sua fonte original

chamei ‘esforço após sentido’ emergindo novamente. Poder-se-ia dizer que há um esforço constante para obter o máximo possível de sentido a partir do material apresentado. Desde que se entenda que o máximo de sentido implique um esforço em encontrar a conexão que põe um sujeito mais à vontade no que se refere a uma dada história, a declaração é verdadeira. O sentido, nesse senso, no entanto, pode ser uma natureza muito tênue e indeterminada, e aparentemente pode ser principalmente negativo.

Naturalmente não podemos concordar, por motivos antes expressos que, a partir da perspectiva de Viktor Frankl, que o sentido possa ser negativo. Contudo, não se pode negar que esse *esforço em busca de sentido* — esse colocar ideias não familiares em termos mais familiares para compreender possíveis ambiguidades — seja um atributo exclusivamente humano, já que, nas palavras de Cyrulnik (1995), os humanos possuem “a aptidão louca para semiotizar” (p. 128) e “qualquer filosofia ou qualquer psicologia que o ignorar, extravia-se” (p. 130).

Em suma, o papel das histórias é colaborar na caminhada pela busca de sentido, seja em que papel for.

### **Figura 25**

#### *Papel das histórias e relação com a teoria logoterápica*

<b>Papel das histórias</b>	<b>Definição</b>	<b>Elemento teórico correlato</b>	<b>Definição do elemento teórico</b>
<b>Papel Ressonante</b>	As histórias oferecem elementos (por meio de personagens, cenários ou outros) que ressoam nas pessoas envolvidas, permitindo um processo de identificação.	Autodistanciamento	Esquecimento de si mesmo, afastando-se de si e de seus problemas. Afasta-se em direção a elementos da história.
<b>Papel Navegante</b>	Por meio de histórias, as pessoas navegam por conflitos e situações desafiadoras e, como tal, podem enxergar possibilidades de ações.	Autotranscendência	Ir ao encontro de algo maior, seja outra pessoa, uma comunidade, ou um sentido. Transcede encontrando reflexões nas histórias.

<b>Papel de Redescobrimento</b>	As histórias são capazes de oferecer uma imagem do passado para, em alguma medida, facilitar processos no presente.	Autoconhecimento	Conhecimento de si mesmo, suas potencialidades e possibilidades. Conexão com sua dimensão noética.
<b>Papel Transcultural</b>	Histórias permitem conhecer outras realidades culturais e aproximar pessoas e grupos diferentes.	Monantropismo	A compreensão que o ser humano, único e irrepetível, faz parte de uma mesma humanidade, apesar de sua vasta diversidade.

### Aplicação de StoryTherapy<sup>25</sup>

Wagner et al. (2003) falam de frases que a família de origem poderá ter dito a seus respectivos filhos e como essas frases impactam processos familiares desses filhos, agora adultos, com suas próprias famílias. Frases com frequência repetidas são transmissoras de valores, ideais e outros aspectos familiares:

o que foi dito pelos pais ao longo da vida dos sujeitos investigados funcionou como indicador de comportamentos, valores e projetos pessoais, ademais de influenciar na forma na qual os sujeitos vivem hoje determinadas situações (Wagner, et al., 2003, p. 88).

Seria reducionista crer que frases são as únicas formas de se transmitir tais elementos. No entanto, não se pode negar o papel da comunicação e da linguagem nesse processo. E se as histórias (ou a literatura, como dito anteriormente) são a forma especializada de linguagem, elas são meios eficazes de compreender a dinâmica transgeracional das famílias. Falcke e Wagner (2003) falam de “histórias fabulosas ou heróicas” que são elementos organizadores e coesivos da família, um “sistema explicativo dos mais diversos fenômenos da vida” (p. 29) que dão sentido a acontecimentos ambíguos. Essas histórias se tornam mitos explicativos de fenômenos complexos da vida familiar.

E quando há questões que não são cabíveis na estrutura familiar, há dois caminhos: a mentira familiar, que é basicamente a criação de pseudo-histórias míticas, e a omissão de

<sup>25</sup> Pretende-se submeter o presente subcapítulo, com as devidas mudanças e adaptações, à apreciação e possível publicação da revista *A Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, da UnB.

informação, que leva a histórias serem criadas por quem se vê como protagonista não validado pela omissão. Para Falcke e Wagner (2003), isso gera ansiedade e uma atmosfera de tabu que impede que certos assuntos sejam abordados com tranquilidade.

No clássico de ficção-científica de 1965, *Duna* de Frank Herbert, lemos que na mansão onde reside a família protagonista, há a cabeça de um touro, manchada com sangue. Esse é o legado da família Atreides, liderada por um dos mais poderosos homens do universo, Paulus, que morreu num combate arriscado, contra um touro. É o legado de perigo à espreita, e o legado de aceitar esse perigo apesar dos elevados riscos. Seu filho, então Duque Leto, porventura imaginando sua morte em Arrakis, aceita o combate (a missão dada pelo Imperador) e morre numa luta contra um touro simbólico, a família Harkonnen. Paul, filho de Leto e neto de Paulus, vai para o deserto, enfrenta desafios no deserto, para depois enfrentar a Guilda de Comércio, o Imperador e as Grandes Casas do Império, apesar da sorte estar contra ele. O legado de uma família está nas histórias que se contam em mitos que podem ser simbolizados em fotos, estátuas, medalhas, ritos ou qualquer outra coisa. São essas histórias que inspiram a agir de uma ou de outra forma. *Duna*, como obra, é carregada de histórias de legados (basta ver os mitos do deserto sobre o prometido Muad'Dib), mas também de silêncios. Não é coincidência que o ethos no qual emergem essas histórias são o espaço e o deserto: dois locais de silêncio por excelência. Na obra, o silêncio é o elemento de poder e o barulho o elemento dos valentões: quando lemos os assassinos descendo dos céus para dizimar a família Atreides, o silêncio; quando lemos sobre o planeta dos Harkonnen, o barulho constante. A voz de comando que não pode ser usada por qualquer pessoa, apenas pela ordem Bene Gesserit alimentando a dicotomia som vs. silêncio, histórias vs. mentiras é outro exemplo disto. Poder sobre espaço e sobre o deserto é o manejo do silêncio, o silêncio que gera a incerteza e a ansiedade, o silêncio que oculta coisas a todos os envolvidos.

Assim, o papel do profissional de StoryTherapy, aquele que usa histórias em contexto da prática clínica e psicoterapêutica, seria facilitar a quebra de silêncios e a descoberta de histórias que

permitam a descoberta de sentido na família. A cada instante, a cada uso e cada história, cabe ao profissional perguntar-se: Como a história que pretendo utilizar pode tornar visível um esforço em busca de sentido, no viver da família? Por isso, o protagonismo aqui encontra-se nas histórias. Como elas funcionam e operam, quais suas características em termos de conteúdo ou estrutura, e como elas são apresentadas ou recebidas em ambiente familiar.

Para uma percepção mais detalhada, proporemos algumas perguntas, abordando histórias que assumam posições, papéis e outros elementos que permitam aos pacientes questionar-se e refletir, individualmente ou em grupo, como podem rumar a novos horizontes em suas vidas.

Para isso, é necessário que o profissional consiga navegar por mundos de diversidades — sejam essas étnico-racial, neurodiversidade, identidade/orientação sexual ou outras. E ao se tratar de grupos que desconheça, começar a se familiarizar com histórias mais ou menos próximas a essa cultura.

Adicionalmente, faz-se necessária a compreensão da família no que tange a esse mundo, com perguntas sobre seus hábitos de leitura:

- Têm o costume de ler e contar histórias?
- Têm o hábito de ler livros?
- Têm o hábito de assistir séries ou filmes juntos?
- Em que momento compartilham histórias sobre vocês?

Nela haverá foco no *arcabouço compartilhado*, conceito introduzido por Kiser e colegas (2010), quando aborda a co-construção coerente de histórias numa história familiar, a partir de conexões que fazem emergir uma temática central compartilhada e, por ende, uma identidade familiar conjunta. Na mesma linha, como também abordado, Kahneman (2011) expõe um processo de pensamento por meio ativação associativamente coerente, conectando eventos; e Bartlett (2003) aborda a busca por coerência como aspecto fundamental para tornar compreensível elementos incompreensíveis. Para Kahneman (2011) a construção de histórias é um processo natural do ser

humano, enquanto para Bartlett (2003) as histórias sofrem adaptações, dependendo de quem conta, devido:

- (1) a um *viés ativo* que emerge quando uma nova informação entra em contacto com informações ou tendências anteriores, com possibilidade ou não de *encaixe* entre elas;
- (2) a uma *rotulação negativa*, quando não há esse encaixe, onde, no caso da história, os sujeitos tendiam a justificar sua possível resistência, designando, neste caso, a história de “um conto ‘não inglês’” (Bartlett, 2003, p. 85);
- (3) e uma necessidade de conexão de trechos, incluindo partículas ou expressões explanatórias, tais como pronomes ou conjunções (Bartlett, 2003).

Há uma pesquisa clássica de Bartlett (2003), na qual 20 sujeitos (sete mulheres e 13 homens) receberam um conto popular norte-americano (*The War of Ghosts*), uma história que pertencia a um estilo comunicacional e ambiente diferentes daquele aos quais estariam habituados. Os acontecimentos na história não manifestavam uma clara interconexão e a conclusão era considerada pelo autor como podendo introduzir um elemento sobrenatural. Ele almejava analisar como os sujeitos recordariam da história sem os elementos de uma ordem racional ou lidariam com o aspecto sobrenatural. A rememoração ocorria com as pessoas fazendo duas leituras da história e, 15 minutos depois, recontando-a, havendo outros momentos de recontação, em distintos intervalos temporais. Bartlett (2003) notou que havia uma confusão ao se relatar os incidentes (des)conexos. E no que tange ao sobrenatural, chegou a registrar um dos sujeitos dizendo “No começo pensei haver algo sobrenatural na história. Depois vi que os Fantasmas deviam ser uma classe, ou o nome de um clã. O que fez toda a coisa mais compreensível”. O autor percebeu um processo de racionalização da reprodução, comum a todos os sujeitos: “Quando algo aparecia incompreensível, ou ‘bizarro’, ou era omitido ou explicado” (Bartlett, 2003, p. 68), com especial destaque para essa parte sobrenatural. Observou também uma tendência, por parte dos participantes, de tornar a linguagem mais convencional, por vezes até dramatizando um pouco mais a história, ou até abreviando,

simplificando ou omitindo elementos e/ou estruturas, reorganizando ou transformando — em alguns casos até com um excesso de invenções que, curiosamente, eram as partes que as pessoas estavam mais seguras de serem as reais. Ao comentar a história contada por um dos sujeitos, podemos dizer que Bartlett comenta algo comum a todos:

a história como ele a construiu é cheia de racionalizações e explicações, e a maioria dos comentários decorrentes dos sujeitos concerniam à interconexão de vários eventos e foram dirigidos para fazer o todo da narração parecer tão coerente quanto possível (Bartlett, 2003, p. 78).

Com isso, Bartlett (2003) explica o conceito de *racionalização* da história, permitindo que interesses ou percepções individuais emergam influenciando sua memória. Tais *distorções* tenderiam a ocorrer perante elementos desagradáveis ou desconhecidos ao sujeito, sendo convertidos em elementos familiares no ambiente social ou cultural, tornando a história (ou a memória dela) aceitável, compreensível, aprazível para o ethos do indivíduo. Assim, uma história pode ter uma “compreensão completamente satisfatória” o que “não significa necessariamente que conduza a uma fidelidade completa” (Bartlett, 2003, p. 81). Esse fenômeno explicaria a criação de falsas histórias nas famílias, como também indica o redescobrimento do passado como um papel fadado a não ser puro ou 100% verosímil, provocando a necessidade de, quando trabalhadas em terapia, o profissional busque compreender o máximo da família e seus processos de descoberta ou construção de coerência narrativa, cuja raiz está no pensamento de David Hume. Hume explicava que *impressões* sensoriais originam o conhecimento humano, por meio dos *princípios de semelhança* (associação de ideias que são parecidas), *de contiguidade* (proximidade espaço-temporal de objetos), e *de causa e efeito* (quando os objetos são relacionados por causalidade). Por isso, não havendo semelhança ou contiguidade, a mente humana relaciona, em causalidade, bananas e vômito (como abordado previamente); da mesma forma, organiza as ideias contidas numa história por semelhança, afasta-se daquelas que não são associáveis (não há contiguidade) e cria conectores

entre trechos de uma história que não possui conexões claras. Para ele, há uma ligação necessária de eventos, e cabe ao ser humano compor, ultrapassar, diminuir ou aumentar ideias advindas de suas *impressões* (Loose, 1998). A verdade é que o conceito de *coerência* é fundamental na estrutura de histórias. Chegamos, inclusive, a constatar anteriormente que as famílias buscam arcabouço compartilhado para criar ou descobrir histórias coerentes que levem a compreender eventos e situações passadas.

O próprio Frankl (2021), que diverge em inúmeros aspectos do pensamento de Hume, quando menciona a relação entre o encontrar sentido e o “processo de percepção, de *Gestalt*”, acaba por concordar com a necessidade de uma coerência. Explica que “na percepção gestáltica, no sentido tradicional do termo, apercebemo-nos de uma figura recortada num fundo, enquanto na descoberta de sentido temos a percepção de uma possibilidade que está inserida na realidade”, continuando que se trata da “situação que temos por diante” (Frankl, 2021, p. 38). Deste modo, a compreensão de processos em histórias torna-se uma percepção potencialmente clara de algo real, mas uma realidade que é visível à pessoa presente no contexto que lhe é seu, fazendo-se único para ela, que vê, assim, um quadro completo. Como dito anteriormente, a história aproxima-se do realismo mas não consegue ser totalmente realista e todo texto contado insere-se no contexto onde a contação ocorre. Portanto, a forma como a pessoa comprehende ou recorda uma história tem a ver com o texto que ela leu objetivamente, mas sobretudo com seu contexto pessoal de vivências e experiências.

Assim, torna-se necessário detectar o fio condutor da macro-narrativa da história, seja ela pessoal ou familiar, atentando-se a caminhos divergentes, finais alternativos, múltiplas realidades e também aquilo que pode não ser dito (as micro-narrativas de Pizzorno et al., 2014), em especial nas famílias, já que é nessa percepção que se comprehende o consenso (ou não) sobre o que faz ou não sentido para a família. Técnicas como a Árvore Familiar (Kanewischer, 2013) podem complementar essa busca pela coerência expressa pelo fio condutor. O profissional poderá também pedir que se

conte a história da família, com alguma ferramenta como os livros e álbuns mencionados no capítulo I. Tudo isso poderá levar ao profissional a inferir uma possível temática central da história familiar, confirmando-se a existência do arcabouço compartilhado por todos os elementos; mas, quem define se é esse ou não o arcabouço... é a família.

### **Figura 18**

#### *Possíveis perguntas iniciais*

<b>Perguntas</b>	<b>Meta</b>
<i>Têm o costume de ler e contar histórias?</i>	
<i>Têm o hábito de ler livros?</i>	
<i>Têm o hábito de assistir séries ou filmes juntos?</i>	
<i>Em que momento compartilham histórias sobre vocês?</i>	Verificar a relação entre engajamento e arcabouço compartilhado

Uma vez estabelecida a existência ou inexistência de um arcabouço compartilhado, pode-se solicitar que a família conte alguma história significativa, talvez a história de origem do sintoma que lhes trouxe à terapia. Nela, o profissional poderá focar na estrutura narrativa. Para isso o papel do terapeuta será um mediador de memórias mais que de alguém que questiona em busca da verdade: afinal, o objetivo não é saber certas informações concretas ou específicas sobre o processo, mas saber como a história é contada. O que aqui se explora é como histórias pessoais e/ou coletivas são lembradas e contadas.

### **Figura 27**

#### *Histórias significativas*

<b>Solicitação à família</b>	<b>Tipo e Posição de histórias</b>
Contar alguma história significativa	História mimética em posição prometéica

Nos casos em que a terapia ocorre com as famílias, pode-se optar por vezes em se trabalhar individualmente cada membro da família. O StoryTherapist poderá, por exemplo, solicitar três histórias, a primeira das quais uma história positiva para diminuir momentos dolorosos no começo,

deixando o processo fluir sem bloqueios (como trazido acima por Hanney e Kozlowska, 2002).

Uma possível ordem poderia ser:

- Conte-me uma história de vitória! (história mimética);
- Conte-me uma situação desafiadora por trás dessa vitória! (história mimética);
- Conte-me uma história que possa lhe ter ajudado a vencer esse desafio! (história transmutada).

A ideia, aqui, seria saber se há uma conexão entre histórias e tomada de decisão em momentos desafiadores. Caso a ordem das histórias seja contrária (primeiro a transmutada e depois as miméticas), acreditamos que poderá influenciar o sujeito a desenvolver um viés de causa e efeito. Afinal, o que aqui se pretende é saber se histórias miméticas, de vitória pessoais ou coletivas, podem ser inspiradas por histórias transmutadas. Desta forma, o foco está no reencontro de uma memória em forma de histórias transmutadas e em sua importância em processo de tomada de decisão, buscando saber se tais histórias têm impacto positivo nos momentos de tomada de decisão desafiadora daquelas pessoas.

A atividade de separar os membros da família pode ocasionar outra reflexão, caso contem o mesmo incidente, ou incidentes semelhantes, podendo-se, assim, encontrar uma coerência histórica entre as versões e avaliar a coerência narrativa (estruturas, focos, silêncios), em busca de uma compreensão sobre pontos de similitude e diferença entre as versões.

Após as histórias, podem-se perguntar outros aspectos para enriquecer seu conteúdo, tais como:

- Apesar das ficções, em teoria, não estarem relacionadas à realidade, como acha que elas influenciam ou nos ajudam a ver o mundo de outra forma ou comprehendê-lo melhor?
- Como podem histórias fictícias resolver problemas reais?

- Tem alguma outra história que possa ter ajudado você ou sua família a lidar com uma situação trágica ou delicada?

É necessário instigar o papel de redescobrimento das histórias e buscar encontrar os pontos dessas histórias que inspiram as pessoas a agir. Então, em suma, aqui se propuseram dois exercícios, um de história mimética e outro de história transmutada, com o paciente assumindo seu papel como o contador das histórias. As figuras abaixo propõe uma síntese.

**Figura 28**

*Exercício de História mimética*

Perguntas	Tipo e Posição de histórias
<i>Conte-me uma história de vitória!</i> <i>Conte-me uma situação desafiadora por trás dessa vitória!</i> <i>Conte-me uma história que possa lhe ter ajudado a vencer esse desafio!</i>	História mimética em posição prometéica

**Figura 29**

*Exercício de História transmutada*

Perguntas	Tipo e Posição de histórias
<i>Apesar das ficções, em teoria, não estarem relacionadas à realidade, como acha que elas influenciam ou nos ajudam a ver o mundo de outra forma ou comprehendê-lo melhor?</i> <i>Como podem histórias fictícias resolver problemas reais?</i> <i>Tem alguma outra história que possa ter ajudado você ou sua família a lidar com uma situação trágica ou delicada?</i>	História transmutadas em posição prometéica

O terapeuta poderá, em algum momento, também criar uma história transmutada a ser apresentada à família reunida, com base em todas as histórias já escutadas e registradas ao longo das sessões e do seu conhecimento sobre os padrões familiares no que tange aos aspectos apresentados pelos diversos autores abordados. A história criada poderá ter um ou mais papéis, visando provocar reflexão na família, conforme aquilo que pareçam ser suas necessidades

existenciais detectadas ao longo das sessões. Após a história, perguntas tais como as a seguir poderão ajudar nessas reflexões:

- O que vocês mais gostam dessa história?
- Qual personagem é mais parecido com cada um?
- Quais as qualidades desse personagem?
- Esse personagem recebe ajuda de algo externo?
- O que acha que ele pensa e/ou sente? Poderia nos dar exemplos?
- Você já se sentiu assim ou pensou assim em algum momento?
- E tinha outra forma dele agir ou fazer as coisas? O que você acha? Você faria isso? Você faria o mesmo ou tomaria decisões diferentes? Na opinião de vocês, como isso influenciaria o rumo da história?

- Muitas vezes, histórias oferecem uma lição/moral. Conseguem resumir em uma frase a moral desta?
- Depois de todos os nossos encontros, como enxergam o papel das histórias, fictícias ou não, em suas vidas? Por quê?
- Pensam em usar histórias para ajudá-los a tomarem novas decisões a partir de agora?
- E uma última pergunta: enxergam a família de forma diferente?

Desta forma, o foco aqui está em histórias transmutadas, visando a exploração de seus efeitos, nomeadamente verificando descobertas feitas por ouvir uma história coletiva e averiguar os papéis das histórias, para vermos como (e se) StoryTherapy passivo e simbólico tem efeito catalisador de mudança. Ao mesmo tempo, nessa posição epimétrica, os pacientes analisam o papel das personagens e se tentam ver como personagens dessa grande história é que é sua vida conjunta.

### **Figura 30**

*Quando o terapeuta conta uma história transmutada por si criada*

Perguntas	Tipo e Posição de histórias
<p><i>O que vocês mais gostam dessa história?</i></p> <p><i>Qual personagem é mais parecido com cada um?</i></p> <p><i>Quais as qualidades desse personagem?</i></p> <p><i>Esse personagem recebe ajuda de algo externo?</i></p> <p><i>O que acha que ele pensa e/ou sente? Poderia nos dar exemplos?</i></p> <p><i>Você já se sentiu assim ou pensou assim em algum momento?</i></p> <p><i>E tinha outra forma dele agir ou fazer as coisas? O que você acha? Você faria isso? Você faria o mesmo ou tomaria decisões diferentes?</i></p> <p><i>Na opinião de vocês, como isso influenciaria o rumo da história?</i></p> <p><i>Muitas vezes, histórias oferecem uma lição/moral. Conseguem resumir em uma frase a moral desta?</i></p> <p><i>Depois de todos os nossos encontros, como enxergam o papel das histórias, fictícias ou não, em suas vidas? Por quê?</i></p> <p><i>Pensam em usar histórias para ajudá-los a tomarem novas decisões a partir de agora?</i></p> <p><i>E uma última pergunta: enxergam a família de forma diferente?</i></p>	<p>História transmutadas em posição epimetéica</p>

Considerando a necessidade de que as pessoas desvelem suas histórias, assumindo um papel ativo de protagonismo nelas (Brisson & Paiva, 2007), a família pode também ser convidada a contar uma versão transmutada de sua própria história, por si contada. Porventura solicitando entre sessões que a família se reúna e reveja as histórias por si contadas, ou as contadas pelo terapeutas, criando sua versão dessa história, podendo ela sofrer alterações maiores ou menores. Aqui o ímpeto é ver a agência, a articulação entre sua liberdade enquanto família para criar um arcabouço comum e sua responsabilidade em ser autor da história. Afinal de contas, “representação de uma história como verdadeira evita a busca por histórias alternativas” e nosso foco é acompanhar as pessoas a que a cada momento assumam novamente a autoria de suas histórias (Becvar & Becvar 1993, p. 159). Explora-se se, na família em causa, as histórias transmutadas e prometéicas podem incrementar a busca coletiva por sentidos familiares, em especial após outros momentos que articulam StoryTherapy. O terapeuta terá aqui uma escuta ainda mais ativa, uma vez que ele recebe a história.

### **Figura 31**

*Quando a família conta uma história transmutada por si criada*

<b>Solicitação à família</b>	<b>Tipo e Posição de histórias</b>
Criar uma história transmutada da família	História transmutada em posição prometéica

Os últimos dois formatos 13 podem ser utilizados, por exemplo, na última sessão, como um encerramento do processo, como uma espécie de coda da própria terapia. No último caso, da história transmutada criada pela família, ela poderá ser vista como um convite para que a família assuma o papel ativo sobre sua própria história, sem feri-la com a facticidade real, enquanto ainda a convida a refletir desde uma perspectiva noética. Essas histórias podem até ser entregues de alguma forma aos pacientes, como recordação do processo.

Como dito anteriormente, a presente Tese tem focado na criação de um arcabouço teórico com recomendações práticas. Sua visão é buscar explicações sobre como podemos utilizar histórias no contexto psicoterapêutico e na vida familiar. É claro que podemos convidar as famílias a trazerem (família em posição prometéica) histórias fictícias (transmutadas) ou biográficas de terceiros (miméticas). Pode também ser oportuno, nós profissionais, contarmos histórias (família em posição epimetéica) fictícias (transmutadas) ou biográficas de terceiros (miméticas), ou até oferecer versões recontadas da história a família (miméticas). O importante é que o profissional de StoryTherapy saiba seu papel, como facilitador de histórias, com diversos papéis, explorando posicionalidades que as histórias ocupam nesse contexto, enquanto conduz o processo terapêutico para a exploração dialógica de caminhos em busca de sentidos.

De Shazer (citado por Becvar & Becvar, 1993) nos convoca a compreender que há três tipos de histórias que, no escopo desta Tese, podem ser resumidas da seguinte forma:

- *histórias digressivas*, que mostram a vida se afastando daquilo que faz sentido;
- *histórias de estabilidade*, que justificam que tudo continuará igual;
- e *histórias progressivas*, que ensinam que por pior que seja o sofrimento, é possível caminhar em direção daquilo que faz sentido.

Então, com isso, o que importa é que o StoryTherapist maneje todo um processo terapêutico que caminhe de histórias possivelmente digressivas para histórias progressivas, seja passando por mais histórias miméticas ou transmutadas, ora convidando os pacientes a assumirem uma posição epimetéica e ora prometéica.

**Figura 32**

*Taxonomia da aplicabilidade e tipo de histórias*

<b>Tipo e Posição de histórias</b>	<b>Prometéicas</b>	<b>Epimetéicas</b>
<b>Transmutadas</b>	<b>História transmutada em posição prometéica</b> (exemplos: produção de desenhos, esculturas, dramatizações...)	<b>História transmutada em posição epimetéica</b> (exemplos: leitura de livros, visualização de filmes, escuta de contos...)
<b>Miméticas</b>	<b>História mimética em posição prometéica</b> (exemplos: escrita de diários, contar história pessoal/ coletiva...)	<b>História mimética em posição epimetéica</b> (exemplos: ver/ler jornais, ouvir boatos...)

Em processo relacional com as famílias, podemos encontrar histórias que oscilam entre a combinação desses dois pares, como apresentado na Figura acima. Enquanto um eixo tem a ver com a ação de emitir ou receber uma história, na relação dialógica, o outro eixo relaciona-se com sua maior proximidade ao que designamos de histórias miméticas ou transmutadas. A única opção que não cabe ao profissional é a da história mimética em posição epimetéica, já que o noticiário ou os boatos e as fofocas não constituem, ao menos ao nosso ver, tema de terapia.

Cada forma de aplicar esta técnica conjuga uma exploração de caminhos distintos, que seriam inúteis não houvesse o vislumbre de influência, a algum nível, de políticas públicas. E todas, conjuntamente, nos permitirão compreender, que o trabalho na psicoterapia é “sobre pessoas que perderam suas histórias, aquelas histórias sendo carregadas por aí não que estão sendo curadas porque não são conscientes (...) que nossas histórias podem ser míticas, ideológicas, ou biográficas; que à nossa volta um novelo de rede de histórias familiares; (...) que toda relação tem sua história” (Becvar & Becvar 1993, p. 152) e por isso, a missão do profissional de psicoterapia é encontrar histórias de esperança, re-escrever histórias de esperança, ou simplesmente enxergar histórias de esperança onde os pacientes não as enxergam mais. Enquanto cabe aos pacientes se redescobrirem autores de novas histórias (vendo e escrevendo suas próprias histórias de outra forma), protagonistas de suas histórias (vivendo-as de outra forma) e agentes de suas histórias (criando novas histórias).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

## Considerações Finais

Conta-se que num reino muito próspero, onde as pessoas eram felizes e admiravam e amavam a família real, certa vez, a rainha, dona de uma alegria expressa na mais contagiente das risadas, começou a ficar doente. Dia após noite foi emagrecendo e sua pele perdendo seu brilho.

O monarca, determinado a salvar sua esposa e rainha, buscou os curandeiros do reino, que, uns mais rápidos, outros mais lentamente, não encontravam explicação ou solução a esse mal.

Cavalgando pelo reino em busca de uma resposta, eis que o rei ouviu uma daquelas risadas contagiantes, que imediatamente lhe fez lembrar de sua rainha. O som parecia sair de uma janela aberta de uma casa. E à distância viu um casal sentado, rindo.

Decidiu bater a porta e perguntar-lhes o que lhes fazia serem tão felizes e como a esposa conseguia ter essa risada que lhe era tão familiar. Passado o susto inicial — afinal, quem não daria um pulo ao ver o rei de sua nação à sua porta! —, o marido respondeu:

— Isso, Vossa Majestade? Isso é carne de língua!

Apressou-se o rei ao palácio e mandou o cozinheiro real preparar uma sopa de carne de língua. Imediatamente o cozinheiro buscou as línguas de todos os animais e fez uma grande e apetitosa sopa, que foi ofertada à rainha. E mesmo após beber bastante sopa, a rainha continuava sem quaisquer sinais de melhora.

Como bom gestor, o rei pensou numa nova estratégia. Levar a rainha para a casa do camponês e trazer a camponesa para o palácio. Em pouco tempo a mudança se havia feito visível: a rainha começou a engordar e recuperar sua cor natural, enquanto a pobre camponesa adoecia a cada dia e começava um caminho de emagrecimento.

Intrigado, o rei comentou com o camponês que, em poucas palavras, lhe explicou:

— Esse é o poder da carne de língua! Mas essa não é uma carne do mundo físico, não é a carne de língua de animais. Não é a carne de língua que ela deve comer! Estou falando da carne de língua de nossos espíritos, o alimento de nossos espíritos. Estou falando de histórias queuento para quem amo, todos os dias.

E, com isso, o rei percebeu que não basta amar sua rainha, precisa demonstrá-lo contando histórias. Acompanhou então a rainha de volta ao palácio, onde, todos os dias, lhe conta uma nova história. A rainha e a camponesa, ambas recuperadas totalmente... e nunca mais ficaram doentes!

A história acima foi-nos contada por uma aluna, que atribuía sua origem aos povos milenares do continente africano. Segundo ela, o conto, intitulado *Carne de Língua*, comprova que escutar histórias faz bem à saúde. E, facto é, que faz: à saúde física, à saúde psicológica e à saúde noética. Histórias nos alimentam o corpo, na medida em que têm um papel na estimulação cerebral (Cron, 2012). Alimentam nossas mentes, na medida em que estimulam memória, foco e raciocínio, para citar alguns elementos cognitivos (Cron, 2012). E alimentam nosso espírito, objeto desta Tese, já que permeiam possibilidades de empatia, criatividade, perspectiva de futuro, reflexão e sentido.

Por isso, não conseguimos concordar com aqueles que “vaticinam a extinção dos livros” ou “com um verdadeiro apocalipse de livrarias fechando e bibliotecas vazias”. Porque as histórias, sejam mimética ou transmutadas, são sempre uma obra e ficção. E “as ficções que inventamos” servem o maior propósito: “dar sentido ao caos” (Vallejo, 2019, pp. 18-19). E ao mesmo tempo que eles nos oferecem a possibilidade dar sentido ao mundo, nós precisamos buscar compreender o sentido delas:

Nós, humanos, somos animais movidos por histórias. Quando nos sentimos bem, sentamos e contamos aos nossos amigos as nossas melhores histórias; quando estamos para baixo, contamos as histórias de dor e tristeza. Em funerais recordamos as nossas melhores histórias com os que se foram. Nos aniversários marcamos o começo de um novo ciclo de histórias, com os protagonistas do ciclo que se fecha. Quando fisicamente doentes, nosso corpo reage como se houvesse uma história para contar (a história de um fígado maltratado, ou de um estômago pouco cuidado...); quando mentalmente doentes, amiúde imaginamos situações irreais (típicas de delírios que se apresentam em muitas condições de transtorno mental). E quando descansamos, nossos cérebros também nos contam histórias, muitas vezes inspiradas em episódios passados, outras vezes recapitulando exatamente o que vivemos e, ainda muitas vezes, histórias que sem qualquer aparência de senso ou sentido claro. O desafio do ser humano não é aceitar essas histórias mas, ao invés, buscar, a todo momento, compreender o sentido delas (Cyrous, 2020, p. 409).

Por isso essa Tese! Para um mapeamento do campo de estudo sobre histórias em contexto de terapia, especificamente no contexto da prática de terapia familiar e no arcabouço epistemológico da Logoterapia e Análise Existencial. Percebeu-se uma limitação no campo, seja na quantidade de pesquisas e consequentes produções, na qualidade das mesmas, e ainda uma confusão constante no que tange a terminologias. Outros padrões foram identificados que permitiram conceber nossa proposta teórica.

Um dos padrões que rapidamente identificamos foi que há muitas técnicas que trabalham com histórias, em algum nível. E compreendemos que algumas atribuem ao paciente um nível de protagonismo no processo de contação das histórias e outras dão o terapeuta esse papel. Discernimos ambas posicionalidades, desde a perspectiva dos pacientes. À primeira chamamos de posição prometéica, associada à figura do titã grego Prometeu, e à segunda de posição epimétrica, associada à figura de Epimeteu, irmão do primeiro. Essa perspectiva advém das relações Eu-Tu que Martin Buber propõe. Com a clareza de sua visão, naturalmente descartamos uma nomenclatura mais simplista que diferenciaria emissores ou receptores de histórias, afinal, podemos permutar nossa posição no processo. Por isso, também, desenvolvemos propostas sobre como oferecer a oportunidade às famílias de assumir ambas posições em contexto de terapia.

As famílias precisam de processos que lhes permita sentirem protagonistas e responsáveis pelo processo. Assim, não só vamos ao encontro de uma das máximas a Logoterapia como as histórias, que nos fazem entender que mesmo que haja micro-narrativas concorrentes, é possível sermos co-protagonistas de uma mesma história conjunta. Por isso, o terapeuta deve criar um ambiente que permita que todas as contribuições sejam consideradas, para que possa emergir uma sensação de liberdade (outra máxima da Logoterapia) na comunicação entre os membros. Assim, deve haver um esforço para se suspender julgamentos pois, como vimos com Cohen, é da partilha com o outro que emerge o espírito humanitário.

Ao mesmo tempo, o clima deve ser aprazível, para que haja uma associação positiva entre a técnica e a experiência vivida, razão pela qual tanto artigos revisados como a nossa proposta recomendam que as histórias sejam contadas em momentos de baixa ansiedade ou de bom humor, ou até após histórias de valência positiva, para após, e apenas após, se introduzirem temáticas desafiadoras que possam disparar maior intensidade emocional.

Frye esclarece que há dois poderes, um que cria e o outro que entende as histórias. Como tal, um escritor não cria pensando no que o outro vai compreender. Por isso Tolkien pede que seus leitores não façam inferências personalizadas sobre seus textos. Ao mesmo tempo, não se pode pedir que aqueles que assumem uma posição epimetéica na relação com dada história não a interpretem à luz de seus contextos pessoais. Então, o sentido das histórias, como o sentido das ocasiões ou a vida, variam de pessoa para pessoa.

Isso se torna mais evidente quando propomos o diálogo entre Buber e Bühler. O primeiro oferece a visão das relações de encontro entre Eu, Tu e Isso. O segundo as palavras deíticas e como elas se relaciona. Se compreendermos a interconexão entre os conceitos da psicologia do primeiro e da linguística o segundo, compreenderemos também que há uma relação entre o que designamos de Eu-Aqui e Tu-Aí. Essa relação permite ver as dificuldades que há no mundo, ao mesmo tempo que a empatia. Se Eu vejo apenas Aqui como referência, dificilmente aceitarei Tu e tuas histórias Aí. Se, por outro lado, Eu vejo Aqui mas esforço-me em ir em direção ao outro, Tu, que Aí estás, desenvolvo minha habilidade empática e autotranscendo.

O conceito de autotranscendência foi inclusive um dos conceitos que exploramos. Com liberdade e responsabilidade podemos alcançá-la, mas sem um ou outro corremos o risco de libertinagem ou tirania. Essa autotranscendência pode, em nossa visão, ser de dois tipos: ir ao encontro do Tu, como acabado de explicado, ao qual designamos de autotranscendência horizontal; ou ir ao encontro de uma outra versão de nós, a autotranscendência que chamamos de vertical.

Quando, na posição deítica de Bühler, nos movemos do Aqui para o Aí, estamos aplicando o princípio de Frankl designado de autodistanciamento. E quando nos movemos da posição deítica Agora para a posição Depois, vamos em direção ao futuro, àquela experiência de nos tornarmos quem deveríamos ser.

Frankl chega a dizer em suas obras e palestras que saúde está baseada em certo grau de tensão, entre quem se é e quem se deveria ser. Com essa compreensão do diálogo teórico aqui apresentado, entre Buber, Bühler e Frankl, só podemos então concluir que: a saúde de uma história está baseada num certo grau de tensão, entre o que ela conta e o que ela ainda deveria contar, entre seu texto e seu subtexto.

Toda história (e todo texto) tem um subtexto sobre o qual ela se desenvolve. E por vezes esse subtexto faz delas mais próximas do que consideramos realidade e outras mais distante. Mas as histórias não são mais reais ou mais fictícias por conta dessa aparente subjetividade. Aliás, não existe uma história 100% fáctica. O que faz algo real ou fictício é a nossa crença e o que vemos. O que importa na história são seus elementos narrativos, suas fórmulas verbais, e se sua coerência interna a faz mais próxima a imitação fidedigna da realidade ou mais distante dela. No primeiro caso, consideramos as histórias tendencialmente miméticas e no segundo tendencialmente transmutadas. Note-se que *tender* relaciona-se justamente com a ideia de que não há relação com a verdade, mas um posicionamento de cada história num continuum entre realidade e ficção.

Seja a história mais próxima ao mimetismo ou a transmutação da realidade, ela precisa oferecer, aos envolvidos com ela, uma ideia central ou um fio condutor. Como o minotauro injustamente preso e perdido no labirinto, muitas famílias encontram-se em situações desafiadoras e precisam aclarar o que lhes faz estar onde estão. A criação de um fio que une elementos numa mesma narrativa, permite a clareza a meta e, consequentemente, uma compreensão dos integrantes da família sobre como lá chegar. Para isso, a família precisa ser convidada a escutar e apreciar seus membros, uns aos outros.

Então, as histórias têm vários papéis. Quando fizemos a revisão da relação entre histórias e Logoterapia, notamos que alguns autores pareciam relacionar a sua eficácia com o conceito e autodistanciamento, enquanto outros com o conceito e autotranscendência. A partir de autores e pesquisadores diversos, sintetizamos esses papéis das histórias em quatro e relacionamo-los com estes e outros conceitos da Logoterapia. Ao mesmo tempo que por meio das histórias nos distanciamos de nossos desafios ou conflitos, tendemos a nos identificar com algumas de suas características nos aproximando (consciente ou inconscientemente) a elas, e assim elas ressoam em nós. Adicionalmente, elas nos permitem navegar por novos lugares, irmos para o Aí (deílico) que não imaginávamos, para um Tu (buberiano e bühleriano) diferente de nós, para um Depois (uma espécie de futuro deílico) que nos oferece soluções, e assim transcender nossos próprios desafios e até autotranscender. As histórias nos permitem ainda redescobrir a nós mesmos, nossa essência infantil e nossa essência noética. E, por fim, elas conectam povos e culturas num espírito monantrópico inimaginável.

Aliás, há três investimentos que nunca serão desperdiçados: viajar a novos locais, ler bons livros, e participar de comunidades de histórias. Isso porque com qualquer uma das três teremos acesso a culturas e histórias diferentes que enriquecem nossa própria existência.

Por isso esta Tese bebe de histórias das mais diversas origens culturais. Seja uma peça de teatro inglesa, um mito grego ou um filme estadunidense; seja um clássico da literatura moderna ou uma revista em quadrinho; seja a Bíblia, os Vedas ou os Sete Vales. As histórias podem vir de muitos lugares, mas a pergunta que um profissional de StoryTherapy se deve fazer é: para onde nós queremos com elas ir?

Usar histórias em contexto de terapia é um ato político. Se os prometeus e epimeteus enxergam apenas as histórias de seus Eu-Aqui, não saberão apreciar a diversidade de possibilidades que o mundo lhes oferece, porque simplesmente não saberão apreciar a diversidade. Ao mesclar transculturalmente as histórias, esta Tese tenta dizer que é importante demolirmos barreiras culturais

e emocionais. Dito de uma forma mais positiva, ao assumir uma postura transcultural, a presente Tese visa criar pontes entre vários grupos culturais diversos, e dizer: há espaço para todas as pessoas e todos os tipos de histórias.

Vejamos um exemplo. No folclore de populações ribeirinhas brasileiras, temos a lenda do Boto, um golfinho que se converte em rapaz charmoso e sedutor, seletivo na sua escolha mulheres para serem mãe de seu filho, leva-as para um mundo belo e místico, no fundo do rio e engravidá-las. Do que estamos falando? Qual seria o subtexto por baixo deste texto? Qual seria a história invisível aqui contada, senão a história de casos de gravidez por pais que não assumem seus filhos? E o que faz esses pais não assumirem? Seriam casos de relacionamento extra-conjugal? Ou casos de estupro? Pedofilia? As histórias, como mencionado em outra ocasião, têm um papel social. E é claro que as mulheres preferem ser mães dos filhos de um animal sagrado e encantador! Mas a questão aqui é mais profunda. De Sousa (2023) oferece-nos uma leitura: até há pouco tempo, as pessoas realmente acreditavam que os filhos eram do boto sagrado! Estamos então dizendo que uma história pode, por uma série de contornos, disfarçar violências como estupro e pedofilia. Estamos falando de uma história específica que protege homens numa sociedade que coisifica as mulheres, ou, em linguagem buberiana, torna todas as mulheres em Isso! Em Logoterapia, dizemos que o poder é um meio para o sentido. As histórias podem ser esse meio, e se não usadas de maneira saudável, o fim, o sentido, se perde, é alienado. Gorman (2018) explica-o com a elegância de sua voz, mente e espírito poético:

A decisão de criar, a escolha artística de ter uma voz, a escolha de ser ouvida é o ato mais político de todos. E por “político” quero dizer que a poesia é política ao menos de três formas. Uma: as histórias que contamos quando as contamos, como as contamos, se as contamos, por que as contamos, nos dizem muito sobre as crenças políticas que temos, sobre quais tipos de histórias importam. Segundo, quem tem suas histórias contadas, quem tem a permissão de ler, quem tem os recursos para escrever, quem estamos lendo nas salas de aula, diz muito sobre os sistemas políticos e educacionais, em que essas histórias e seus contadores existem. Por último, a poesia é política porque ela se preocupa com as pessoas.

Se você olhar para a história, tiranos sempre caçaram poetas e pessoas criativas. Eles queimam livros e tentam se livrar da poesia e da linguagem artística, porque eles têm medo delas (03:29).

Então, essa Tese arrisca em oferecer insumos para profissionais da Psicologia, especificamente os que atuam com a Logoterapia e com as Famílias, um substrato teórico que nos permita questionar: que histórias contamos, que histórias escutamos, a quem contamos, de quem escutamos? Porque é sobre pessoas!

Podemos usar o StoryTherapy para avaliar a coerência familiar, em seu arcabouço compartilhado, mas podemos também usar para avaliar a sociedade e a existência desse arcabouço compartilhado. Poderemos usar o StoryTherapy para provocar mudanças de rumo nas famílias, para oferecer-lhes esperança, para acompanhá-las em suas ações de evolução conjunta; e poderemos fazer o mesmo a nível social. É aqui que a fala de Frankl já aqui trazida faz mais sentido: aquele que conta a história tem uma simples decisão, prover esperança ou fortalecer o desespero do nihilismo. As histórias servem, nem que seja, apenas para dizer a quem interage com elas que *não está só*. É desse espírito que emerge o senso de comunidade. A comunidade familiar funciona de maneira muito parecida à comunidade social, porque ambas são comunidades de histórias. Lembramos de Neto (2003), quando diz que “questões sociais de tal envergadura (...) são susceptíveis de nos confrontar com a história e a dinâmica evolutiva, com o passado e o devir”, e esse é o “conhecimento indispensável para a compreensão da sociedade” (p. 71).

Nas comunidades de histórias, percebemos que há símbolos que criam relação entre as obras literárias, e compreendemos que a realidade é transversal a elas, porque é transversal às pessoas da comunidade. Da mesma forma que a literatura não é isolada, tampouco o são as pessoas.

Han (2023) nos recorda que a “família forma uma pequena comunidade narrativa”, pelo simples facto que a história une as pessoas (p. 70). Assim sendo, vivemos comunidades cujo núcleo está as histórias. Falamos disso no discorrer da presente Tese, quando tecemos algumas palavras

sobre conceitos de Cohen, Buber, Adler, Bühler, e Frankl. É sobre isso que falamos quando falamos de relação dialógica, encontro ou comunidade. Histórias criam comunidades e comunidades criam histórias e nenhuma história emerge numa comunidade de maneira acidental ou arbitrária por uma pessoa (Han, 2023). Nas relações com a comunidade ocorrem processos humanos, porque é na comunidade que temos “ouvintes atentos”, onde cuidado, diálogo e empatia, atributos da dimensão noética, advindos das “histórias conectam as pessoas umas com as outras” (p. 15).

Tal como Frankl que critica a perda das tradições pelo mundo contemporâneo, arriscamo-nos a tecer críticas às sociedades pós-modernas, que perdem sua capacidade de contar histórias, olhando para fenômenos como se fossem estanques ou mágicos, que ocorrem por ocorrer, sem os conceitos deíticos de antes e depois. Por isso, o contador de histórias — seja o artista, educador, ou o que temos chamado de StoryTherapist — tem o dever de “reconverter a sociedade da informação desorientada e vazia de sentido em uma comunidade narrativa estável” (p. 16). Isso só é possível se recuperarmos a comunidade. “Consumidores [de histórias] são solitários. Não formam uma comunidade” (p. 13). Num mundo de informação viciante (do âmbito do psicofísico), que não porta conteúdo, esquecemo-nos das coisas (ou nem as retemos em nossa memória), porque elas não têm uma estrutura narrativa que conecte pontos deíticos. A informação, concentrada num título de uma rede digital, não responde a perguntas tais como:

- Como isso se conecta com meu Eu?
- Quem é o Tu para quem a informação foi concebida?
- Ela é significativa Agora?
- O que houve para chegarmos a este ponto?
- Quais são as consequências Depois para isso?
- Esse conteúdo sequer é útil Aqui, no contexto onde vivemos?
- Ele é útil para quem está Aí compreender melhor nosso Aqui, sem preconceitos?

A informação não carrega sentido. Apenas as histórias o fazem, apenas histórias permitem descobrir sentido nas grandes crises e nas grandes vitórias existenciais. Por isso, perdendo as histórias tornam-nos, apesar de bem-informados, perdidos, como a Alice (Geronimi et al., 1951) em busca de resposta a perguntas quem sequer sabemos ter: *para onde estamos indo?* Ou, numa concepção logoterápica: *para onde deveríamos ir?*

Curiosamente, as redes digitais de informação que permitem uma liberdade para expressar opiniões, necessidades e preferências, tornam-se o espaço que elimina o outro lado da moeda, a responsabilidade. Enquanto para a Logoterapia, liberdade e responsabilidade devem sempre juntas andar (como aliás já aqui dito algumas vezes), parece que nas redes de informação elas se perdem, não porque “a liberdade é suprimida”, mas porque é “completamente explorada” (Han, 2023, p. 28). E, na verdade, compreendemos o que Frye (2017) quer dizer quando fala que liberdade não é tocar piano como queremos, mas aprender a tocar ao nosso melhor; não é emitir sons ao bater aleatório do teclado, é sobre sobre decidir, entendendo como ele funciona, o que tocar. Essa “aparência de liberdade de comunicação” (Han, 2023, p. 28) torna-se então o maior inimigo de quem com histórias trabalha. Quando vivemos esse mundo de StorySelling (Han, 2023), o capitalismo se tenta apropriar de quem somos, enquanto “escapa do controle consciente e da reflexão crítica” (p. 130). É por isso nossa responsabilidade trabalhar sim com histórias, para recuperar esse caminho ao noético e seu senso crítico, inovador e criativo. Trabalhar com histórias é recuperar nossa dimensão noética incondicionada, ignorar o poder das histórias é cair na tentação psicofísica do mundo ser, simplesmente, como é, sem espaço para mudanças ou novidades. Deixar o marketing cuidar das histórias é subverter o pensamento frankliano anteriormente exposto de que o ser humano não tem valor, mas dignidade, e aceitar que o ser humano é mais um produto que tem seu custo e suas vantagens. Histórias criam comunidades e lhes conferem identidade, informação mercantilizada (StorySelling) cria grupos a serem explorados, buscando vantagens.

Por isso, novamente, expressar em histórias é expressar política: “pintam mundos possíveis (...) que nos dão esperanças” (Han, 2023, p. 132), oferecem finais potencialmente felizes, transformadores e oferecem novos começos. Esse é o poder das histórias dentro ou fora da terapia.

A vida que se desloca de um presente para o outro, de uma crise para a outra, de um problema para o outro, reduz-se a uma sobrevivência. A vida é mais do que solução de problemas. Aqueles que só solucionam problemas já não possuem futuro. Somente a *narração* desvela o futuro, somente ela nos dá *esperança* (Han, 2023, p. 41).

Esperança é o que as histórias oferecem. Se quem conta ou provoca histórias, em processo terapêutico, não provê um espaço de esperança, esqueceu seu papel. O uso de histórias, como dito no final do capítulo anterior é sobre facilitar revivermos a esperança em histórias de esperança, e enxergar histórias de esperança onde os demais membros da comunidade não enxergam. Por isso autoconhecimento é importante: para sabermos quanta esperança existe em Eu para um Depois. Mas é sobre autotranscendência e autodistanciamento: porque não é sobre Eu, é sobre Tu e sobre Nós, enquanto “o ouvinte se esquece de si mesmo” para que “mais profundamente se grava nele o que é ouvido” (Han, 2023, p. 26). E nessa relação entre Eu-Aqui e Tu-Aí que os vínculos surgem e se fortalecem, e “uma densa rede de relacionamentos é formada, na qual nada está isolado” (Han, 2023, p. 72) e, enquanto nosso foco inicial era a família em contexto de terapia, aqui podemos dizer que são as histórias que fecham o círculo narrativo e “transformam o mundo em um lar familiar” (Han, 2023, p. 111).

Quando Baal Shem Tov tinha algo difícil para fazer, alguma obra para o benefício das criaturas, ele ia para um determinado lugar na floresta, acendia um fogo e, absorto em meditação, orava. – E tudo o que ele empreendia acontecia tal como ele havia planejado. Uma geração mais tarde, quando Maguid de Mezeritch se deparou com um grande empreendimento, ele foi até aquele local no bosque e disse: “não sabemos mais acender o fogo, mas podemos fazer as orações”. – E depois de fazê-las, tudo correu de acordo com seu plano. Outra geração mais tarde, o rabino Moshe Leib de Sassov estava para realizar um grande feito. Lá, ele disse: “não sabemos mais acender o fogo, nem conhecemos as

meditações secretas que animam as orações. Mas conhecemos o lugar na floresta ao qual tudo isso pertence, e isso deve ser o suficiente". – E, de fato, foi o suficiente. Quando, novamente uma "geração mais tarde, o rabino Israel de Ruzhin se comprometeu a realizar uma grande obra, ele se sentou em uma cadeira em casa e disse: "não sabemos mais fazer o fogo, não podemos mais fazer as orações prescritas, não conhecemos mais o lugar na floresta, mas podemos ainda narrar a história de tudo isso". – E a história, por si só, teve o mesmo efeito alcançado pelos outros três (Han, 2023, pp. 87-88).

Para que a fogueira metafórica das histórias não se apague, torna-se também necessário o incentivo a criação de políticas públicas de leitura de livros, como apoio a pessoas em situações desafiadoras, permitindo-lhes a facilitação do processo terapêutico e a consequente diminuição de seus custos, por meio de bibliotecas e/ou acervos públicos (sejam estes físicos ou virtuais), consolidando as conclusões de Kierfeld e colegas (2012) quando mencionam o quanto isso economiza tempo e dinheiro em terapia. Por isso carecemos de políticas educacionais de uso de StoryTherapy para profissionais de saúde mental. Sabemos, desta Tese, que em sala de aula, histórias permitem incrementar o entendimento de processos e dinâmicas familiares, enquanto promovem reflexões diversas. Precisamos capacitar profissionais e porventura estimular redes de profissionais que trabalhem com histórias. Precisamos estimular políticas de pesquisa e publicação dessas pesquisas. E precisamos, no caso concreto da Psicologia, abrimo-nos mais para relações com outras áreas de conhecimento, como literatura, cinema e até jornalismo, para avaliar outras formas de se contarem narrativas.

E, naturalmente, precisamos esclarecer termos. Primeiro esclarecemos o uso de um conceito *guarda-chuva* por nós cunhado, StoryTherapy — termo em inglês, para contrastar com StoryTelling e StorySelling tanto em voga (o primeiro por pessoas que muitas vezes nem sabem o que é, e o segundo como uma crítica à forma como o primeiro tem sido usado) — com biblioterapia (uso de livros) e cinemoterapia (uso de cinema) e escritoterapia (uso de escrita) e outras tantas opções como variantes. Depois esclarecemos, à luz de Frye (2014) a diferença entre *narrativas* e

*histórias.* Apesar de parecerem sinônimos, as primeiras são elementos técnicos e estruturais que dão um corpo material às segundas. Narrativa tem a ver com a sequência temporal e a ordem dos eventos, com estrutura (verbal) do conteúdo, e ela emerge a partir de uma coerência interna que conecta cada evento entre si — exemplo disso é a explicação estrutural laboviana de seis etapas que conjugamos aqui em três atos. Já a história oferece-nos o que ocorre e como ocorre, em especial com temas existenciais próprios das nossas vidas, com reflexões internas. A narrativa mantém a obra e seu significado imutáveis, mas a forma como encaramos a história faz com que seu sentido possa variar. Em suma, as histórias usam a estrutura narrativa para fazer visível elementos invisíveis, quebrando silêncios no caminho conjunto pela descoberta de sentido.

Em suma, StoryTherapy é o grande arcabouço, que inclui técnicas narrativas nas quais a pessoa assume posição prometéica ou epimética, desde que usando histórias — sejam elas miméticas ou transmutadas —, contadas em três atos, com personagens claros, e, sobretudo, desempenhando seu papel terapêutico, oferecendo a esperança de uma mudança e não a venda de um produto.

Isso porque, como diria Reason (citado por Seidman, 2006), as histórias são “essencialmente um processo de fazer sentido” (p. 7), sob um desafio, o de “desenvolver uma ciência humana que possa mais amplamente servir” (p. 10), de modo a atiçar “mentes, corações e almas das pessoas” (pp. 9). Essa ciência deve, para Kristin Langellier e Eric Peterson (2004), ir além das nomenclaturas expostas acima e oferecer uma visão coerente desses e outros elementos.

Apresentamos uma interpretação crítica da narrativa na vida diária, uma interpretação arraigada em nossas disciplinas acadêmicas de comunicação e estudos performáticos. Essa intervenção muda o foco analítico do texto da história para a performance do storytelling como sendo incorporado, situado integrado nos campos do discurso. A experiência mundana de performance narrativa — escutar e contar histórias — sugere que storytelling é a primeira e mais elevada prática comunicacional humana.

Por isso, devemos estar atentos a elementos metalinguísticos, como ênfases, silêncios, olhares, gestos e outros, quando em processo de StoryTherapy. Precisamos, parafraseando Peseschian (2005), entender a lógica epimetéica de quem recebe a história, porque essa é a lógica que conta.

Compreender nossa conexão com as personagens das histórias faz-se fundamental nesse processo. Conectamo-nos mais aos guerreiros, administradores, românticos ou visionários? E o que permite essa conexão? E o que fazer com ela? Porventura, deveremos contar histórias mais guerreiras aos guerreiros e mais românticas aos românticos, mas isso talvez apenas reforce essa postura. O desafio talvez seja iniciar com histórias relacionadas ao tipo de personagens que nossos pacientes seriam, enquanto se vai oferecendo, gradativamente, histórias com personagens diversos para que eles descubram em suas comunidades familiares, ou apenas em si mesmos, o equilíbrio entre essas quatro possibilidades de personagens. Vendo a complexidade que existe nas personagens das histórias, a complexidade que temos na espécie humana.

Claro que há limitações e caberão estudos futuros que confirmem algumas possibilidades teóricas propostas na presente Tese. Uma é um estudo no âmbito das personagens, para nos aprofundarmos em como elas são criadas nessas quatro possibilidades, e como nos identificamos mais com uma possibilidade de personagem que outra.

Outra possível limitação está no conteúdo das histórias e em seus enredos, tão bem desenvolvida por Christopher Booker (2015), segundo o qual cada categoria de histórias manifesta padrões básicos, ou “certos elementos chave em comum” (p. 7), num total de sete enredos possíveis para elas, a saber:

1. A *superação do monstro* que tende a ser uma força malévola, letal, potencialmente destruidora, em busca de algum prêmio ou tesouro, que precisa ser vencido por um herói.

2. *De farrapo a rico*, uma narrativa sobre alguém visto como inferior para todos à sua volta, que gradualmente desenvolve ou revela qualidades presentes todo o tempo e que por virtude da demonstração dessas características sai do ambiente humilde de sua conhecida origem para uma posição de riqueza (material ou virtuosa).
3. A *demand*a de uma jornada na qual protagonista passa por algo inapreciável, que vale todos os esforços e sacrifícios, e cuja experiência — seja de diversões ou provações — se torna a coisa mais importante de sua vida.
4. *Viagem e regresso* daquela pessoa que sai do seu ethos natural para um ambiente onde todos parecem estranhos, provocando perplexidade e surpresa, risos e, eventualmente, medos, em especial porque se sente preso e incapaz de sair desse novo mundo; sua missão se altera para sair dessa realidade e regressar à segurança do ambiente que lhe é familiar.
5. A *comédia* não como espaço cômico, mas no sentido inicial da expressão que nos aproxima do mundo, um mundo que pode ter conexões bizarras, dissimulações, falsas realidades e improbabilidades, o que leva a compreensões equivocadas e até momentos tensos, que são libertadores quando tudo é esclarecido e personagens são conhecidas por quem são em sua essência, prevalecendo assim um final feliz.
6. Ou a *tragédia* que provoca o protagonista a seguir um caminho obscuro, proibido, negativo e/ou prejudicial que lhe aparta da sociedade, mas que parece valer a pena por parecer promissor, até que comprehende que não poderá continuar realizando essa experiência e, por consequência, é tomada por um senso de frustração e um sentimento de ameaça que transforma seu sonho em pesadelo e culmina em sua derradeira destruição.

7. Por fim, aquele *renascimento*, perante um poder tenebroso que se aproxima e que poderá triunfar, congelando, matando ou aprisionando o protagonista, até que uma força contrária emerge e desperta às pessoas.

Porventura compreender o enredo adequado a contar a cada família possa facilitar esse processo de StoryTherapy familiar. Se já falamos de uma coerência interna, aqui estamos falando da coerência externa no processo de comunicação na comunidade familiar e terapeuta: a coerência dinâmica de quem participa da comunicação é como uma fechadura e as intervenções do StoryTherapist são como chaves. A fechadura determina quais chaves a abrirão e, consequentemente, as chaves têm que ir se encaixando às dificuldades ou facilidades de encaixe na fechadura. Um encaixe que é ético (respeita o ethos da comunidade), é a de um profissional que tem várias chaves em seu chaveiro. A arte do StoryTherapy encontra-se no processo de respeitar o local de escuta do outro e seu próprio local de fala e, com isso, afinar para transformar e abrir a porta interior do outro.

Então, precisamos, como profissionais, compreender os padrões das comunidades nas quais intervimos. Identificar e compreender o enredo (superação do monstro, de farrapo a rico, demanda, viagem e regresso, comédia, tragédia, renascimento), as personagens envolvidas (guerreiro, administrador, romântico, visionário), os viés narrativos (viés ativo, rotulação, conexão de trechos), ao mesmo tempo que arriscamos mudar de posição nas histórias (prometéica e epimética), e sabemos organiza-las estruturalmente (primeiro, segundo e terceiro atos), contando versões mais próximas ou distantes da realidade (mimética e transmutada).

As histórias têm suas características e limitações específicas, nenhuma perfeita ou completa que possa servir a todas as comunidades. Por isso, é necessário que o profissional se faça valer de fontes diversas para permitir que as histórias que utiliza cumpram seu papel (recordatório, ressonante, navegante, e transcultural), com histórias multifacetadas que congreguem elementos diversos que permitam essa relação comunitária.

Comunidade só existe porque há comunicação. Comunicação só existe porque pomos em comum histórias. A palavra *falar* (ou *hablar*, em castelhano) advém do latim *fabula*, que quer dizer *rumor*; as palavras *parlare* (italiano) ou *parler* (francês), por sua vez, vêm do grego *parabolē*, que significa *jogar para longe*. Para o pensamento ocidental, contar histórias (*fábulas* ou *parábolas*) é o mesmo que falar. E vimos a fama do contador de histórias como mentiroso. O StoryTherapy aqui proposto é uma mudança da perspectiva etimológica e uma proposta de veracidade. Como o grego Thespis, que foi o primeiro a subir ao palco para contar histórias e discerniu ficção de realidade (e com isso tornou-se conhecido como o primeiro ator), as comunidades reais de histórias podem aprender a discernir realidade de ficção, fatos de opiniões e decidir tirar as máscaras da mentira e experimentar novas realidades.

E essas novas realidades, com que pacientes se brindam ou terapeutas oferecem, são apenas metáforas para as vidas dos integrantes da comunidade. Como dito anteriormente, histórias são formas complexas de se usar um recurso linguístico chamado metáforas. E as metáforas são esse processo de deslocamento ao distante, de um rumor ou uma mentira para um mundo que valerá a pena. Metáforas servem para explicar o que não se comprehende e, portanto para encontrar um sentido para as coisas. Metáforas são recursos da dimensão noética, na busca ativa por um sentido que valha a pena. E as emoções são o barco que nos conduz nesse caminho. Então emoções, sentido e histórias se entrelaçam na comunidade.

Com isso, nos questionamos: Será que mudança ocorre quando emoções mudam? Será que as emoções mudam se usamos as metáforas adequadas? Será que as histórias que conhecemos, contamos, criamos, ou escutamos permitem a percepção do poder dessas metáforas contidas? Será que a comunidade já sabe interpretar essas metáforas?

Por isso, o que importa é que o StoryTherapist maneje o processo terapêutico com histórias progressivas, ora mais miméticas e ora mais transmutadas, ora convidando os pacientes a

assumirem uma posição epimétrica e ora prometérica, para que a comunidade emerja e ela maneje, sem o terapeuta, suas próprias histórias. Como já citado:

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para desapropriar e difamar. Mas histórias podem também ser usadas para empoderar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida (Adichie, 2009, 17:27).

Há histórias que nos conectam e histórias que nos separam. Sobre quais nossas comunidades focam? Se nossas histórias são existenciais, como assegurarmos que elas sejam justas e não criam ou mantêm discursos de separação? Só há um caminho, enxergando a tridimensionalidade da existência humana. Compreendendo que podemos precisar dos olhos e ouvidos exteriores para recebermos boas histórias, mas precisamos da capacidade de senti-las com nossas emoções, enquanto alimentamos nosso espírito com elas. Elas transportam nossos valores (Han, 2023), carregam nossa esperança, provam nossa liberdade, provocam nossa responsabilidade, e alimentam como nada neste mundo nossa criatividade. As histórias são do campo do noético e compreender isso é compreender que esse é o maior trunfo delas: conectar à nossa mais profunda essência. O bom StoryTherapist, parafraseando Schopenhauer (2022), é aquele que torna interessante o assunto mais árido; é aquele que vê terreno fértil na comunidade; é o que vê esperança no futuro; é o que percebe que o ser humano que vive no presente e carrega histórias passadas é futurizável. É aquele que trabalha com histórias para lidar com sua bagagem que, como diz Vallejo (2019), “minha bagagem são as dúvidas” (p. 15).

Como vimos, da primeira à última página desta Tese, histórias oferecem-nos reflexões sobre a vida e seu sentido, e, como diria Oscar Wilde (1998), na voz de Lorde Henry, “só os sentidos podem curar a alma, assim como só a alma pode curar os sentidos” (p. 39). Ainda que os sentidos não precisem de cura, mas de serem descobertos e abraçados, a Logoterapia pode curar a

alma (a mente), usando os sentidos. E as histórias são as melhores reservas para encontrarmos esse manancial de possibilidades de sentido.

## REFERÊNCIAS

- Adamson, A. (Diretores). (2001). *Shrek* [Filme]. DreamWorks Animation.
- Adichie, C. (2009). *The danger of a single story* [Vídeo]. Conferência TED. <https://www.ted.com/talks/chimamanda Ngozi Adichie the danger of a single story>
- Adler, A. (2005). *La Tecnica della Psicologia Individuale* (E. E. Marasco, Trad.). Newton Compton.  
(Trabalho original publicado em 1932)
- Aguinaldo, J., & de Guzman, R. (2014). The effectiveness of logo-bibliotherapy on the depression of selected Filipinos suffering from Myasthenia Gravis. *Asian Journal of Natural & Applied Sciences*, 3 (2), 31-39. [http://www.ajsc.leena-luna.co.jp/AJSCPDFs/Vol.3\(2\)/AJSC2014\(3.2-04\).pdf](http://www.ajsc.leena-luna.co.jp/AJSCPDFs/Vol.3(2)/AJSC2014(3.2-04).pdf)
- Anderson, C. (2016). *TED Talks*: o guia oficial do TED para falar em público (D. Garschagen R. Guerra, Trad.). Intrínseca.
- Androutsopoulou, A. (2001). The Self-Characterization as a Narrative Tool: Applications in Therapy with Individuals and Families. *Family Process*, 40 (1), 79-94. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2001.4010100079.x>
- Arad, D. (2004). If your mother were an animal, what animal would she be? Creating play-stories in family therapy: The animal attribution story-telling technique (AASTT). *Family Process*, 43 (2), 249-63. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2004.04302009.x>
- Arksey, H. & O'Malley, L. (2005). Scoping studies: Towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, 8 (1), 19-32. <https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>
- Ascencio, L. (2002). La Biblioterapia, la Escriptoterapia, en el caso de Carlos: la lectura y la escritura como recurso logoterapéutico. *Revista Mexicana de Logoterapia*, 8, 43-55.
- Atwood, M. (2011). *O ano do dilúvio* (M. Frazão, Trad.). Rocco. (Trabalho original publicado em 2009)

Atwood, M. (2017). *O conto da Aia* (A. Deiró, Trad.). Rocco. (Trabalho original publicado em 1985)

Atsma, A. (2017). *Prometheus*. Theoi Greek Mythology. <https://www.theoi.com/Titan/TitanPrometheus.html>

Attar, F. (2003). *The Conference of the Birds* (R. Abdulla, Trad e Interp.). Interlink. (Trabalho original escrito em 1177?)

Avildsen, J. (Diretor). (1984). *The Karate Kid* [Filme]. Columbia Pictures.

Bahá'u'lláh (2008). *Os Sete Vales: a jornada de um peregrino em busca do ser eterno* (L. Armstrong, & L. Beust, Trads.). Bahá'í. (Trabalho original publicado em 1857/1858)

Bancroft, T., & Cook, B. (Diretores). (1998). *Mulan* [Filme]. Walt Disney Animation Studios.

de Barbieri, A., & Arocena, M. (2021). “*Cuentos que curan*”. *Hacia un logoterapia narrativa psicoeducativa*. AledeBarbieri. <https://aledebarbieri.com/cuentos-que-curan-logoterapia-narrativa/>

de Barbieri, A. (2021). *La cura por la palabra escrita: de la “talking-cure” a la “writing-cure. Revista mexicana de logoterapia*. AledeBarbieri. <https://aledebarbieri.com/la-cura-por-la-palabra-escrita/> Baron, C., Tappis, J., & Willimon, B (produtores executivos). (2022-). *Severance* [série]. Fifth Season, & Red Hour.

Bartlett, F. (2003). *Remembering - a study in experimental and social psychology*. Cambridge University. (Trabalho original publicado em 1932)

Batthyány, A., & Lukas, E. (2022). *Logoterapia e análise existencial: uma análise histórica e as perspectivas para o futuro* (H. Reinhold & J. Morais, Trads.). Busca Sentido.

Beck, A., Rush, A., Shaw, B., & Emery, G. (1997). *Terapia Cognitiva da Depressão* (V. Ribeiro, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1979)

Becvar, D. S., & Becvar R. J. (1993). Storytelling and Family Therapy. *The American Journal of Family Therapy*, 2 (21), 145-160.

- Berman, R., & Piller, M (produtores supervisores). (1987-1994). *Star Trek: The Next Generation* [série]. Paramount.
- Beserra, C., & Reis, C. (2019). Aproximações entre a Obra de Hamlet Shakespeare e a Logoterapia. *Cadernos Zygmunt Bauman, 9* (19). <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/10802>
- Bettelheim, B. (1982). *Freud e a alma humana*. Pensamento Cultrix.
- Bevers, L., Phipps, W., & Vorster, C. (2018). Developing a Teddy Bear Therapy Training Program for Family Therapists. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy, 39* (4), 450-461. <https://doi.org/10.1002/anzf.1328>
- Bianchi, J. (2020). *Os escritos políticos de Cunha Leal e os impasses do colonialismo português em África (1961-1963)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás]. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10865>
- Bonus, A., Watts, J., & Francemone, J. (2022). When “meaningless” means more: biographic resonance and audience appreciation of popular entertainment. *Journal of Communication, 00*, 1-14. <https://doi.org/10.1093/joc/jqac028>
- Booker, C. (2015). *The Seven Basic Plots*: why we tell stories. Bloomsbury.
- Boullé, P. (2015). *O Planeta dos Macacos* (A. Telles, Trad.). Aleph. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bradly, A. (showrunner). (2021-). *What If...?* [Série]. Marvel Studios/Disney+.
- Bright, K., Crane, D., & Kauffman, M. (produtores executivos) (1994-2004). *Friends* [série]. Bright/Kauffman/Crane, & Warner Bros.
- Brisson, A., & Paiva, A. (2007). *Balancing Real and Virtual Actors in a Collaborative Story Creation System* [Manuscrito não publicado].

- Brockington, G., Moreira, A., Buso, M., da Silva, S., Altszyler, E., Fischer, R., & Moll, J. (2021). Storytelling increases oxytocin and positive emotions and decreases cortisol and pain in hospitalized children. *PNAS*, 118 (22), 1-7. <https://doi.org/10.1073/pnas.2018409118>
- Bruhn, R., Lykke, D. & Duhl, B. (2006). Feeling the Tug: Creative Use of Ropes and Felt Board to Promote Family Change. *The Family Journal*, 14 (3), 286-289. <https://doi.org/10.1177/1066480706287809>.
- Bruzzone, D. (2011). *Afinar la conciencia: Educación y búsqueda de sentido a partir de Viktor E. Frankl*. San Pablo.
- Bruzzone, D. (2021). Meaning-making and narrative in the illness experience: a phenomenological-existential perspective. *Encyclopaideia*, 25 (59), 19-41. <https://doi.org/10.6092/issn.1825-8670/11731>
- Bruzzone, D. (2024). Writing Therapy and the Search for Meaning: A Case History. In C. McLafferty, J. Levinson (Ed.), *Logotherapy and Existential Analysis* (pp. 111-117). Springer. [https://doi.org/10.1007/978-3-031-48922-8\\_7](https://doi.org/10.1007/978-3-031-48922-8_7)
- Buber, M. (2014). *Eu e tu* (A. Morão, & S. Favila, Trads.). Paulinas. (Trabalho original publicado em 1923)
- Bühler, K. (2020). *Teoria da Linguagem* (P. Costa, Trad.). Kirion. (Trabalho original publicado em 1934)
- Calle, R. (2006). *Os melhores contos espirituais do oriente* (M. C. Meneses, Trad.). A esfera dos livros.
- Campbell, J. (2013). *O Herói de Mil Faces* (A. Sobral, Trad.). Pensamento-Cultrix. (Trabalho original publicado em 1949)
- Capra, F. (diretor). (1946). *It's a Wonderful Life* [Filme]. Liberty.
- Caram, M. (2023). *O Uso de Histórias como Recurso Terapêutico*. [Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação, ALVEF, PR].

- Carvalho, T. (2021). Compreendendo o Desenvolvimento Humano a partir da Visão Antropológica de Viktor Frankl. In. A. Rennó, T. Carvalho, *A Luz de Luana* (pp. 31-44). Geist.
- Ceylan, H. (2022). *Logotherapy And Existential Analysis: Meaning-Centered Poetry And Story-Telling*. [Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Viktor Frankl Institute of Logotherapy, Turquia].
- Chien, W., Yip, A., Liu, J., & McMaster, T. (2016). The effectiveness of manual-guided, problem-solving based self-learning programme for family caregivers of people with recent-onset psychosis: A randomized controlled trial with 6-month follow-up. *International Journal of Nursing Studies*, 59, 141-155. <https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2016.03.018>
- Cho, S., Bernstein, K., Roh, S., & Chen, D. (2013). Logo-autobiography and its effectiveness on depressed Korean immigrant women. *Journal of Transcultural Nursing*, 24 (1), 33-42. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1043659612452005>
- Clements, R., & Musker, J. (Diretores). (2009). *The Princess and the Frog* [A princesa e o sapo] [Filme]. Walt Disney Animation Studios.
- Coelho, P. (2017). *O Alquimista*. Paralela. (Trabalho original publicado em 1988)
- Coffey, A.; Atkinson, P. (1996). *Making Sense of Qualitative Data*. Sage.
- Cohen, H. (1995). *Religion of reason out of the Sources of Judaism* (S. Kaplan, Trad.). Scholars. (Trabalho original publicado em 1919)
- Coin, R. (2001). *Psicologia sociale e intercultura - Valori, sapeti, relazioni*. Cortini Milano.
- Coleman, M., & Ganong, L. (1990). The Uses of Juvenile Fiction and Self-Help Books with Stepfamilies. *Journal of Counseling and Development*, 68 (3), 327-331. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.1990.tb01384.x>
- Cooper, H., & Ewing, T. (2019). The Role of Sport (and Sporting Stories) in a Family's Navigation of Identity and Meaning. *Sport, Education and Society*, 25 (4), 449-462. <https://doi.org/10.1080/13573322.2019.1596892>

- Corrêa, V. (2023). *Biblioterapia e as Narrativas como Ferramentas de Sentido nos Serviços de Saúde Mental*. [Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação, ALVEF, PR].
- Costa, F., & Cunha, L. (2021). *O Filme Soul e a Busca por Sentido: uma Análise à Luz da Logoterapia*. [Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Universidade Estácio de Sá, RJ].
- Cron, L. (2012). *Wired for Story*. Ten Speed.
- Cyrous, S. (2020). Positive Psychotherapy and Meaning of Life. In E. Messias, H. Peseschkian, C. Cagande (Ed.), *Positive Psychiatry, Psychotherapy and Psychology* (pp. 409-415). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-33264-8>
- Cyrous, S., Cordeiro, S., & de Caldas, A. (2022). Using Stories with Families: A Scoping Review, *Counseling and Family Therapy Scholarship Review*, 4 (2), pp. 1-27. <https://doi.org/10.53309/2576-926X.1047>
- Cyrulnik, B. (1995). *O Nascimento do Sentido* (A. Rabaça, Trad.). Piaget. (Trabalho original publicado em 1991)
- Dias Júnior, M. (2021). O trágico, a beleza e o sentido: uma análise logoterapêutica do filme “Melancolia”. *Páginas de Filosofia*, 10 (1), 51-72.
- Dickinson, E. (1929). *This was a poet*. <https://www.emilydickinsonmuseum.org/roomitem/this-was-a-poet>.
- Dupont, E. (diretor). (1929). *Atlantik* [Filme]. British International Pictures.
- El Khatib, D. (2018). *Biblioterapia - Contribuições ao processo de busca de sentido*. [Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação, ALVEF, PR].
- Ephron, N. (diretor). (1993). *Sleepless in Seattle* [Filme]. TriStar.
- Erikson Foundation (1990). *Evolution of Psychotherapy 1990*. Clinical Library. <https://catalog.erickson-foundation.org/page/evolution-1990>
- Fabry, J. (2013). *The pursuit of meaning*. Purpose Research. (Trabalho original publicado em 1968)

- Fabry, J., & Lukas, E. (1996). *Tras las huellas del logos: correspondencia con Viktor E. Frankl* (I. Ostrowsky, Trad.). San Pablo. (Correspondências e outros textos escritos entre 1968 e 1995)
- Falcke, D., & Wagner, A. (2003). La dinámica familiar y el fenómeno de la transgeneracionalidad: definición de conceptos. In Wagner, A. (coord.), *La transmisión de modelos familiares* (pp. 21-43). CCS.
- Feixas, G., & Miró, M. T. (1993). *Aproximaciones a la psicoterapia: Una introducción a los tratamientos psicológicos*. Paidós.
- Fogelman, D. (showrunner). (2016-2022). *This is Us* [Série]. National Broadcasting Company (NBC).
- Frankl, V. (2001). *Teoría y terapia de las neurosis – iniciación a la logoterapia y al análisis existencial*. Herder (Trabalho original publicado em 1987)
- Frankl, V. (2002a). *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração* (W. Schlupp, & C. Aveline, Trad.). Vozes/Sinodal. (Trabalho original publicado em 1946)
- Frankl, V. (2002b). *La voluntad del sentido – Conferencias escogidas sobre logoterapia*. Herder (Trabalho original publicado em 1982)
- Frankl, V. (2005). *Um sentido para a vida: Psicoterapia e Humanismo* (V. Lapenta, Trad.). Idéias & Letras. (Trabalho original publicado em 1978)
- Frankl, V. (2010). *O que não está Escrito em meus Livros*. É Realizações. (Trabalho original publicado em 1995)
- Frankl, V. (2015). *O Sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver* (K. Bocarro, Trad.). É Realizações. (Trabalho original publicado em 1977)
- Frankl, V. (2016). *Psicoterapia e Sentido de Vida: fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial* (A. Castro, Trad.). Quadrante. (Trabalho original publicado em 1946)
- Frankl, V. (2017). *Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas*. Forsense Universitária. (Trabalho original publicado em 1998)

Frankl, V. (2019a). *O Sofrimento Humano*: fundamentos antropológicos. É Realizações. (Trabalho original publicado em 1984)

Frankl, V. (2019b). *A Presença Ignorada de Deus*. (W. Schlupp, & H. Reinhold, Trad.). Vozes/Sinodal. (Trabalho original publicado em 1974)

Frankl, V. (2020). *Psicoterapia e Existencialismo*: textos selecionados em logoterapia (I. Studart, Trad.). É Realizações.

Frankl, V. (2021). *A Voz que Grita por um Sentido* (J. Silva, Trad.). Lua de Papel. (Trabalho original publicado em 1978)

Frankl, V. E. (2022). *Sobre o sentido da vida* (V. Schneider, Trad.). Vozes/Nobilis. (Trabalho original publicado em 1946)

Frege, G. (1948). *On Sense and Reference* (M. Black, Trad.). Wikisource. [https://en.wikisource.org/wiki/On\\_Sense\\_and\\_Reference](https://en.wikisource.org/wiki/On_Sense_and_Reference) (Trabalho original publicado em 1892)

Freud, S. (1995). *Delírio e Sonho na Gradiva de Jensen*. Gradiva. (Trabalho original publicado em 1907)

Frye, N. (2014). *Anatomia da crítica: quatro ensaios* (P. Ramos, Trad.). É realizações. (Trabalho original publicado em 2006)

Frye, N. (2017). *A Imaginação Educada* (A. Teixeira, B. Geradine, & C. Gomes, Trad.). Vide. (Trabalho original publicado em 1965)

Frost, R. (1915). *The Road not taken*. <https://www.poetryfoundation.org/poems/44272/the-road-not-taken>.

Gallo, C. (2014). *TED - Os segredos de comunicação das conferências mais carismáticas do mundo* (A. Chêdas, Trad.). Bertrand.

Galvão, T., Pansani, T., & Harrad, D. (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde [online]*, 2 (24), pp. 335-342. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>

- Garland, A. (diretor). (2014). *Ex Machina* [Filme]. Universal.
- Geronimi, C., Jackson, W., & Luske, H. (Diretores). (1951). *Alice in Wonderland* [Filme]. Walt Disney Animation Studios.
- Girons, C. (2008). *La lectura y su efecto terapéutico*. Centro Viktor Frankl para la Difusión. <https://www.centroviktorfrankl.com.ar/index.php?seccion=articulos&art=7>
- Girons, C. (2018). *Estación Existencia — Entre la escuela y el consultorio*. Centro de Análisis Existencial "Viktor Frankl" de Rosario.
- Gladding, S. (1994). Teaching Family Counseling Through the Use of Fiction. *Counselor Education and Supervision*, 33 (3), 191-200. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6978.1994.tb00285.x>
- Goodley, S., & Smailes, D. (2011). Positionalities. In: P. Banister, E. Burman, I. Parker, M. Taylor, C. Tindall. *Qualitative Methods in Psychology: a research guide* (pp. 39-60). Maidenhead: Open University.
- Gord, K. (produtor). (1992-1998). *Highlander* [Série]. Davis-Panzer Productions, Filmline International, & Gaumont Television.
- Gomes, R., & Silva, M. (2024). Diálogos sobre a queda das tradições e o vazio existencial em Viktor Frankl [Manuscrito submetido a publicação].
- Gorman, A. (2018). *Using your voice is a political choice* [Vídeo]. Conferência TED. [https://www.ted.com/talks/amanda\\_gorman\\_using\\_your\\_voice\\_is\\_a\\_political\\_choice](https://www.ted.com/talks/amanda_gorman_using_your_voice_is_a_political_choice)
- Guber, P. (2011). *Tell to win: Connect, Persuade, and Triumph with the Hidden Power of Story*. Crown.
- Hagan, N. (Escritor), Miller, S. (Escritor), & Woolnough, J (Diretor). (1997, Abril 11). The Other Slide of Darkness (3<sup>a</sup> temporada, episódio 21) [Episódio da série]. In Peckinpah, D. (produtor), *Sliders*. Fox / Sci-Fi Channel.

- Hahlweg, K., Heinrichs, N., Kuschel, A., & Feldmann, M. (2008). Therapist-assisted, Self-administered Bibliotherapy to Enhance Parental Competence: Short- and Long-term effects. *Behavior Modification*, 32 (5), 659-681. <https://doi.org/10.1177/0145445508317131>
- Han, B. (2023). *A crise da narração* (D. Guilhermino, Trad.). Vozes.
- Hanney, L., & Kozlowska, K. (2002). Healing traumatized children: Creating illustrated storybooks in family therapy. *Family Process*, 41 (1), 37-65. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2002.40102000037.x>
- Hartmann, N. (1953). *New ways of ontology* (R. Kuhn, Trad.). Henry Regnery Company. (Trabalho original publicado em 1949)
- Hartmann, N. (2019). *Ontology*: laying the foundations. De Gruyter. (Trabalho original publicado em 1965)
- Herbert, F. (2017). *Duna* (M. Zanini). Aleph. (Trabalho original publicado em: 1965)
- Herrmann, A. (2016). The ghostwriter writes no more: Narrative logotherapy and the mystery of my namesake. *Qualitative Inquiry*, 22 (7), 588-599. <https://doi.org/10.1177/10778004156225>
- Hobsbawm, E. (2016). *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991* (M. Santarrita, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1994)
- Howard, R. (diretor). (1999). *EDtv* [Filme]. Universal.
- Jaspers, K. (2022). *Caminhos para a sabedoria: uma introdução à vida filosófica* (C. Dornbusch, Trad.). Caminhos Vida Integral / Vozes. (Trabalho original publicado em 1953)
- Jonze, S. (diretor). (2013). *Her* [Filme]. Annapurna.
- Kafka, F. (2001). *O Processo*. (G. Álvaro, Trad.). Livros do Brasil. (Trabalho original publicado em 1935).
- Kahneman, D. (2012). *Rápido e devagar: duas formas de pensar* (C. Leite, Trad.). Objetiva.
- Kershner, I. (Diretor). (1980). *Star Wars Episode V - The Empire Strikes Back* [Filme]. Lucasfilm.

- Kanewischer, E. (2013). Do you ever feel that way? A Story and activities about families and feelings. *Journal of Creativity in Mental Health*, 8 (1), 70-80. <https://doi.org/10.1080/15401383.2013.763686>
- Kempson, D. & Murdock, V. (2010). Memory keepers: a narrative study on siblings never known. *Death Studies*, 34 (8), 738-756. <https://doi.org/10.1080/07481181003765402>
- Kierfeld, F., Ise, E., Hanisch, C., Gortz-Dorten, ,A. & Döpfner, M. (2013). Effectiveness of telephone-assisted parent-administered behavioral family intervention for preschool children with externalizing problem behavior: a randomized controlled trial. *European Child and Adolescent Psychiatry*, 22, 553-565. <https://doi.org/10.1007/s00787-013-0397-7>
- King, S. (2015). *Sobre a escrita* (M. Teixeira, Trad.). Objetiva. (Trabalho original publicado em 2000)
- Kiser, L., Baumgardner, B. & Dorado, J. (2010). Who are we, but for the stories we tell: Family stories and healing. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 2 (3), 243–249. <https://doi.org/10.1037%2Fa0019893>
- Labov, W., & Waletzky, J. (1966). The Narrative Analysis: oral versions of personal experience. *Essays on the Verbal and Visual Arts - Proceedings of the 1966 Annual Spring Meeting of the American Ethnological Society*. University of Washington Press.
- Langellier, K., & Peterson, E. (2004). *Storytelling in Daily Life: Performing Narrative*. Temple University Press.
- Lévi-Strauss, C. (2021). *O cru e o cozido: mitológicas* 1 (B. Perrone-Moisés, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em: 1964)
- Levinson, S. (diretor). (2021). *Malcolm & Marie* [Filme]. Little Lamb.
- Loose, J.(1998). *Introdução Histórica à Filosofia da Ciência* (C. Lains, Trad.). Terramar. (Trabalho original publicado em 1972)

- Losada, A. (2020). La biblioterapia como recurso terapéutico interdisciplinario. *Revista de Psicología*, 19 (1), 210-221. <https://doi.org/10.24215/2422572Xe057>
- Lucas, G. (diretor). (1977). *Star Wars* [Filme]. LucasFilms; Twentieth Century Fox.
- Lucena, M., Cabral, A., & Faustino, M. (2019). Projeto PIBIC: Relato de Experiência do Projeto "O Significado dos Contos de Fadas para Crianças em Situação de Risco Psicossocial da Rede Pública de Campina Grande - PB". *Anais VI CONEDU*. <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/62269>
- Lukas, E.(2005). *Histórias que curam — porque dão sentido à vida* (C. Pereira, Trad.). Verus.
- Lukas, E.(2021). *Psicologia Espiritual* (E. Royer, Trad.). Paulus. (Trabalho original publicado em 1998).
- Mar, R. (2018). Stories and the Promotion of Social Cognition. *Association for Psychological Science*, 27 (4), 257-262. <https://doi.org/10.1177/0963721417749>
- Marías, J. (1973). Karl Bühler y la teoría del lenguaje. *Literatura y Filología*, 11, 515-525.
- Manu Chao. (2001). La Primavera [canção]. On *Próxima Estación... Esperanza*. Radio Bemba; Virgin.
- Maslow, A. H. (1943). A theory of human motivation. *Psychological Review*, 50 (4), 370-396. <https://doi.org/10.1037/h0054346>
- Matoso, A. (2021). *"Bougiorno, Princesa!" Uma Análise do Filme "A Vida é Bela" sob a visão da logoterapia*. [Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação da UFPB]
- McNay, M. (2009). Absent Memory, Family Secrets, Narrative Inheritance. *Qualitative Inquiry*, 15 (7), 1178-1188. <https://doi.org/10.1177/1077800409334236>
- Medrado, S. O., & Lanosa, H. E. (2021). A relação entre a leitura e a capacidade noética de autodistanciamento. *Leitura: Teoria & Prática*, 39 (83), 181-187. <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2021v39n83p159-165>

- Melton, A., Schulenberg, S., Ulmer, M., Campbell, L., Foot, H., Anderson, C., & Adderholt, S. (2005). Using movies to teach principles of Logotherapy. *The International Forum for Logotherapy*, 28 (89-92).
- Menezes, C. (2019). O sentido do sofrimento em “O Senhor dos Anéis”: uma introdução. In C. Casagrande, D. Klautau, M. Cunha (Eds.), *A Subcriação de Mundos: Estudos sobre a literatura de J.R.R. Tolkien*. FFLCH/USP. <https://doi.org/10.11606/9788575063750>
- Miguez, E. (1997). Literatura Infantil e Logoterapia. *Revista Brasileira de Logoterapia*, 1 (1), 23-29.
- Miguez, E. (2015). *Educação em Viktor Frankl: entre o vazio existencial e o sentido da vida*. [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/tesesdisponiveis/48/48134/tde-14122015-164230/pt-br.php>
- Mitchell, M. (1936). *Gone with the wind*. Macmillan.
- Moraes, M. de (2019). *Histórias, Sentidos e Resgates de Vida*. [Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação, ALVEF, PR].
- Moro, M. R. (2001). *Bambini Immigrati in cerca di Aiuto: I consultori di psicoterapia transculturale* (A. Negro, Trad.). UTET. (Trabalho original publicado em 1998)
- Mulcahy, R. (diretor). (1986). *Highlander* [Filme]. Thorn EMI Screen Entertainment.
- Neese, J. & Neese, J. (co-productores). (2019-2024). *The Umbrella Academy* [série]. Borderline Entertainment, Dark Horse Entertainment & Irish Cowboy Productions.
- Neto, F. (2003). *Estudos de Psicologia Intercultural - nós e os outros*. Gulbenkian.
- Neves de Jesus, S. (1996). *A Motivação para a Profissão Docente*: Contributo para a clarificação de situações de mal-estar e para a fundamentação de estratégias de formação de professores. Estante.
- New International Version Bible*. (2022) New International Version Bible Online. <https://www.thenivbible.com> (Trabalho original publicado em 1978)

- Niemiec, R., & Schulenberg, S. (2011). Understanding death attitudes: The integration of movies, positive psychology, and meaning management. *Death studies*, 35 (5), 387-407. <https://doi.org/10.1080/07481187.2010.544517>
- Nietzsche, F. (2001). *Além do Bem e do Mal ou Prelúdio de uma filosofia do futuro* (M. Pugliesi, Trad.). Hemus. (Trabalho original publicado em 1886)
- Nietzsche, F. (2008). *Coleção grandes filósofos*: Assim Falava Zaratustra; Crepúsculo dos Ídolos; Ecce Homo. Prisa Innova. (Trabalho original publicado em 1883, 1889 e 1908)
- Noblejas, M. (2024). *Dialogando sobre la dimensionalidad del sentido como realidad existencial* [Manuscrito submetido a publicação].
- Nolan, C. (diretor). (2008). *The Dark Knight* [Filme]. Warner Bros.
- Oliveira, A. (2018). *Análise Logoterápica do Filme "A Vida é Bela": Sofrimento de uma História com Sentido*. [Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação da UFCG, PB].
- Orwell, G. (2002). *1984* (A. Faria, Trad.). Público. (Trabalho original publicado em 1949)
- Ortega y Gasset, J. (1914). *Meditaciones del Quijote*. Titivillus.
- Painter, L., Cook, W., & Silverman, P. (1999). The Effects of Therapeutic Storytelling and Behavioral Parent Training on Noncompliant Behavior in Young Boys. *Child & Family Behavior Therapy*, 21 (2), 47-66. [https://doi.org/10.1300/J019v21n02\\_03](https://doi.org/10.1300/J019v21n02_03)
- Pardeck, J. (1996). Recommended books for helping children deal with separation and divorce. *Adolescence*, 31 (121), 233-7. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/9173788/>
- Parker, T., & Wampler, K. (2006). Changing emotion: the use of therapeutic storytelling. *Journal of Marital and Family Therapy*, 32 (2), 155-66. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2006.tb01597.x>
- Peckinpah, D. (produtor). (1995-2000). *Sliders* [Série]. Fox / Sci-Fi Channel.
- Pereira, I. (2007). A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, 18 (1), 125-136. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51772007000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772007000100007)

- Pereira, I. (2015). A ontologia dimensional de Viktor Frankl: o humano entre corpo, psiquismo e espírito. *Logos & Existência*, 4 (1), 2-13. <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/le/article/view/21725/13056>
- Peseschkian, N. (1996a). *Psychotherapy of Everyday Life*. Sterling.
- Peseschkian, N. (1996b). *Positive Family Therapy*. Sterling.
- Peseschkian, N. (2005). *If you want something you never had, do something you never did*. New Dawn.
- Peseschkian, N. (2016). *O Mercador e o Papagaio: Histórias Orientais como Ferramentas em Psicoterapia* (R. Walker, Trad.). Bahá'í. (Trabalho original publicado em 1982)
- Pessoa, F. (1930). *Não sei quantas almas tenho*. <http://arquivopessoa.net/textos/277>
- Pessoa, F. (1932). *Autopsicografia*. <http://arquivopessoa.net/textos/4234>
- Peters, M., Godfrey, Ch., Khalil, H., McInerney, P., Parker, D., & Soares, C. (2015). Guidance for conducting systematic scoping reviews. *International journal of evidence-based healthcare*, 13 (3), 141–146. [https://journals.lww.com/ijebh/fulltext/2015/09000/guidance\\_for\\_conducting\\_systematic\\_scoping\\_reviews.5.aspx](https://journals.lww.com/ijebh/fulltext/2015/09000/guidance_for_conducting_systematic_scoping_reviews.5.aspx)
- Peterson, R., & Twist, M. (2017). The space between us: technology as an interplanetary bridge. *Sexual and relationship therapy*, 32 (3-4), 366-373. <http://dx.doi.org/10.1080/14681994.2017.1397951>
- Pizzorno, M., Benozzo, A., Fina, A., Sabato, S., & Scopesi, M. (2014). Parent-child career construction: A narrative study from a gender perspective. *Journal of Vocational Behavior*, 84 (3), 420-430. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2014.03.001>
- Plato (1956). *Protagoras* (B. Jowett, Trad.). [livro de domínio público]. (Trabalho original publicado no século V a.C.)
- Phil Collins. (1993). *Both Sides of the Story* [Álbum]. Virgin, Atlantic.

- Poe, E. A. (2018). *O corvo e outros contos* (M. Fagundes, J. Garcia, & F. Pinho, Trads.). Pandorga.
- (Trabalho original publicado em 1845)
- Pintos, C. G. (2007). *A Logoterapia em contos: o livro como recurso terapêutico* (T. Stummer, Trad.). Paulus. (Trabalho original publicado em 1996).
- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1984, Abril). I Encontro Latino-Americano Humanístico-Existencial. *PUC-RS/Informação*. <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/6013/1/Revista%20PUCRS%20Informação%200008.pdf>
- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1984, Agosto). Outorgado título a Viktor Frankl. *PUC-RS/Informação*. <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/6014/1/Revista%20PUCRS%20Informação%200009.pdf>
- Queiroz, E. (2018). *A correspondência de Fradique Mendes*. Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em: 1900)
- Raimi, S. (diretor). (2001). *Spider-Man* [Filme]. Columbia.
- Rennó, A, & Carvalho, T. (2021). *A Luz de Luana*. Geist.
- Ricœur, P. (2014). *A memória, a história, o esquecimento*. Unicamp. (Trabalho original publicado em: 2004)
- Riessman, C. (2005). Narrative Analysis. In N. Kelly, C. Horrocks, K. Milnes, B. Roberts, D. Robinson, *Narrative, Memory & Everyday Life* (pp. 1-7). University of Huddersfield.
- Del Río, G. (2011). *El valor de la biblioterapia en la vejez*. Portal Envelhecimento e Longeviver.
- Del Río, G. (2013). *En busca del sentío en el aula con Viktor Frankl*. San Pablo.
- Del Río, G. (2018). *Biblioterapia y Educación*. Bonum.
- Robbins, J., & Wise, R. (diretores). (1961). *West Side Story*[Filme]. The Mirisch Corporation, & Seven Arts Production.
- Roddenberry, G. (produtor executivo). (1966-1969). *Star Trek* [série]. Desilu Productions, Norway Corporation & Paramount Television.

- Rolbiecki, A., Washington, K., & Bitsicas, K. (2017). Digital Storytelling: Families' Search for Meaning after Child Death. *Journal of Social Work in End-of-Life & Palliative Care*, 13 (4), 239-250. <https://doi.org/10.1080/15524256.2017.1387216>
- Román, A. (2020a). Revisión sistemática de artículos sobre biblioterapia y el sentido de la vida. *Calidad de vida y salud*, 13 (ESPECIAL), 114-129. <http://revistacdvs.uflo.edu.ar/index.php/CdVUFL0/article/view/266>
- Román, A. (2020b). *Biblioterapia y su valoración por expertos en Logoterapia*. El bienestar y su cultura. <https://antonioroman.info/biblioterapia-y-su-valoracion-por-expertos-en-logoterapia/>
- Rynearson, E. (2005). The narrative labyrinth of violent dying. *Death Studies*, 29 (4), 351-60. <https://doi.org/10.1080/07481180590923742>
- Savi, J. (2008). *A eterna busca por Deus* (S. Cyrus, Trad.). Bahá'í. (Trabalho original publicado em: 1988)
- Scabini, E., & Cigoli, V. (2000). *Il famigliare*: Legami, simboli e transizioni. Cortina Raffaello.
- Seidman, I. (2006). *Interviewing as Qualitative Research*: A Guide for Researchers in Education and the Social Sciences. Teachers College Press.
- Schaffner, F. (diretor). (1968). *Planet of the Apes* [Filme]. APJAC.
- Shakespeare, W. (2016). *Romeu e Julieta*. Penguin. (Trabalho original publicado em 1597)
- Schopenhauer, A. (2022). *A arte de escrever* (P Süsskind, Trad.). L&PM. (Trabalho original publicado em 1890)
- Schulenberg, S. (2003). Psychotherapy and movies: On using films in clinical practice. *Journal of contemporary psychotherapy*, 33 (1), 35-48.
- Schulenberg, S. (2005). Logotherapy and meaningful movies: Existential analyses of Cast Away (2000) and Life as a House (2001). *The International Forum for Logotherapy*, 28 (2), 80-88.
- Schulenberg, S., & Madsen W. (2005). Meaningful Cinema: Logotherapy and The Last Samurai. *PsycCRITIQUES*, 50 (19). <https://doi.org/10.1037/041108>

- Schulenberg, S., & Nassar, S. (2006). Meaningful Cinema: Logotherapy and Finding Neverland. *PsycCRITIQUES*, 51(14). <https://doi.org/10.1037/05149412>
- Schulenberg, S., Dunaway, M., & Foote, H. (2005). Meaningful Cinema: Logotherapy and Spider-Man 2. *PsycCRITIQUES*, 50 (29). <https://doi.org/10.1037/041307>
- Silva, A. (2022). *Aplicação da Biblioterapia: uma análise do filme Encanto*. [Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação, IPOG/DF].
- Simon, F., Stierlin, H., & Wynne, L. (2002). *Vocabulario de Terapia Familiar*. Gedisa. (Trabalho original publicado em 1984)
- Smith, A. (2017). Rock: An Unlikely Metaphor for Spirituality, Family Therapy, Mental Health and Illness. *Pastoral Psychology*, 66, 743–756. <https://doi.org/10.1007/s11089-017-0783-z>
- Smith, V., Austrich, C., Brown, R., & Steding, L. (2015). The Portrayal of Black Swan Through a Multicontextual Framework. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 23 (1), 97-101. <https://doi.org/10.1177/1066480714555670>
- Sousa, L., Firmino, C., Marques-Vieira, C., Severino, S., & Pestana, H. (2018). Revisões da literatura científica: tipos, métodos e aplicações em enfermagem. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Reabilitação*, 3 (1), 45-54. <https://doi.org/10.33194/rper.2018.v1.n1.07.4391>
- Sousa, R. (2023). Para além do encanto libidinoso: o mito do boto e o viver das mulheres ribeirinhas da comunidade de Nazaré – RO. *Geo UERJ*, (42). <https://doi.org/10.12957/geouerj.2023.51824>
- Spielberg, S. (diretor). (2001). *Artificial Intelligence* [Filme]. Warner Bros.
- Sting (2014). *How I started writing songs again* [Vídeo]. Conferência TED. [https://www.ted.com/talks/sting\\_how\\_i\\_started\\_writing\\_songs\\_again](https://www.ted.com/talks/sting_how_i_started_writing_songs_again)
- Suter, E., Reyes, K., & Ballard, R. (2010). Parental management of adoptive identities during challenging encounters: Adoptive parents as ‘protectors’ and ‘educators. *Journal of Social*

- and Personal Relationships*, 28 (2), 242-261. <https://doi.org/10.1177/0265407510384419>
- The Quran*. (2022). Quran.com. <https://quran.com/en>
- Tao, K., Li, X., Zhou, Q., Moher, D., Ling, C. & Yu, W. (2011). From QUOROM to PRISMA: a survey of high-impact medical journals' instructions to authors and a review of systematic reviews in anesthesia literature. *PloS one*, 6 (11). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0027611>
- Tiago, D. (2017). *Estratégias narrativas nos testemunhos de Kertész, Pahor e Frankl*: memória, elaboração do passado e temporalidade [Tese de doutorado, Universidade Federal de Goiás]. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8092>
- Tolkien, J. (1999). *The Lord of the Rings*: the fellowship of the ring. Harper Collins. (Trabalho original publicado em: 1954)
- Vallejo, I. (2019). O infinito em junco (A. Roitman, & P. Wacht). Íntrinseca.
- De Vita, C. (2020). Karl Bühler's Fantasmatic Deixis Between Motion, Gestures, and Words. *Sciendo*, 42 (3), 319–330. <https://dx.doi.org/10.2478/gth-2020-0025>
- Wagner, A., Predebon, J. C., & Falcke, D. (2003). ¿Transgeneracionalidad y educación: cómo se perpetúa la familia?. In Wagner, A. (coord.), *La transmisión de modelos familiares* (pp. 79-93). CCS.
- Cyrous, S. (2020). Positive Psychotherapy and Meaning of Life. In E. Messias, H. Peseschkian, C. Cagande (Ed.), *Positive Psychiatry, Psychotherapy and Psychology* (pp. 409-415). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-33264-8>
- White, M. (2012). *Mapas da prática narrativa* (A. Migliavaca, Trad.). Pacartes. (Trabalho original publicado em 2007).
- Wilde, O. (1998). *O retrato de Dorian Gray*. (M. Gato, Trad.). Relógios D'Água. (Trabalho original publicado em 1891).
- Xavier, A. (2015). *StoryTelling - Histórias que deixam marcas*. Best Business.

Xausa, I. (1986). *A psicologia do sentido da vida*. Vozes.

Zemeckis, R. (diretor). (1985). *Back to the Future* [Filme]. Universal/Amblin.

Zemeckis, R. (diretor). (1989). *Back to the Future Part II* [Filme]. Universal/Amblin/U-Drive Productions.

Zemeckis, R. (diretor). (1990). *Back to the Future Part III* [Filme]. Universal/Amblin/U-Drive Productions.

Zipes, J. D. (1995). *Creative Storytelling: building community, changing lives*. Routledge.